258/4247 Ho
enc. Ho

John Carter Brown
Library
Brown University

The John Carter Brown Library
Brown University
Purchased from the
Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

ARTE DE FURTAR,
ESPELHO DE ENGANOS,
THEATRO DE VERDADES,
MOSTRADOR DE HORAS MINGUADAS,
GAZUA GERAL
Dos Reynos de Portugal.

OFFERECIDA

A ELREY NOSSO SENHOR

D. JOAÕ IV.

PARA QUE A EMENDE.

Composta no anno de 1652.

PELO PADRE

ANTONIO VIEYRA

ZELOZO DA PATRIA.

Correcta, e emendada de muitos erros; e assim tambem a verà o curioso leytor com as palavras, e regras, que por inadvertencia faltaraõ na passada impressaõ.

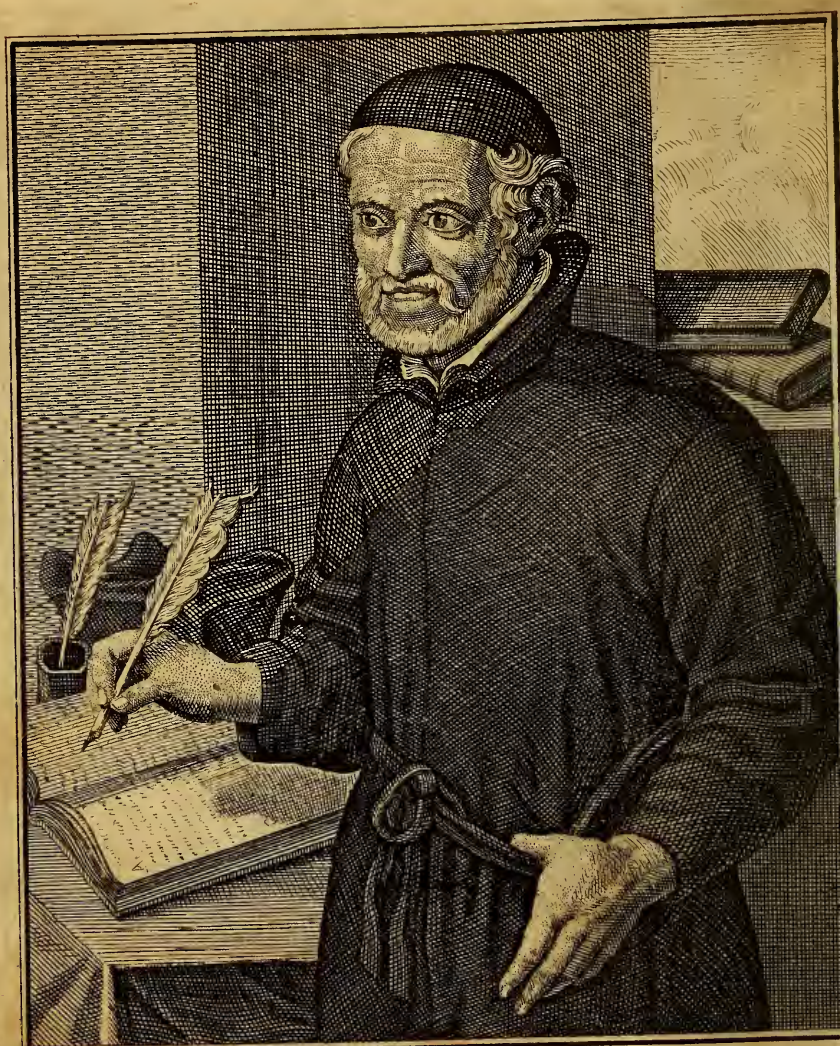
AMSTERDAM,

Na Officina De MARTINHO SCHAGEN.

M. DCCXLIV.

RJCB

RPJCB



G.F.L.Debrie sculp. 1745. VERA EFFIGIES CELEBERRIMI
P. ANTONII VIEYRA,
e Societ. Jesus, Lusitanicorum Regum Concionatoris, et Concionato
rum Principis; quem dedit Lusitania mundo Vlyssipo Lusitanic
Societati Brasilia. Obiit Bahiæ prope nonagenarius die 18 Julii
1697. Quiescit in regio Collegii Bahyensis templo, ubi sepultus freque
tissimo urbis concursu, æterno orbis desiderio.

SENHOR.

HUm Sabio disse, que naõ havia neste mundo homem, que se conhecesse; porque todos para comsigo saõ como os olhos, que vendo tudo, naõ se vem a si mesmos: e daqui vem naõ darem muita fé em de suas perfeiçoens, nem advertirem em seus defeitos; e ser necessario, que outrem lhes diga, o que passa na verdade. Se V. Magestade naõ se conhece, nem o mundo, em que vive, e de que he Senhor, eu o direy em breves palavras. He V. Magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz homem do mundo; e este mundo he hum covil de ladroens. Digo que he V. Magestade o mais nobre; porque o fez Deos Rey, e lhe deu por Avós Reys Santos, e poderosos, que elle mesmo escolheo, e ennobreceo, para a mais nobre acçaõ de lhe augmentar, e estabelecer sua Fé. He o mais valente, assim nas forças do corpo, como nas do espirito: nas do corpo; porque naõ ha trabalho, a que naõ resista,

nem outrem, que poſſa medir valentia com V. Mageſtade: e nas do eſpirito; porque naõ ha fortuna, que o quebrante, nem adverſidade, que o perturbe. He o mais poderoſo; porque ſem arrancar a eſpada, ſe fez Senhor do mais dilatado Imperio, tirando-o das garras de Leoens, que o occupavaõ; com tanta preſſa, que naõ poem tanto huma póſta em levar a nova, quanta V. Mageſtade poz em arvorar a vitoria nas mais remotas partes do mundo. He o mais feliz; porque em nenhuma empreza poem ſua Real maõ, que lhe naõ ſucceda a pedir por boca; e ſe alguma ſe malogra, he a que V. Mageſtade naõ approvou; tanto, que temos já por unico remedio, para ſe acertar em tudo, fazerſe ſó o que V. Mageſtade ordena, ainda que a outros juizos pareça deſacerto. E digo, que eſte mundo he hum covil de ladroens; porque ſe bem o conſiderarmos, naõ ha nelle couza viva, que naõ viva de rapinas: os animaes, aves, e peixes comendo-ſe huns aos outros, ſe ſuſtentaõ: e ſe alguns ha, que naõ ſe mantenhaõ de outros viventes, tomaõ ſeu paſto dos frutos alheyos, que naõ cultivaraõ; com que vem a ſer tudo huma pura ladroeira; tanto, que até nas arvores ha ladroens; e os Elementos ſe comem, e gaſtaõ entre ſi, diminuindo-ſe por partes, para accreſcentar cada qual as ſuas. Aſſim ſe portaõ as creaturas irracionaes, e inſenſiveis, e as racionaes ainda peor que todas; porque lhes ſobeja a malicia, que nas outros falta, e com ella trata cada qual de ſe accreſcentar a ſi: e como o homem de ſi nada tem proprio, claro eſtá, que ſe os accreſcenta, muitos haõ de ſer alheyos. E de todo eſte diſcurſo nada he conforme á ley da natureza; a qual quer, que todas as couzas ſe conſervem ſem diminuiçaõ de alguma. Nem a Ley Divina quer outra couza; antes lhe aborrecem

recem tanto ladroens, que do Ceo, do Paraiſo, e do Apoſtolado os deſterrou; e a eſte ultimo deſterro ſe accreſcentou forca: e noteſe que a tomou o réo por ſua maõ, ſem intervir niſſo ſentença de juſtiça; para nos advertir o caſtigo, que merecem ladroens, e como naõ devem ſer admittidos, nem tolerados nas Republicas.

Quer Deos, que haja Reys no mundo, e quer que o governem aſſim como elle, pois lhes deu ſuas vezes, e os armou de poder contra as violencias; e como a mayor de todas he tomar o ſeu a ſeu dono, em emendar eſta ſe devem eſmerar. E em V. Mageſtade corre eſta obrigaçaõ mayor; pois fez Deos a V. Mageſtade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoſo, e o mais feliz Rey do mundo. E deve por cuidado grande neſta empreza, porque a fazenda de V. Mageſtade he a mais combatida deſtes inimigos, que por ſerem muitos ſó com hum braço taõ alentado, como o de V. Mageſtade, poderàõ ſer reprimidos, e caſtigados. A mayor difficuldade eſtà no conhecimento delles; porque como o officio de infante, e reprovado por Deos, e pela natureza, naõ querem ſer tidos por taes, e poriſſo andaõ todos diſfarçados; mas ſerá facil darlhes alcãce, ſe o dermos a ſuas maſcaras, que ſaõ as artes de que uſaõ: deſtas faço aqui praça, e lhas deſcubro todas, moſtrando ſeus enganos como em eſſelho, e minhas verdades como em theatro, para fazer de tudo hũ moſtrador certiſſimo das horas, momentos, e pontos, em que a gazúa deſtes piratas faz ſeu officio. Naõ enſina ladroens o meu diſcurſo, ainda que ſe intitula Arte de furtar; *enſina ſó a conhecellos, para os evitar. Todos tem unhas, com que empolgaõ, e nas unhas de todos hey de empolgar, para as deſcobrir por mais que eſcondaõ; e ſerà taõ ſuavemente, que ninguem ſe*

doa. Vay muito no modo, e no eſtylo: a pirola amargoſa naõ cauſa faſtio, ſe vay dourada; e para que eſte Tratado o naõ cauſe, hirá prateado com tal tempera, que irrite mais a goſto, que a moleſtia. Sirvaſe V. Mageſtade de o entender aſſim, e de obſervar com ſeu grande entendimento até os minimos apices deſta Arte; porque das contraminas della, que tambem deſcubro, depende a conſervaçaõ total de ſeu Imperio, que Deos Noſſo Senhor proſpere até o fim do mundo com as felicidades, que ſeus venturozos principios nos promettem. &c.

AO

AO SERENISSIMO SENHOR

DOM THEODOSIO

Principe de Portugal.

DEPRECAC, AM.

SENHOR.

TAmbem a V. A. Real, e Sereniſſima pertence a emenda deſta Arte *por todos os titulos, que a ElRey noſſo Senhor pertence, pois naõ aſſim como elle o limito em ſuas grandezas; porque de tal Arvore naõ podia naſcer menor ramo, e em naſcendo moſtrou logo V. A. o que havia de ſer: e hum Mathematico inſigne mo diſſe olhando, por lho eu pedir, para os horoſcopos do Ceo, que V. A. havia de ſer Rey da terra, e Sua Mageſtade, que Deos guarde, guardou eſte juizo. E ainda que eſtas razoens naõ militaſſem, que ſaõ certiſſimas, baſtava vermos, que ha em V. A. poder, e ſaber para tudo: e ſaõ duas couzas muito eſſenciaes para emendar latrocinios; o ſaber para os apanhar, e o poder para os emendar. Digo que vemos em V. A.*

poder: porque vemos, que assim como Atlante cançado de sustentar as Esféras do Ceo, as entregou aos hombros de Hercules, para que as governasse; assim ElRey nosso Senhor, Atlante do nosso Imperio, descarregou as Esféras delle nos hõbros de V. A. naõ para descançar, que he infalivel, mas para se gloriar, que tem em V. A. hombros de Hercules, que ajudaõ os de Atlante, e o igualaõ no poder. A Hercules pintou a Antiguidade ornado com huma Clava, que lhe arma as mãos, e com cadeas, e redes, que lhe sayem da boca, e levaõ preza infinita gente. Com a Clava se significaõ suas arm s, e poder; cõ as redes, e cadeas, sua sabedoria: com estas duas couzas vencia, e dominava tudo. De armas, e sabedoria vemos ornado, e fortalecido a V. A. assim porque tem todas as de Portugal (que monta tanto, como as do mundo) á sua obediencia; como tambem, porque ninguem as menèa com tanto garbo, valor, destreza, e valentia; ou seja a cavallo brandindo a lança, ou seja a pé levando a espada, e fluminando o montante; e assim se demonstra, que ha em V. A. poder para emendar, e castigar. E porque este naõ basta, se naõ ha sciencia para alcançar, quem merece o castigo; digo que vemos em V. A. tanta sabedoria, que parece infusa: porque naõ ha Arte liberal, em que naõ seja eminente; naõ ha sciencia especulativa, em que naõ esteja consummado; naõ ha habito de virtude moral, que o naõ tenha adquirido, e feito natural com o uso. E em todo o genero de letras, artes, e virtudes, se consummou com tanta facilidade, e presteza, que nos parecia ter nascido tudo com V. A. naturalmente, e naõ ser achado por arte, e assim se prova, que ha em V. A. saber para dar alcance aos latrocinios, de que aqui tratamos: e em os pescando com a rede da

sabedo-

ſabedoria, ſegue-ſe emendallos com a Clava do poder. Sugeito por tanto eſta Arte de furtar; ao poder, e ſabedoria de V. A. Ao poder, para que a ampare, e á ſabedoria, para que a emende: porque ſó da ſabedoria de V. A. ſio que dara alcance ás ſubileza dos profeſſores deſta arte. Em duas couzas peço a V. A. que oſtente aqui ſeu poder: em caſtigar ladroens, e em me defender delles, pois fico arriſcado com os deſcobrir; mas com me encobrir V. A. me dou por ſeguro. E em outras duas couzas torno a pedir oſtente V. A. ſua ſabedoria, em emendar eſta Arte, em quanto pertence aos ladroens; e tambem o eſtylo della, pelo que tem de meu. Levarey mal, que me argua outrem, porque naõ haverà, quem me naõ ſeja ſuſpeito, ſalvo V. A. viſto naõ haver outrem, que eſcape das notas, que aqui emendo. Diraõ que fallo picante, ou lépido: iſſo he o que pertendo, para adoçar por todas as vias o deſagrado da materia. Cuidava eu que fallar niſto muito chumbado, e ſério, ſeria o melhor; mas ſendo o objecto de ſi penozo, porque he de perdas, e damnos, fazello mais penoſo com o eſtylo, ſeria veſtir hum capuz a eſte tratado, para todos lhe darem o pezame de o naõ poderem ver ás eſcuras. Veſtirey de primavera o mez de Dezembro, para o fazer tratavel, tecendo os caſos, e materias de modo, que naõ façaõ mayor pender para huma balança, que para outra, para que alivie o curioſo da Arte, e eſtylo, o moleſto da materia ſem tropas de ſentẽças Cabaliſticas, nem infanteria de palavras cultas, e penteadas, que me quebraõ a cabeça. Alguns livertes vejo deſſes, que vaõ ſahindo á moderna, e quando os leyo, bem os entendo; mas quando os acabo de ler, naõ ſey o que me diſſeraõ; porque toda a ſua habilidade poem em palavras. E já diſſe o proverbio, que palavras,

e plu-

e plumas o vento as leva. Outros toda a polvora gaſtaõ em dar conſelhos politicos, a quem lhos naõ pede, e bem apertados, vem a ſer melancolias do Autor, que por arrufos déraõ em deſvellos, ou por ambiçaõ em delirios; e podéramos reſponder aos taes, o que Apelles ao que lhe taxou as roupagens da ſua pintura, ſahindoſe da eſféra do ſeu officio. Seja o que for, o que ſey he, que nada me toca mais, que zelo do bem commum, e augmento da Monarquia, de que he herdeiro, e Senhor V. A. Ladroens retardaõ augmentos, porque diminuem toda a couza boa: diminua-os V. A. a elles, e creſcerà ſeu Imperio, que os bons deſejaõ dilatado até o fim do mundo; porque todos amaõ mais que muito a V. A. que Deos guarde &c.

PRO-

PROTESTAÇAM DO AUTOR

A quem ler eſte Tratado.

EM Ouguella, lugar de Alèm-Tejo, entre Elvas, e Campo Mayor, ha huma fonte, cuja agua naõ coze carne, nem peixe, por mais que ferva. E na Villa do Pombal, perto de Leiria, ha hum forno, em que todos os annos ſe coze huma grande fogaça para a feſta do Eſpirito Santo; e entra hum homem nelle, quando mais quente, para accommodar a fogaça, e ſe detém dentro, quanto tempo he neceſſario, ſem padecer leſaõ alguma do fogo, que cozendo o paõ naõ coze o homem. E pelo contrario na Tapada de Villa-Viçoſa, retiro agradavel da grande Caſa de Bragança, adverti huma couſa notavel, que haverà mais de dous mil veados nella, que todos os annos mudaõ as pontas, baſtante numero para em pouco tempo ficar toda a Tapada juncada delles; e no cabo naõ ha quem ache huma. Perguntey a razaõ ao Senhor D. Alexandre, irmaõ delRey noſſo Senhor, grande perſcrutador de couzas naturaes? E me reſpondeo, o que he certo, que os meſmos veados em as arrancando logo as comem. Mais me admirou que haja animaes, que comaõ, e poſſaõ digerir oſſos mais duros que pedras! Mas que muito, ſe ha aves, que comem, e digerem ferro, quaes ſaõ as hemas! Conforme a eſtes exemplos, tambem nos homens ha eſtomagos, que naõ cozem muitos manjares, como a fonte de Ouguela, o forno do Pombal, nem os admittem, por bons que ſejaõ; e abraçaõ outros mais groſ-

ſeiros,

seiros, com que se fazem, como veados, e hemas. E se perguntarmos ao Philosofo a razaõ destas desigualdades? Dirà, que saõ effeitos, e monstruosidades da natureza, que obra conforme as compleiçoens, e qualidades dos sugeitos. O mesmo digo, se houver estomagos, que naõ admittaõ, e cozaõ bem os pontos, e materias, que discursa este tratado, que naõ vem o mal da qualidade das couzas, que aqui offereço, senaõ do mào humor, com que as mastigaõ, mais para as morder, que para as digerir: e como o mantimento, que se naõ digere, o estomago o converte em veneno; assim os taes de tudo fazem peçonha, mas que seja triaga cordeal, e antidoto escolhido. Como triaga, e com o antidoto proponho tudo para remedio dos males, que padece a nossa Republica: se houver aranhas, que façaõ peçonha mortal das flores aromaticas, de que as abelhas tiraõ mel suave, naõ he a culpa das flores, que todas saõ medicinaes; o mal vem das aranhas, que pervertem, o que he bom. He o juizo humano, assim como os moldes, ou sinetes, que imprimem em cera, e massa suas figuras: se o molde as tem de serpentes, toda a massa, por sáa que seja, fica coberta de sevandijas, como se as produzira, e estivera corrupta; e pelo contrario, se o sinete he de figuras boas; e perfeitas, taes as imprime, até na cera mais tosco. Quero dizer, amigo leitor, que se fordes inimigo da verdade, sempre vos ha de amargar, e nunca haveis de dizer bem della, com ella ser de seu natural muito doce, e formosa, porque he filha de Deos. Verdades puras profesSo dizer, naõ para vos offender com ellas, senaõ para vos mostrar onde, e como vos offendeis vòs a vós

mesmo,

meſmo ; e á voſſa Republica ; para que vos melhoreis , ſe vos achardes comprehendido.

E naõ me digais , que naõ convém tirar á publico affrontas publicas de toda huma Naçaõ ; porque a iſſo ſe reſponde , que ſe ſaõ publicas , nenhum diſcredito move , quem as repete , antes vos honra moſtrando-vos diſpoſto para a emenda , e vos melhora abrindo-vos caminho , para conhecerdes o engano , em que viveis. E aſſim proteſto , que naõ he meu intento enſinar-vos os lanços , que neſta *Arte de furtar* ignoraveis , ſenaõ allumiar-vos o conhecimento da deformidade delles , para que os abomineis. Nem cuideis , que vos conheço , quem quer que ſois , nem que ponho o dedo em voſſas couzas em particular : o meu zelo bate ſó no commum , e naõ pertende affrontar a noſſa Naçaõ ; antes a honro muito por duas razoens. Primeira ; porque tudo comparado com os defeitos de outras neſta parte , fica a noſſa mais acreditada , pois ſe deixa ver o exceſſo dos latrocinios , com que aſſolaõ o mundo todo por mar , e por terra. Segunda ; porque tratamos de emenda , e onde ha eſta , ou dezejo della , he a mayor perfeiçaõ , que os Santos achaõ nas Religioens mais reformadas ; e aſſim ficamos nós com o credito de Religioſos reformados , em comparaçaõ de gente diſſoluta. Donde naõ me reſulta daqui eſcrupulo , que me retarde. O que ſinto he , que naõ ſey , ſe conſeguirà ſeu effeito o meu intento , que ſó trata de que vos emendeis , ſe vos achardes comprehendido : e ſe cada hum ſe emendar a ſi , já o diſſe hum Sabio , que teremos logo o mundo todo reformado : e melhorar aſſim o noſſo Reyno , e emendallo , he o que pertendemos.

Dirà

Dirà o Critico, e tambem o Zoilo (que tudo abocanhaõ, e róem) que iſto naõ he gazúa, com que ſe abrem portas para furtar; mas que he montante, que eſcala de alto abaixo muita gente de bem para a deshonrar. A iſſo tenho reſpondido, que naõ tome ninguem por ſi o que lhe digo, e ficaremos amigos como dantes; porque na verdade a nenhum conheço, e de nenhum fallo em particular: os caſos, que aqui referir, ſaõ ballas de batalha campal, que tiraõ a montaõ ſem pontaria. Só digo o que vi, o que li, ou ouvi, ſem peſquizar autores, nem formalidades, mais que as que as couzas daõ de ſi: e ſe em algumas diſcreparem as circunſtancias da narraçaõ, e naõ ſe ajuſtarem em tudo muito com o ſuccedido, pouco vay niſſo; porque o noſſo intento naõ he deslindar pleitos para os ſentencear, ſenaõ moſtrar deformidades para as eſtranhar, e dar doutrina, e tratar de emenda. E eſtejaõ certos todos, que naõ dizemos nada, que naõ paſſe aſſim na verdade em todo, ou em parte principal. E naõ allegamos Autores para confirmaçaõ do que eſcrevemos; porque os deſta arte nunca imprimiraõ; e de ſua ſciencia ſó duas letras ſe achaõ impreſſas nas coſtas de alguns, que ſaõ L. e F. e o que querem dizer, todos o ſabem. E ſe algum me impugnar a mim para defender, o que eſtas letras denotaõ, moſtrarà niſſo, que he da meſma confraria, e negarſelhe-hà o credito por apaixonado, como parte, e darſeme-ha a mim, que o naõ ſou; porque ſó pertendo moſtrar neſte *Eſpelho* a verdade, e fazer publicas como em *Theatro* as mentiras, e embuſtes de ladroens paſſados, e preſentes. Apreſtem-ſe todos para ouvir com paciencia; e porque trato de naõ moleſtar, quem iſto lér, hirey tecendo-

tudo

tudo em fórma; que o curioso dos successos adóce o azedo da doutrina : e em tudo teraõ todos muito que aprender , para sempre serem virtuosos , se quizerem tomar as couzas , como as applico. Deos vos guarde de varas delgadas , que andaõ pelas ruas , e de tres pàos grossos , que vos esperaõ , se naõ tomardes meus avisos. Entretanto estuday o Credo , e espertay a fé para o que se segue.

Com fundam.to se duvida, q. o P.e Ant.o Vieyra dosse o A. desta Arte, porq falla nas moedas de 3200. q. naõ havia no tempo do A. e por tanto se diz, q. naõ foi obra sua, e a atribuem ao Conde de Ericeyra

IN-

INDEX

DOS CAPITULOS DESTE TRATADO.

CAPITULO I.

COmo para furtar ha arte, que he sciencia verdadeira. p. 1.

CAP. II.

Como a arte de furtar he muito nobre. p. 7.

CAP. III.

Da antiguidade, e professores desta arte. p. 10.

CAP. IV.

Como os mayores ladroens saõ, os que tem por officio livrar-nos dos mesmos ladroens. p. 15.

CAP. V.

Dos que saõ ladroens, sem deixarem, que outros o sejaõ. p. 22.

CAP. VI.

Como naõ escapa de ladraõ, quem se paga por sua maõ p. 26.

CAP. VII.

Como tomado pouco se rouba mais, que tomando muito. p. 32.

CAP. VIII.

Como se furta às partes fazendolhes merces, e vendendolhes misericordias. p. 36.

CAP. IX.

Como se furta a titulo de beneficio. p. 40.

CAP. X.
Como se pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados a titulo de o servir p. 46.

CAP. XI.
Como se pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados, e denandalo por outros tantos. p. 51.

CAP. XII.
Dos ladroens, que furtando muito, nada ficaõ a dever na sua opiniaõ. p. 54.

CAP. XIII.
Dos que furtaõ muito accrescentando, a quem roubaõ, mais do que lhe furtaõ. p. 56.

CAP. XIV.
Dos que furtaõ com unhas Reaes. p. 61.

CAP. XV.
Em que se mostra, como póde hum Rey ter unhas. p. 66.

CAP. XVI.
Em que se mostraõ as unhas Reaes de Castella, e como nunca as houve em Portugal. p. 70.
Manifesto do Direito, que D. Filippe de Castella allega contra os pertendentes de Portugal. p. 72.
Razoens, que ElRey D. Filippe allega contra a Senhora Dona Catharina. p. 77.
Reposta da Senhora Dona Catharina contra as razoens delRey D. Filippe. p. 84.
Manifesto do Direito da Senhora Dona Catharina ao Reyno de Portugal contra D. Filippe. p. 99.
Razoens da Senhora Dona Catharina contra Filippe. p. 102.

Repos-

Reposta delRey D. Filippe contra as razoens da Senhora Dona Catharina com seu desengano. p. 112.

CAP. XVII.

Em que se resolve, que as unhas de Castella saõ as mais sarpantes por injustiças. p. 120

CAP. XVIII.

Dos ladroens, que furtaõ com unhas pacificas. p. 130.

CAP. XIX.

Prosegue-se a mesma materia, e mostra-se, que tal deve ser a paz, para que unhas pacificas nos naõ dannifiquem. p. 135.

CAP. XX.

Dos ladroens, que furtaõ com unhas Militares. p. 140.

CAP. XXI.

Mostra-se, até onde chegaõ unhas Militares, e quando se deve fazer a guerra. p. 145.

CAP. XXII.

Prosegue-se a mesma materia das unhas Militares, e como se deve fazer a guerra. p. 155.

CAP. XXIII.

Dos que furtaõ com unhas temidas. p. 160.

CAP. XXIV.

Dos que furtaõ com unhas tímidas. p. 168.

CAP. XXV.

Dos que furtaõ com unhas disfarçadas. p. 171.

CAP. XXVI.
Dos que furtaõ com unhas malicioſas. p. 174.

CAP. XXVII.
De outras unhas mais malicioſas. p. 178.

CAP. XXVIII.
Dos que furtaõ com unhas deſcuidadas. p. 184.

CAP. XXIX.
Dos que furtaõ com unhas irremediaveis. p. 187.

CAP. XXX.
Que taes devem ſer os conſelheiros, e conſelhos, para que unhas irremediaveis nos naõ damnifiquem. p. 196.
Que taes devem ſer os Conſelheiros. p. 197.
Tribunal, como, e que tal. p, 202.
Voto, e parecer de cada hum. p. 207.
Reſoluçaõ do Conſelho. p. 210.

CAP. XXXI.
Dos que furtaõ com unhas ſabias. p. 218.

CAP. XXXII.
Dos que furtaõ com unhas ignorantes. p. 217.

CAP. XXXIII.
Dos que furtaõ com unhas agudas. p. 222.

CAP. XXXIV.
Dos que furtaõ com unhas ſingelas. p. 227.

CAP.

CAP. XXXV.
Dos que furtaõ com unhas dobradas. p. 231.

CAP. XXXVI.
Como ha ladroens, que tem as unhas na lingua. p. 235.

CAP. XXXVII.
Dos ladroens, que furtaõ com a maõ do gato. p. 238.

CAP. XXXVIII.
Dos que furtaõ com mãos, e unhas poſtiças, de mais, e accreſcentadas. p. 246.

CAP. XXXIX.
Dos que furtaõ com unhas bentas. p. 251.

CAP. XL.
Em que ſe reſponde, aos que ao Fiſco chamaõ Viſco. p. 258.

CAP. XLI.
Dos que furtaõ com unhas de fome. p. 263.

CAP. XLII.
Dos que furtaõ com unhas fartas. p. 264.

CAP. XLIII.
Dos que furtaõ com unhas mimoſas. p. 266.

CAP. XLIV.
Dos que furtaõ com unhas deſneceſſarias. p. 273.

CAP. XLV.
Dos que furtaõ com unhas domeſticas. p. 278.

CAP.

CAP. XLVI.
Dos que furtaõ com unhas mentirosas. p. 282.

CAP. XLVII.
Dos que furtaõ com unhas verdadeiras. p. 288.

CAP. XLVIII.
Dos que furtaõ com unhas vagarosas. p. 292.

CAP. XLIX.
Dos que furtaõ com unhas apressadas. p. 299.

CAP. L.
Mostra-se, qual he a jurisdicçaõ, que os Reys tem sobre os Sacerdotes. p. 304.

CAP. LI.
Dos que furtaõ com unhas insensiveis. p. 309.

CAP. LII.
Dos que furtaõ com unhas, que naõ se sentem ao perto, e arranhaõ muito ao longe. p. 314.

CAP. LIII.
Dos que furtaõ com unhas visiveis. p. 318.

CAP. LIV.
Dos que furtaõ com unhas invisiveis. p. 321.

CAP. LV.
Dos que furtaõ com unhas occultas. p. 327.

CAP. LVI.
Dos que furtaõ com unhas toleradas. p. 341.

CAP.

CAP. LVII.
Dos que furtaõ com unhas alugadas. p. 338.

CAP. LVIII.
Dos que furtaõ com unhas amoroſas. p. 341.

CAP. LIX.
Dos que furtaõ com unhas cortezes. p. 344.

CAP. LX.
Dos que furtaõ com unhas polinicas. p. 348.

CAP. LXI.
Dos que furtaõ com unhas confidentes. p. 352.

CAP. LXII.
Dos que furtaõ com unhas confiadas. p. 355.

CAP. LXIII.
Dos que furtaõ com unhas proveitoſas. p. 361.

CAP. LXIV.
Dos que furtaõ com unhas de prata. p. 366.

CAP. LXV.
Dos que furtaõ com unhas de naõ ſey como lhes chame. p. 372.

CAP. LXVI.
Dos que furtaõ com unhas rediculas. p. 380.

CAP. LXVII.
Primeira tezoura para cortar unhas, chama-ſe Vigia. *p.* 386.

CAP.

CAP. LXVIII.
Segunda tezoura, Milicia. *p.* 390.

CAP. LXIX.
Terceira tezoura, Degredo. *p.* 393.

CAP. LXX.
Desengano geral a todas as unhas. p. 397.
Primeiro desengano. p. 398.
Segundo desengano. p. 399.
Terceiro desengano. p. 403.
Conclusaõ final, e remate do desengano verdadeiro. p. 407.

TRATADO UNICO.

CAPITULO I.

Como para furtar ha arte, que he ſciencia verdadeira.

AS Artes, dizem ſeus Autores, que ſam emulaçoens da natureza: e dizem pouco; porque a experiencia moſtra, que tambem lhe accreſcentão perfeiçoẽs. Deu a natureza ao homem cabello, e barba, para authoridade, e ornato; e ſe a arte nam compuzer tudo, em quatro dias ſe fará hum monſtro. Com arte repara huma mulher as ruinas, que lhe cauſou a idade, reſtituindo-ſe de cores, dentes, e cabello, com que a natureza no melhor lhe faltou. Com arte faz o eſcultor do tronco inutil huma imagem tam perfeita, que parece viva. Com arte tirão os cobiçozos das entranhas da terra, e centro do mar a pedraria, e metaes precioſos, que a natureza produzio em toſco, e aperfeiçoando tudo, lhe dam outro valor. E nam ſó ſobre couzas boas tem as Artes juriſdicçam, para as melhorar mais que a natureza; mas tambem ſobre as más, e nocivas, para as diminuir em proveito de quem as exercita, ou para as accreſcentar em

damno de outrem : como ſe vé nas máquinas da guerra , partos da arte Militar , que todas vaõ dirigidas a aſſolaçoens , e incendios , com que huns ſe defendem , e outros ſaõ deſtruidos. Naõ perde a arte ſeu ſer por fazer mal, quando faz bem , e a propoſito eſſe meſmo mal , que profeſſa , para tirar delle para outrem algum bem , ainda que ſeja illicito. E tal he a arte de furtar, que toda ſe occupa em deſpir huns para veſtir outros. E ſe he famoſa a arte , que do centro da terra deſentránha o ouro , que ſe defende com montes de difficuldades , naõ he menos admiravel a do ladraõ , que das entranhas de hum eſcritorio , que fechado a ſete chaves ſe reſguarda com mil artificios, deſencóva com outros mayores o theſouro , com que ſe melhóra de fortuna. Nem perde ſeu ſer a arte pelo mal que cauſa , quando obra com cilladas ſegundo ſuas regras , que todas ſe fundaõ em eſtratagemas , e enganos, como as da Milicia : e eſſa he a arte , e he o que dizia hum grande meſtre deſta profiſſaõ : *Con arte , y con engaño , vivo la mitad del año : y con engaño , y arte , vivo la otra parte.* E ſe os ladroens naõ tiverem arte , buſquem outro officio ; por mais que a eſte os leve , e ajude a natureza , ſe naõ alentarem eſta com os documentos da arte , teraõ mais certas perdas , que ganhos ; nem ſe poderáõ conſervar contra as inſoens de infinitas contrariedades , que os perſeguem. E quando os vejo continuar no officio illezos , naõ poſſo deixar de o attribuir á deſtreza de ſua arte , que os livra até da juſtiça mais vigilante,

gilante, deslumbrando-a por mil modos, ou obrigando-a, que os largue, e tolére; porque até para isso tem os ladroens arte. Assim se prova, que ha arte de furtar, e que esta seja sciencia verdadeira, he muito mais facil de provar, ainda que naõ tenha escóla pública, nem Doutores graduados, que a ensinem em Universidade, como tem as outras sciencias.

Todos os Philosofos, e Doutores Theologos defendem, que merece o nobre titulo de sciencia verdadeira aquella arte sómente, que tem principios certos, por onde demostra, e alcança, o que exercita: exemplo sejaõ a Sagrada Theologia, a Philosophia, Mathematica, Musica, Medicina, e outras, que nascem destas, as quaes saõ verdadeiras sciencias, porque nam só ensinam o que professaõ, mas tambem provam por seus principios, e demostraõ por consequencias evidentes, o que ensinão. E admittindo nós esta regra, que todos os sabios admittem, devemos excluir do numero das sciencias só aquellas artes, que párão na materia, em que se occupão; tomando-a assim como se lhes offerece, sem discursarem as razoens, nem os principios, por onde se aperfeiçoaõ no alcance do seu fim. Exemplo seja a Jurisprudencia, que nam se detém em especular, ou demostrar, o que propoem seus textos: donde nasce naõ haver evidencia publica da razam de seus preceitos: e se nos move a seguilos a obedieneia, com que todos nos sugeitamos a elles, mais he por temor ás vezes, que por respeito. E ainda que todos sejam

fundados em razam, que os Principes acharaõ, e commumente apontáo em seus decretos, passaõ por ellas os Jurisconsultos ordinariamente tanto em silencio, que por fé lhe damos alcance. E ham-se nisto alguns Canonistas, e Legistas, como Deos, que obrigando os homens a huma ley de dez preceitos, em nenhum delles apontou a razam, porque os punha; deixando-a ao discurso da ley natural, que nenhum homem deve ignorar; ainda que ha alguns tam grosseiros, que nam atináo com ella. E por isso nunca ninguem disse, que a doutrina do Decalogo, pelo que pertence á observancia pratica, era sciencia, ainda que o seja no especulativo, pelo que descobre no bem para o abraçarmos, e no mal para o fugirmos. De todo este discurso se cólhe com certeza, que a arte de furtar he sciencia verdadeira, porque tem principios certos, e demonstraçoens verdadeiras, para conseguir seus effeitos, posto que por rudeza dos discipulos, ou por outros impedimentos extrinsecos nam chegue ao que pertende. Mas se o ladram tem bom natural, e he perito na arte, arma seus syllogismos como rede varredoura, a que nada escapa. Com huma historia notavel faço demonstraçam desta verdade. Em certa Cidade de Espanha houve huma viuva fidalga tam rica como nobre: e como as matronas de qualidade por seu natural recolhimento náo pódem assistir a trafegos de grandes fezendas, dezejava esta muito hum feitor fiel, e intelligente, que lhe podesse governar tudo. E nam dezejava menos hum ladram cadino ter entrada em casa

taõ caudaloſa com algum honeſto titulo, para ſe provér de huma vez de remedio para toda a vida. Lançou ſuas linhas, e armou ſuas traças em fórma, que nenhuma conſequencia fruſtrou, aſſim para entrar com grande credito, como para ſahir com mayor proveito. Achou por ſuas inculcas, que tinha a ſenhora hum Confeſſor Religioſo, a quem dava credito, e obediencia por ſua virtude, e letras. Prégava eſte certa feſta de concurſo, veſtioſe o ladraõ de traje humilde, o roſto penitentes, e fez-ſe encontradiço com elle hindo para o pulpito. Poz-lhe na maõ huma bolça de dobroens, que diſſe achára perdida, e pedio-lhe com muita ſubmiſſaõ, e modeſtia, que a publicaſſe ao auditorio, e a reſtituiſſe a quem moſtraſſe que era ſeu dono, dando os verdadeiros ſinaes della, e do que continha. Ficou o Reverendo Padre Prégador attonito com tal caſo, que houveſſe homem no mundo, que reſtituiſſe em vida, e diſſe aos ouvintes milagres do ſugeito; e que podendo melhorar de capa com aquelle achado, o naõ fizera, eſtimando mais a paz de ſua alma, que o commodo de ſeu corpo, e que em hum daquelles eraõ bem empregadas as eſmolas. E aſſim foy, que acabada a prégaçaõ, mandáraõ muitos Cavalheiros ſeus ſubſidios com mais de meya duzia de veſtidos muito bons ao Reverendo Padre, para que déſſe tudo ao pobre ſanto, que lhe naõ pezou com elles: e foy a primeira conſequencia, que colheo do ſeu diſcurſo: e a ſegunda aſſegurar a bolça para ſi com ſua mãy, que era huma velha taõ ardiloſa, como elle, que já eſtava prevenida ao Padre do pulpi-

to, e muito bem adeſtrada pelo filho: e em deſcendo o Padre agarrou delle gritando: A bolça he minha; por final, que he de couro pardo, com huns cordoens verdes, e tem dentro ſeis dobroens, quatro patacas, e hum papelinho de alfinetes. Ouvindo o Prégador ſinais taõ evidentes, e vendo que tudo aſſim era, lhe entregou tudo, dando graças a Deos, que nada ſe perdéra: e a mãy fez em caſa a reſtituiçaõ ao filho, que aſſegurou de caminho a terceira conſequencia de eſtafar tambem o Religioſo, que o levou á ſua cella, onde o regallou, e melhorou de veſtido, e fortuna, informando-ſe delle meſmo de ſeus talentos: e achando que ſabia ler, e eſcrever quanto queria, e contar como hum Girifalte na unha, e que ſobre tudo moſtrava bom juizo: ſeguio-ſe logo a quarta conſequencia de o pór em caſa da ſua confeſſada com mero, e mixto imperio ſobre toda ſua fazenda havida, e por haver, abonandolho por quinta eſſencia de fidelidade, e intelligencia; com que a ſeu ſalvo colheo a ultima conſequencia, que pertendia das rendas de ſua ſenhora, que enſacou em ouro para voar mais leve: e com dez, ou doze mil cruzados, que dous annos de ſerviço lhe deparáraõ, ſe paſſou para outro emiſferio, ſem dizer a ninguem: Ficaivos embora: Digaõ agora os profeſſores das ſciencias, e artes mais liberaes, ſe formáraõ nunca ſyllogiſmos mais correntes. Negará a luz ao Sol, quem negar á arte de furtar o diſcurſo, e ſubtileza, com que aqui lhe damos o nome de ſciencia verdadeira.

CA-

CAPITULO II.

Como a arte de furtar he muito nobre.

MAis facil achou hum prudente, que seria accender dentro do mar huma fogueira, que espertar em hum peito vil fervores de nobreza. Com tudo ninguem me estranhe chamar nobre á arte, cujos professores por leys Divinas, e humanas saõ tidos por infames. Essa he a valentia desta arte, como a dos Alquimistas, que se gabaõ que sabem fazer ouro de enxofre: de gente vil faz fidalgos, porque aonde lúz o ouro, naõ ha vileza. Alem de que naõ he implicaçaõ acharem-se duas contrariedades em hum sugeito, quando respeitaõ differentes motivos. Que cousa mais vil, e baixa, que huma formiga! Taõ pequena, que naõ se enxerga; taõ rasteira, que vive enterrada; taõ pobre, que se sustenta de leves rapinas! Que cousa mais illustre que o Sol, que a tudo dá lustre; taõ grande, que he mayor que a terra; taõ alto, que anda no quarto Ceo; taõ rico, que tudo produz! E se vê a mayor nobreza com a mayor baixeza em hum sugeito, em huma formiga. Baixezas ha, que naõ andaõ em uso, porque saõ só de nome: e nomes ha, que naõ põem, nem tirão, ainda que se encontrem, porque se compadecem para differentes effeitos. Fazia Doutrina hum Padre da Companhia no pelourinho de Faro: perguntou a hum menino, como se cha-

 mava?

mava? Reſpondeo, chamo-me em caſa Abrahaõ-ſinho, e na rua Joannico. Aſſim ſaõ os ladroens: na Caſa da Supplicaçaõ chamaõ-ſe infames, quando os ſentenceaõ, que he poucas vezes: mas nas ruas, por onde andão de continuo em alcatéas, tem nomes muito nobres: porque huns ſaõ Godos, outros chamaõ-ſe Cábos, e Xarifes outros: mas nas obras todos ſaõ piratas.

Mais claro proponho, e deslindo tudo. A nobreza das ſciencias colhe-ſe de tres principios. O primeiro he o objecto, ou materia, em que ſe occupa. Segundo: as regras, e preceitos, de que conſta. Terceiro: os Meſtres, e ſugeitos, que a profeſſaõ. Pelo primeiro principio he a Theologia mais nobre, que todas; porque tem a Deos por objecto. Pelo ſegundo he a Philoſophia; porque ſuas regras, e preceitos ſaõ delicadiſſimos, e admiraveis. Pelo terceiro he a Muſica; porque a profeſſaõ Anjos no Ceo, e na terra Principes. E por todos eſtes tres principios he a arte de furtar muito nobre; porque o ſeu objecto, e materia, em que ſe emprega, he tudo o que tem nome de precioſo: as ſuas regras, e preceitos ſaõ ſubtiliſſimos, e infalliveis: e os ſugeitos, e meſtres, que a profeſſaõ, ainda mal que as mais das vezes ſaõ, os que ſe prezão de mais nobres; para que naõ digamos que ſaõ Senhorias, Altezas, e Mageſtades.

Alguns doutos tiveraõ para ſi, que a nobreza das ſciencias mais ſe colhe da ſubtileza das regras, e deſtreza, em que ſe fundaõ, que da grandeza do objecto, ou utilidade da materia, em que ſe occupão: como vimos até na maqui-

na

na do que em cortiça obra couzas delicadas, que em ouro, que poriſſo he mais louvado. Aquelle Artifice, que eſcreveo a Illiada de Homero com tanta miudeza, que a recolheo em huma nóz, aſsombrou mais o mundo, que ſe a eſcreveſſe com muitas laçarias em grandes laminas de ouro. Aquella náo enxárceada com todo o genero de vélas, e cordoalhas, tão pequena, que toda ſe cobria, e eſcondia com as azas de huma moſca, fez a Mermitides mais famoſo, que a outros as grandes eſculturas dos mayores Coloſſos. Na formação de hum moſquito moſtra Deos mais ſeu grande entendimento, que na fabrica do Univerſo. Quero dizer, que não engrandece tanto as ſciencias a materia, em que ſe exercitão, como o engenho da arte, com que obrão. E como o engenho, e arte de furtar anda hoje tão ſubtil, que tranſcende as aguias, bem podemos dizer que he ſciencia nobre. E prouvéra a Deos, que não tivera tanto de nobre, não ſó pelo que lhe concedemos de ſuas ſubtilezas, ſenão tambem, pelo que lhe negão outros da materia, em que ſe occupa, e ſugeitos, em que ſe acha; pois vemos, que a materia he a que mais ſe eſtima, ouro, prata, joyas, diamantes, e tudo o mais que tem preço; e os ſogeitos, em que ſe acha, ſaõ por meus peccados os mais illuſtres, como pelo diſcurſo deſte Tratado em muitos capitulos hiremos vendo. E para que naõ engaſgue algum eſcrupuloſo neſta propoſiçaõ com a maxima, de que naõ ha ladraõ, que ſeja nobre, pois o tal officio traz comſigo extincçaõ de todos os fóros da

nobreza

nobreza: declaro logo, que entendo o meu dito ſegundo o vejo exercitado em homens tidos, e havidos pelos melhores do mundo, que no cabo ſaõ ladroens, ſem que o exercicio da arte os deſluſtre, nem abata hum ponto do timbre de ſua grandeza. Naõ he aſſim, o que ſuccedeo em Roma a hum Emperador? Que entrando no Templo a adorar a Apollo, achou, que no meſmo Altar eſtava Eſculapio ſeu filho; eſte com grandes barbas, e aquelle limpinho; porque aſſim os diſtinguia a Gentilidade antiga. Advertio o Emperador, que as barbas de Eſculapio eraõ de ouro, e poſtiças: cobiçou-as, e furtou-as; dizendo, que naõ era bem o filho tiveſſe barbas, quando o pay as naõ tinha: e nada perdeo de ſua grandeza o Emperador com furtar as barbas ao ſeu Deos, antes a accreſcentou, pois ficou com mais ouro, do que d'antes tinha: e aſſim a accreſcentaõ outros muitos com muitos outros furtos, que cada dia fazem ſem calumnia nas barbas do mundo.

****

CAPITULO III.

Da antiguidade, e profeſſores deſta arte.

ISto, que chamaõ antiguidade, he huma droga, que naõ tem preço certo; porque em tal parte vale muito, e em tal em nada ſe eſtima. Cõmunidades ha, em que a antiguidade rende; porque

que lhes daõ melhor lugar, e melhor vianda. E Juntas ha, em que a antiguidade perde; porque eſcolhem os mais vigoroſos para as emprezas de proveito, e honra. Antiguidade, que conta ſó os annos, em cada feira vale menos: mas a que accúmula merecimentos, para cargos tem mayor preço, e valêra mais, ſe fora de dura. Quando ólho para os que me cercaõ, feſtejo ſer o mais antigo, porque me guardaõ reſpeito: mas ſe ólho ſó para mim, tomarame mais moderno. Eſte mal tem a antiguidade, que anda mais perto do fim, que do principio. Muitas couzas acabaõ por antigas, porque ſe corrompem de velhas: e muitas começaõ, aonde as outras acabaõ: iſto he na antiguidade; porque ſó á cuſta della lograõ alguns *benè eſſes*, como as trempes do Japaõ, que as mais velhas ſaõ de mayor eſtima. A nobreza tem eſta prerogativa, que a antiguidade mais apura, e vale mais por mais antiga. Homem novo entre os Romanos era o meſmo, que homem baixo: e o que moſtrava imagens de ſeus antepaſſados mais velhas, carcomidas, e defumadas, era tido por mais nobre. Nas artes, e ſciencias corre a meſma moeda, que andão mais apuradas as mais antigas; e ſaõ mais eſtimadas, as que tem mais antigos profeſſores. Entre alfayates, e oleiros ſe moveo queſtão, quaes erão mais antigos na ſua arte, para alvidrarem dahi ſua nobreza. Vencerão os oleiros, porque primeiro ſe amaçou o barro, de que foy formado Adão, e depois ſe lhe talharão, e cozerão os veſtidos. Aqui entrão os ladroens com a ſua arte, allegando,

que

que muito antes do primeiro homem a exercitarão eſpiritos mais nobres. Mas deixando pontos que nos ficão álem do mundo antes de haver homens, de que ſó tratamos; fallemos das télhas abaixo, que he o que pertence á noſſa eſféra. E em dando nos primeiros profeſſores, colherémos logo a antiguidade deſta arte; e da nobreza daquelles, e antiguidade deſta, faremos o computo, que buſcamos. Mas como ſe profeſſa ás eſcondidas, ſerá difficultoſo achar os meſtres. Ora naõ ſerà; porque naõ há, quem eſcape de diſcipulo, e os diſcipulos bem devem conhecer ſeus meſtres. Na matricula deſta eſcóla naõ ha quem ſe naõ aſſente. Jà o diſſe a ElRey noſſo Senhor, que he eſte mundo hum covil de ladroens, porque tudo vive nelle de rapinas; animaes, e aves, e peixes, atè nas arvores ha ladroens. E agora digo, que he huma Univerſidade, em cujos geraes curſaõ todos os viventes geralmente. Tem eſta Univerſidade ſó duas claſſes, huma no mar, outra na terra. No mar dizem que léo de prima Jaſon aos primeiros Argonautas, quando paſsou á Ilha de Colchos, e furtou o velo de ouro taõ defendido, como celebrado: e deſtes aprenderão os infinitos piratas, que hoje em dia coalhão eſſes mares com a próa ſempre nas prezas, que buſcaõ. Na terra dizem os antigos; que poz a primeira Cathedra Mercurio, e que foy o primeiro ladraõ, que houve no mundo; e poriſſo o fizeraõ Deos das ladroices. Bem ſe vé a ſem-razam deſta idolatria, pois nam póde haver mayor cegueira, que conceder divindade ao vicio. Mas

por

por peor tenho, a que vemos hoje em muitos homens obrigados a conhecer este erro, que tem a rapina por sua deidade, pondo nella sua bem-aventurança, porque della vivem. Enganaraõ-se os antigos em darem esta primazia a Mercúrio: primeiro que elle foy Adão primeiro ladram, e primeiro homem do mundo: e por isso pay de todos, que deixou a todos por herança natural, e propriedade legitima serem ladroens. Perguntará aqui o curioso, se haverá algum, que o nam seja? Respondese que nam: pelo menos na potencia, ou propensam, porque he legitima, que se repartio por todos. He bem verdade, que huns participam mais deste legado que outros; bem assim como nos bens castrenses, que se repartem a mais, e a menos pelo arbitrio do testador; posto que cá o arbitrio livre he dos herdeiros; e dahi vem serem alguns mais insignes na arte de furtar. E como não ha arte, que se aprenda sem mestres, que vam succedendo huns a outros, tem esta alguns muito sabios, e sempre os teve: e como nam ha escóla, onde se nam achem discipulos bons, e máos, tambem nesta ha discipulos, que pódem ser mestres; e ha outros tam rudes, que nem para màos discipulos prestaõ, porque logo os apanhaõ. De todos determino dizer alguma couza, nam para os ensinar, mas para advertir, a quem se quizer guardar delles, o como se deve vigiar; e a elles quaõ arriscados andaõ.

Naõ me calumniem os que se tem por escoimados, queixando-se, que os ponho nesta reste

sem

ſem prova, nem certeza de delictos, que cõmetteſſem neſta materia, ſendo certo que naõ ha regra ſem excepçam. Meta cada hum a maõ em ſua conſciencia, e achará a prova do que digo, que eſte mundo he huma ladroeira, ou feira da ladra, em que todos chatinaõ intereſſes, creditos, honras, vaidades, e eſtas couzas nam as póde haver ſem mais, e menos; e em mais, e menos vay o furto, quando cada hum toma mais do que ſe lhe deve, ou quando dá menos do que deve. E procede iſto até em huma cortezia, que excede por ambiçam, ou que falta por ſoberba. Ajuſtar obrigaçoens de juſtiça, e caridade, depende de huma balança muito ſubtil, que tem o fiel muito ligeiro: e como ninguem a traz na mão, tudo vay a eſmo, e a cobiça pende para ſi, mais que para as partes. E daqui vem ſerem todos como o leaõ de Hiſopete, que comia os outros animaes com o achaque de ſer mayor. E temos averiguado que os profeſſores deſta arte ſaõ todos os filhos de Adam, e que ella he tam antiga como ſeu pay. Mas de tanta antiguidade, e progenitores, ninguem me infira ſerem nobres os profeſſores deſta arte, nem ſer ella ſciencia verdadeira: porque as ſciencias devem praticar algum fim util ao bem commum, e eſta arte ſó em deſtruir toda ſe emprega: contente-ſe com ſer arte, aſſim como o he a Magía. E em ſeus artifices ninguem creya, que póde haver nobreza, pois o vicio nunca ennobreceo a ninguem, porque por natureza he infame, e ninguem póde dar o que nam tem. A verdadeira ſciencia he a das

Leys,

Leys, e Canones, que lhes dá caça, mete a faco todos os ladroens: e baſtava tam heroico acto para ſe ennobrecer, e fazer eſtimar ſobre todas a pezar dos ruins, com quem tem ſua ralé: e ſe eſtes a deſacreditam, não valem teſtemunha, porque os açouta.

Contra reſoluçam tão alentada me botam em roſtro, o que diſſe agora ha nada nos dous Capitulos antecedentes, que a arte de furtar era ſciencia verdadeira, e ſeus profeſſores muito nobres. Reſpondo que nunca tal diſſe de minha opiniam: e ſe o diſſe, eſtaria zombando, para moſtrar o engenho dos ſophiſmas, ou a illuſam, com que má gente apoya ſeus erros. Infame he a arte de furtar, infames ſam ſeus meſtres, e diſcipulos: e ainda que ſam mais que muitos, muitos mais ſam, os que andam ſaõs deſta lepra, principalmente os que ſe lavaõ com o Santo Bautiſmo, que nos livrou de todos os males, que herdámos de Adam. Ouçam bons, e máos eſte diſcurſo, léaõ todos eſte Tratado, e verſe-haõ eſcritos, e retratados: os bons teraõ que eſtimar, por ſe verem limpos de tão infame lepra: e os máos teraõ que aborrecer, conhecendo o mal; que he impoſſivel não ſe deteſtar, tanto que for conhecido.

****

CAPITULO IV.

Como os mayores ladroens ſaõ, os que tem por officio livrar-nos de outros ladroens.

NAõ póde haver mayor deſgraça no mundo, que converterſe a hum doente em veneno

veneno a triaga, que tomou, para vencer a peçonha, que o vay matando. Ferir-se, e matar-se hum homem com a espada, que cingio, ou arrancou para se defender de seu inimigo; e arrebentar-lhe nas mãos o mosquete, e matallo, quando fazia tiro para se livrar da morte, he fortuna muito má de sofrer: e tal he, que acontece em muitas Republicas do mundo, e até nos Reynos mais bem governados: os quaes para se livrarem de ladroens, que he a peor péste que os abraza, fizeram váras, que chamam de Justiça, isto he, Meirinhos, Almotaceis, Alcaides: puzeram guardas, rendeiros, e jurados: e fortaleceram a todos com Provisoens, Privilegios, e Armas: mas elles virando tudo do carnás para fóra, tomam o rasto ás avessas, e em vez de nos guardarem as fazendas, sam os que mayor estrago nos fazem nellas; de sorte, que nam se distinguem dos ladroens, que lhes mandam vigiar, em mais senam que os ladroens furtam nas charnecas, e elles no povoado; aquelles com carapuças de rebuço, e elles com as caras descobertas; aquelles com seu risco, e estes com Provisam, e cartas de Seguro. Declarome: manda a Ley aos Senhores Almotaceis, que vigiem as padeiras, regateiras, estalagens, e tavernas, &c. se vendem as cousas por seu justo preço. Anticipam-se todas as pessoas sobreditas, mandam a casa as primicias, e meyas natas de seus interesses, e ficam logo licenciadas, para maquinarem tudo, como quizerem. Tem obrigaçam os Meirinhos, e Alcaides, de tomarem as armas defezas, prenderem os que acharem de

noite

noite, e darem cumprimento aos mandados de prizoens, e execuçoens, que se lhes encarregaõ: dissimulaõ, e passaõ por tudo, pelo dobram, e pela pataca, que lhes mete na bolça; e seguem-se dahi mortes, roubos, e perdas intoleraveis. Corre por conta dos guardas, e rendeiros a defensaõ dos pastos, vinhas, olivaes, coutadas, que naõ as destruaõ os gados alheyos; quem os tem avença-se com elles por pouco mais de nada, que vem a ser muito; porque concorrem os poucos de muitas partes, ficaõ livres para poderem lograr as fazendas alheyas, como se foraõ proprias, sem incorrerem nas coimas. E eisaqui como os que tem por officio livrarnos de ladroens, vem a ser os mayores ladroens, que nos destroem. Naõ fallo de varas grandes, porque as residencias as fazem andar direitas; nem das garnachas, que esperaõ mayores póstos, e naõ querem perder o muito pelo pouco: livrenos Deos a todos de offerecimentos secretos, que correm sua fortuna sem testemunhas, aceitos torcem logo as meadas até quebrar o fiado pelo mais fraco; e a poder de nós cégos o fazem parecer inteiro; até nas residencias, onde se daõ em se fazerem as barbas huns aos outros, fica tudo sem remedio, e com a mayor parte da preza em hum momento, quem nos hia restaurar dos damnos de hum triennio.

Milhares de exemplos ha, que explicaõ bem esta especie de furtos; e melhor que todos o que poderemos pór nos Physicos: mas manda a Sagrada Escritura, que os honremos: *propter sanitatem*; e assim he bem que lhes guardemos aqui

reſpeitos, ainda que a verdade ſempre tem lugar. Digamolo ao menos dos boticarios. Tem eſtes hum livrinho, naõ he mayor que huma cartilha, e nada tem de ſua doutrina; porque ſe devia de compor no Limbo: certo he que o naõ imprimio Galeno, que houvera de ſer muito bom Chriſtaõ, ſe naõ fora Gentio, porque tinha bom entendimento. A eſte livro chamaõ elles: *Qui pro quo*: quer dizer, *huma couza por outra*: e o titulo baſta, para ſe entender, que contem mais mentiras, que verdades: antes ſó huma verdade contem, e he que em tudo enſina a vender gato por lebre, como agora: ſe lhe faltar na botica a agua de eſcorcioneira, que receita o Medico para o cordeal, que lhe pódem botar agua de cevada cozida; e ſe naõ tiverem pedra de baazar, que pevides de cidra tanto montaõ: ſe naõ houver oleo de amendoas, que lhe ponhaõ o da candéa. E aſſim vay baralhando tudo, de maneira que naõ póde haver boticario, que deixe de ter quanto lhe pedem: e dahi póde ſer que veyo o proverbio, com que declaram os a abundancia de huma caſa rica, que tudo ſe acha nella como em botica. E já lhe eu perdoára tudo, ſe tudo tivera os meſmos effeitos; e ſe elles naõ nos levaraõ tanto pelos ingredientes ſuppoſtos, que nada valem, como haviaõ de levar pelos verdadeiros, que valem muito. Donde parece, que naceo a murmuraçaõ, de quem diſſe, que as mãos dos boticarios ſaõ como as de Midas, que quanto tocaõ, convertem em ouro; porque naõ ha arte chymica, que os vença em

fazer

fazer de maravalhas metaes precioſos: nem póde haver mayor deſtreza, que a de hum deſtes meſtres, ou diſcipulos de Eſculapio, que mandando pelo ſeu moſſo buſcar hum molho de malvas ao monturo, com duas fervuras, que lhe dam no tacho, ou com as pizar no almofariz, as transformaõ de maneira, que não lhes ſahem das mãos, ſem lhe deixarem nellas tres, ou quatro cruzados, nam valendo ellas em ſi hum ceitil: e o meſmo corre em outras mil e trezentas couzas. Tem os Phyſicos móres obrigação de vigiarem tudo iſto; e aſſim o fazem correndo o Reyno, e viſitando todas as boticas delle algumas vezes: chamão a iſto dar varejo: e dizem bem; porque aſſim como nós varejamos huma oliveira, para lhe apanhar a azeitona, aſſim elles varejam as boticas, para recolher dinheiro. He muito para ver a diligencia, com que os boticarios ſe acodem huns aos outros neſtas occaſioens, empreſtando-ſe vidros, e medicamentos, para que os Viſitadores os achem providos de tudo: e poderá ſucceder, por mais que tenham tudo bem apurado, e a ponto, ſe não andarem mais diligentes em peitar, que em ſe prover, que lhes quebrem todos os vidros por dá cá aquella palha. Por iſſo outros fazem bem, que viſitam, antes de ſerem viſitados, e com iſſo eſcuſaõ o trabalho de ſe proverem, e apurarem; e eſcapão os ſeus fraſcos, como vaſo máo, que nunca quebra. Bem ſe vé, como reſponde tudo iſto ao titulo deſte Capitulo; ſó huma couſa ha aqui, que a não entendo, nem haverá quem a declare; que morra enforcado o homicida, que matou à eſ-

 pinguarda,

pingarda, ou ás eſtocadas hum homem; e que matem Boticarios, e Medicos cada dia milhares delles, ſem vermos poriſſo nunca hum na forca: antes ſaõ taõ privilegiados, que depois de vos darem com as cóſtas no adro, e com voſſo pay na cova, demandaõ voſſos herdeiros, que lhes paguem a peçonha, com que vos tiraraõ a vida, e o trabalho, que tiveraõ em vos apreſſarem a morte com ſangrias peores, que eſtocadas, por ſerem ſem neceſſidade, ou fóra de tempo. Hum ferrador vizinho do Cardeal Palooto deſappareceo de Roma; e hindo depois o Cardeal a Napoles com certa diligencia do Summo Pontifice, teve hum achaque, ſobre que ſe fez junta de Medicos, e entre elles veyo o ferrador por mais afamado: conheceo-o o Cardeal, tomou-o á parte, e perguntou-lhe, quem o fizera Medico? Reſpondeo, que ſó mudára de fortuna, e naõ de officio; porque do meſmo modo, que curava em Roma as beſtas, curava em Napoles os homens; e que lhe ſuccedia tudo melhor; porque álem de acertar nas curas taõ bem, e melhor que os demais Medicos, ſe acertava por erro de dar com algum doente na outra vida, que ninguem o demandava por iſſo, como Sua Eminencia, que lhe fez pagar huma mulla do ſeu coche, por lhe morrer nas mãos andando em cura. O que mais ſuccedeo no caſo, naõ ſerve ao intento: mas do dito ſe colhe, que anda o mundo errado na materia de Medicos, e Boticarios, que haõ miſter grandiſſima reforma; porque tendo por officio aſſegurar as vidas, naõ ſó no las tiram, mas ſo-

bre

bre iſſo nos pedem as bolças. Naõ fazia outro tanto o Sol Poſto aos Caſtelhanos nas charnécas; e no cabo foy eſquartejado por iſſo. E eſtes ſenhores ficam-ſe rindo, e aguçando a ferramenta para hirem por diante na matança, de que fazem officio.

Em França ha Ley, que nenhum Medico do Paço vença ſalario, em quanto alguma peſſoa Real eſtiver doente; porque aſſim ſe apreſſem em tratar de ſua ſaude: e os Portuguezes ſomos taes, que quando eſtamos doentes, fazemos mais mimos, e damos mayores pagas aos Medicos, ſem advertirmos, que por iſſo meſmo nos dilataráõ a ſaude, e farão grave o mal, que he leve; como o outro, que curava de hum eſpinho certo Cavalheiro, e tinhalhe metido em cabeça, que era poſtéma. Auzentou-ſe hum dia, e deixou hum ſeu filho inſtruido, que continuaſſe com os emplaſtos do eſpinho, a que chamavam poſtéma. Mas o filho na primeira cura, para ſe moſtrar mais deſtro, arrancou o eſpinho; ceſſaram logo as dores, e ſárou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veyo o pay; pediolhe o filho alviçaras, que ſarára o doente ſó com lhe tirar o eſpinho. Reſpondeolhe o pay: pois dahi comerás para beſta. Não vias tu ſalvagem, que em quanto ſe queixava das dores, continuavam as viſitas, e ſe accreſcentavam as pagas? Secaſte o leite á cabra, que ordinhavamos? Bem ſe acodiria a iſto, ſe ſe pagaſſem melhor as curas breves, que as dilatadas. E muito neceſsario era haver ley, que nenhuma cura ſe pagaſse do doente, que morreſſe. Podera-ſe pelo menos pór remedio a tudo,

com favorecerem os Reys mais esta sciencia; que anda muito arrastrada; porque naõ se applica a ella, senaõ quem naõ tem cabedal para cursar outros estudos. No estado de Milaõ todos o Medicos tem foro de Condes: nos Estados de Mantua, Modena, Parma, e em toda a Lombardia, saõ ditos, e havidos por fidalgos, e gozaõ seus privilegios. ElRey Dom Sebastiaõ começou a applicar algum cuidado nesta parte mandando á Universidade de Coimbra, que escolhessem de todos os Geraes os estudantes mas habeis, e nobres; e que os applicassem á Medicina com promessas de grandes accrescentamentos. Por mais facil tivera mandar á China dous pares delles com as mesmas promessas para estudarem a Medicina, com que todo aquelle vastissimo Imperio se cura; que sem controversia he a melhor do mundo, porque sabe qualquer Medico pelas regras da sua arte, em tomando o pulso a hum doente, tudo o que teve, e hade ter por horas, sem lhe errar nenhum accidente; e logo levão comsigo os medicamentos para a cura, se he que o mal tem alguma: e melhor fora hirmos lá buscar essa sciencia para raparar a vida, que as porçolanas que logo quebrão.

****

CAPITULO V.

Dos que saõ ladroens, sem deixarem, que outros o sejaõ.

DO Leão contão os naturaes, que de tal maneira faz suas prezas, que juntamente

te as defende, que lhes naõ toque nenhum outro animal, por féro que seja. Mais fazem os Açores da Noroéga, que conservam viva a ultima ave, que empolgam nos dias de Inverno, para terem com ella quentes os pés de noite; e como amanhece a largão; e observão para onde foge, e nam vão caçar para aquella parte, para nam acabarem a ave, de que receberaõ algum bem; e naõ reparaõ, em que vá dar nas unhas de outros Açores. Ladroens ha peores, que estes animaes, e saõ como elles os poderosos. Todos saõ como os Leoens, que naõ deixão, que outros animaes se cévem na sua preza; e nenhum como os Açores, que largaõ para outras aves a preza, de que tiraraõ proveito. Naõ admittir companhia no trato, de que se póde tirar proveito, he ambiçaõ, e he interesse, a que podemos dar nome de furto. E he lanço muito contrario ao natural dos ladroens, que gostaõ de andarem em quadrilhas, e terem companheiros, e serem muitos, para se ajudarem huns aos outros: mas isto he em ladroens mecanicos, e villoens de trato baixo: ha ladroens fidalgos tam graves, que se querem sós, e que ninguem mais sustente o banco: vé-se isto por essas Ilhas, e Conquistas, e tambem cà no Reyno. Ha em certa parte certa droga buscada, e estimada de estrangeiros, que em certo tempo infallivelmente a buscaõ para fazerem carregação della. Que faz neste caso o poderoso, abarca toda de antemaõ pelo menor preço, obrigando os lavradores della, que lha levem a casa, em que lhe pez: e como se vé

ſenhor de toda, fecha-ſe com ella, e talha-lhe o preço a ſeu pàdar, de ſorte que o eſtrangeiro ha de bebella, ou vertella a ſeu pezar. No paſtel das Ilhas vemos iſto muitas vezes, na coirama de Cabo Verde, no páo do Braſil, na canella de Ceilaõ, no anil, nos baaſares, e outras veniagas: e neſte Reyno o vemos cada dia no paõ, na paſſa do Algarve, na amendoa, no atúm, e em quaſi todas as mercadorías, que vem de fóra, como taboado, livros, baetas, ſedas, telas, &c. as quaes os atraveçadores tomaõ por junto, e fazendo de tudo eſtanques, ſe fazem Reys; porque ſó os Reys pódem fazer eſtanques, e porque ſó aos Reys póde ſer licito o engroſſarem tanto. Iſto de eſtanques he ponto, em que ſe deve hir muito attento, eſpecialmente nas couſas neceſſarias para a vida, como ſaõ mantimentos, e roupas. Que haja eſtanque em ſolimaõ, cartas de jogar, tabaco, pimenta, e diamantes, pouco vay niſſo; porque ſem nada diſſo paſſaremos; mas que ſe permitta, que nos atraveſſem o paõ, e que ſe fechem com elle os ricos avarentos, para o venderem em quatro dobros, quando o povo brame por elle, he negocio, que ſe deve atalhar com todo o rigor, mandando por Ley eſtavel com pena capital, que ninguem venda trigo em nenhum tempo ſobre tres toſtoens: nem ſe ſeguirá daqui faltar o pão no Reyno, antes ſobejará; porque os eſtrangeiros com eſſe preço ſe contentão; e os lavradores nunca o vendem por mais, e aſſim nunca deſiſtirám de o trazer, nem de o ſemear: e deſiſtindo os

atrave-

atraveçadores de ſua cobiça, todos o teram. Da meſma maneira ſe deve pór taxa em todas as mercadorias; porque na verdade vão todas ſobindo muito ſem razam; e queixão-ſe os póvos ſem remedio. Hum chapeo, que valia hum cruzado, cuſta hoje dous, e tres: hum covado de pano, que ſe dava por tres toſtoens, não o largaõ por menos de ſete: huns çapatos, que chegavaõ a doze vintens, ſobiraõ já a quinhentos reis. E aſſim ſe procede em tudo o mais. E ſe lhes pergunto a cauſa deſtes exceſsos? Reſpondem, que pagam decimas: e he o meſmo que reſponderem, que o fazem ſem razão; pois he quererem, que lhes paguemos nós as decimas, e não elles; álem de que o exceſso, em que ſe ſatisfazem, he ametade, ou mais, e não a decima parte. Fique iſto advertido de paſsagem, ainda que tambem pertence aos ladroens, que nam deixão, que outros o ſejaõ; porque uſurpando cada official no ſeu trato ganhos tão exceſſivos, nam deixa lugar, a quem com elles trata, para intereſsarem couſa alguma, nem aos agentes, e medianeiros, para cizarem hum vintem. E tornemos aos eſtanques, ou atraveçadores, que levam o mayor preço deſte Capitulo, que acabo com dous exemplos, que andaõ correntes com grande detrimento da companhia da bolça ſobre a compra, e venda dos vinhos para o Braſil: mandão hum agente diante á Ilha da Madeira, que os compra em moſto pelo menor preço: e quando chegaõ os navios para tomar a carga, entregalhos cozidos por outro tanto mais do que lhe cuſtaram, como ſe o man-

mandaraõ negociar ſó para ſi, e nam para toda a companhia, cujo era o cabedal, com que effeituou o primeiro lanço. Chegão ao Braſil, onde tem taixa, que nam paſſem as pipas de quarenta mil reis, atraveça-as hum todas pelo dito preço: e verifica á bolça que as vendeo pelo que orça o Regimento. E o ſenhor, que as embebeu em ſi, talha-lhes outro preço, que paſſa de cem mil reis; e fica, quem quer que he, com os ganhos em ſalvo, e a fazenda alheia com os riſcos, ſem deixar que logrem tam grandes lucros, os que puzerão o cabedal, e ſe expuzerão aos perigos. Nota para as de mais drogas: quem aſſim empolga no liquido, que fará no ſolido? E advirtã o todos os atraveçadores, como ſam peores que as féras, porque os intereſſes, que reſervam ſó para ſi, e védam aos outros da preza que empolgão; nos Leoens he por generóſidade; e nelles por villeza, para que lhe nam chamemos, aleivozía. Peores ſam que os Açores; pois eſtes largão a caça para outros, e elles tudo uſurpão para ſi, ſem deixarem que os outros medrem. Medrariamos todos, ſe houveſſe ley, que perca tudo, quem abarcar tudo: e ſeria juſta pela regra, que diz: *Que quien todo lo quiere, todo lo pierde.*

****

CAPITULO VI.

Como naõ eſcapa de ladraõ, quem ſe paga por ſua maõ.

A Hum cego, deſſes que pedem por portas, derão em certa parte hum cacho de uvas por

por eſmola : e como ſe guarda mal cevadeira de pobres, o que ſe póde pizar, tratou de o aſſegurar logo repartindo igualmente com o ſeu moço, que o guiava : e para iſſo concertou com elle, que o comeſſem bago, e bago, alternadamente; e depois de quatro hidas, e venidas, o cego para experimentar, ſe o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares : o moço vendo, que ſeu amo falhava no contrato, calou-ſe, e deulhe os cábes a ternos : não lhe eſperou muito o cego; e ao terceiro invite deſcarregou-lhe com o bordam na cabeça. Gritou o rapaz: porque me dais? Reſpondeo o amo: porque contratando nós, que comeſſemos igualmente eſtas uvas bago, e bago, tu comes a trez, e a quatro. Perguntou-lhe entam o moço : e quem vos diſſe a vós, que fiz eu tal aleivozía ? Iſſo eſtá claro, reſpondeo o cego; porque faltandote eu primeiro no contrato comendo a pares, tu te calaſte, ſem me requereres tua juſtiça; e naõ eras tu taõ ſanto, que me levaſſes em conta, nem em ſilencio a minha ſem-razam, ſenam pagandote em dobro pela calada. Aqui tomára eu agora todos os Reys, e Principes, Grandes, e Senhores do mundo, para dizer a todos em ſegredo, como andão cegos no ponto mais eſſencial de ſeu governo, que he o de ſuas rendas, e theſouros, ſem os quaes não ſe pódem ſuſtentar em ſeu ſer, nem conſervar ſuas Republicas, e familias. Tenhão todos por certo, que ſe não guardarem com ſeus ſubditos a devida correſpondencia nos pagamentos, e remuneraçoens dos ſerviços,

viços, que lhes fazem, que se ham de pagar por sua mão. E boa prova disso seja, que devendo a tantos, nenhum os cita, nem demanda, porque ham medo do bastão da potencia, em que se firmão, com que lhes pódem quebrar as cabeças; mas para remirem sua vexaçam, usaõ do direito natural, que os ensina a refazer-se pela calada, e pelo mais quieto modo, que lhes he possivel: e como a satisfaçam fica na sua révera, he ordinariamente em dobro; porque o amor proprio os faz cuidar, que tudo he pouco para o que merecem. E daqui vem, o que temos visto muitas vezes neste Reyno em Embayxadas, e emprezas, que Sua Magestade manda fazer, dando sempre mais do necessario para os gastos, e no cabo naõ ha resultas, nem sobejos, que restituaõ. Nem ha razaõ que dár a este ponto mais, que a de dizermos, que tomão tudo para si por paga de seus serviços; sem admittirem, que vam estes satisfeitos sobre outras mercés, que receberaõ de antemam; e que pódem faltar estas, córam com este pretexto a sobeja diligencia, com que se pagaõ. Duas razoens ha muito evidentes, com que se prova o muito, que agazalhaõ dos cabedaes, que passaõ por suas mãos: primeira, que o fogo, onde está, naõ se póde esconder, logo lança fumo, e luzes: e assim sam estes, que logo tem fumos de mayores grandezas, e brilhaõ lustres, que manifestaõ o proveito, com que sahiraõ da empreza, em que apregoam, que fizeraõ grandes gastos de sua fazenda, para deslumbrarem o luzimento, que a pezar de sua mentira descobre a ver-

verdade. Se gaſtaſte tanto, e te atenuaſte, irmaõ, como engordaſte? A ſegunda razam ainda mais efficaz he, que ás vezes manda ElRey noſſo Senhor Religioſos a taes emprezas com menos cabedal, e nenhumas mercés, porque nam lhes dá titulos, nem commendas, e com tudo no fim dellas reſtituem grandes ſobejos. Dirá alguem que he, porque gaſtão menos, e eu digo que he, porque guardão mais: e ambos dizemos o meſmo; mas com eſta declaraçam, que todos gaſtão da fazenda Real, aquelles guardão para ſi, e eſtes para ſeu dono: aquelles pagão-ſe por ſua mão, e eſtes nam tratão de paga, ſenam de reſtituição. Mas deixando eſta materia, que me póde fazer odioſo com gente grande, e poderoſa, e eu quero paz com todos, aſſim como trato de os por em paz com ſuas conſciencias; ſó nos Reys, e Prinnipes grandes tomára perſuadir bem eſta verdade, que paguem pontualmente o que devem, ſe querem que lhes luzão mais ſuas rendas; porque he certo, que não ha, quem ſe não pague, ſe acha por onde: e quando nam acha, buſca outro do ſeu lote, que dava ao Rey alguma couſa, e compoemſe com elle: daime duzentos mil reis, e dezobrigovos de mil cruzados, que deveis a ElRey, porque elle me deve a mim outros tantos. Já, ſe ſuccede, que o primeiro deva ao ſegundo alguma couza, ahi fica o contrato mais corrente; porque com pecunia mental ſe ſatisfaz tudo; e ſó o Rey fica defraudado na Real; porque com eſtas, e outras traças nada ſe lhe reſtitue: e vem a montar no cabo ao todo diſpendios muito

to grandes; porque ſuccedem ſerem mais que muitos eſtes lanços, e paſſarem de marca as quantias delles. E ſe buſcarmos a raiz deſtas perdas grandes, havemola de achar no deſcuido das pagas pequenas, que occaſionaraõ licença nos acrédores, para ſe pagarem de ſua mão, ſem repararem na cenſura de ladroens, que incorrem pelo que levão de mais: e ſe algum pezar os acompanha, he de não acharem mais, para ſe pagarem tambem de dous perigos, a que ſe puzerão; primeiro de perderem o ſeu, ſegundo de ganharem a forca.

Eſta ſarna, ou tinha, que pelas mãos ſe pega, he tam vulgar, que não ha peſſoa, por ignorante que ſeja, que nam ſaiba pagar-ſe deſtriſſimamente por ſua mão, até em couſas muito leves; porque mais ſabe o ſandeu no ſeu, que o ſabio no alheyo: e o meſmo he, quando cuida que o alheyo lhe pertence por algum ſerviço; e para que lhe pertença, e para o appropriar a ſi, ſabe dar dous boléos ao que traz entre mãos, melhor que nenhum volatim: qualquer negocio, ou mandado, que vos fazem, hum empreſtimo que ſeja, logo o julgam por digno de grande paga: e em lhes cahindo alguma couza voſſa na mão, de que poſſam cizar, com ambas as mãos empolgam nella, para ſe remunerarem álem das medidas: e nam baſta dizerem, e proteſtarem que vos ſervem por cortezia, nem contratardes com elles em o tanto, que lhes pagais pontualmente: porque a cortezia verdadeira, que profeſſão, he julgarem todos, que muito mais merecem,

recem, ſem advertirem, que o dado he dado; e o vendido he vendido; e que nam pódem alterar nas obras, o que aſſentão com as palavras. E já lhes eu perdoára tudo, aos que ſe pagão por ſua mam, ſe levárão ſómente, o que ſe lhes póde dever a juizo de bom varam; mas pagão-ſe pela ſúa almotaceria, que ſempre he mayor, e occaſionaõ grandiſſimas perdas aos proprietarios; como ſe vé na peſcaria do aljofar, e perolas no Oriente, que rendia mais de hum milhaõ em outros annos á Coroa de Portugal, e para os peſcadores, que eraõ mais de quarenta mil, com quinhentas embarcaçoens grandes; porque havia, quem pagaſſe aos miniſtros fielmente ſem lhes abrir entrada, por onde enſopaſſem a maõ em monte tam groſſo. Tiveraõ eſtes traças para encorporarem em ſi a adminiſtraçaõ das deſpezas, e recibos, tirando-a de peſſoas Religioſas fideliſſimas, a titulo de mais facil expediente: e ſeguio-ſe logo ſerem os mergulhadores mal pagos, e os miniſtros remunerados em dobro, porque ſe pagavaõ eſtes por ſua maõ, e aquelles pela alheya: fugirão os peſcadores; e os que acodem forçados, ſaõ tam poucos em comparaçam do que erão, que não chegam a dez mil, com duzentas embarcaçoens pequenas; e aſſim ficão os lucros tam tenues, que não pódem avançar a duzentos mil cruzados; e ſó os miniſtros engordão, porque ſe pagão por ſua mão. Na compra do Salitre, e Pimenta, ſuccede quaſi o meſmo lá neſsas partes: vinhanos de Maduré o Salitre trazido por particulares a duas patacas o bar, que ſam dezaſeis arrobas;

com-

comprava-ſe todo para a Coroa de Portugal com grandiſſimo lucro : nam achavão os miniſtros Reaes polpa em droga tam barata, para empolgarem as unhas : trataram de a haver dos Naiques, que ſão os Reys daquelle Imperio, os quaes ſabendo a eſtima, que faziamos do que elles arbitravaõ como ſe foſſe aréa, fizeraõ logo eſtanque, de que naõ deixão ſahir o Salitre por menos de vinte patacas o bar : e o meſmo ſuccedeo na Pimenta por toda a India, por ſe cevarem mais do devido as unhas dos miniſtros em ſeus pagamentos.

****

CAPITULO VII.

Como tomando pouco ſe rouba mais, que tomando muito.

PArece que ſe contradiz o aſſumpro deſte Capitulo, mas eſſa he a excellencia deſta arte, que até de implicaçoens tira conſequencias certas para os fins, que profeſſa. E podera-ſe provar com o que furta a agulha ao alfayate em lugar, e occaſiaõ, que não, póde comprar, nem haver outra; e poriſſo fica impoſſibilitado para trabalhar aquelle dia, e os que ſe ſeguem, com que perde os ſeus jornaes, e ſalarios, que vem a fazer quantia groſſa. E he ponto eſte, que tem dado muito que ſuar aos Doutores Moraliſtas ſobre a reſtituiçaõ dos lucros ceſſantes, e damnos emer-

emergentes conſideraveis do official, a que deu cauſa o ladraõ com taõ leve furto, como he o de huma agulha, que val quándo muito real e meyo: e querem quaſi todos, que ſeja furto de reſtituiçaõ os damnos graves recebidos por taõ leve cauſa. Do meſmo modo diſcurſaõ no que furtou a cabra, ou a galinha, de que ſeu dono eſperava muitos frutos. E aſſim ſuccede furtarem muito, os que tomaõ pouco. Mas naõ he minha tençaõ occupar a maquina deſte Capitulo com ninherîas. Vôe a noſſa penna a couzas mais altas. Todos ſabem o dito commum: *Que tanta pena merece o conſentidor, como o ladraõ*: e neſta toada ha ladroens, que naõ furtando nada, porque nada lhes fica, furtaõ quaſi infinito; como ſe vê nas Juſtiças, em Guardas, Meirinhos, e outros Officiaes, aſſim na paz, como na guerra; os quaes por diſſimularem, ou naõ vigiarem, daõ cauſa a grandiſſimos furtos, e intoleraveis ladroîces: já ſe vaõ forros, e a partir, com os que metem as mãos na maſſa até os cotovelos empolgando nas fazendas Reaes, nos direitos, nos tributos, nos fardos, que desbalizaõ, e nas drogas, que á força fazem ſer de contrabándo; ahi digo eu que vay o furtar de monte a monte, e que tomaõ os taes miniſtros ſobre ſi cargas irremediaveis de reſtituiçaõ, cujos antecedentes naõ lograõ, e ſó com as conſequencias das tiçoadas, que por tudo haõ de levar, ſe ficaõ. Ponhamos exemplos nas materias tocadas, e conhecerá todo o mundo os ladroens, que furtaõ mais, quando tomaõ menos.

Comecemos pelos mais graves. Sabe hum Meſtre de Campo, que tem quatro Capitaens no ſeu terço, que recolhem os pagamentos de ſeus Soldados a titulo de os repartirem fielmente por elles, e que os jogaõ no meſmo dia, em que lhos entregaõ, ficando aſſim Soldados, e Capitaens ſem bazarúco, e diſſimulaõ com iſſo? Pois ſaiba o Senhor Meſtre de Campo, quem quer que he, que fica ſendo em conſciencia taõ grande ladraõ, como os ſeus Capitaens. Reſpondeme negandome a conſequencia; porque nada tomou para ſi. Mas a iſſo lhe digo, o que já tenho dito, que ha ladroens, que naõ furtando nada, furtaõ muito, e elle he o mayor de todos, pois deu occaſiaõ a mayores damnos, naõ ſó na fome, e deſnudéz dos Soldados, e nos roubos, que lhes occaſionou fazerem para ſe remediarem; mas tambem na batalha, que ſe perdeo a ſeu Rey, por naõ hirem alentados, e contentes.

Caſo notavel, e que poderia acontecer! Veyo do Nórte a certo homem de negocio hum navio de bacalháo meyo corrupto, e tal que deſeſperou da venda, e gaſto de tal droga: foy-ſe a hum Conſelheiro, ou Provedor das fronteiras, meteo-lhe dous mil cruzados em ouro na maõ para luvas com ſeu borſlado, que em mayores empenhos o deſeja ſervir, ſe lhe der paſſagem a huma partidazinha de bacalháo para os gaſtos da guerra, e o dará barato, por pouco mais do que lhe cuſtou, por fazer ſerviço a Sua Mageſtade. Deixe v. m. eſtar o lanço, lhe reſponde elle com os dous mil nas unhas, que hoje o porey

em

em conſelho; e ſeraõ Sua Mageſtaſte, e v. m. ſervidos. Eſperalhe pancada, e em vindo a pêlo a fome dos Soldados, propoem muito ſevero, e grave: Senhores meus, bacalháo he muito bom mantimento para campanha, e povoado; tem-ſe de reſerva, e he ſadîo: e eu tenho, porque nada me eſcapa, quem nos dê huma partida groſſa muito barata. Toca a campainha, acode o porteiro: chamay cá eſſe homem de veludo raſo, que ahi eſtá fóra: entra elle vendendo bullas, e fazendo-ſe de rogar, e que tem dous mil quintaes para provimento do povo, que ha de ficar braminḍo; mas que o ſerviço de Sua Mageſtade ha de hir diante, e que terá o povo paciencia, te que lhe haõ de dar vinte mil cruzados pela dia partida, e que ſe lhe derem hum real menos fica perdido. Va-ſe v. m. para fóra, temos ouvido, conſultaremos. Sahe-ſe elle para fóra promettendo candeînhas a Santo Antonio, ou ao Mexias, que lhe depare boa ſahida á ſua fazenda perdida. Dá hum brádo o promotor do negocio: aqui veraõ VV. SS. como ſirvo a Sua Mageſtade. Famoſo lanço, reſpondem todos, naõ ſe perca, embarque-ſe logo todo para Aldea Galega, e contem-ſe lhe os vinte mil cruzados; e aſſim ſe effectúa. Vaõ diante ordens apertadas aos Juizes, e Corregedores, que prendaõ almocreves, que embarguem beſtas, tudo ſe executa: e lá vaõ comendo todos do bacalhàõ por eſſas eſtradas até Elvas, onde o molhaõ, para que naõ falte no pezo; recolhe-ſe nos armazens molhado ſobre corrupto, e ao ſegundo dia já enjôa a toda a Cidade

com o cheiro; os Soldados naõ o aceitaõ, nem os caens o comem. E se alguem naõ tiver isto por factivel: veja lá naõ lhe provêm, que lhe succedeo a elle. Digaõ-me agora os senhores Doutores, se he isto furto, ou esmola, que se fez a Sua Magestade. No Conselho o appellidaraõ por serviço, em Elvas lhe chamaõ perda, e poucas letras saõ necessarias para lhe dar o nome proprio, que he furto legitimo. Quem fez este furto he a mayor duvida? O mancebinho, que recolheo os dous mil cruzados, cuida que nada fez; e elle por estes algarismos vem a ser, o que tomando pouco furtou muito; porque deu occasiaõ a arderem vinte mil cruzados delRey sem nenhum fruto. Na alma lhe naõ quizera eu jazér á hora da morte.

****

CAPITULO VIII.

Como se furta ás partes, fazendo-lhes mercés, e vendendo-lhes misericordias.

OFfereceo-se o milhano á galinha para ser seu enfermeiro em huma doença, e em cada visita lhe mamava hum pinto pela calada, até que deu fé pela diminuiçaõ de sua familia, e casa, que a mercé, que lhe fazia o seu Medico, tinha mais de furto, que de misericordia. Saõ os Ministros, com que se governaõ as Republicas, como Medicos, que acodem a seus traba-

trabalhos, que ſaõ as ſuas doenças; e accreſcentar-lhe eſtas a titulo de cura, e de miſericordia, he aleivozîa, e he ladroîce deſcarada, e accontece de mil maneiras. Toco algumas, que todas naõ póde ſer. Manda ElRey Noſſo Senhor fazer infanteria pelas comarcas do Reyno para provimento das fronteiras, e do Braſil, ou da India: vaõ os Cabos muito bem providos de dinheiro, que lhes dá Sua Mageſtade para os pagamentos; levaõ ſeus officiaes em fórma com todos os requiſitos, para que tudo ſe faça authentico com razaõ, e juſtiça. Chegaõ a hum lugar, tomaõ noticias dos que ha mais aptos, e expeditos para as armas: ſaõ logo malſignados, os que tem inimigos, e chovem eſcuſas ſobre os que ſaõ aparentados. Paſſa o Cabo cedulas aos meirinhos, que lhos tragaõ alli todos; e ſe os naõ acharem, que lhe tragaõ os pays, ou as mãys por elles: e elles que goſtaõ mais do ninho, em que ſe criaraõ, e levallos á guerra he arrancar lhe os dentes; poem-ſe em cobro, deixando ſeus pays nos piotes, que para remirem ſua vexaçaõ, e a de ſeus filhos, lançaõ mil linhas; e vendo que as de interceſſoens naõ montaõ, appellaõ para as do intereſſe: offerece cada qual os vinte, e os trinta cruzados, que naõ tem, e para os fazer vende até a capa dos hombros; e tanto que os dá por baixo da capa, logo eſcapa, e livra o filho a titulo de manco, ſendo mais eſcorreito, que hum veádo: e naõ ſaõ poucos, os que trincaõ a ſedéla deſta maneira em cada terra; com que vem a ſer mais que muito o cabedal dos milhafres, que em vez de fa-

zerem gente para a guerra, fizeraõ theſouro para á paz, e para o jugo. Muitos pays houve, que livraraõ ſeus filhos reis, e ſete vezes déſte modo, em differentes annos; com que lhes vieraõ a cuſtár tanto, como ſe os reſgatáraõ de Turquia.

O meſmo ſuccedeo nos apreſtos das armadas para a cóſta, e frotas para o Braſil, e India. Faltaõ barbeiros, falta marinhagem? Alto ſus: vaõ os ſargentos por eſſa Ribeira, revolvaõ a Cidade, prendaõ, e tragaõ toda a couza viva, que poſſa preſtar para os taes miniſterios, e cá faremos a eſcolha: e como ſe o decreto fora rede varredoura para ajuntar dinheiro, vaõ empolgando em quantos achaõ geitozos, para pingarem quatro toſtoens, porque os deixem: vinde por alli, que ſois marinheiro; e vós vinde tambem, que ſois ſangrador. Ha que delRey, grita eſte, que naõ eſtou ainda examinado! Que naõ ſou marinheiro do alto, chóra aquelle! Deixem-nos voſſas merêês, eiſaqui duas patacas para beberem. Que naõ ha patacas, inſtaõ os agarradores; todas ſaõ falſas, viva Deos, e tudo he falſo, quanto allegais; bem vos conhecemos. Pois poriſſo meſmo, acodem os ſalteados, haõ voſſas mercês de uſar de miſericordia comnoſco, pois nos conhecem; e ſerem ſervidos de nos darem huma palavra aqui á parte de ſegredo, que importa ao ſerviço de Sua Mageſtade. E tanto que lhe untaõ as mãos com moeda corrente, logo os deixaõ eſcorregar dellas, aviſando-os, por lhes fazerem mercê á puridade, que naõ appareçaõ os oito dias ſeguintes até darem á vella, e aos circunſtantes, que acodiraõ

a ver a morte da bezerra, dão satisfação com deixem passar senhores estes fidalgos, que são familiares. E eisaqui como estes, e outros fazendo mercês, e vendendo misericordias, furtaõ a trocho: e vem a resultar de tudo, que fazem os provimentos, dos que naõ tiveraõ substancia para seu resgate, de quatro máos trapilhos inuteis, e miseraveis; e porisso depois em seus postos ha as faltas, que chorámos: nem se devem imputar a elles, que saõ huns coitados, senaõ a quem taes provimentos faz, esfolando a nossa Republica para engordar a sua pelle, e encher a bolça.

Outro modo ha mais admiravel de furtar fazendo mercês, que entra em mayor custo, e toca em sujeitos mais altos, assim nas perdas, como nos ganhos. Apresta-se as náos para a India, naõ ha Pilotos, nem bombardeiros; porque saõ officios, cujas artes já se naõ professaõ, nem ensinaõ: offerecem-se os lacayos dos mayores senhores a seus amos, para que os façaõ prover nestes officios, em satisfação de seus serviços; porque sabem que tem mayores lucros nelles, que em pensar as mulas, e frizoens dos coches: e tal houve, que dizendo-lhe seu amo: como pódes tu ser Piloto de huma náo, se nunca entraste nella, nem sabes que cousa he Balestilha, nem Astrolabio? Naõ repare V. S. nisso, respondeo elle, porque as náos da India naõ ha mister Pilotos; sempre ouvi dizer, que Deos as leva, e Deos as traz. E fiados nisto, ou em seus intentos, que elles saberaõ quaes saõ, e nós tambem, provem os officios das náos de maneira, que quando vem á

praxe, e exercicio delles, nenhum ſabe, qual he a ſua maõ direita: e poriſſo vaõ dar com as náos por eſſas coſtas, e ſe deixaõ render nas occaſioens da peleja; e vemos perdas taõ grandes, e intoleraveis, que pelo ſerem muito, as attribuîmos aos peccados, que naõ vemos, e ſe poderiaõ muitas vezes queixar de ſe lhe levantarem tantos falſos teſtemunhos; como lá, naõ ſey onde, ſe queixou hum diabo de certo noviço, que deu a ſeu Meſtre por eſcuſa de huns óvos, que frigio em hum papel á candêa, que o tentára o demonio; o qual acodio logo por ſua innocencia deſmentindo-o, que tal fritada naõ ſabia, como ſe podia fazer daquella maneira. Naõ nego, que peccados nos pódem fazer, e fazer muita guerra; mas vejo que ignorancias ſaõ as que nos deſtroem, e quem favorece eſtas a titulo de miſericordia, dá occaſiaõ a mayor crueldade: e fazendo eſmolas, e mercés a ſeus criados, faz furtos, e dá perdas á Republica, que naõ tem reparo.

****

CAPITULO IX.

Como ſe furta a titulo de beneficio.

BEneficios ha ſem penſaõ, e beneficios ha com ella. Tomara eu os meus deſobrigados, para naõ deſejar a morte ao penſionario. Se o beneficio he tenue, e a penſaõ groſſa, melhor me fora ſer Cura, que Beneficiado. Iſto he, que melhor

lhor me estava curar de mim com trabalho, que renderme a outrem com tributo. O interesse he moeda, que todos os homens cunhaõ, e só entre elles corre, e a falsificaõ de maneira, que por cobre querem que lhe dem prata. Deos Nosso Senhor está continuamente enchendo este mundo de beneficios sem esperar outra pensaõ, mais que de louvores em agradecimento. He hum milagre continuo a disposiçaõ, e providencia, com que o Ceo governa os tempos do anno, fazendo com suas influencias sahir partos dos Elementos, animaes, e plantas, com que os Racionaes se sustentaõ, e vestem; sem porisso nos pensionar mais que em louvores, que quer lhe demos; tributo facil, porque depende de affectos, que saõ naturaes, e porisso de nenhuma molestia ao agradecido. Os Reys tambem saõ como Deos; e como a natureza nesta parte a tudo acode com universal providencia, dispondo as cousas com suas Leys de sorte, que se naõ houver quem as quebrante, naõ haverá fome, que aflija os pobres, nem adversidades, que inquietem os pequenos; todos, altos, e baixos andaráõ satisfeitos, sem as pensoens de tributos, que se occasionaõ de disbarates, que os ambiciosos, e turbulentos movem; e para se reprimirem he necessario que todos concorraõ, porque as forças de hum Rey às vezes naõ bastaõ, para enfrear a violencia dos grandes, que sempre traz pregoadas guerras com a fraqueza dos pequenos. A opulencia he esponia, que se céva na substancia da pobreza, e he hydropesia, que nada a farta: e dahi vem arrebentarem huns de gordos

dos com a abundancia, e entiſicarem outros de magros com a eſterilidade. E no cabo cuidaõ os grandes, que ſaõ como as ſanguixugas, que fazem grande mal ao doente, quando lhe chupaõ o ſangue; cuidaõ que fazem ſoberano beneficio aos pequenos, quando ſe ſervem delles até os aniquilarem. O beneficio, que vos fazem, he ſervirſe de vós, e a penſaõ tomarvos a fazenda, como ſe a ganharaõ, quando vos admittiraõ ao ſerviço, que lhes fizeſtes. Naõ ſe vio mayor ſem-razaõ! E eu lha perdoára (porque cuidaõ que vos authorizaõ, quando vos chegaõ a ſi; e que naõ ha em vós preço, com que lhe poſſais pagar eſte beneficio) ſenaõ accreſcentaraõ a eſte dilirio outro peor, de vos venderem tambem por beneficio o deixarem de vos affligir, quando os excita a iſſo a vingança injuſta, que conceberaõ contra vós, por naõ vos profeſſardes eſcravos ſeus, até quando naõ ſó a natureza, mas tambem a concurrencia das obrigaçoens, que ſonhaõ, vos fez livre. E para que naõ pareça iſto diſcurſo fantaſtico, a quem o ler, ponho-o na praxe de hum exemplo, e ficará claro, e bem entendido.

Naõ ha Reyno no mundo taõ bem provîdo como eſte noſſo de Portugal; porque álem do que dá de ſi baſtante para ſeu ſuſtento, luſtre, e agrado, tem de ſuas Conquiſtas, com que ſe enriquece, e provem todas as Naçoens. E como o meneo de tantas couſas he grande, há miſter grandes homens, que lhe aſſiſtaõ com grande governo em todas as partes, aonde chegaõ ſeus commercios. Deſtes houve antigamente, e ainda há alguns

taõ

taõ fidalgos, que eſtimando mais a honra, que theſouros, trataraõ ſó de dar o ſeu a ſeu dono; e aſſim tornaraõ para ſuas caſas ricos ſó de bem nome, que he melhor, que muitas riquezas, como diz o Sabio. Outros pelo contrario, antepondo as leys da cobiça aos reſpeitos da nobreza, naõ ſó ſe fazem chatins, mas eſtendendo as redes até pelo alheyo, ſe fazem ricos á cuſta dos pobres, com tanta arte, que querem á força lhe fiquem a dever dinheiro, depois de ſe ſervirem delles, e os deſpojarem de quanto tinhaõ. Scube hum Governador deſtes, que certo negociante tinha hum trancelim de diamantes, que ſe avaliava em cinco mil cruzados: creſceolhe a agua na boca, e mandoulho pedir ſó para o ver por curioſidade: e depois de viſto, torna outro recado, que eſtimará lho venda: tenho-o para o dar em dote a huma filha, lhe reſpondeo o dono. Seja aſſim, diz o ſenhor Governador; e eiſahi tem v. m. a ſua peſſa: e antes de vinte e quatro horas o manda notificar, que ſe embarque prezo para o Reyno, para dar conta diante de Sua Mageſtade de certos cargos, e crimes *læſæ majeſtatis*, provados com mais de vinte teſtemunhas. Lança o bom Portuguez ſuas contas: eu naõ devo nada a ElRey; mas dizem lá que á cadea nem por coima de figos, e ſe me deixo hir, hey de gaſtar mais de dez mil cruzados no livramento, e no cabo naõ ficarey bem limado de tudo, ſobre bem affligido. Leve S. Pedro o trancelim, que taõ caro me cuſta. Chama hum Religioſo deſtro, e de ſegredo, entrega-lho com hum recado para ſua Senhoria, que lhe faça merce de

ſe ſervir daquella peſſa, e de tudo o mais, que ha em ſua caſa, porque eſtava zombando, quando lhe mandou o recado do dote. Aceita o ſenhor Governador o envoltorio, dando a entender, que cuida ſaõ reliquias, que lhe offerece o Reverendo Padre, e ajunta muito criminoſo: Grande couza he ter hum amigo em Arronches. Póde agradecer a V. P. eſſe cavalheiro a mercê, que lhe faço de o abſolver de culpa, e penna: e dê graças a Deos, que eſcapou de boa. Por eſta arte fazendo beneficio da maldade que urdiraõ, chupaõ em ſatisfaçaõ, quanto ha precioſo em ricos, e pobres. Façaõ-me merce, que lhes reſiſtaõ, e veraõ, onde vaõ parar ſuas vidas, e fazendas.

De outras tretas uſaõ ainda mais ſuaves para ſe fazerem ſenhores do alheyo a titulo de beneficios fantaſticos, principalmente quando trataõ de ſe voltarem para o Reyno: fingem-ſe valîdos, e poderoſos com os Miniſtros de todos os Conſelhos, e até com as Altezas, e Mageſtades: offerecem-ſe aos que ſentem de mais churume, que faraõ na Corte ſuas partes: e como nenhuma ha, que naõ tenha nella requerimentos, todos ſe diſpendem com donativos, e offertas, que dizem com as peſſoas; e elles vaõ agaſalhando tudo, e pondo em liſtas (que nunca mais haõ de ver) ſeus negocios: e para os apoyar moſtraõ cartas, que fingem dos Valîdos, e Miniſtros, onde vaõ topar os pleitos, e requerimentos, e fazendo dellas eſporas, e garavatos, deſpenhaõ os pertendentes, e os desbalizaõ de quanto tem: e aſſim os roubaõ a titulo de lhes fazerem beneficios, ſem chegarem nunca os acré-

dores

dores a colher os frutos de ſuas eſperanças: porque ſemearaõ em terra eſtéril, e inatto maninho. Deos nos ajude, e nos de a conhecer coraçoens fingidos; a natureza, e os elementos produzem tudo para os homens, ſem lhes pedirem nada por taõ grandes beneficios: e os homens ſaõ taõ intereſſeiros, que ſem lhe darem nada, lhe querem levar tudo por huma merce fingida. Naõ ha entre elles beneficio ſem penſaõ, e he ordinariamente taõ pezada, que nada me deixa para alivio. O Reyno eſtá ſempre cheyo para elles, e para mim ſó vazio; os Reys trataõ de todos, e elles ſó de ſi, e nenhum de mim, ſenaõ quando me ſentem com churume, que poſſaõ ſorver. Velos-heis viſitarem-ſe huns aos outros com alviteres de grandes ganancias, ſe entrarem ao eſcote nos empenhos, que trazem por mar, e terra; e que vos fazem merce de vos admittirem ao trato da ſociedade, de que eſperaõ frutos, e lucros, que tirem a todos o pé do lodo: e o ſeu intento he pôr-vos de lodo, deſpojando-vos da ſubſtancia, para a encorporarem em ſi; e com pretexto de vos fazerem beneficiado, vos deixaõ *Zote de requie*: e quando abris os olhos, achaes, que o deſcanço ſe vos converteo em demandas, com que acabaes de deſpenhar o ruço a traz das canaſtras; eſtas vaõ cheyas para elles, e aquelle fica dando-vos couces na alma: *Equo ne credite Teucri. Timeo Danaos, & dona ferentes.*

CAPI-

CAPITULO X.

Como ſe pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados a titulo de o ſervir.

A Era he taõ deſarrezoada, que com ſumma *Habilidade*, digo humildade, ajunta ſoberba ſumma, tomando ſatisfaçaõ atroz de hum ſerviço inutil, como ſe o que dá, fora muito, ſendo nada; e o que toma fora nada, ſendo mais que muito. He por natureza taõ humilde, e raſteira, que ſe naõ tiver, quem lhe de a maõ, nunca ſe levantará do pó da terra: e he por artificio taõ ſoberba, que naõ pára, até naõ ſobrepujar a quem-lhe deu o alento; nem deſcança, até naõ deſtruir a ſeus bemfeitores, roubando-lhes a ſubſtancia, e arruinando-lhes o ſer em ſatisfaçaõ do leve ſerviço, que lhes faz do ornato de ſuas folhas. Levanta-ſe por beneficio das mais altas arvores, a que ſe encoſta; dilata-ſe com o favor das mais fortes muros, a que ſe arrima; pagalhes com ſua freſcura, e paga-ſe deſta ruina, e deſtruiçaõ total de todos ſeus Mecenas. Até aqui ingratidaõ! E taes ſaõ homens humildes por natureza, ſoberbos por artificio, que recebendo de ſeus ſenhores o ſer, e beneficios ſem conto, eſcaſſamente lhe fazem hum leve ſerviço mais de folhagem, que de ſubſtancia, e logo ſe pagaõ delle pondo-os no ultimo, e dando-lhes ſaco ao mais eſſencial, ſem repararem ruinas, que a grandes diſpendios neceſſariamente

ſe

ſe ſeguem. Naõ tolho que ſe paguem ſerviços: mas eſtranho ſatisfaçoens, que excedem; e que as affectem ambicioſos, até onde naõ ha merecimentos. Córando eſtes com a meſma acçaõ pernicioſa, eſtaõ roubando a ſeu Rey, e a ſeu Senhor, e querem que poriſſo vá cheya de merecimentos a maõ, que enchem de rapinas; e que tudo ſeja pouco para premio de ſua aleivozia disfarçada com maſcara de ſerviço. E ainda que nelles houvera ſerviços dignos de premio, ſaõ os pagamentos, com que ſe ſatisfazem, taõ groſſos, que excedem todo o merecimento. Vinte mil cruzados diſſe no titulo deſte capitulo? Pois diſſe pouco, quando ſey caſos de quarenta, e de oitenta mil cruzados levados de codilho em occaſioens, que a ſabedoria do vulgo ficou cuidando, que recebia ElRey no lanço hum ſerviço heroico de grandiſſimo intereſſe. Succedeo o caſo, naõ direy onde, porque naõ trato de ſindicar invaſoens de inconfidentes, ſenaõ de advertir Miniſtros fieis, para que ſaibaõ, por onde ſe nos vay a agua: baſta ſaber-ſe, que álem-mar recolhem os Reys de Portugal para ſi todos os dizimos, como conquiſtadores; porque os Papas os largaraõ os Méſtrados, para levarem avante a converſaõ da Gentilidade, e ſuſtentarem o culto Divino naquellas partes com magnificencia da Fé, e augmento da Chriſtandade. Em huma praça pois deſſas mais opulentas ſe pôem em lanço cada tres annos as rendas dos dizimos, a quem dá mais por ellas, e andaõ orçadas huns annos por outros em cento e quarenta até cento cincoenta mil cruzados. Urdio hum

pode-

poderoſo os lanços de maneira, que naõ ſobiraõ de ſeſſenta mil cruzados; e nelles ſe rematou o ramo a hum Priôſte ſeu confidente, com quem hia forro, e a partir: e para iſſo intimidou todos os lançadores, e prendeo alguns, que tinha por mais affoutos, para os impoſſibilitar naquelle tempo, por lhe conſtar queriaõ lançar no tal ramo, cento quarenta e tres mil cruzados, como no triennio antecedente tinhaõ lançado, e no ſeguinte lançaraõ, porque ſe lhes removeo o impedimento. Donde ſe colhe, que naõ defraudaraõ a Sua Mageſtade mais que em oitenta e tres mil cruzados, pondo em pés de verdade, que lhe fizeraõ grande ſerviço, para que ſe naõ perdeſſe de todo a arrendaçaõ dos dizimos, viſto naõ haver quem déſſe por elles mais. E deſtas ninherîas ha por lá muitas guizadas com taes eſcabeches, que he neceſſario muito ardil para lhes dar na tempera: e ainda que ha quem a entenda, aſſim como ha quem a goſte, naõ ha quem a declare, por ſe naõ encarregar de deſgoſtos, arriſcando a vida, e a honra á ventura de haver, quem faça prevalecer ſuas mentiras contra minhas verdades.

Outro modo ainda mais corrente, e menos arriſcado que eſte, com que ſe furtaõ a Sua Mageſtade todos os annos os vinte mil cruzados, que propuz no titulo, ſem ſe ſentir a ponta da, nem abrir ponto, por onde ſe poſſa emendar a rotura. E he aſſim, que os Reys de Portugal ſaõ Senhores de todos os mattos do Braſil, e conſeguintemente de todas as madeiras, que ſe talhaõ nelles: e he certo que todos os annos ſe fabricaõ mais de cincoenta

coenta mil caixas para vir o aſſucar, tabaco, gengivre, malagueta, &c. e que naõ ſe paga a ElRey por tanto taboado, e madeira, nem hum ceitil, achando os intereſſados, que aſſáz o ſervem nos direitos, que de tantas drogas pagaõ, como ſe os naõ deveraõ por outra cabeça: e por eſta arte, a titulo de o ſervir, lhe defraudaõ cincoenta mil cruzados, que lhes poderá levar por outras tantas caixas, que bem baratas hiriaõ por eſte preço: e ainda que lhas naõ déſſe mais que a dous toſtoens (que ſeria dallas de graça) faria vinte e cinco mil cruzados, que computados pelos annos, que tem aquelle Eſtado de noſſo commercio, e paſſaõ de cento e cincoenta, fazem ſomma de dous milhões e meyo, e em tanto eſtá defraudada eſta Coroa a titulo de bem ſervida: e no cabo os ſeus Miniſtros, que ſe prèzaõ de belizes, e que peſcaõ atomos com linces, naõ tem dado fé deſta perda, ſe quer para fazerem della alvitre: nem eu o vendo por tal.

Miniſtros vigilantes, e intelligentes, naõ tem preço, com tanto, que naõ deſpontem de agudos para ſeu proveito, como hum, que me veyo á noticia ha poucos annos, que de hum ſorvo engolio vinte mil cruzados de direitos em Lisboa, para que naõ cuidem que ſó por hi álem ſe fazem os bons ſaltos: fez eſte cadino o ſeu com pretexto de ſervir bem a Sua Mageſtade, e ajudaraõ-no ſendo dos biſonhos, a quem o faraute da empreza perguntou, quanto queriaõ em bom dinheiro de contado por lhe eſperarem quatro palavras tabaliôas com outras tantas trochadas pelas coſtas com

huma bengalla? Confórme ellas forem, reſponderaõ elles, naõ ſe deſavindo no contrato, ſeraõ de amigo: *Et citra ſanguinis effuſionem.* Tanto, mas quanto: com cinco mil cruzados ſe contentou cada hum, ſahindo a cinco toſtoens cada bengallada, como bofetada em peaõ. Accreſcentavaõ elles a fazenda de huma náo em huma baraça (ſe era para a Alfandega, ou Caſa da India, elles o digaõ, que a mim me eſquece) e vindo com huma carga de drogas taes, que ſe eſtimava ſua valia em mais de duzentos mil cruzados, paráraõ em parte certa de penſado, como quem tratava de dár conta de ſi, e deſcarregar ſua conſciencia: ſahio-lhes o da bengalla ao encontro por entre outros barcos, que levavaõ fazendas deſpachadas para fóra; e perguntando, e reſolvendo á viſta de Deos, e de todo o mundo, para mais aſſegurar o campo, lhes diſſe; que fazeis aqui villoens muito ruins? Deveis de eſtar bebados! Pois trazeis cá o barco, que ſahio daqui regiſtrado: levay-o a ſeu dono, e deſempachay o caminho: e porque naõ menearaõ os remos com tanta preſſa, como o caſo neceſſitava, accreſcentou: eſtes madraços ſó ás pancadas ſe governaõ, e quem tem piedade delles, nenhuma tem da fazenda delRey, nem das partes: e paſſando das palavras ás obras, lhe fez a caridade, como tinhaõ concertado: confeſſando elles, que tinha ſua merce muita razaõ, e aſſim ficaraõ todos juſtificados, e os circunſtantes perſuadidos, que tudo hia bem governado conforme aos regimentos da cartilha, e o barco ſem ruim preſumpçaõ foy dár conſigo, onde Sua Mageſ-

Mageſtade perdeo vinte mil cruzados de direitos, dando-ſe em tudo por muito bem ſervido, em que lhe pez, porque naõ havia outra luz, que manifeſtaſſe a verdade.

****

CAPITULO XI.

Como ſe pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandalo por outros tantos.

TErrivel ponto he, o que neſte Capitulo ſe offerece. Furtar, e ficar taõ fóra de reſtituir; que pertenda o ladraõ ſe lhe pague com outro tanto o trabalho que teve em fabricar, e embolçar o furto! He caſo, que ſó na eſcóla de Caco ſe pratîca, e acha reſoluto: e poderia acontecer (ſe naõ he que já ſuccedeo) de muitas maneiras: ponhamos huma, que explicará todas. Eis lá vay hum Coronel mandado por Sua Mageſtade, naõ ſey a que Comarca: vinte mil cruzados leva para levantar hum terço perfeito de Infantaria: eſcolhe elle os officiaes, todos ſeus criados, creados á maõ como eſtorninhos, que ſó palraõ, e deſcantaõ o que lhe metem no bico. Daõ conſigo de aſſuada em huma granja ſua, que nunca grangeou tanto em ſua vida: e porque era quinta de prazer, regalaraõ nella ſuas almas quinze, ou vinte dias, com perdizes, cabritos, coelhos, galinhas, capoens, perús, e leitoens, á cuſta da barba longa. Eſcrevem alli os de melhor pena em hum livro branco mil e quinhentos nomes de ſoldados,

dados, que nunca viraõ, com os nomes de patrias, e pays, que taes filhos naõ geraraõ; tudo por Capitulos com finaes, e firmas differentes, pondo muitos com diverfas cruzes por finaes, denotando, que naõ fabiaõ efcrever, como acontece. Feito affim o livro da matricula, e authentico com todos feus requifitos, fem lhe faltar huma cifra: annexando-lhe logo cartas, que com a mefma facilidade fizeraõ, e fingiraõ vindas das fronteiras cheias de agradecimentos do recibo de taõ bizarra gente; e que logo a repartiraõ por varias praças, que eftavaõ muito arrifcadas: mas que já ficaõ feguras com mil e quinhentos leoens; e outros tantos annos viva fua Senhoria para fazer femelhantes ferviços a ElRey, e á patria, que lhos faberaõ agradecer, e pagar, como merece. E com eftas cartas de quitaçaõ, e livro de receita, daõ configo na Corte allegando a fua Mageftade o grandififfimo trabalho, que tiveraõ, levando máos dias, e peores noites, botando o bofe pela boca, e labutando com repugnancias, efcuzas, e murmuraçoens de pays velhos, mãys viuvas, irmaãs donzellas. Boto a tal, que fe naõ póde fazer eíte officio por quanto ha no mundo: e que naõ nos paga Sua Mageftade com as melhores Comendas de Chrifto o ferviço, que lhe fizemos de mil e quinhentos rayos de Marte, tigres dezatados, que lhe puzemos nas fronteiras, em que gaftámos de noffas fazendas muitos mil cruzados; porque os vinte mil, que nos mandou dar Sua Mageftade, claro eftá que naõ baftavaõ, nem para as defpezas dos caminhos, ferras, e charnécas, que andámos

dámos com máos gaſalhados, e peores mantimentos. Recebe-os ElRey noſſo Senhor com entranhas de pay; agradece-lhes liberal o trabalho com ſua coſtumada benevolencia; enche-os de mercés, e deſpachos confiado a outras emprezas. E accreſcentaõ elles depois de ſatisfeitos, e contentes. Senhor he hum milagre ver, que de tantos infantes, nem hum ſó moſtrou má vontade de hir ſervir a V. Mageſtade; tanto monta o bom modo, com que fizemos iſto.

Vedes aqui irmaõ leitor, como podeis furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandallo logo por outros tantos em juizo, allegando, que vos pague, naõ ſó o que trabalhaſtes, ſenaõ tambem o que gaſtaſtes em ſeu ſerviço. Os ſoldados foraõ por letra fantaſticos, e inviſiveis: mas os vinte mil foraõ á viſta reaes, e naõ encantados. O ſerviço foy roubo occulto; e por elle pedem, e levaõ ſatisfaçaõ, e paga manifeſta. E ſe lhes tardaõ com ella, queixaõ-ſe, e demandaõ, até que lhes daõ pelo trabalho do furto mais, do que intereſſaraõ na rapina. Deſte, e de outros caſos, que vaõ por eſta eſteira, ſe póde colher repoſta para alguns zelozos, que eſtranhaõ as prolongadas demoras, que cada dia vemos em deſpachos. Admitto que he muito mal feito dilatar os requerentes na Corte fóra de ſuas caſas: mas peor o faz, quem requerer, o que lhe naõ he devido: e para ſe averiguar a verdade de todos, e ſeus merecimentos, he neceſſario tempo, porque ha muitos enganos nas juſtificaçoens dos ſerviços, que ſe allegaõ. E accontece muitas vezes virem das Conquiſtas, e

das fronteiras carregados de certidoens de grandes ſerviços, os que mais roubáraõ a Sua Mageſtade, e á força querem que lhes pague com comendas, e officios de muitos mil cruzados os latrocinios, que lá fizeraõ, e vem provados atráz delles na retaguarda da ſua fortuna; e ſe eſpera, que cheguem para rebater as batarias de certidoens falſas, que appreſentaõ na vanguarda de ſeus requerimentos.

****

CAPITULO XII.

Dos ladroens, que furtaõ muito, nada ficaõ a dever na ſua opiniaõ.

HA huma figura na Rethorica, que ſe chama *Gradatio*, porque vay como por degràos atando as palavras, e pendurando-as humas das outras. Declaremos iſto com hum exemplo, que ſervirá para a prova deſte Capitulo. Todo o ſoldado Portuguez he briozo, todo o briozo he polido, todo o polido calça juſto, todo, o que calça juſto, naõ admitte çapato de fancaria: e os çapatos, que os Aſſentiſtas mandaõ ás fronteiras para os ſoldados, ſaõ todos de fancaria, e carregaçaõ: logo bem diz, quem affirma, que he fazenda perdida, a que ſe gaſta em taes çapatos. E que ſejaõ de fancaria, prova-ſe com a meſma figura; porque os taes ſaõ de carregaçaõ, e toda a mercadoria de carregaçaõ he pouco polida, toda a couſa pouco polida he deſalinhada, toda a couſa

couſa deſalinhada he de fancaria: logo bem dizia eu, que he fazenda perdida; porque ſoldados briozos, quaes ſaõ os Portuguezes, naõ uſaõ couſas de fayanca. E prova-ſe mais ſer fazenda perdida pela experiencia; porque ſabemos de poucos, que calçaſſem nunca taes çapatos; e vemos muitos, que recebendo-os a razaõ de tres, e quatro toſtoens o par, porque lhes naõ daõ outra couza, os tornaõ logo a vender por cinco, ou ſeis vintens: e tornando-os os Aſſentiſtas a recolher por eſte ſegundo preço, os tornaõ a encaixar aos ſoldados pelo primeiro, revendendo-os ſeis, e ſete vezes. O meſmo fazem com as bótas, e meyas, couras, guarinas, carapuças, e outros apreſtos, que Sua Mageſtade lhes permitte levar ás Fronteiras, para melhor expediente da milicia: mas a malicia tudo corrompe; e até no provimento do paõ bota terra, na farinha cal; na cevada joyo, na palha ſiſco; para fazer de eſterco prata, e vencer com os ganhos o cuſto. E a graça de tantas deſgraças he, que os authores deſtas emprezas, depois de roubarem com ellas a ElRey, aos ſoldados, e a todo o Reyno, porque a todo abrangem tantas perdas, ficaõ-ſe ſaboreando da deſtreza, com que fizeraõ ſeu officio: e ſe a conſciencia os pica, que venderaõ gato por lebre, alimpaõ o bico á meſma conſciencia, que a ninguem puzeraõ o punhal nos peitos, nem venderaõ nada ás eſcondidas; e o que ſe faz na bochecha do Sol com aceitaçaõ das partes, vay livre de coimas, e de eſcrupulos. Parece que ainda naõ leraõ, nem ouviraõ, que ha vontades coactas, e forçadas ſem punhaes

nhaes nos peitos. Se vós lhes naõ daes outra cousa, nem ordem, para que a buſquem por ſua via, claro eſtá que ſe haõ de comprar com voſſa ladroîce, para remirem em parte ſua vexaçaõ. Mas iſto naõ vos livra, de que ficaes obrigado a ElRey, porque o enganaſtes; e aos ſoldados, porque os defraudaſtes; e ao Reyno, porque o ſaqueaſtes, enſacando em vós o dinheiro das décimas, e paleando tudo com hum quartel, que expuzeſtes de antemaõ, como ſe aſſim os arriſcaſſeis todos; e como ſe nós naõ viſſemos, que quando chegaes ao ſegundo, já eſtaes pagos do primeiro. E tendes nas unhas cobranças ſeguras para o terceiro, e quarto, havendo-vos em todos, como ſe os traginareis com voſſa fazenda; e ſendo a negociaçaõ ao todo com fazenda alheya, vos pagaes nos intereſſes, como ſe fora voſſa. E lançadas voſſas contas, achaes na voſſa opiniaõ, que nada ficaes a dever, e que ſe vos deve muito, pelo muito que ganhaſtes. Muito tinha eu aqui que diſcorrer: mas fiquem eſtes torcicollos de reſerva para o capitulo 20. §. *Seria immenſo*, das unhas militares.

****

CAPITULO XIII.

Dos que furtaõ muito accreſcentando, a quem roubaõ, mais do que lhes furtaõ.

EM Braga houve hum Primáz Arcebiſpo, que o foy tambem no Oriente: eſte coſtumava dar

dar todos os provimentos de Abbadias, Igrejas, Beneficios, e officios aos pertendentes, por quem intercediaõ menos padrinhos; e deixava ſem nada aos que tinhaõ muitos interceſſores. E a razaõ, em que ſe fundava, para ſe juſtificar com ſua conſciencia, era, que ordinariamente ninguem intercede por zelo, ſenaõ por intereſſe: donde inteiria, que quem tinha muitos abonadores, tinha, com que os comprava; e que os buſcava, por ſe ver falto de merecimentos; e pelo contrario, quem pertendia ſem padrinhos, hia pelo caminho da juſtiça, e fiava-ſe na verdade, e em ſeus talentos: e aſſim achava o bom Prelado, que provia melhor, quando furtava a volta ás abonaçoens que excediaõ, tendo-as por ſuſpeitas. Mas teve hum Proviſor, que lhe deu na trilha; e furtava-lhe a agua com outra treta, abonandolhe, os que queria excluir, e desfazendo nos que queria prover, allegando, que aſſim lho dizia muita gente. E era o meſmo, que ficar de fóra, e deſtituido aquelle, a quem mais accreſcentava, e ornava para ſer provîdo. Valente deſengano he eſte para Principes, que naõ cuidem, que poderáõter roteiro, que ſe lhes naõ contramine. *Penſata la lege, penſata la malicia*, diſſe o Italiano; que naõ ha ley, nem traça de governo taõ conſiderada, a que a conſideraçaõ da malicia, e eſpeculaçaõ do diſcurſo intereſſado naõ dê alcance para a pervêrter, e torcer a ſeu intento. Hum caſo, que me paſſou pelas mãos ha pouco tempo, explica iſſo admiravelmente. Creſceraõ queixas de mais de marca neſta Corte contra os Miniſtros Ultrama-

tramarinos: tratou-se de lhes mandar hum sindicante, que as apurasse. Escolheo Sua Magestade hum Bacharel de encomenda: tinhaõ os Ultramarinos prevenido com valentes ságuaes seus confidentes, para que armassem os páos de maneira, que o sindicante fosse homem venal, e naõ incorrupto. O eleito bem viaõ todos que era Rodamanto. Que remedio para lhe impedir a jornada? Desfazer nelle era impossivel, porque sua opiniaõ vencia, e açamava até á propria inveja. Deraõ em fazerem elogîos, e prégar encomios delle a Sua Magestade, e que o mandasse logo, que assim convinha. E porque sabiaõ, que era homem de capricho, e brios, que naõ havia de evitar a empreza, sem os requisitos para ella; e para seu credito, e honra navegar direito, accrescentaraõ que naõ convinha dar-lhe Béca, nem Habito de Christo antes de hir: porque se lhe désse logo o premio, naõ lhe ficava cá que esperar, e naõ serviria taõ diligente, nem tornaria taõ cedo, deixando-se engodar lá com outros lucros; e que perderiaõ hum sugeito de grandissimo prestimo. Quadrou a razaõ, por hir vestida de zelo de bem commum: e vendo o sindicante, que o mandavaõ desmastreado de authoridade, e dos requisitos, para fazer bem seu officio, renunciou a jornada, que era o que pertendia, quem tanto o abonou, e accrescentou de cabedal, e talentos para os esbulhar de tudo. Deixo outras consequencias, que teve a historia, porque estas bastaõ para mostra que ha ladroens, que furtaõ accrescentando, a quem roubaõ, mais do que lhe furtaõ.

taõ. Por eſte rumo navegaõ, os que, para entabolarem ſeus aliados, quando competem com outros, que lhes vaõ diante nos merecimentos, abonaõ tanto os melhores, que os botaõ fóra da pertençaõ a titulo de ſer pequena, e que he bem lhes dem couſas mayores; que aquillo he baſtante para fulano; e aſſim o plantaõ no poſto, e ſe eſquecem do provimento mayor, que alvidravaõ, e promettiaõ, ao que botavaõ fóra com o applaudirem por melhor.

Tambem ſe eſtende eſta ſubtileza por materias pecuniarias, fazendo vos rico para vos fintarem com todo o preço da contribuiçaõ: abonaõ-vos por Creſſo, e Midas, para vos porem ás coſtas as perdas, que querem lançar das ſuas. Em Portalegre vi eſte caſo por occaſiaõ de huma alçada, cujos gaſtos naõ achou o Dezembargador quem os pagaſſe depois de feitos, nem quem compraſſe as fazendas dos culpados, porque eraõ poderoſos, e aparentados. Fez o ſindicante ſeu officio rectiſſimamente, chamou os homens de negocio mais ricos da Cidade para os obrigar, a que déſſem a quantia neceſſaria para a alçada, e que tomaſſem as fazendas para ſe pagarem com ellas logo, ou com ſeus frutos nos annos, que baſtaſſem, deſcontando tambem a razaõ de cambio os lucros ceſſantes do ſeu dinheiro. Vendo todos o riſco a que ſe expunhaõ, porque em virando o Dezembargador as coſtas, haviaõ de revirar ſobre elles os culpados com toda ſua parentélla, que era da governança, e lhes haviaõ de fazer amargar os frutos, perder o dinheiro, e arriſcar as vidas,

deraõ

derão na traça deſte capitulo de accreſcentarem os bens, a quem tratavão de os diminuir: differão de hum certo, que tinha de ſeu mais de cem mil cruzados, que elle ſó podia com taõ grande pezo, e era poderoſo a ter as pélas contra tudo, o que ſuccedeſſe: e ſeguio-ſe daqui, que fazendo-o rico, o meterão em riſcos de grandiſſimas perdas. Nos lançamentos das décimas ſuccede quaſi o meſmo, que vos fazem rico ſendo pobre, para que pagueis o de que ſe eximem os ricos por poderoſos. O orçamento he juſto, porque ſe me depélla a ſubſtancia do que póde a freguezia, e que conta até pelos livros dos dizimos: mas quando vay ao repartir da contribuiçaõ, batalhaõ as cartas, os que eſtaõ ſenhores do jogo, e fazem ſahir triunfo de ouros, a quem naõ tem cobre com que pague; e páos, e eſpadas, a quem tem prata, para que a defenda; e naõ faltaõ logo cópas, que apagaõ as duvidas. E a galhardîa he que com zelo do ſerviço delRey noſſo Senhor tapa a boca a todos, para que naõ grunhaõ. He terrivel maõ, a que ſe arma com azeiros Reaes, porque ainda que naõ ſejaõ mais, que apparentes, temem ſuas unhas até os Leopardos, de cujas garras todos tremem. Ninguem me repare na fraze dos azeiros, ou unhas Reaes; porque he certo que ha unhas Reaes muito perniciosas, como explicará o ſeguinte Capitulo.

CA-

CAPITULO XIV.

Dos que furtaõ com unhas Reaes.

QUando Alexandre Magno conquiſtava o mundo, reprehendeo hum Coſlario, que houve ás mãos, por andar infeſtando os mares da India com dez navios: e reſpondeo-lhe diſcreto. Eu quando muito dou alcance, e ſaco a hum, ou dous navios, ſe os acho deſgarrados por eſſes mares; e V. Alteza com hum exercito de quarenta mil homens vay levando a ferro, e fogo toda a redondeza da terra, que naõ he ſua: eu furto, o que me he neceſſario, V. Alteza o que lhe he ſuperfluo. Digame agora, qual de nós he mayor pirata, e qual merece melhor eſſa reprehenſaõ? Quiz dizer niſto, que tambem ha Reys ladroens, e que ha ladroens, que furtaõ o que lhes he neceſſario; e que ha ladroens, que furtaõ tambem o ſuperfluo; eſtes ſaõ ladroens por natureza, e aquelles o ſaõ por deſgraça. Deos nos livre de ladroens por natureza, porque nunca tem emmenda; os que furtaõ por deſgraça, mais ſofriveis ſaõ, porque naõ ſaõ taõ continuos. Se ha Reys ladroens, he queſtaõ muito arriſcada. Certo he que os ha; e que naõ furtaõ ninherîas: quando empolgaõ, ſaõ como as Aguias Reaes, que ſó em couſas vivas, e grandes fazem preza. Milhafres ha que ſe contentaõ com ſevandijas; mas a Rainha das aves com couſas mayores tem

ſua

ſua ralé. Quando ElRey Filippe, que chamaõ Prudente, morreo; dizem que ſó no Reyno de Navarra engaſgou, ſe pertencia ao Francez; como ſe naõ tivera mais, que duvidar no de Portugal, e outros, cuja poſſe, ſe bem ſe axaminára, póde ſer que lhes achára mais da rapina tranſverſal, que de linha direita. Os Reys de Portugal tiveraõ ſempre eſta perogativa, e bençaõ de Deos, que tudo quanto poſſuîraó, e poſſuem de Reynos, foy herdado com legitima ſucceſſaõ, ou conquiſtado com verdadeira juſtiça. E aſſim naõ topaõ aqui entre nós as unhas, que chamamos Reaes: por outra via lograõ eſte nome com que ſe acreditaõ, e armaõ, para empolgarem mais a ſeu ſalvo nas prezas que fazem, as quaes ſaõ tantas, e de tal qualidade, que naõ he poſſivel referillas todas. Toco algumas.

Sahe de Lisboa hum enxame de officiaes dos Aſſentiſtas, quando naõ tem pelas comarcas Varas mayores, que lhe ſubſtituaõ no cuidado de fazer trigo, e cevada para as fronteiras, e todos levaõ nas mãos proviſoens Reaes, para tomarem o que for neceſſario, e lhe amainarem o preço: correm no novo as eiras, e os celeiros de todos os lavradores, e tambem dos Religioſos; e ſendo neceſſarios mil moyos, vg. recolhem tres mil: e vendem depois em Abril, e Mayo os dous mil, dobrando-lhe o preço, e tambem quadruplicando-lhe conforme a careſtîa, que elles cauſaraõ. Hum Fidalgo de Bèja me contou, que vira hum déſtes Doutores fazer huma peça digna de conto. Attraveçou o celeiro de hum lavrador ricaço, e diſſe-

diſſe-lhe muito ſerio: Eſte trigo he muito ſujo; naõ o hey de levar ſenaõ joeirado; porque naõ quero comprar má fazenda para os ſoldados de Sua Mageſtade, que he bem andem mimoſos, pois nos defendem de noſſos inimigos: mandou-o joeirar logo o lavrador, por ſe ver livre delle; e tirou de dez moyos mais de meyo moyo de alimpaduras; as quaes comprou logo o meſmo miniſtro dos Aſſentiſtas a vintem cada alqueire; e em as tendo por ſuas, deu com ellas no trigo limpo, e miſturando tudo o enſacou. Naõ ſe vio mais pouca vergonha, nem mayor ſubtileza! Até no terreiro de Lisboa fazem preza eſta aguias. Saõ neceſſarios vinte, ou trinta moyos de cevada para as cavalhariças Reaes, e tomaõ mais de duzentos. O meſmo fazem na palha, que mandaõ vir em barcos do Riba-Tejo: naó ſey ſe ſerá para venderem em Mayo a cruzado o panal, que lhe cuſtou hum toſtaõ; e a doze vintens o alqueire de cevada, que compráraõ a tres, ou a quatro vintens? Taõ Reaes como eſtas ſaõ as unhas de alguns Miniſtros, que retardaõ conſultas de officios, para que occupem ſerventias, os que os peitaõ: e andaõ os pertendentes das propriedades annos, e annos requerendo debalde; porque tudo eſtá empatado com deſpachos ſubrepticios, de que Sua Mageſtade naõ he ſabedor; que ſe o fora, mandará reſtituir lucros ceſſantes, e damnos emergentes, e pagar ás partes, quem lhes foy cauſa contra juſtiça de ſe andarem conſumindo, e lutando com enganos fóra de ſuas cazas tanto tempo. Neſte paſſo me negaõ tudo, quanto tenho dito

neſte

neſte Capitulo, os que ſe ſentem comprehendidos: e para que me deixem, retrato tudo, e ſó o digo, para que naõ aconteça, e paſſo a couſas notorias.

Paſſando eu ha poucos annos por Montemór o Novo, vi huma trópa de pádeiras hirem gritando atrás de dous meirinhos, que levavaõ ás coſtas de quatro negros outros tantos ſacos de paõ amaſſado: perguntey; que briga era aquella? Reſponderaõ-me, que as encoimaraõ, por fazerem o paõ menos da marca, que mandava Sua Mageſtade que o fizeſſem de arratel, e achou-ſe em huma meya onça menos. Mas ſabida a hiſtoria mais de raiz, era que naõ queriaõ dár paõ fiado a alguns ſenhores da governança, porque nunca lhes pagavaõ; e aſſim as enſinavaõ a ſerem cortezes. Mais humano ſe portou hum meirinho neſta Corte de Lisboa, que com hum dobraõ, que lhe ſervio de negaça, caçou mais de hum anno tudo, o que lhe foy neceſſario para o ſuſtento de ſua caſa. Hia o criado por eſſa Ribeira com a moeda de ouro de trez mil e quinhentos, comprava aqui a perdiz, ácolá o cabrito, e o leitaõ no dia de carne; e no dia de peixe a peſcada, o ſável, o linguado, e a lagoſta; comprava até a couve; o nabo, a alface, o queijo, o figo, e a paſſa, e todo o genero de fruta, e nunca ſe deſavinha no preço, e ſempre offerecia o dobraõ: e como todas as regateiras haviaõ medo do amo, por naõ o aggravarem, faziaõ da neceſſidade cortezia, e diziaõ, que naõ tinhaõ troco, que outro dia fariaõ contas, como o tiveſſem;

fem; e eſte dia nunca chegava, porque naõ era do Kalendario. Mas tomaria a bulla da compoſiçaõ na Quareſma, que he de temer lhe naõ valeſſe, viſto ſerem vivos, e conhecidos os acrédores.

Em Portalegre conheci hum mercador da ley cançada, que vendia naõ ſó panos, mas tambem todo o genero de doces: mandou pedir a eſte hum Vereador quatorze mil reis empreſtados: temeo o trapeiro, que havia de ſer o empreſtimo a cobrar nas tres pagas ordinarias, de tarde, mal, e nunca; e mandou-lhe dizer que naõ tinha dinheiro. Baixou logo hum decreto da Camera com pena de quinhentos cruzados para o Fiſco Real, que naõ vendeſſe couzas de comer, porque era ſuſpeito ao povo em todas ellas. Outras unhas ha mais Reaes, que eſtas: o contrato das Almadravas do Algarve paga de dez atuns ſete para a Coroa, que ſe obriga poriſſo a defender a coſta aos armadores com galés, e armada; e todos os annos os desbarataõ os Mouros levando-lhes as ancoras, rompendo-lhes as redes, queimando-lhes os barcos: mas os ſete atuns ſempre ſe pagaõ. E poriſſo naõ ha eſcrupulo no muito, que ſe furta nos direitos. Que direy das obras pias? Melhor he naõ dizer nada. Invento-as ElRey Dom Manoel de glorioſa memoria, tirando hum real, ou dous de cada cento no Conſulado, que vem a fundir cinco mil cruzados cada anno, quando muito, para os eſtropeados de Africa, para viuvas de Portuguezes, que ſerviraõ, para occaſioens de miſericordia fortuitas: e carregaõ ſo-

bre ellas mais de dez mil cruzados de tenças, e donativos, que naõ pertencem á inſtituiçaõ das pias obras: e quando vaõ as partes cobrar, o que ſe lhes conſigna nellas, achaõ-ſe em branco, e quem anda mais diligente, ſe cobra hum quartel, dá graças a Deos, e os mais de barato. Tambem o Eſmoler mór ſe queixa, que ſe lhe remettem petiçoens aos milhares, naõ tendo cabedal, que ſe conte por centos. O certo he que muitas couzas naõ ſe emendaõ, porque ſe naõ ſabem, e naõ ſe ſabem, porque ha unhas, que as eſcondem, porque vivem dellas ſobcapa de ſervirem a Sua Mageſtade, e aſſim ſe fazem Reaes.

****

CAPITULO XV.

Em que ſe moſtra, como póde hum Rey ter unhas.

NAõ cuidem os Reys, que pelo ſerem ſaõ Senhores de tudo, como o Graõ Mogor, e o Graõ Turco, que ſe fazem herdeiros de ſeus vaſſallos com tal dominio em ſeus bens, moveis, e de raiz, que os daõ a quem querem, deixando muitas vezes os filhos ſem nada. Iſto bem ſe vê, que he barbarîa: ainda que dizem o fazem para terem os vaſſallos dependentes: mas tambem os teraõ deſcontentes; e poriſſo ſabemos, que ha entre elles cada dia rebellioens; com que perdem Reynos, e tambem todo o Imperio, que ſó o poſſue, quem mais póde. O Rey, que ſe governa

com

com verdadeiras leys, mas que naõ sejaõ mais que a da natureza, ha de presumir, que até o que possue, naõ he seu, e que lhe he dado para conservar seus vassallos; e que se o defraudar fóra do bem commum com gastos superfluos, que poderá commetter nisso crime, a que se dê nome de furto. De tres maneiras póde hum Rey ser ladraõ. Primeira furtando a si mesmo. Segunda a seus vassallos. Terceira aos estranhos. A si mesmo furta, quando gasta da Coroa, e dos rendimentos do Reyno em couzas inuteis; aos vassallos, quando lhes pede tributo demasiados, e que naõ saõ necessario: e aos estranhos, quando lhes faz guerra sem causa. E está taõ fora de se aproveitar com estas execuçoens, que executa nellas sua perda, e de seu Reyno total ruina. Exemplo temos de tudo na Monarquia de Castella, cujo Rey porque gastou quinze, ou vinte milhoens, se naõ foraõ mais, nas superfluidades do Retiro, os acha menos agora, quando lhe eraõ necessarios para os apertos, em que se vê: e porque vexou os póvos com taes tributos, que chegou a quintar as fazendas a seus vassallos, se lhe alevantaraõ Portugal, Catalunha, Napoles, Sicilia, &c. e porque faz guerra a França, e a outros Reynos, e Estados, que lhe naõ pertencem, por sustentar caprichos, está em pontos de dar a ultima boqueada á sua Monarquia.

Os Romanos em quanto tiveraõ erario publico, em que conservavaõ os rendimentos do seu Imperio, conservaraõ-se invenciveis; e tanto que os gastaraõ em superfluidades, e ambi-

 çoens,

çoens, perderaõ-se a si, e quanto tinhaõ: e porque para se terem maõ, apertaraõ demasiadamente com os póvos, que dominavaõ, tirando-lhes a substancia, rebellaraõ-se todos: e porque crueis fizeraõ guerra sem causa, meteraõ em ultima dezesperaçaõ as Naçoens, que mancommunadas resistiraõ até desencaixarem de seus eixos todo o Imperio, cumprindo-se ao pé da letra o proverbio: *Male parta, male dilabuntur.* A agua o deu, a agua o leva. As Republicas conservaõ-se com fazenda, vassallos, e leys: e se a fazenda se desbarata, e os vassallos se offendem, e as leys se quebraõ, lá vay, quanto Martha fiou; e naõ lhe resta mais, que fiar em huma roca, quem se fiou tanto de sua fortuna, que arrebentando de farto, naõ previo, que depois das vaccas gordas vio Pharaó as vaccas magras; como consequencia infallivel de prosperidades mal havidas, que sejaõ mal logradas, como thesouros encantados, que no melhor desapparecem, deixando carvoens nas maõs do ambicioso; que naõ contente com se ver farto, himpou de gordo, e inchou tanto, que arrebentou como a râa de Hisopete. Convêm que o Rey ande sempre com o prumo na maõ sondando os baixos, e os altos da fortuna, e da Republica, que tem muitos altibaixos: deve computar o que tem de seu, e em que se gasta; os vassallos, que governa, e para quanto prestaõ os amigos, e inimigos, que o cercaõ, e de que valor saõ. E considere, que Rey sem fazenda he pobre, sem vassallos he só, e com inimigos he perseguido: e hum Rey

pobre,

pobre, ſó, e perſeguido, facilmente he vencido, e vay perto de naõ ſer Rey. Mas ſe tiver fazenda, e a conſervar, ſerá rico; ſe tiver bons vaſſallos, e naõ os offender, achalos-ha a ſeu tempo: e ſendo rico, e tendo vaſſallos que o ſirvaõ, naõ tem que temer inimigos: e eſtando ſeguro deſtes, florecerá proſpero, reinará poderoſo: e a hum Rey proſpero com riquezas, bem ſervido de vaſſallos, e poderoſo em ſeu Imperio, pouco lhe falta para bemaventurado. E todos eſtes bens lhe vem de naõ ſer ladraõ: e naõ o ſerá, ſe naõ faltar a ſi, nem a ſeus vaſſallos, nem aos eſtranhos, como temos dito. E já que chegámos a eſtes termos de altercar, ſe ha Reys ladroens, convem que naõ paſſemos avante, ſem reſolvermos huma queſtaõ, que actualmente anda na praça do mundo ſobre o noſſo Reyno de Portugal, a quem pertence, ſe a ElRey Filippe IV. de Caſtella, ſe a ElRey D. Joaõ tambem IV. de Portugal? ElRey Filippe diz, que injuſtamente lho tomou ElRey D. Joaõ: e ElRey D. Joaõ affirma, que violentamente lho tinha uſurpado ElRey D. Filippe: e neſte conflicto de opinioens naõ eſcapa hum delles de ladraõ. Sim; porque tomar o alheyo he furtar: e quem furta he ladraõ; qual o ſeja, dirá o Capitulo ſeguinte.

CAPITULO XVI.

Em que ſe moſtraõ as unhas Reaes de Caſtella, e como nunca as houve em Portugal.

ENtramos em hum pégo ſem fundo, em que muita gente de valor fez naufragio, e ſe affogou por ignorancia, covardîa, e paixaõ. Huns por ignorancia perderaõ o léme, e tambem o nórte: outros por covardîa meteraõ tanto panno, que quebraraõ os maſtros: outros por paixaõ fizeraõ-ſe tanto ao alto, que deraõ em baixos, e baixos miſeraveis; e todos encantados das Serêas cahiraõ em Sirtes, e Carybdes, que os ſorvêraõ. Até os que navegaraõ eſtes mares, como Dedalo os ventos, ſe perderaõ: pelo meyo hirás ſeguro, dizia elle a ſeu filho Icaro: mas como he máo de achar o meyo entre extremos repugnantes, fizeraõ, como Icaro, naufragio em ſeu vôo por falta de azas, ou de Eſtrella que os guiaſſe. Naõ eſtou bem com gente neutral, que tira a dous alvos com a meſma frécha. He impoſſivel tomar huma náo no meſmo tempo dous pórtos: o de Caſtella eſtava entaõ aberto, o de Portugal fechado; eſte ſem forças para guarnecer, quem nelle ſe acolhia, aquelle com armas, que a todos metiaõ medo. Picaraõ-ſe os mares, alteraraõ-ſe as ondas; ninguem tomou pé em pégo taõ fundo: e ſó ficaraõ em pé alguns poucos, que tiveraõ boas bexigas para nadar, ou

azas

azas melhores, que Icaro para ſe acolher. O que mais admira he, que duraſſe o tempo turvo ſeſſenta annos ſem haver Piloto, que governaſſe a carreira. Muitos fizeraõ carta de marear para ambos os pórtos, poucos ſe governaraõ por ellas, e poriſſo todos vacilaraõ na eſteira, que haviaõ de ſeguir; até que os mares ſe ſocegaraõ, e o tempo ſerenou, e ſe viraõ no Ceo Eſtrellas, que abriraõ caminho, com que ſe tomou terra. Sobre eſta tomadia ferve outra vez a tempeſtade repetida, ſe bem menos eſcura, porque já corre vento para ambos os pórtos, que eſpalha as nuvens: e dahi vem que nem todos tomaõ o meſmo, e cada hum ſe recolhe livremente no que lhe fica mais a geito. Qual ſeja mais ſeguro para eſcapar, elles o digaõ, que o experimentaõ. Qual tenha mais razaõ para dominar, o que vay lógrando, iſſo direy eu, porque o ſey de certo. E naõ uſarey de embuços, como alguns, que fallaõ por eſcrito ſem dizerem o mal, e o bem de ambas as partes, havendo-ſe niſto como Advogados, que ſó huma parte abonaõ. Naõ vi em Portugal correr publico nenhum Manifeſto, que por ſi fizeſſe Caſtella: nem ſey, quem viſſe em Caſtella Manifeſto de Portugal. Se he por temer cada hum, que as razoens do outro maſcabem as ſuas? Naõ lhe acho razaõ: porque a verdade he como as quintas ſubſtancias, que nádaõ ſobre todos os licores; e com as mentiras mais ſe apura a guiza dos contrarios, que juntos mais ſe eſpertaõ. Sondarey pois aqui, como em carta de marear, ambos os pórtos; naõ deixarey alto, nem bai-

xo, que naõ deſcubra; porque aſſim acertará cada hum melhor com a carreira direita, e ſegura: e fio da boa induſtria de todos, que vendo ao olho, onde eſtá o perigo, que o ſaibaõ fugir, e que lancem ancora, onde ſe poſſaõ ſalvar mais deſcançados na vida, mais ſeguros na fazenda, e mais quietos na conſciencia. Ancora lançou Caſtella em Portugal, e ferrou a unha taõ rijamente, que o naõ largou por eſpaço de ſeſſenta annos. Sobre eſta unha botou Portugal harpêo com taõ boa preza, que ſe melhorou no partido; e ainda lutaõ ſobre eſta melhora. Qual deſtas duas unhas eſteja mais ſegura, verá o mundo todo, ſe vir com attençaõ, o que aqui eſcrevo ſem diminuir nas forças de cada hum, nem accreſcentar fraquezas. E porque Caſtella começou a eſtender primeiro as unhas, com que empolgou neſte Reyno, direy primeiro as razoens, que allega para a preza ſer ſua.

****

Manifeſto do direito, que D. Filippe Rey de Caſtella allega contra os pertendentes de Portugal.

HE notorio, que por morte do noſſo Rey Cardeal ficou eſte Reyno como morgado de Clerigo, que naõ tem ſucceſſor, expoſto a herdeiros tranſverſaes, que ſendo muitos, baralhaõ as razoens de todos, e armaõ pleitos, e diſcordias inextinguiveis. E para proceder-mos com clareza,

deve-

devemos preſuppor, que ElRey D. Manoel de glorioſa memoria cazou tres vezes; a primeira com Dona Iſabel, filha primogenita dos Reys Catholicos. Segunda com Dona Maria, filha terceira dos meſmos Reys. Terceira com Dona Leonor, filha delRey D. Filippe o I. e irmãa do Emperador Carlos V. Os filhos do primeiro, e terceiro matrimonio morreraõ ſem ſucceſſaõ: do ſegundo teve dez filhos: o primeiro foy o Principe D. Joaõ; que teve nove filhos da Senhora Dona Catharina filha delRey D. Filippe o I. de Caſtella: deſtes morreraõ oito ſem ſucceſſaõ; e o nono, e ultimo, que foy D. Joaõ, houve da Senhora Dona Joanna, filha de Carlos V. ao fatal Rey D. Sebaſtiaõ, em quem ſe acabou eſta linha. A ſegunda prole delRey D. Manoel foy a Infanta Dona Iſabel, que cazou com Carlos V. Emperador; e de ambos naſceo ElRey D. Filippe II. e deſte Filippe III. e deſte Filippe IV. de Caſtella, que hoje faz toda a guerra a Portugal. A terceira prole foy a Infanta Dona Brites, que cazou com D. Carlos, Duque de Saboya; e de ambos naſceo Phelisberto Emmanuel Principe de Piamonte, oppoſitor com ſeus deſcendentes a Portugal. A quarta prole, o Infante D. Luiz, que naõ cazou, e teve de huma Chriſtãa nova hum filho natural, que foy o Senhor D. Antonio, tambem oppoſitor a eſte Reyno. Quinta prole, o Infante D. Fernando, que cazou com Dona Guiomar Coutinha, filha dos Condes de Marialva: e extinguio-ſe eſta linha. Sexta prole, o Infante D. Affonſo Cardeal Arcebiſpo de Braga, e Biſpo de

Evora.

Evora. Setima prole, o Infante D. Henrique, que foy Cardeal, e Rey ſem ſucceſſaõ. Oitava prole, o Infante D. Duarte: cazou com Dona Iſabel filha de D. Jayme Duque de Bragança, e tiveraõ tres filhos: primeiro a Senhora Dona Maria, que cazou com Alexandre Farnes Principe de Parma; ſegundo a Senhora Dona Catharina, que cazou com D. Joaõ Duque de Bragança; terceiro D. Duarte Condeſtavel, e Duque de Guimaraens: da Senhora Dona Maria naſceo o Senhor Raynuncio Principe de Parma tambem oppoſitor: da Senhora Dona Catharina naſceo o Senhor D. Theodoſio Duque de Bragança, e delle o Senhor D. Joaõ, que hoje he Rey de Portugal, onde tem jurado por Principe ſeu filho o Senhor D. Theodoſio, que houve em legitimo, e Santo matrimonio da Senhora Dona Luiza, eſclarecido ramo da Real Caſa dos grandes Duques de Medina, e Sydonia, Propugnaculos invictiſſimos de toda a Chriſtandade contra a Mauritania na Andaluzia, onde por ſuas heroicas obras alcançaraõ o admiravel appellido de *Buenos*; e baſtava para o merecerem deſtinallos o Ceo para darem a Portugal tal filha para noſſa Rainha, e Senhora.

As mais proles, que foraõ a Infanta Dona Maria, e o Infante D. Antonio, naõ deixaraõ ſucceſſaõ, porque logo morreraõ. E das que temos dito fecundas, ſe levantaraõ cinco oppoſitores a eſte Reyno, que ficaõ notados em ſuas linhas; e pela ordem da antiguidade dellas ſaõ o primeiro ElRey D. Filippe; o ſegundo o Duque de Saboya; terceiro o Senhor D. Antonio; quarto

o Principe de Parma; quinto o Duque de Bragança. A Rainha de França Dona Catharina tambem pertendeo oppor-ſe, allegando, que deſcendia por linha direita delRey de Portugal D. Affonſo III. Conde de Bolonha, e de Dona Metilde ſua primeira mulher: mas foy elcuſa ſua pertençaõ por improvavel, e preſcripta; porque os ſucceſſores do Conde de Bolonha (que naõ conſta os tiveſſe) nunca fallaraõ neſta materia, depois que aquella linha de Bolonha ſe ajuntou a França: e a verdade he, que á Condeſſa Metilde naõ ficaraõ filhos, como conſta do ſeu teſtamento, que eſtá em Portugal na torre do Tombo, ſegundo ſe eſcreve. E o engano eſteve no ſucceſſor de Metilde, que foy Roberto ſeu ſobrinho filho de ſua irmãa Alis. E eſte he o Roberto, de quem França queria tomar a noſſa genealogia, fazendo-o filho de Metilde, e de D. Affonſo III. irmaõ de D. Sancho Capello. Quanto mais que na preſente oppoſiçaõ ſó de deſcendentes delRey D. Manoel ſe tratava, que era o tronco ultimo, e em quanto os houveſſe, naõ tinhaõ lugar outros pertendentes; e poriſſo tambem ſe naõ fez caſo da pertençaõ da Sé Apoſtolica, pois naõ eſtava o Reyno vago de herdeiros.

Dos cinco Oppoſitores deſcendentes delRey D. Manoel, foy havido por incapaz no primeiro lugar o Senhor D. Antonio Prior do Crato, por dous defeitos, ambos por parte da mãy, hum no ſangue; outro no naſcimento; ſaõ notorios, naõ os explico; e nunca houve ſupplemento para elles. O Duque de Saboya cedeo aos parentes mais

chega-

chegados, e tambem de cá o excluiraõ por Eſtrangeiro. O Principe de Parma ficou atraz na pertençaõ por tres razoens; primeira, por ſer morta ſua mãy, irmãa da Senhora Dona Catharina, que havia de fazer oppoſiçaõ. Segunda, por falta da repreſentaçaõ, que ſó ſe admitte nos deſcendentes immediatos do primeiro gráo, e elle era já biſneto delRey D. Manoel, em comparaçaõ da Senhora Dona Catharina, que era neta pela meſma linha do Infante D. Duarte. Terceira, por ficarem excluidas as femeas cazadas fóra do Reyno; como ſe moſtra das Cortes de Lamego, celebradas no anno 1141. onde ElRey D. Affonſo I. com todos os Eſtados ordenou, que as femeas, ainda que podeſſem herdar o Reyno, perderiaõ o direito a elle cazando fóra: e poriſſo nas Cortes de Coimbra de 1382. excluiraõ a Senhora Dona Brites, filha unica do noſſo Rey D. Fernando, por cazar com D. Joaõ I. de Caſtella: e D. Joaõ I. de Portugal, que lhe ſuccedeo, confirmou eſta ley em ſeu teſtamento no anno de 1436.

Excluîdos aſſim todos os ſobreditos, ficaraõ no campo ſós a Senhora Dona Catharina, e ElRey D. Filippe: deraõ-ſe duas batalhas, a primeira como Anjos, a ſegunda como homens: a primeira com forças de entendimento, a ſegunda com violencia de braço: na primeira venceo a Senhora Dona Catharina, porque lhe ſobejavaõ razoens: na ſegunda venceo Filippe, por ter mais armas: deſta naõ ſe trata aqui, porque as armas entre Chriſtãos naõ daõ Reynos, nem os tiraõ juſtamente, quando ha razoens, que reſolvem o

direi-

direito delles: e poriſſo pertende ElRey Filippe vencer tambem nella parte com as razoens ſeguintes.

****

Razoens, que ElRey D. Filippe allega contra a Senhora Dona Catharina.

I RAzon. Por el caſamiento del Rey Don Juan I. de Caſtilla com Dona Beatrîz, hija del Rey Don Hernando de Portugal, quedò el derecho de dicho Reyno en los Reyes Caſtellanos, porque ella era la unica herdera legitima. II Razon; porque no pertencia el tal derecho en aquel tiempo a Don Juan I. de Portugal, por ſer iligitimo, ſinò a D. Juan I. de Caſtilla, por ſer octavo nieto del primero Rey de Portugal. III. De todos los nietos del Rey Don Manuel pretendientes de Portugal, que vivian, quando muriò el Rey Cardenal, Phelipo Prudente era el mas viejo, y legitimo; por eſſo el mas habil a la Corona.

IV. Porque demas de vencer Phelipo a todos en general en la edad, vencia tambien a cada uno en particular: al Senor Don Antonio por legitimo, a la Señora Dona Catalina por varon, a Raynuncio, por ſer nieto, y el viſnieto del Rey Don Manuel, y por eſſo mas llegado al ultimo poſſeedor; y al Duque de Saboya con la edad de la Emperatriz ſu madre, hermana mas vieja de Beatrîz madre del Saboyano. V. Porque ſiendo los Reynos del Derecho antiguo de las gentes, nó ſe deve

regu-

regular la ſuceſion dellos por el Derecho Civil lleno de ſutilezas, y ficciones, que tantos años deſpues formaron los Emperadores; y que ſi bien los Reyes ſupremos lo avian introducido en los Reynos por el buen govierno de los vaſſallos, no avian por eſſo alterado las ſimples reglas naturales de la ſucceſion Real, las quales afirmaban averſe de ſeguir en eſte caſo, como ſi úviera ſucedido primero que naciera Juſtiniano, que fue el inventor de la Repreſentacion; a que nò obſta aver algunos Doctores querido temerariamente ſugetar la ſuceſion de los Reynos a la Cîvil Inſtituicion; y aſſi ſeguiendo eſta conſideracion hacia Phelipo ſu derecho indubitable. VI. Dado que valga la repreſentacion en Portugal, eſta nò ſe admite, ſinò quando el nieto del Rey litiga con ſu tio hermano del tal Rey; y nò entre primos hijos de dos hermanos, quales eran Phelipo, y la Señora Catalina; y confirmaſe com exemplo, y ley: con exemplo, porque por muerte de Don Martin Rey de Aragon, que no tuvo hijos legitimos, pretendieron ſu Corona la Infanta Doña Violante ſu ſobrina, hija del Rey Don Jaymes ſu hermano mas viejo, y el Infante Don Hernando de Caſtilla ſu ſobrino, hijo de la Reyna Doña Leonor ſu hermana: y dieron ſentencia los Eſtados, y ſus Juezes por el Infante Don Hernando, por ſer varon, nò haciendo caſo de la repreſentacion; que ſi valiera, avia de dar el Reyno a la Infanta, por ſer ſobrina, y hija de hermano mas viejo; el qual ſi fuera viva, avia de excluir a Doña Leonor ſu hermana, y madre de Hernando. Con ley;

por-

porque el Emperador Carlos V. la hizo particular en Alemania, que nò valga la repreſentacion, ſinò concurriendo ſobrinos con tio vivo; y es opinion de Azon, y muchos Doctores, que ſe obſerva em Francia.

VII. Demas de que la repreſentacion ſolo la pueda aver, quando el padre, que ſe pretende repreſentar, úviera tenido el primer lugar en la ſucceſion, de que ſe trata. Donde ſupueſto que el Infante Don Duarte en ſu vida nò tuvo tal lugar, nò podia dexar a ſus hijos el derecho, que nunca ſe radicò en ſu perſona. VIII. En Portugal muerto el Rey Don Joan II. le ſucediò ſu primo Don Manuel, excluyendo al Duque de Viſeu Don Alfonſo: y ſi valiera la repreſentacion, avia de ſer preferido, por hijo de Don Diego hermano mas viejo de Don Manuel. IX. El beneficio de la repreſentacion nò ſe admite en la ſucceſion de los Mayorazgos, y bienes avinculados para andarem en el pariente mas cercano de cierta generacion: y es cierto, que los Reynos tienem naturaleza de Mayorazgos en la manera dicha. Demas que los Reynos ſe heredan por conceſion de los pueblos, que tranſmitieron el poder Real, que era ſuyo, a los primeiros Reyes, y a ſu generacion: y conſta que la repreſentacion nò tiene lugar en la ſucceſion de las coſas, que vienen *ex conceſſione dominica*, como reſuelve Bartholo.

X. La Ordinacion de Portugal lib. 2. tit. 17. §. 1. dize que por muerte del ultimo poſſeedor entrará en los bienes de la Corona el hijo varon mas viejo, que della quedare; y conſecutiva-

tivamente echa fuera al nieto, y excluye la repreſentacion. Y confirma-ſe con exemplo de heredamiento de Reynos; porque en Caſtilla Don Alonſo el Sabio excluyendo ſu nieto hijo del Principe muerto, hizo jurar ſu ſegundo hijo. Item. Mas. La miſma Ordenacion lib. 4. tit. 62. §. 3. diſpone, y manda, que quedando por muerte del que pagava fueros, hijo, ò hija, nò entre en el prazo nieto, ò nieta, aunque ſean hijos de algun hijo mas viejo ya difunto. XI. El beneficio de la repreſentacion es privilegio concedido contra las reglas ordinarias del Derecho, y es una ficcion de la ley, por la qual contra la verdad ſe finge, que el hijo eſtá en el lugar de ſu padre, y es con èl a miſma perſona; y por ſer privilegio, y fingimento, nò puede aver lugar, ſinò, quande ſe hallare expreſſamente introducido por Derecho: y es cierto que nò eſtà introducido expreſſamente, ſinò en la ſuceſion de los heredamientos, y feudos, aunque nò ſean hereditarios. Donde, no ſiendo los Reynos de Portugal feudos, ni ſi defiriendo la ſuceſion dellos en todo, como heredamiento proprio, y ordinario, por ſer coſa de mayor momento, y mas calificada, y de que ſe devia hacer expreſſa mencion, nò puede aver lugar en èl la dicha repreſentacion. XII. Para nò parecer que huye Phelipo del Derecho, prueva, que en los Reynos mas propriamente, que en ninguna outra coſa, ſe ſucede por el derecho, que llaman de la ſangre, mirando al primer inſtituidor; y que en eſte derecho ſe conſideran las perſonas por ſi miſmas

ſin

ſin repreſentacion, como ſi fueſſen hijos del ultimo poſſeedor; y deſta manera queda Phelipo en lugar de primogenito de Henrico.

XIII. Dado que la Señora Catalina pudieſſe repreſentar el grado de ſu padre, nò podia repreſentar el ſexo: y era dûro de admitir, que la hembra igual ſolamente en el grado, y inferior en lo demas, fueſſe preferida al varon para governar Reynos, quando el proprio defecto della le hacia mas dano que a Phelipo el de ſu madre. XIV. Conforme al Derecho las hembras nò pueden ſer admitidas a oficios publicos, ni tener juriſdicion, ni adminiſtracion de la Republica; porque en ellas falta fortaleza, conſtancia, prudencia, liberdat, y outros dotes neceſſarios: y tenemos exemplo en la Reyna de Caſtilla Doña Beatrîs, que ſiendo hija unica del Rey Don Hernando de Portugal, nò fue admitida, y ſe diò el Reyno por vacante, y lo heredò Don Juan I. donde ſe colige, que ſon las hembras incapazes de repreſentar en Portugal, pues ſon incapazes de heredar. XV. Viſto nò declarar Henrico ſuceſſor, era divida à Phelipo la ſuceſion ſin ſentencia, por ſer ſu perſona ſuprema, izenta, y libre de qualquier juizio coercivo, y ſolamente obligado a juſtificar ſu derecho con Dios, y declararlo al Reyno: ni avia en el mundo, a quien pudieſſe pertencer la judicatura deſte caſo, por nò tocar al Papa, por ſer materia puramente temporal ſin circunſtancias, que le pudieſſe dar derecho: menos pertencia al Emperador, por nò le ſer reconociente del Reyno de Portugal,

tugal, y mucho menos a los Juezes, que avia nombrado Henrico; porque eraõ todos parte material, y integral del Reyno, sobre que se litigava, como Portuguezes: demas de que nò avia Portuguez alguno, que nò fuesse sospechoso, y recusable por el odio publico, que tienen todos a la Nacion Castellana: ni avia lugar de se compromoter en Juezes loados, por la imposibilidad de hallar personas, de quien se pudiesse fiar cosa tan grande, y tan peligrosa; y porque la obligacion de comprometer nò caye sinò en cosa dudosa, y Phelipo ninguna duda tenia.

XVI. Dado que fuesse necessaria sentencia, Phelipo la tuvo por los mismos Juezes, que nombrò Henrico; porque de cinco que eran, tres le jusgaron la Corona. XVII. Sobre toda allega Phelipo, que quando el derecho es dudoso, y corre opinion probable por entrambas partes, que las armas lo resolvèn todo; y que con ellas tomò la possesion, y los pueblos lo admitieron, y juraron en las Cortes de Thomar por Reys; conque se quitò toda la niebla, y razon de dudas. XVIII. Llevando Dios viente e dos herederos, que precedian al Rey Catholico, dava a entender, que queria unir Portugal a los Reynos de Castilla, para fortificar un braço en su Iglesia, para resistir a los insultos de los infieles, y de los hereges; y mejorar desta manera el mismo Reyno, haciendolo inexpugnable con tantas fuerças juntas contra sus enimigos, y en sus conquistas. XIX. Finalmente allega por si la possesion prescripta de sesenta años, bastando treinta, sin-

contra-

contradicion alguna. Y quien lo quitare de la tal poſſeſion, merecerá titulo de tirano, y de ladron, porque de hecho es tirania, y robo inorme, quitar un Reyno a ſu dueño ſin cauſa, razon, ni juſtiça.

Eſtas ſaõ as razoens, que por ſi allega o Rey de Caſtella, para entrar na herança de Portugal. Nenhum Portuguez abafe com ellas, que logo lhas desfarey como ſal na agua: mas primeiro quero reſponder ao candido Leitor, que me pergunta, que razaõ tive para mudar de eſtilo neſte Manifeſto, e fallar por outra linguagem differente da em que himos tirando á luz eſte Tratado. A iſſo poderá reſponder, que o Manifeſto he de Caſtella; e poriſſo o puz na ſua lingua: mas para explicar melhor a razaõ mais principal, que me moveo, contarey huma hiſtoria, que aconteceo em hum Tribunal de tres, que tem o Santo Officio neſte Reyno. Prenderaõ hum bruxo, por ter trato com o diabo, e conſultado em muitas duvidas: Reprehenderaõ-no os Inquiſidores, porque ſendo Chriſtaõ bautiſado dava credito ao diabo, ſendo obrigado a ter, e crer, que he pay da mentira. Pay da mentira he, reſpondeo o bruxo, e por tal o conheço: mas com tudo iſſo, ainda que muitas vezes me mentia, naõ deixava algumas vezes de me fallar verdade, e eu pelo uſo alcançava logo tudo; porque me fallava em duas linguas, que eraõ a Portugueza, e Caſtelhana: e todas as vezes que me fallava em Portuguez, era certo que dizia verdade; e ſó quando me falava em Caſ-

telhado, era certiſſimo que mentia. Naõ ſey, ſe me declaro? Quero dizer, que a lingoa Caſtelhana he eſtremada, e unica para pintar mentiras, como eſcolhida por quem he pay, e meſtre dellas; e a Portugueza para fallar verdades: e poriſſo puz em Caſtelhano o Manifeſto de Caſtella, e porey em Portuguez a repoſta da Senhora Dona Catharina.

****

Repoſta da Senhora Dona Catharina contra as razoens delRey D. Filippe.

I. REpoſta contra a primeira razaõ he, que naõ vem a prepoſito a herança da Senhora Dona Brites: porque a noſſa queſtaõ procede ſobre deſcendentes delRey D. Manoel, e naõ ſobre os delRey D. Fernando, cujas duvidas ſe averiguaraõ nos campos de Aljubarrota: álem de que a Senhora Dona Brites naõ deixou filhos, e aſſim neceſſariamente havia tornar a Portugal o direito. II. Repoſta contra a ſegunda razaõ he, que deveraõ advertir, como na ſucceſſaõ taõ prolongada de D. Joaõ I. de Caſtella, oitavo neto do primeiro Rey de Portugal havia o meſmo defeito de illigitimidade em ſeu pay D. Henrique, álem de outros avós: e mais perto eſtava do ultimo avô o noſſo D. Joaõ I. e do ultimo poſſuidor no primeiro gráo de irmaõ, que o ſeu no oitavo; e o noſſo houve diſpenſaçaõ da illigitimidade, e naõ ſabemos que o pay, e

avós

avós do ſeu a houveſſem. III. Contra a terceira he que diz bem, ſe todos os Oppoſitores foraõ filhos do meſmo pay, aſſim como eraõ netos do meſmo avô; porque entaõ o mais velho ſeria o Morgado, Principe, e legitimo herdeiro: mas ſendo filhos de differentes pays, como eraõ, devia-ſe o direito ſó áquelle, cujo pay o tinha á Coroa: e como os pays da Senhora Dona Catharina, e D. Filippe, por onde lhes vinha a ſucceſſaõ, eraõ de huma parte varaõ, e da outra femea, claro eſtá, que o varaõ havia ter o primeiro lugar: e eſte era o Infante D. Duarte, pay da Senhora Dona Catharina legitima herdeira, por ſe achar em melhor linha, que Filippe, filho da Emperatriz Dona Iſabel irmãa do Infante D. Duarte. Quatro couſas ſe conſideraõ aqui, linha, ſexo, idade, e gráo: e no primeiro lugar ſe buſca a melhor linha, e ſó quem nella prevalece, prevalecerá na cauſa, ainda que ſeja inferior ao outro pertendente no ſexo, idade, e gráo: e ſempre a linha, que procede de varaõ, he melhor, que a que procede de femea.

IV. Repoſta contra a quarta razaõ. Admittimos o argumento contra os outros Oppoſitores, e negamo-lo contra a Senhora Dona Catharina por razaõ da melhor linha, em que ſe achava, com que vencia a Filippe, como fica explicado na repoſta proxima contra a terceira razaõ. V. Contra a quinta. Quer ElRey Filippe hum Santo para ſi, e outro para a outra gente, admittindo a repreſentaçaõ para os vaſſallos, e negando-a para os Reys: ſe admitte, que ſe go-

vernaõ melhor aquelles com ella, deve admittir, que ſe governaráõ mal os Reys, ſe a naõ admittirem em ſuas ſucceſſoens : e aſſim he, que por fugirem eſta calumnia, a admittem quaſi todos os Reys, e Eſtados da Europa, e até os meſmos Reys: e baſtava terem-na admittido em Portugal ElRey D. Affonſo I. nas Cortes de Lamego anno de 1141. e confirmada por ElRey D. Joaõ I. no ſeu teſtamento anno de 1436. e Affonſo V. no anno de 1476. aprovando-o os tres Eſtados, todos ſem paixaõ, nem occaſiaõ de controverſia, que lhes pudeſſe perturbar a razaõ ; e ſendo aſſim ley praticada neſte Reyno, deve admittilla Filippe, em que lhe pêz. E porque eſte ponto da repreſentaçaõ he o Aquiles deſta demanda, convêm que o expliquemos, para melhor intelligencia della. Repreſentaçaõ he hum beneficio inventado pela ley, que por elle ordenou nas heranças, que ſe differem *ab inteſtado*, que os filhos entrem no lugar de ſeus pays defuntos, e repreſentem ſuas peſſoas, ſuccedendo em todo o direito, que elles houveraõ de ter, ſe vivos foraõ. Eſta repreſentaçaõ na linha direita de aſcendentes naõ tem limite: e nas tranſverſaes ſómente ſe concede aos filhos, ou filhas dos irmãos, ou irmãas do defunto, de cuja ſucceſſaõ ſe trata: e aſſim ficaõ excluſos os mais parentes collateraes, que ſe acharem fóra deſte ſegundo gráo, porque naõ ſe eſtende a elles a repreſentaçaõ. E conforme a iſto fica claro o direito da Senhora Dona Catharina, que he melhor, que o de Filippe; porque repreſenta varaõ, que houvera de ſer

Rey,

Rey, ſe fora vivo; e elle repreſenta femea, que naõ havia de entrar na Coroa, com ſer mais velha, ainda que vivera. Antes digo mais, que dado que fora viva a Senhora Dona Iſabel, e morto o Infante D. Duarte, ainda a Senhora Dona Catharina tinha mais direito ao Reyno, que ſua tia, por repreſentar a ſeu pay, que a vencia no ſexo, e havia de entrar na herança diante de ſua irmãa: e he a razaõ; porque Fernando Rey de Napoles julgou o Reyno a ſua neta de ſeu filho mais velho defunto, excluindo outros filhos mais moços: e Filippe Rey de Inglaterra deu ſentença pela ſobrinha do Duque de Bretanha, filha de ſeu irmaõ mais velho, excluindo os varoens mais moços, irmãos do meſmo Duque. E naõ temos neceſſidade de exemplos foraſteiros, quando temos em caſa o noſſo Rey D. Manoel, com quem ſe oppoz o Emperador Maximiliano, eſtando ambos em igual gráo, e eſte mais velho, mas em linha inferior por femea, e D. Manoel por varaõ, que repreſentava; e julgou-ſe, que poriſſo prevalecia ao Emperador.

VI Os Doutores Caſtelhanos defendem o contrario admittindo a repreſentaçaõ entre primos: e a razaõ o moſtra; porque o ſobrinho, que excluîa a ſeu tio, ou tia, por repreſentaçaõ de melhor gráo, ou melhor ſexo, muito melhor excluirá a ſeus primos filhos do tal tio, pois ſaõ já mais remotos, e naõ pódem repreſentar couza, que a outro naõ tenha já vencido. Ao exemplo ſe diz, que naõ deixou a Infanta Dona Violante de herdar, por naõ ſe admittir á

repreſentaçaõ no caſo, ſenaõ por ſer inhabil por ley particular, que ElRey D. Pedro ſeu avô fez em Aragaõ, com que inhabilitou as femeas, para poderem herdar aquella Coroa. E a ley de Carlos V. procedeo ſómente nas terras ſugeitas ao Imperio, ao qual naõ he ſugeito Portugal; e ainda que em outras partes ſe pratique a opiniaõ de Azam, como em França, que por coſtume antigo naõ admitte repreſentaçaõ nos collateraes em caſo algum; naõ em Portugal, onde ſeguimos o contrario com o direito cõmum, e opinioens de Acurſio, e Bartholo: donde ſe vem a concluir, que o beneficio da repreſentaçaõ ha lugar na ſucceſſaõ deſtes Reynos, quando os ſobrinhos pertendem ſucceder a ElRey ſeu tio irmaõ de ſeus pays, ſem haver outro irmaõ do meſmo Rey, que concorra com elles.

VII. Naõ he neceſſario que o pay poſſuiſſe, o que ſe pertende herdar por via da repreſentaçaõ; porque aqui naõ ſe leva a herança por tranſmiſſaõ, em que naõ póde o pay fazer bom ao filho, o que naõ poſſuîo: e que no noſſo caſo naõ entre a herança do Reyno por tranſmiſſaõ, moſtra-ſe; porque por ella nem o filho do primogenito haveria a herança de ſeu avô, a qual naõ ha duvida, que lhe pertence: e aſſim entra o tal por virtude da repreſentaçaõ, que o poem em lugar do pay ao tempo da ſucceſſaõ.

VIII. O exemplo de D. Affonſo naõ vem a propoſito; porque álem de ſer illigitimo, ſe lhe negou a repreſentaçaõ, naõ porque ella ſe naõ uſe em Portugal, ſenaõ porque eſtava fóra do

gráo,

gráo, a que se concede; pois naõ era irmaõ, nem filho de irmaõ delRey D. Joaõ, mas filho de seu primo; com que ficava já no terceiro gráo, em que se naõ admitte representaçaõ nas linhas transversaes; e assim lhe foy preferido D. Manoel, por se achar hum gráo mais chegado. IX. Concedemos, que naõ ha representaçaõ na herança dos Morgados vinculados, para andarem no parente mais chegado de certa geraçaõ; porque naõ procede *Jure hæreditario*, mas *ex concessione dominica*, que os póde dár a quem quizer: e os póvos deraõ aos primeiros Reys o poder Real, e á sua geraçaõ, para que os possuissem, e se deferissem como herança sua a seus descendentes: e assim o sente o mesmo Bartholo. E no que diz que na successaõ dos Reynos feudaes naõ ha lugar á representaçaõ, he commummente reprovado; além do que o Reyno de Portugal naõ he feudal, nem pódem militar nelle as razoens das *Concessoens dominicas*; como em seu lugar mostrarey logo na reposta da razaõ X.

X. Os documentos, e Ordenaçoens, que allega, naõ se entendem assim. O primeiro lugar da Ordenaçaõ, que aponta, procede nos bens da Coroa, que saõ havidos por *Concessaõ dominica* do Rey; e conforme a Ley Mental, porque se deu ordem de succeder nos bens da Coroa, naõ se differem *Jure hæreditario*. Donde ElRey D. Joaõ I. que foy o Autor da Ley Mental, porisso lhe negou a representaçaõ. E tratando depois em seu testamento da successaõ destes Reynos, declarou, que havia lugar á representaçaõ;

taçaõ ; porque procediaõ *Jure hæreditario*, e naõ *ex conceſſione dominica*. Ao exemplo do Rey de Caſtella D. Affonſo o Sabio ſe diz , que foy julgada aquella acçaõ até em Eſpanha por injuſta ; tanto, que permittio Deos lhe tiraſſe a Coroa o ſegundo filho , que elle fez jurar em odio do neto. E as Leys de Caſtella diſpoem, que morrendo o filho mayor , antes que herde, deixando filho , ou filha , vá a eſtes a herança , e naõ ao tio irmaõ de ſeu pay , e ha muitos exemplos. A ſegunda Ordenaçaõ prova ſómente naõ haver repreſentaçaõ nos prazos de nomeaçaõ, em que o foreiro *ex conceſſione dominica* os póde deixar a quem quizer ſem reſpeito a herdeiro , que ſuccede *ab inteſtado* , e naõ prova nada no que vay por herança. XI. Concedemos tudo , e negamos ſó a conſequencia , que nada colhe de ſer a herança dos Reynos materia exorbitante , e qualificada : pois com iſſo eſta , que he verdadeira herança , e como tal ſe comprehende ſem extenſaõ alguma nos caſos, em que o Direito concede eſte beneficio da repreſentaçaõ. XII. Naõ admittimos o direito do ſangue , que allega ; porque o Direito dos Reynos, e ſuas poſſeſſoens procedeo do antigo Direito das gentes , ſegundo o qual tudo ſe deferia como herança , ſem ſe conhecerem outros modos de ſucceſſoens , que por Leys mais novas foraõ inventados. Iſto he doutrina commua dos Doutores , e praticada em Eſpanha pelos Reys de Caſtella D. Fernando , Don Alonſo o VI. e D. Alonſo VIII. D. Jayme Rey de Aragaõ o Conquiſtador , que dividio os Reynos entre

ſeus

ſeus filhos, D. Alonſo o Sabio, e D. Henrique III. de Caſtella; aquelle desherdando ſeu filho, e eſte pondolhe gravames: e em Portugal o declaraõ as bullas dos Summos Pontifices de ſua fundaçaõ, aſſentos de Cortes do Rey D. Joaõ o I. e teſtamento delRey D. Affonſo V. onde tudo ſe leva por herança verdadeira, que admitte repreſentaçaõ, como temos moſtrado.

XIII. O beneficio da repreſentaçaõ eſtá concedido na linha collateral da meſma maneira, que na dos deſcendentes: na dos deſcendentes he certo neſtes Reynos, que ſuccedem as femeas a ſeus pays com a prerogativa de varaõ; de modo, que ſe o pay, por ſer varaõ, havia de excluir outras peſſoas, exclúa a filha as meſmas, como tios, primos, &c. Prova-ſe eſta repreſentaçaõ dos deſcendentes em Portugal pela Carta patente del-Rey D. Affonſo V. em que ordena lhe ſucceda o filho, ou filha do Principe ſeu primogenito, e naõ ſeus ſegundos filhos, o que tem força de ley, e direito, por aſſim o declarar o meſmo Rey: e ha exemplos do meſmo em outras partes, que ficaõ apontados no fim da repoſta da terceira razaõ. E que nos collateraes ſeja o meſmo, conſta do texto *in Auth. de hæred.* §. *Si autem.* E da razaõ da equidade, em que as leys ſe fundaõ, para conceder eſte beneficio aos deſcendentes, eſſa meſma tiveraõ para o concederem aos collateraes: e ha exemplos, como o em que o Rey Filippe de Inglaterra, por conſelho de Letrados declarou, que o Ducado de Bretanha pertencia á ſobrinha filha do irmaõ mais velho do Duque defunto,

contra

contra outro irmaõ do meſmo Duque: e ha leys, como a ley quarenta do Touro em Eſpanha, que diz: *Siempre el hijo, y ſus deſcendientes ligimos por ſu orden repreſenten las perſonas de ſus padres*: & *Molina lib.* 3. *c.* 7. reſolve que a dita ley procede na ſucceſſaõ dos Reynos, como na dos Mórgados. Nem he deformidade, nem impoſſivel, que a femea repreſente ſexo de varaõ; porque mais difficultoſo he fazer, que hum filho tenha a idade de ſeu pay, que huma filha alcançar o ſexo maſculiano; porque a natureza faz muitas vezes das femeas machos, e naõ póde fazer, que o filho iguale a ſeu pay na idade, e com tudo o Direito poem o filho diante do tio mais velho, ſó porque repreſenta a ſeu pay mais velho que o tio; logo muito melhor poderá fazer o que he menos, que a femea repreſente varaõ.

XIV. O que diz o Direito, que femeas naõ entrem em officios, nem juriſdiçoens, entende-ſe, onde ſe naõ ſuccede *Jure hæreditario*. Tambem os Eccleſiaſticos naõ pódem haver dignidades ſeculares, e com tudo poſſuem as herdades, como ſe vio no neto Cardeal Rey. Nem as femeas ſaõ taõ deſtituidas, como as fazem, principalmente as bem criadas: e os bons Conſelheiros ſupprem ſeus defeitos. E aos Doutores da Univerſidade de Coimbra reſolveraõ, que a Senhora Dona Catharina devia ſer preferida a Filippe confórme as Leys do Reyno confirmadas por Innocencio IV. que fazem capazes, e habilitaõ as femeas para a ſucceſſaõ deſtes Eſtados, e excluem aquellas, que

cazaõ

cazaõ fóra do Reyno ; e poriſſo foy excluida a Senhora Dona Brites , e naõ por ſer femea , e tambem illigitima , e ſchiſmatica , e quebrar os contratos jurados , que ao tempo de ſeu cazamento foraõ feitos : ſchiſmatica aqui quer dizer de humor Caſtelhano. XV. Se Filippe por ſer Rey fora izento de Juizes na pertençaõ deſte Reyno , naõ o mandará notificar o Papa Gregorio XIII. pelo Cardeal Riario Legado , que naõ affrontaſſe o nome Catholico com ſe fazer Juiz, e parte, por parecer dos ſeus , que com ambiçaõ do favor , e temor do deſagrado o enganavaõ ; e ſe naõ queria Juizes Portuguezes, por conſiderar nelles alguma paixaõ , que elle lhe daria Juizes deſintereſſados , e incorruptos : e baſtava deixar ElRey D. Henrique devoluta a Juizes a queſtaõ, que elle ſó podera reſolver , para o Rey de Caſtella ſer obrigado a eſtar pela ſentença ; e naõ a declarou o Cardeal Rey, naõ porque tiveſſe alguma duvida na materia , mas por evitar a guerra , que já o Caſtelhano ameaçava : e naõ tinha duvida ; porque quando ElRey D. Sebaſtiaõ foy a Africa, deixou feito teſtamento , em que nomeava o Cardeal D. Henrique por ſeu ſucceſſor no primeiro lugar , e no ſegundo a Senhora Dona Catharina ; e naõ manifeſtou iſto , por divertir a furia de Caſtella, que eſtava muito poderoſa com vitorias , e Portugal muito debilitado com a perda da Africa , e peſte. Fiado pois o Cardeal por tantos principios na juſtiça da Senhora Dona Catharina , por evitar diſcordias nomeou Juizes , e requereo ao Catholico : o qual

ter-

tergiverſando-lhe a razaõ o conſtrangeo, e intimidou a que, ou lhe julgaſſe a cauſa, ou a naõ decidiſſe: naõ conſeguio o primeiro, alcançou o ſegundo, porque eſtava muito poderoſo com riquezas, e armas. Morto o Rey Cardeal, ficou a Senhora Dona Catharina ſó; e o Caſtelhano para ſe córar com o mundo, pôz a cauſa em juizo, aſſegurando a bolada por todas as vias; porque eſcolheo os Juizes que quiz, os quaes em Ayamonte, territorio de Caſtella, com evidente nullidade deraõ a ſentença de maneira, que ſendo cinco, ſó tres ſe renderaõ á corrupçaõ: e para deſaſſombrar a conſciencia a todos, ſumiraõ o teſtamento delRey D. Sebaſtiaõ; e boa prova he que nunca appareceo; e tambem he certo, que dizem, e ſe eſcreve, que levaraõ para Caſtella o livro do *Porco ſpim*, que ſe guardava na Cartorio da Camera de Lisboa, em que eſtava o direito da ſucceſſaõ deſte Reyno com as Cortes de Lamego, em que ſe decretava, que naõ entraſſem neſta Coroa Reys eſtranhos. Feitas eſtas diligencias, entrou em Portugal com hum exercito a tomar a poſſe como inimigo. Do dito ſe colhe, que naõ repugnou a ſer julgado, nem lhe eraõ ſuſpeitos os Juizes, pois os eſcolheo, e fiou delles tudo: e dizer que nenhuma duvida tinha, he falſo, porque ſe a naõ tivera, naõ mandara viſitar a Senhora Dona Catharina pelo Duque de Oſſuna com recados dobrados, que ſe a achaſſe acclamada, lhe déſſe o parabem; e ſe por acclamar, o pezame da morte de ſeu tio o Cardeal Rey; e a requereſſe para ſer julgada a cauſa da pertençaõ do

Rey-

Reyno, que ambos tinhaõ. Nem pedira a Pedro Barboza, Doutor celebre em aquelles tempos, que eſcreveſſe ſobre o direito, que por varaõ tinha a eſta ſucceſſaõ; o qual lhe reſpondeo, que naõ tinha razoens na pertençaõ da Coroa de Portugal em concurrencia de Dona Catharina; e poriſſo eſcreveo ao Duque de Gandia huma carta, em que por cifra lhe dizia, que lhe dava grande cuidado o direito de ſua prima. E picado deſte eſcrupulo deteve o Duque de Barcellos em Caſtella depois de reſgatado, apoderando-ſe delle, pelo que temia de ſeu direito: dilatou-lhe tambem o reſgate com côr de o fazer de graça a titulo de parente, para que cá naõ o declaraſſem por Principe, vendo que difficultariaõ ſua vinda com os Mouros, que pederiaõ por elle os lugares, que temos em Africa. Confirma-ſe mais o eſcrupulo de Filippe com os partidos, que commetteo á Senhora Dona Catharina, largando-lhe o Algarve, e as terras, que foraõ do Infantado, e franqueza para mandar todos os annos huma náo á India por ſua conta. E finalmente porque vio, que naõ tinha bom partido, ſe puzera a queſtaõ nos Juizes, que convinha, ſem ſe lembrar, que ninguem he bom Juiz em cauſa propria, ſe fez Juiz, parte, e arbitro, uſando de violencia; com que tudo ficou nullo conforme as leys, de que ſempre fugio.

XVI. He a verdade, que juizes deraõ ſentença por Filippe com as nullidades, que ficaõ ditas; e álem deſſas outra muito eſſencial, que naõ ſe acha eſcrita; e devia de eſcapar a todos os

Auto-

Autores, que trataraõ esta materia com serem muito diligentes: e naõ me admiro; porque com mayor diligencia sumio Castella todos os papeis, que podiaõ encontrar sua pertençaõ; mas dous vieraõ á minha maõ ha poucos dias por hum caso estranho, andando eu com este ponto na forja: e tendo o Principe nosso Senhor noticia, como estavaõ na minha maõ, mos mandou pedir pelo Conde Regedor, e me consta, que os estimou, e mandou guardar: hum he o Regimento, com que ElRey D. Henrique de parecer, e aprazimento dos tres Estados, mandou se fizesse a Junta; e declara quando, como, onde, e que haviaõ de ser onze Juizes, e esses letrados nomeados por elle, e escolhidos pelos Estados. Outro papel contêm outro Regimento delRey Filippe para fazer este Reyno todo de seu humor por via dos Prelados, Prégadores, e Confessores; e porque contêm violencias notaveis, farey mençaõ dellas adiante no seu lugar no fim da decima razaõ do Manifesto da Senhora Dona Catharina. O Regimento do Cardeal Rey he feito pelo Secretario Lopo Soares em Lisboa a 12. de Junho de 1579. todo da sua letra bem conhecida, e firmado por ElRey, e sellado com o sello grande das Armas Reaes. E nelle mandava se fizesse a Junta em Lisboa no Mosteiro de S. Vicente de Fóra, por ser mais retirado, e observante na clausura; e que delle naõ sahissem, nem communicassem com pessoa alguma, senaõ depois da causa julgada; e que teriaõ vinte e cinco alabardeiros de guarda: e os obrigava a que antes de entrarem na Junta, se con-

confeſſaſſem, e commungaſſem na Sé; e na Capella mór della fizeſſem juramento de inteireza diante do Cabido, Camera, Procuradores, Prelados, Titulos &c. e nada diſto ſe fez: bem ſe vê logo, que a ſentença, que Filippe houve de tres Juizes, foy defectuoza, ſubrepticia, capeada, e de nenhum valor.

XVII. Ainda que Caſtella tiveſſe opiniaõ provavel nos ſeus Doutores, mais provavel era a que eſtava pela Senhora Dona Catharina; e aſſim tirava toda a duvida, que ſe naõ podia tirar com armas, quando as couſas ſe tinhaõ poſto por conſentimento das partes em juizo contraditorio com Juizes eſcolhidos, e louvados, e eſtavaõ *lite pendente*, e Filippe os perturbou, mudou, intimidou, e corrompeo até os desfazer, e diminuir. E he opiniaõ de innumeraveis Autores Caſtelhanos, como Vaſquez, Molina, Sanches, Suares, Filiuſio, Bonacina, e outros, que allegaõ; que ſe naõ póde tomar por armas o Reyno, em que ha opiniaõ. *Quod ſi unus* (conclue Suares diſp. 13. de Bello, ſect. 6. n. 4.) *tentaret rem totam occupare, aliumque excludere: hoc ipſo injuriam alteri faceret, quam poſſet juſte reptere, & eo titulo juſti belli rem totam occupare.* E o juramento do Reyno nas Cortes do Caſtelhano foy irrito; porque em damno da Republica, e da Senhora Dona Catharina, e ſeus deſcendentes: e porque faltou o conſentimento do Reyno livre, que foy extorto por medo do exercito, com que cá entrou. Nem obſta o naõ reclamar; porque nunca houve lugar diſſo até o dia da Acclamaçaõ, que foy antes dos cem annos, que ſe requeriaõ para a preſcripçaõ de boa fé ſem

contradiçaõ, e elles bem má fé tinhaõ; e bem reclamou o Senhor D. Theodosio com seus filhos, cuja retratação se mostrou por escrito. E ainda que o juramento fora muito voluntario, ficava o Reyno desobrigado de o guardar, tanto que os Reys de Castella naõ guardaraõ os que fizeraõ a Portugal, ajuntando, q̃ queriaõ perder o Reyno, se assim o naõ cumprissem.

XVIII. Ao que diz do braço, que se fortificava com Portugal em Castella para defender a Igreja, respondemos, que se for o braço, qual o deu seu pay, que deu saco a Roma, que ficará bem fortificada a Igreja, e que favoreceo tanto Castella a de Portugal, que em sessenta annos que o dominou, naõ sabemos que lhe levantasse huma, nem que lhe désse se quer hum Caliz. E se alguns politicos cuidavaõ, que melhoraria Portugal de forças contra inimigos, naõ foy assim; e a experiencia mostrou o contrario; porque Portugal conserva-se com a paz, que tinha com todos os Principes; e Castella com guerra, que mantêm a todos: donde perdemos os commercios, que nos enriqueciaõ, e ganhámos guerras com todas as Naçoens, que nos destruîaõ: e para que nem desta destruiçaõ nos podessemos livrar, tiravanos Castella as forças, levandonos nossas armas, thesouros, e soldados, para se servir de tudo em suas guerras, e conquistas, desamparando totalmente as nossas.

XIX. Finalmente ao que diz da prescripçaõ, e posse, respondemos, que a naõ póde haver em Reynos; e he de todos os Doutores, que naõ se póde dar em nenhuma materia sem boa fé, titulo, e consentimento das partes tacito, ou expresso. Naõ

foy

foy boa fé a de Filippe; pois com sentença nulla, e armado com exercito tomou posse: nem houve consentimento da Real Casa de Bragança, pois consta, que reclamaraõ os Duques Dom Theodosio, e seu filho ao juramento, em que naõ foraõ perjuros, porque o fizeraõ forçados sem intençaõ de o cumprirem: álem de que he do Direito, que quem com armas invade a posse, a perde com toda a causa. Donde dado, e naõ conseguido, que Filippe tivesse algum direito, todo o perdeo pela violencia. E naõ merece nome de tyranno, quem toma o que he seu: *Et habet jus in re*: antes merece titulo de Principe moderado; porque offerecendose-lhe muitas occasioens de se restituir, dissimulou, esperando conjunçaõ de o fazer com socego, e sem damno de seus póvos: os quaes hoje governa, conserva, e defende muito melhor que Filippe; porque nasceo, e vive entre seus vassallos, falla a sua lingua, conhece os de nome, bafeja-os como Senhor, defende-os como Rey, castiga-os como pay, augmenta-os como poderoso, sem lhes tomar as fazendas, como fazem Reys, que daõ em ladroens.

****

MANIFESTO DO DIREITO DA SENHORA DONA CATHARINA *Ao Reyno de Portugal contra D. Filippe.*

AS respostas da Senhora Dona Catharina, que démos contra as razoens delRey Filippe, bastavaõ por Manifesto de sua justiça: mas he taõ ma-

nifeſto o ſeu direito, que por mais razoens, que demos, ſempre ha mais razoens que dár: e para entendermos bem as mais fundamentaes, que aqui ſe ſeguem, devemos preſuppor, que a ſucceſſaõ delRey D. Joaõ III. filho primogenito delRey D. Manoel, acabou em ElRey D. Sebaſtiaõ ſeu neto: e tornando aos filhos do meſmo Rey D. Manoel, naõ achou varaõ vivo, mais que o Cardeal D. Henrique, o qual morrendo ſem ſucceſſaõ, e ſem irmaõ, ou irmãa, a quem deixaſſe o Reyno, neceſſariamente havia de hir a hum de muitos ſobrinhos ſeus, e netos de ſeu pay. Viviaõ entaõ quatro, tres delles varoens, e huma femea, filhos de dous Infantes, e de duas Infantas: e pela antiguidade das Proles eraõ Filippe Prudente, filho da Infanta Dona Iſabel, Philiſberto filho da Infanta Dona Brites, D. Antonio filho do Infante D. Luiz, e a Senhora Dona Catharina, filha do Infante D. Duarte. Raynuncio tambem oppoſitor já era biſneto na linha do Infante D. Duarte; mas naõ ſe fez caſo da ſua oppoſiçaõ, por ſer defunta ſua mãy, que a devera fazer, e por naõ conſtituir linha differente da em que ſe achava a Senhora Dona Catharina, em melhor gráo que elle. E ſe neſta materia ſe atentára ſó para a linha maſculina, o Senhor D. Antonio ficava de melhor partido, por ſer varaõ, e filho de Infante; mas foy eſcuſo por illigitimo, e indiſpenſado; porque a diſpenſaçaõ ſó ſeria licita em defeito de oppoſitor legitimo: e logo ſe ſeguia a Senhora Dona Maria, por ſer filha de varaõ, e mais velha, que a Senhora Dona Catharina ſua irmãa: mas excluiraõ-na, por defunta, e a ſeu filho, que era o Senhor Raynuncio

Prin-

Principe de Parma por eſtrangeiro, e por ficar fóra do gráo, em que ſe admitte repreſentaçaõ; e principalmente por naõ conſtituir linha em oppoſiçaõ com a Senhora D. Catharina, que ficava com a Senhora Dona Maria na meſma linha do Infante D. Duarte pay de ambas. Seguia-ſe logo a Senhora Dona Catharina, que era viva, e filha de varaõ: mas esbulhôa do direito com violencia notoria, e naõ a deixou tomar poſſe ElRey D. Filippe, dando por razaõ, que era varaõ, ainda que filho de Infanta, e que eſtava em igual gráo com ella: accreſcenta eſtas palavras, que tenho eſcritas da ſua letra no papel, de que adiante farey mençaõ: *Que para entrar en eſtos Reynos nó tenia neceſſidad de aguardar ſentencia de nadie, por ſer el proximo ſuceſſor en el Reyno, y nó reconociente ſuperior en lo temporal, que ſaneada, y ſatisfecha ſu conciencia de ſu juſtiça, pudo ocupar la poſſeſion por ſu ſola autoridad, conforme a Derecho; y que ya es coſa eſta, de que nó ſe ſufre diſputar, ſinó tenerlo por ley, y verdad manifieſta, deſpues que los tres Eſtados del Reyno le tienen jurado en Cortes Generales por ſu Rey, y Senor natural, como lo hicieron en Tomar.* Mas do que temos dito, e diremos, ſe colhe claramente, quaõ pouco fundamento tem, e quaõ ſofiſticas ſaõ eſtas razoens de Filippe, que na verdade ſe ſeguia logo depois da Senhora Dona Catharina, excluindo o Principe de Piamonte, e Duque de Saboya, por ſer filho da Senhora Dona Iſabel mais velha, que a Senhora Dona Brites mãy do Piamonte Saboyano. Poſto iſto: por muitas razoens tomou o neto da Senhora Dona Catharina o Reyno de Portugal a

Filippe com muita juſtiça: e nem por ſerem muitas, fazem melhor cauſa. O ponto eſtá em ſerem boas: e entaõ huma até duas baſtaõ, e tres ſobejaõ. As melhores neſte caſo ſe reduzem a quatro, que ſaõ Linha, Patria, Repreſentaçaõ, Acclamaçaõ: e porque deſtas naſcem outras, direy todas por ſua ordem, e ſaõ as ſeguintes.

RAZOENS
DA SENHORA DONA CATHARINA
Contra Filippe.

I Razaõ. Porque eſte Reyno era devido ao neto, ou neta delRey D. Manoel, que ſe achaſſe em melhor linha: e entaõ ſó a Senhora Dona Catharina o eſtava, como filha legitima do Infante D. Duarte, que houvera de ſer Rey, ſe vivera com a Infanta Dona Iſabel mãy de Filippe, e preceder-lhe por varaõ, ainda que ella foſſe mais velha. II Razaõ. Porque as Leys de Portugal prohibiraõ paſſar a Coroa a eſtranhos (como já diſſemos, ou provámos das Cortes de Lamego) e entaõ ſó a Senhora Dona Catharina era natural deſte Reyno. E que eſta ley ſeja juſta, prova ſe da ley natural; porque naõ ha couſa mais natural, que governarem-ſe as cõmunidades por ſeus naturaes, que lhes ſabem os coſtumes, e inclinaçoens. Da ley Divina; porque no Deutoronomio mandava Deos ao ſeu povo, que naõ admittiſſe Rey eſtranho: *Conſtitues Regem, quem Dominus Deus elegerit de medio fratrum tuorum; non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non ſit frater tuus.* Deut. 17. Das letras humanas: os Garçoens diziaõ, que naõ eſtavaõ obri-

obrigados a obedecer a ElRey de Inglaterra, ſenaõ quando aſſiſtia entre elles. Sandoval na Hiſtoria dos Reys de Caſtella diz de Affonſo VI. que elle naõ cazaria ſuas filhas com eſtrangeiros, ſe ſoubera, que naõ havia de ter filhos: e de ſeu neto filho de D. Ramon fazia pouco caſo, por ſer filho de eſtrangeiro: e naõ levava em paciencia, que faltaſſe em Caſtella a ſucceſſaõ Real. O noſſo Rey D. Affonſo Henriques aſſentou com os Eſtados, e póvos, que na Coroa de Portugal naõ ſuccedeſſe eſtrangeiro, nem ſe admittiſſe a ella filho de filha, que cazaſſe fóra do Reyno; e em tempo delRey D. Affonſo V. naõ quizeraõ os tres Eſtados, que foſſe ſua tutora a Rainha Dona Leonor ſua mãy, por ſer Aragoneza: e ElRey D. Joaõ III. teve feita ley para eſtes Reynos, em que naõ ſó excluîa os eſtrangeiros, mas tambem as femeas filhas dos Reys deſtes Reynos, por tirar as duvidas pertendendo algum Rey eſtrangeiro, ou outro cazado no Reyno, ſucceder nelle; mas a Rainha Dona Catharina a eſtorvou pelo amor que tinha a Caſtella, eſtando para ſe promulgar. A eſte ponto tiraõ as leys deſte Reyno, que prohibem terem officios publicos eſtrangeiros; e poriſſo ElRey Filippe jurou que os naõ daria ſenaõ a Portuguezes; e podiaõ os Reys Portuguezes fazer eſtas leys neſte Reyno, naõ ſó por ſerem conformes á ley natural, e divina, em ſemelhante caſo, ſenaõ tambem, porque as punhaõ em couſa propria, que podiaõ diſpôr com as condiçoens, que quizeſſem porque ganharaõ á força do ſeu braço, e cuſta de ſeu ſangue Portugal aos Mouros, que injuſtamente o poſſuîaõ, e aſſim como em bens proprios lhe puzeraõ as con-

diçoens, que se lêm nas Cortes de Lamego.

III. Porque só dispensando-se com a ley, que prohibia estranhos, podia ser admittido ElRey Filippe, a qual nunca se tinha dispensado: e havendo-se de entrar no Reyno com dispensaçaõ, mais direito tinha o Senhor D. Antonio para ser dispensado; porque álem de ser natural deste Reyno, era filho de Infante varaõ, e só necessitava de dispensaçaõ na illigitimidade, que já em ElRey D. Joaõ o I. se tinha dado; e a razaõ de ter por sua mãy sangue Hebreu, naõ estava prohibida, nem isso nos Reys avulta: donde de *primo ad ultimum* a Senhora Dona Catharina só devia entrar na succesaõ desta Coroa, por naõ ter necessidade de dispensaçoens por neta legitima delRey D. Manoel, e Reyno. IV. Porque o beneficio da representaçaõ ha lugar na succesaõ destes Reynos, assim como por Direito cõmum está concedido nas heranças, que se differem *ab intestado*: e prova-se; porque está geralmente induzido por Direito em todas as succesoens hereditarias, porque o filho he huma mesma cousa com seu pay: e estes Reynos saõ herança do ultimo Rey possuidor: logo bem se segue, que ha nelles lugar á representaçaõ, assim como nas heranças, que se differem *ab intestado*. Confirma-se; porque tambem se admitte representaçaõ nos Mórgados, e bens vinculados *jure sanguinis*: logo tambem nos Reynos, posto que fossem *jure sanguinis*; porque foraõ instituidos pelos póvos, em quem se naõ póde considerar, que tivessem mais amor ao filho, ou irmaõ do Rey, por mais chegados, que ao neto, ou sobrinho, por mais remotos. Donde *Molina*

lib.

lib. 3. cap. 7. q. 1. n. 28. tendo, que a succeſſaõ dos Reynos ſe differe *jure ſanguinis*, admitte o beneficio da repreſentaçaõ. E a ley diſpoem em Eſpanha, que o neto ſerá preferido ao filho ſegundo do Rey; e ha exemplos diſto em Inglaterra, França, Hungria, Bretanha: e em Aragaõ fez ElRey D. Jaymes II. jurar por ſeu ſucceſſor a D. Pedro ſeu neto, filho do Principe D. Affonſo, ſendo vivo o Infante D. Pedro ſeu filho ſegundo; e neſte Reyno D. Joaõ o I. ordenou em ſeu teſtamento, que os filhos, e netos do Senhor D. Duarte ſeu primogenito precedeſſem ao Infante D. Pedro ſeu filho ſegundo; e ElRey D. Affonſo V. ordenou o meſmo por ſua carta patente, eſcrita aos Eſtados, accreſcentando, que o filho, ou filha do Principe D. Joaõ ſeu primogenito, ſendo legitimos, herdaſſem o Reyno, e naõ filho ſegundo ſeu. Poſto iſto, bem ſe infere, que á Senhora Dona Catharina pertencia a Coroa deſte Reyno, por repreſentar a ſeu pay, que ſe vivêra, havia de ſer Rey diante da Senhora Dona Iſabel, que a perdia, ainda que mais velha, por ſer femea.

V. Dado, que em Portugal naõ houveſſe ley, nem Ordenaçaõ expreſſa, que admitta repreſentaçaõ na ſucceſſaõ dos Reynos; ha com tudo ley, que o caſo, que naõ eſtiver nas Ordenaçoens delle decidido, ſeja julgado pelas leys Imperiaes; e ſe neſtas naõ eſtiver, pelas Gloſas de Acurſio; e ſe neſtas naõ, por Bartholo, ou pela cõmum opiniaõ dos Doutores. E o caſo preſente da maneira que o reſolvemos, ainda que naõ eſtá na Ordenaçaõ deſte Reyno, colhe-ſe do Direito Civil, e eſtá determinado por Acurſio, Bartholo, e os Doutores, e admit-

tido,

tido, e praticado em Portugal, e muitos outros Reynos, como moſtramos. VI. Porque as femeas pódem ſer admittidas á ſucceſſaõ dos Reynos de Portugal; e ſe prova, de que a ſucceſſaõ deſtes Reynos ſe differe *jure hæreditario*, como herança do Rey ultimo poſſuidor: e conſta conforme a Direito, que as femeas por teſtamento, e *ab inteſtado*, ſaõ admittidas ás heranças hereditarias, aſſim pela ley das doze Taboas, como pelo Direito novo dos Emperadores, que ſe hoje guarda: e pois neſte Reyno naõ ha ley, que as prohiba, claro eſtá, que pódem ſer admittidas, aſſim como o ſaõ em todos os Reynos, e Eſtados da Europa, de que ha innumeraveis exemplos, que traz *Tiraquel. tom.* 1. *q.* 10. *á n.* 4. e aſſim eſtá declarado em Portugal, e ſe colhe da doaçaõ feita ao Conde D. Henrique, e ſua mulher Dona Thereſa, que dizia: *Para elle, e ſeus ſucceſſores*. E conforme a Direito eſta palavra (*ſucceſſores*) admitte tambem femeas, como a palavra (*herdeiros*) com a qual ElRey D. Affonſo II. em ſeu teſtamento admitte a ſua filha Dona Leonor, para lhe ſuceder no Reyno: e no Reyno do Algarve ſe prova particularmente da doaçaõ delRey D. Affonſo o Sabio de Caſtella a ElRey D. Affonſo o III. Conde de Bolonha ſeu genro, para ſeus filhos, e filhas para ſempre. Deſtes exemplos ha muitos, o melhor me parece o da Carta, que ElRey D. Affonſo V. eſcreveo aos Eſtados do Reyno, pela qual, quando entrou em Caſtella, determinou o modo, que ſe havia de guardar na ſucceſſaõ deſtes Reynos, dizendo aſſim: *Se em algum tempo acontecer, o que Deos naõ mande, que o Principe, meu ſobre todos muito amado, e prezado*

filho,

Filho, faleça antes de meu paſsamento deſte mundo, e delle fiquem filhos, ou filha legitimamente havidos, que aquelles, ou aquella herde os ditos meus Reynos de Portugal, e dos Algarves; e naõ outro algum meu filho, ou filha. De tudo o dito ſe colhe, que as femeas em Portugal ſaõ habeis para herdarem eſta Coroa, e que a Senhora Dona Catharina naõ a podia perder por femea.

VII. Os Reynos herdaõ-ſe mais pelo direito hereditario, que pelo do ſangue. Em Caſtella querem muitos que prevaleça o direito do ſangue, e que fóra della tenha mais força o hereditario. Donde os Caſtelhanos pegaraõ do direito do ſangue, para darem a Filippe o Reyno de Portugal: mas achando, que tambem por eſta via tinha a Senhora Dona Catharina mais direito, pegaraõ do hereditario; e parece que os moveo o verem, que poſſuîa Filippe, Navarra, Leaõ, e Caſtella com direito ſó hereditario, e naõ ficava conſoante occupar hum Reyno com direito contrario ao com que ſe poſſuîa os outros. Donde ſe deve notar, que com o direito, que allegaraõ contra a Senhora Dona Catharina, perdiaõ os Reynos, que poſſuîaõ: e em qualquer dos direitos ficavaõ de peor partido, e a Senhora Dona Catharina de melhor condiçaõ.

VIII. Direito do ſangue he aquelle, que vem por inſtituiçaõ antiga, que diſpoz foſſe correndo a herança pelos parentes mais chegados em ſangue ao inſtituidor, como ſe vê nos Morgados. Direito hereditario he aquelle, que ſem attentar para as taes inſtituiçoens, dá a fazenda do defunto ao parente mais chegado, ou quem o tal defunto nomea. De

manei-

maneira que no direito do ſangue ſuccede ao primeiro inſtituidor, e no hereditario ao ultimo poſſuidor; e ſe bem attentarmos em ambos eſtes direitos, eſtava a Senhora Dona Catharina diante delRey Filippe: no do ſangue, por vir por linha maſculina, que he preferida á feminina, por onde ella vinha; e no hereditario; porque a inſtituiçaõ do noſſo Reyno era, que déſſe ao natural, como era a Senhora Dona Catharina, e naõ a eſtrangeiro, como era Filippe. E prova-ſe da cauſa; porque elegeo Portugal o ſeu primeiro Rey natural, que foy, por ſe eximir do governo de Leaõ. E que eſte diſcurſo, e opiniaõ eſteja conforme a Direito, e razaõ, confirma Caſtella com ſemelhante caſo, em que tirou a S. Luiz Rey de França a herança de ſua Coroa, que lhe vinha por ſua mãy Dona Branca, filha mais velha do Rey Catholico, e a deo aos filhos de Dona Berenguera mais moça, que aſſiſtiaõ em Caſtella.

IX. O Duque D. Joaõ, marido da Senhora Dona Catharina, era deſcendente por linha maſculina do primeiro Rey de Portugal D. Affonſo Henriques; e he certo, que quando de alguma herança he excluída a femea a favor de varaõ, naõ tem iſto lugar, quando ella he cazada com agnado da meſma familia. Donde tambem por eſta cabeça de ſucceſſaõ hereditaria vinha o Reyno á Senhora Dona Catharina; e ſó podia haver duvida entre o Duque Dom Joaõ, e a Senhora Dona Catharina ſua mulher, por terem ambos o direito do ſangue, e ſerem agnados, e precedello ella em ſer mais chegado ao ultimo poſſuidor, e elle a ella, em ſer varaõ: mas toda a duvida ſe ſolta no filho, que de ambos naſceo, o Se-

nhor

nhor D. Theodosio, no qual se ajuntaraõ ambas as razoens, que se cõmunicaraõ a seu neto ElRey D. Joaõ IV. o qual fundado nellas tomou posse pacifica do Reyno, que por pays, e avós lhe vinha direitamente. X. Faz muito pelo direito da Senhora Dona Catharina a força, e violencia, com que ElRey Filippe invadio este Reyno, e tomou posse delle; e já mostrámos, que a força em causas juridicas tira o direito, a quem a faz: e esta se prova em Filippe; porque mandou declarar por rebeldes, e traidores, com privaçaõ de vida, e fazenda a todos, os que com opiniaõ mais que provavel trataraõ da defençaõ de sua patria, sem lhe terem jurado a elle, nem promettido fidelidade: e por este principio deo garrote secreto a immensos Religiosos, que mandou lançar no mar com pedras aos pescoços. E que fosse injusta, ou tyrannica esta violencia, mostrou-o no Ceo negando por muito tempo o peixe aos pescadores, que foraõ ao Arcebispo D. Jorge de Almeida queixar-se, que estava o mar excõmungado, porque lançando muitas vezes as redes nelle, em lugar de peixes tiravaõ muitos corpos de Frades. E foy assim, que mandando o Arcebispo absolver o mar com as ceremonias da Igreja, começou a dar pescado, e cessou a maldiçaõ, que melhor abrangeria a quem tal justiça executou. Mais fez para violentar naõ só os corpos, senaõ tambem as almas, que mandou a todos os Prelados Ecclesiasticos deste Reyno, que revogassem logo todas as licenças a todos, quantos houvesse approvados para confessar, e prégar; e que as naõ concedessem de novo, senaõ aos que fossem conhecidos por de humor Castelhano; e que puzessem censuras

refer-

reſervadas, de que com nenhuma Bulla ſe pudeſſem abſolver, os que de palavra, ou por eſcrito fignificaſſem opiniaõ contraria á de Filippe. E diſto tenho na minha maõ hum papel, ou Regimento, que já atraz toquey, digno de ſe imprimir pelas muitas couſas deſproporcionadas, que contém, e por ſer da maõ, e letra delRey Filippe o Prudente, que neſtes pontos moſtrou, que o naõ era muito; pois mandava aos Prelados inferiores ao Papa, que revogaſſem os poderes das Bullas, e as licenças, que ſó os Summos Pontifices pódem tirar: mas como a pertençaõ principal, era nulla, naõ ha que eſpantar, de que os meyos para ella foſſem tudo nullidades.

XI E porque de hum abſurdo ſe ſeguem muitos, como diz o Filoſofo: deſte da força, e violencia, ſe ſeguiraõ tantas injuſtiças, em que logo ſe deſempenhou Caſtella, que menos baſtavaõ pára lhe tirar o direito, dado, e naõ concedido, que algum tiveſſe; e para corroborar o da Senhora Dona Catharina, ainda que foſſe fraco. Vinte e quatro Capitulos cheyos de promeſſas, que Filippe jurou a eſte Reyno, quaſi todos ſe quebraraõ, tendo no fim delles, que ſendo caſo, o que Deos naõ permittiſſe, nem ſe eſperava, que o Sereniſſimo Rey D. Filippe, ou ſeus Succeſſores, naõ guardaſſem a tal concordia, ou pediſſem relaxaçaõ do juramento, os tres Eſtados deſtes Reynos naõ ſeriaõ obrigados a eſtar pela dita concordia, e lhe poderiaõ negar livremente a ſugeiçaõ, e vaſſallagem, e que lhe naõ obedeceſſem, ſem poriſſo incorrerem em perjuro, crime de *leſæ Majeſtatis*, nem outro máo caſo algum. XII. Admittindo nós as injuſtiças allegadas em commum,

que

que logo moſtraremos em particular; e dado, e naõ concedido, que a Real Caſa de Bragança naõ tiveſſe a eſte Reyno o direito, que temos moſtrado, eſtava o Sereniſſimo Duque neto da Senhora Dona Catharina obrigado a tratar do bem deſte Reyno, por ſer natural, e o mayor Senhor delle. Do bem da Republica póde tratar qualquer do povo, procurando ſeu augmento, e ſegurança: he ley certa deſte Reyno, por ſer opiniaõ de Bartholo, que naõ tem niſto, quem o contradiga. He tambem certo em Direito, que quando hum Reyno eſtá affogado, e opprimido com injuſtiças, tyrannias, e inſolencias do Rey, que o poſſue, e de ſeus Miniſtros; que o Rey mais viſinho he o ſeu protector, e a quem toca, e compete acudir-lhe: e com mais razaõ os Senhores Duques de Bragança, Condeſtaveis deſte Reyno, deſcendentes dos noſſos Reys, podiaõ tomar á ſua conta a liberdade da Patria, de ſeus parentes, e criados. Eſta doutrina admittem até os Caſtelhanos, e he de todos.

XIII. Eſtá hoje ElRey D. Joaõ o IV. em poſſe de boa fé; porque dado, que houveſſe duvida no direito, ou violencia interpoſta de huma das partes, a reſoluçaõ pertencia ao povo; que póde eleger por Acclamaçaõ, como elegeo o neto da Senhora Dona Catharina, uſando de hum quaſi poſtliminio no direito de eleger, que teve radicado do principio, e depois o transferio hereditario nos Reys; aſſim Portugal decidio a ſentença, que o Cardeal Rey naõ deo, e que o Caſtelhano nullamente fulminou. XIV. Sobre eſte fundamento da Acclamaçaõ voluntaria tiveraõ outro os Portuguezes naõ

menos

menos forçozo, para renderem obediencia aos Descendentes da Senhora Dona Catharina, e ſacudirem o jugo de Caſtella; e foy o das injuſtiças, com que eſta os governava: e prova-ſe ſer bom em toda Europa; em Caſtella com o Rey D. Pedro, em França com Gilperio, em Suecia com Chriſtierno, em Dinamarca com Herico, em Portugal com D. Sancho Capello, que foy excluîdo do governo por ſua frouxidaõ, e teve a ſeu irmaõ o Conde de Bolonha por ſeu ſubſtituto: com eſte titulo ſe livraraõ os Hollandezes, e ſe livraõ os Catalans, ſe levantou Napoles, ſe amotinou Sicilia; e Portugal declarou por ſeu Rey, a quem por direito o era, para o governar, como natural ſem tyrannias.

REPOSTA DELREY FILIPPE *contra as razoens* DA SENHORA DONA CATHARINA *com ſeu deſengano.*

REpoſta contra a primeira razaõ. *Terrible caſo* (diz Filippe) *que quiten los Portuguezes un Rey Catholico, y tan buen Chriſtiano como ellos, de ſu ſilla, y que ſe jacten; lo hazem con raſon, colgandola de una linea, y que arraſtren con ella mi potencia, y mi derecho tan bien fundado en igual grado com mi prima, a quien devia yo preceder por Varon, y mas viejo que ella!* Mas eſta repoſta ſe desfaz, como nevoa á viſta do Sol, com a ley, e razaõ da repreſentaçaõ, que já deſcutimos. II. Contra a ſegunda. *Admito, que podia Portugal hazer ley; que eſtrangeros nò le herdaſſen;*

ſen: mas niego, que la hizo; y lo pruevo con exemplo de la Reyna de Caſtilla Dona Beatríz, hija unica del Rey de Portugal D. Hernando; la qual por muerte de ſu padre fue jurada en Portugal por Reyna, y Senora ſuya; y confirma-ſe con el Rey D. Manuel, quando heredó los Reynos, y Eſtados de Caſtilla en nombre de ſu hijo D. Miguel: y ſiendo poderoſos para defenderſe, lo recebieron amoroſamente, nò obſtante ſer eſtrangero; y quando deſpues los heredò el Archiduque de Auſtria, aunque era Aleman, hizieron lo miſmo: y que de la miſma manera deve Portugal ſer unido a Caſtilla. Mas eſtas repoſtas, e inſtancias tem facil reſoluçaõ; porque à certeza da ley conſta muito bem a Caſtella; que à ſumio com as Cortes de Lamego, como fica dito: e a nós baſtanos a tradiçaõ por certeza, que ſe prova com muitos documentos. E a Rainha Dona Brites poriſſo a jurou a Portugal; porque era natural, e logo a repudiou, porque ſe fez Caſtelhana: e ſe Caſtella admittia eſtrangeiros, era, porque naõ tinha ley em contrario, como Portugal tem: e tambem porque os fazia naturaes com a aſſiſtencia continua; e com eſta faltou a Portugal, naõ pondo nelle pé, mais que para o opprimir, aggravando-lhe o jugo como eſtranho, e poriſſo com muita razaõ o facudio.

III. *Que nò tenia neceſſidad de diſpenſacion en eſta ley, porque era Portuguez, hijo de madre Portugueza, y ſe hizo Portuguez hablando la lengua de Portugal en ſus Proviſiones, y deſpachos, conſervando las coſtumbres, y leys de los Portuguezes; con Palacio Real en ſu Reyno, y Tribunales, prometiendo aſiſtir en él el tiempo neceſsario para ſer tenido, y*

avido por natural, y nò por eſtrano. Mas iſto ſe bem o diſſe, mal o cumprio; porque nunca veyo a Portugal, mais que a tomar poſſe armado como inimigo, metendo préſidios Caſtelhanos em todas as forças do Reyno, e Miniſtros Caſtelhanos nos Tribunaes, armando á que todos foſſemos Caſtelhanos; porque ſó aſſim tratava de ſer natural noſſo: e para hum homem ſer natural requer a ley deſte Reyno, que ſeja naſcido nelle, e que ſeu pay tenha nelle bens de raiz, e domicilio por dez annos continuos, e nada diſto teve Filippe IV. *Al punto de la repreſentacion negemos ficciones, y chimeras de Legiſtas, y tomâmos poſſeſion por la realidad*. Mas já fica deſenganado na repoſta, que démos á razaõ quinta do ſeu Manifeſto; álem dos exemplos, que na quarta razaõ da Senhora Dona Catharina de novo apontámos, que bem moſtraõ, quam praticada foy ſempre a repreſentaçaõ em todos os Reynos da Europa, e neſte de Portugal muito particularmente, e eſtabelecida por ley. V. *Que los Reyes, como Senores Soberanos, nò ſon ſugetos a las leyes, que ſe hazen para governar inferiores, y que las pueden derogar, quando reſultaren en dano de la Corona; que es la primera coſa, que ſe pretende conſervar con el derecho*. E diz muito bem em Reys tyrannos, para os quaes naõ ha ley, mais que a de ſua vontade, confórme aquelle texto, que ſó elles guardaõ: *Sic volo, ſic Jubeo*; *ſic ratione voluntas*. Mais devera advertir, que na oppoſiçaõ preſente naõ fazia figura de Rey, ainda que o era, ſenaõ de filho da Senhora Dona Iſabel, e como tal em figura de particular pertendia eſte Reyno, e naõ como filho do Emperador; por onde, ainda que era

Rey, naõ lhe pertencia eſta Coroa. VI. *Lo que toca, a que las hembras pueden ſer admitidas a la ſucesion de los Reynos de Portugal, lo admite todo en las hembras de la linea recta, y que lo niega en las colaterales, a quien preceden los varones, que ſe oponen en igual grado, y ſe prueva en Portugal de aquel Capitulo de las Cortes de Coimbra.* Mórmente que de tal devido, como o dito D. Joaõ Henriques havia com o dito D. Fernando, he da parte das mulheres; que ſegundo coſtume, e ley de Eſpanha, dos filhos a fóra naõ pódem ſucceder em tal dignidade. Mas eſte argumento bem ſe vê que naõ vem a propoſito; porque ſe tomarmos o texto como ſôa, tambem a filha do ultimo poſſuidor naõ poderia herdar o Reyno, contra o q̃ temos provado, e Filippe admitte. Donde ſó ſe entende dos parentes collateraes, que naõ deſcendem do Sangue Real dos noſſos Reys, como naõ deſcẽdia D. Joaõ Henriques de Caſtella, e poriſſo naõ devia ſucceder a ElRey D. Fernando, poſto que foſſe ſeu primo com irmaõ; porque eſte parenteſco era por parte das mãys que naõ deſcendiaõ dos noſſos Reys. VII. *Que todos los Reynos tienen ſus leyes, y derechos particulares, que en ſus heredamẽtos obſervan; y que aviendo variedad en ellos, bien podia llevar unos Reynos por el derecho de la ſangre, y otros por el hereditario.* Mas eſcuſando nós agora eſta queſtaõ, que devolve muitas fallencias, ſatisfazemos com averiguar, que aſſim em hũ direito, como no outro, tinha a Senhora Dona Catharina mais juſtiça, cómo moſtra a oitava razaõ do ſeu Manifeſto. VIII. *Que ay tiempos de tiempos, y que ay leyes diferentes para diferentes Reynos: que Francia nò podia heredar Caſtilla;*

tilla, porque tienen eſtas leyes, y privilegios, que lo vedan: y Caſtilla podia heredar Portugal, porque nó avia impedimento de ley, que ſe lo eſtrovaſſe. Mas a iſto ja diſſemos, que temos leys, que naõ paſſe eſte Reyno a eſtranhos, e atraz na ſegunda razaõ do Manifeſto da Senhora Dona Catharina ficaõ apontadas: e ſe as nega Filippe, tambem lhe negaremos as que allega contra França, e queremos, que nos valha neſte caſo, ſe foy bom o eſtylo, que entaõ uſou contra França.

IX. *Yo lo heredé, yo lo compré, yo lo conquiſté. Yo lo heredé, porque me lo reſolvieron muchos Doctores; yo lo compré, para evitar repugnancias: yo lo conquiſté, para quitar dudas. Y como lo heredado, comprado, y conquiſtado es, de quien lo heredó, compró, y conquiſtó: de la miſma manera Portugal por todas as cabeças es mio, y nò de la Senora Catalina, que nò lo heredó, ni lo compró, ni lo conquiſtó, como yo.* Diz bem que o herdou por ditos de Doutores, que corrompeo com dadivas, e terrores. Mas naõ rendeo a opiniaõ do melhor de todos, como já tocámos no fim da reposta quinze ao feu Manifeſto; e o meſmo Juriſconſulto referindoſe-lhe huma viſaõ, que tivera huma peſſoa louvada em virtude, que lhe moſtrara Deos a alma de Filippe paſſando do Purgatorio para o Ceo, reſpondeo perguntando: Reſtituîo elle já Portugal á Senhora Dona Catharina? Pois em quanto lho naõ reſtituir, naõ creyo, que eſtá no Ceo. E eſte he o direito, que adquirio pela herança, compra, e conquiſta, que allega. Herdou, o que lhe naõ pertencia; comprou, a quem naõ era dono, que pudeſſe vender; conquiſtou contra direito, e aſſim o ficou perden-

perdendo a tudo pelas meſmas tres cabeças, por onde jacta, que ſe fez Senhor. X. *Al punto de la fuerça ſe dize, que* vim vi repellere licet. *Que una fuerça grande nò ſe deshace ſinó con otra mayor.* E diz bem, que ſentio grande força intrinſeca no dircito da Senhora Dona Catharina, porque força extrinſeca naõ a havia nella: antes com paz, e ſocego ſe punha na razaõ, que Filippe naõ quiz admittir, nem ouvir; e poriſſo chamamos violencia á poſſe que tomou; com que na verdade perdeo todo o direito, que affectava.

XI. *Que tal juramiento de guardar capitulos, y perder el Reyno, ſi nò los guardaſſe, reſponde, que nunca lo hizo, ni ſe moſtrará autentico; y que lo prometido en las Cortes ſe cumpria, y quebrantava conforme a las conveniencias del tiempo, y buen govierno de las coſas, que nò pueden ſiempre mirar a un ſolo fin, que los Reyes pueden alterar para mejor govierno, y mayor provecho de ſus Eſtados.* E falla verdade em dizer, que naõ eſtá authentico o tal juramento, que fez nas Cortes de Thomar em Abril de 1581. porque o naõ deixou imprimir na Carta patente de confirmaçaõ dos vinte e quatro capitulos. Tralla porém impreſſa em Madrid o Autor da Ley Regia de Portugal fol. 129. E o certo he, que naõ he mayor o poder nos Reys, para condẽnarem por traydores os vaſſallos, que no promettido, e jurado lhes faltarem; que nos meſmos póvos, para lhes negarem a obediencia, e os excluirem, quando os Reys lhes faltaõ com a palavra dada, e quebrantaõ o juramento de ſua promeſſa. Eſtá nos póvos a eleiçaõ, e creaçaõ de ſeus Reys, e nella contrataõ com elles haverem-nos de adminiſtrar em ſua conſervaçaõ, e utili-

dade. Donde todas as vezes, que os Reys lhes faltaõ, no que lhes prometteraõ de os defender, e conſervar, os pódem remover, e negarlhes a obediencia, como Portugal fez a ElRey D. Filippe, depois de o admittir intruſo, e violento. XII. Redicula he a repoſta, que Caſtella dá á XII. razaõ da Senhora D. Catharina; porque conſta de opprobrios: *Llamandonos rebellados, prejuros, traidores, tiranos: y luego vendrá el Leon con ſus garras invencibles a hacer juſticia, y poner el derecho en ſu lugar, y punćto, &c.* Mas bem claro fica do que temos diſcurſado, a quem pertencem eſtas nomeadas, que mais ſe confirmaõ com as ameaças das novas violencias, que nos promette: e entre tanto nos conſolemos com o que lá dizem em Caſtella: *Que deſ dicho al hecho vá gran trecho*: quanto mais, que onde as daõ: e naõ ha pé, que naõ ache forma de ſeu çapato.

XIII. *Niega Phelipo eſtar el pueblo en poſeſsion de eligir Reyes; porque nò tenian mejor privilegio de eligir Rey en Portugal, que en los otros Reynos de Heſpanha, los quales ſon de ſuceſion, en quanto vive deſcendiente legitimo de la familia Real; y en eſta parte tiene Portugal menor libertad, que los otros Reynos; porque procede de donacion de los Reyes de Caſtilla, y de conquiſta de los Reyes de Portugal: y como el pueblo nò diò el Reyno, nò puede aver caſo, em que ſea poſible eligir.* Bem eſtá: aſſim he. Mas nas duvidas naõ ha duvida, que tem o povo direito para as decidir, quando naõ ha, quem as reſolva limpamente, e ſe ſente offendido: porque ſe haõ no tal caſo os Reynos, como vagos, e reduzidos ao primeiro principio natural de ſua inſtituiçaõ, antes

tes de terem Reys, em que os póvos pódem eleger quem quizerem: e bem ſe prova, que os de Portugal nunca quizeraõ a ElRey Filippe; pois nunca lhe deraõ hum viva, como notaõ até ſeus Chroniſtas; nem na mayor pojança do horrendo triunfo, com que entrou pela rua Nova de Lisbóa. E vimos as acclamaçoens de vivas, com que ElRey D. Joaõ o IV. foy ſublimado ao Throno, para deſengano do mundo todo, que ſabe muito bem, que a concorde, e voluntaria acclamaçaõ dos póvos he o melhor titulo, que ha para reynar; porque aſſim ſe inſtituîraõ os Reynos, e fizeraõ os primeiros Reys. Donde havendo duvida entre herdeiros, e oppoſitores a huma Coroa, o melhor direito, que ha para as decidir, he a vontade do povo, que primeiro fez os Reys.

XIV. Finalmente reſponde Filippe: *Que nò ſe pueden preſumir tiranias de un Rey Catholico, ni injuſticias de un Monarcha tan poderoſo, que de nada neceſita, para ajuſtarlo todo, dando medio con ſuavidad a lo violento, y ſalida facil a lo dudoſo.* E diz bem; porque em duvida, de todos os Reys ſe ha de preſumir bem: mas quando as couzas ſaõ evidentes, naõ ha eſcuſa, que as livre. A evidencia das injuſtiças, que Caſtella uſou com Portugal ſeſſenta annos, que o teve ſugeito, moſtrará o Capitulo ſeguinte: e neſte damos fim aos Manifeſtos de huma, e outra parte; em que ficaõ averiguadas, e bem manifeſtas as unhas de Portugal, e Caſtella; e bem curto de viſto ſerá, e bem cego de paixaõ, quem com a luz deſtas verdades naõ vir, que Portugal naõ tem unhas, e que Caſtella ſempre as teve, e para eſte Reyno muito grandes.

CAPITULO XVII.

Em que ſe reſolve, que as unhas de Caſtella ſaõ as mais farpantes por injuſtiças.

DO que temos dito fica aſſaz claro, que Portugal nunca teve unhas para furtar, e que Caſtella ſempre uſou dellas. E porque póde haver, quem naõ alcance tantas razoens; aſſim porque ſendo muitas confundem, como porque ha corujas, que naõ vêm luz, poremos aqui huma demonſtraçaõ taõ clara, que todos a vejaõ até com os olhos fechados, e a entendaõ, ainda que eſtejaõ dormindo. Ceſteiro, que faz hum ceſto, fará cento, diz o proverbio. E ſe iſto he verdade, como o he; mais o ſerá, ſe diſſermos: Ceſteiro, que faz hum cento de ceſtos, quero dizer de furtos, he mais que certo; e naõ he neceſſario para os provar, trazermos aqui Cetros, nem Coroas, como a de Navarra, de que ſe intitula ainda Rey o Francez; nem Milaõ, que o meſmo appellida por ſeu: nem Napoles, ſobre que fulmina o Papa, que lhe pertence: nem Caſtella, e Leaõ, ſobre que recclamaõ hoje os Lacerdas em Medina Cæli: nem Sicilia, que tem Senhor, que a naõ logra por falta de poder: nem Aragaõ, que já tem no ſeu Limoneiro o direito, que o certifica da violencia que padece, nem os mais: que ſe com eſtes ſe forem para ſeus donos, ficará Filippe como a gralha de Hiſopete. Naõ nos he neceſſario diſcorrermos por Reynos alheyos, dentro no noſſo daremos pilhagens aos milhares, em que enſanguentou tanto ſuas unhas Caſtella, que baſtaõ, para provar,

var, que as tem muito grandes; e naõ repararia em levar eſte Reyno de hum golpe, ſem ſer ſeu; pois naõ reparou em o desbalijar por partes, depois de o poſſuir com unhas tiranicas. Das injuſtiças naſce a tirannia, naõ para eſtar ocioſa, mas para obrar mais injuſtiças. E he aſſim que os Autores a dividem em duas, quando a difinem. A primeira ſe dá, quando ſe occupa hum Reyno com violencia contra as leys. A ſegunda, quando o Rey o governa contra as meſmas leys. A primeira manifeſta fica nos dous Manifeſtos, e em ſuas repoſtas. A ſegunda ſe manifeſtará nas injuſtiças ſeguintes.

Quando Portugal paſſou para Caſtella, hia aperfeiçoando ſuas Conquiſtas com novos modos de tratos, que ſe deſcobriaõ; hia-ſe ampliando, e propagando noſſa ſanta Fé. Tudo parou logo, e com o tempo foy tornando para traz. Tinha-mos poderoſas armadas, immenſas armas, muita gente deſtra para tudo; quaſi de repente, e ſem o cuidarmos, nos achámos ſem nada. Pôz-nos mal Caſtella com todas as Naçoens; com que ſe diminuîo o trato, as rendas das Alfandegas faltaraõ, as mercadorias encareceraõ; os eſtrangeiros naõ podendo vir a noſſos pórtos buſcar noſſas drogas, hiaõ buſcallas a noſſas Conquiſtas, lançandonos dellas; porque naõ tinhamos forças, para lhe reſiſtir; e ainda que tinhamos os antigos brios, faltavanos a direcçaõ do governo, e o cabedal, que nos devorava Caſtella. Capitulou por vezes pazes com os Hollandezes da Linha para o Nórte, deixando fóra dellas, o que fica para o Sul, onde cahe o principal de noſſas Conquiſtas, como quem ſe naõ dohia dellas. Deu licença a eſtrangeiros para hi-

rem

rem commerciar a noſſas Conquiſtas com grande perda, aſſim de particulares noſſos, como das rendas Reaes: e no anno de 1640. mandou publicar nos Eſtados de Flandres obedientes, que podiaõ livremente navegar a quaeſquer pórtos noſſos: e mandou, que as noſſas bandeiras variaſſem de côr, para ſe differençarem das ſuas. Diminuiraõ-ſe as náos da India; deſpachavaõ-ſe taõ tarde, que arribavaõ; proviaõ-ſe taõ mal, que pereciaõ, e as que vinhaõ, governaraõ-ſe de modo, que davaõ á coſta: até as armadas naõ logravaõ effeitos, por má direcçaõ; e as que nos mandavaõ fazer, e preparar a titulo de acodirem a noſſas Conquiſtas, feitas, as tomavaõ para as de Caſtella, e lá pereciaõ. A gente, que cá ſe aliſtava, mandavaõ, que cá ſe buſcaſſe o dinheiro para a pagarem; e o meſmo para as armadas, com que os hiamos ſervir. As noſſas Fortalezas andavaõ taõ mal providas, que as tomavaõ os inimigos, como ſe vio na Bahia, Pernambuco, Mina, Ormuz, &c. Tomaraõ-nos mais de ſete mil peſſas de artelharia: e huma vez ſe viraõ na Ribeira de Sevilha mais de nove centas peſſas de bronze com as armas de Portugal. Tomaraõ-nos todos os galeoens, galés, e armadas; de que reſultou ficarem noſſos mares ſaqueados, e naõ eſcapar embarcaçaõ noſſa; até os peſcadores nos tomavaõ os Mouros: até os direitos, e fintas particulares, que os homens de negocio davaõ para fabrica de armadas, que os defendeſſem, incorporaraõ em ſi; e comiaõ-nos os ordenados das galés ſem as haver; e tudo, quanto adquiriamos de armas, tomavaõ para Caſtella. Dizem que nos acodiaõ em ſuas armadas, como ſe vio na reſtauraçaõ da Bahia. Reſpondemos que o fizeraõ

para

para aſſegurarem as ſuas Indias, e que ſe pagavaõ muito bem. E pelo contrario, quando nós os ajudavamos, que era mais vezes, ſempre foy á noſſa cuſta, como ſe vio na noſſa armada, que foy a Cadiz no anno 1637. Os ſerviços da noſſa Coroa feitos à de Caſtella, pagavaõ-ſe com premios de Portugal, e os ſerviços feitos á noſſa Coroa nunca tinhaõ premio. Com iſto, e com as continuas levas de gente de mar e guerra, para as emprezas de Caſtella, ficavaõ as noſſas deſamparadas, e ſe perdiaõ. Mandavaõ obedecer noſſas armadas ás ſuas Capitanîas, e Almeirantas contra noſſos fóros; com que nenhum homem de bem queria ſervir, por naõ perder honra.

Tinha Portugal privilegio antigo, que ſe lhe naõ poria tributo, ſenaõ admittido em Cortes; e jurando Caſtella de nos guardar todos, nos pôz a titulo de regalîa ſem Cortes o real dágua, accreſcentou a quarta parte das cizas, no ſal novos, e intoleraveis tributos em Caſtelhano; e ſobre as caixas de açucar. Incorporou-ſe na fazenda Real o rendimento das terças dos bens dos Conſelhos, que os póvos concederaõ para fortificar muros, e Caſtellos. Fáziaõ eſtanques de muitas mercadorias, com que obrigavaõ o Reyno a comprar o peor, mandando para fóra o melhor. Andava iſto de tributos taõ deſaforado, que ſe atreviaõ os Miniſtros a lançalos ſem ordens Reaes; como o das barcas peſcadoras, que obrigaraõ em Lisboa a hir regiſtrar ás torres, para pagarem novas impoſiçoens, álem das muitas, que já tinhaõ. Quizeraõ introduzir neſte Reyno a

moe-

moeda de Belhaõ, os deſpachos em Caſtelhanõ; o papel ſellado, e nos Conſelhos de Madrid naõ nos queriaõ deſpachar ſenaõ nelle. Meteraõ os roubos de contrabando, e levavaõ para Caſtella o procedido delle; naõ ſe deſpendendo o ſeu em couza alguma de Portugal. O tributo do bagaço da azeitona, quem ha que o naõ julgaſſe por tyrannico, álem de rediculo: e ainda mais rediculo o das maçarocas, cujos executores apedrejàraõ as mulheres no Porto. A violencia das meyas anatas, que ſe pagavaõ até de titulos vaõs, e fantaſticos, e inuteis, e do que era devido por juſtiça. Fizeraõ praticar neſte Reyno couza nunca viſta entre Portuguezes, venderem-ſe a quem mais dava os officios, que antigamente ſe davaõ de graça, ſem olharem ſe as peſſoas eraõ dignas. E porque as indignas ſaõ, as que por dinheiro ſobem aos officios, ficava a Republica mal ſervida, e perturbada: o ſobir ſem meritos, e o naõ cahir por erros igualmente ſe vendia. Faziaõ jurar na Chancellaria, os que compravaõ os officios, que nada davaõ por elles, nem os que pertendiaõ por interpoſta peſſoa: prohibiaõ ás partes virem com embargos a taes provimentos, e ſe alguem dava mais pelo officio já comprado, lho largavaõ ſem reſtituirem o dinheiro ao primeiro comprador, a quem ſatisfaziaõ com que apontaſſe, e pediſſe outra couza. Vendiaõ Habitos até gente indigna delles, e pertenderaõ inventar novas honras, para as vender, e habilitar com ellas gente infame ás mayores. Dos Nobres tomaraõ grandes pedidos, e dos que poſſuîaõ bens da Coroa a quarta parte:

te: negaraõ os quarteis das tenças, e dos juros era muito ordinario. Obrigavaõ os Nobres, Communidades, e Prelados, que déſſem ſoldados veſtidos, armados, e pagos á ſua cuſta, para fóra do Reyno. Ultimamente pertendiaõ tirar de Portugal toda a nobreza, todas as armas, e forças para a guerra de Cataluna; para o obrigar aſſim exhauſto, deſarmado, e ſugeito ao que quizeſſem. Avaliaraõ as fazendas de todos os Portuguezes, para as quintarem: mas amotinou-ſe Evora, reſiſtiraõ os póvos de Alem-Tejo, e logo todo o Reyno; com que ceſſaraõ outros muitos tributos, de que eſtavaõ já proviſoens pelas Comarcas. Creſciaõ as rendas Reaes com tributos por huma parte, e por outra multiplicavaõ-ſe as perdas: deſtruîa-ſe a Monarquia, e tudo ſe gaſtava em appetites: faltavaõ as armadas, e nos tanques do Retiro navegavaõ baixeis. Triunfando os Hollandezes de Eſpanha pelas companhias, que contra ella levantavaõ; a da noſſa India ſe conſumio, e deſappareceo, ſem os póvos receberem ganho, nem ſe lhes reſtituir ſe quer, o que lhes tinhaõ feito contribuir, nem ſe tomar conta aos Miniſtros, que o devoraraõ. As neceſſidades, em que nos punhaõ com eſte modo de governo, tomavaõ por achaque de novas impoſiçoens para as remediarem; do caſtigo faziaõ remedio, para que até o remedio foſſe caſtigo.

Os Juizes Caſtelhanos julgavaõ, e ſentenceavaõ os Portuguezes, que ſe achavaõ em Caſtella; e elles tinhaõ em Portugal Juizes Caſtelhanos. Chamavaõ a Madrid as demandas dos Portugue-

tuguezes; commettiaõ-nas a Juizes Caſtelhanos; e ſe alguem reſiſtia a iſto, era punido. Quando ſe lhes devaçava de algum caſo commettido neſte Reyno por Portuguezes, e Caſtelhanos; pagavaõ tudo os Portuguezes, ſe ſahiaõ culpados; e os Caſtelhanos eraõ remettidos a ſeus Juizes, que ſempre os abſolviaõ livres de culpa, e pena. Inventaraõ huma companhia de S. Diogo, onde ſe matriculavaõ com quantos delles deſcendiaõ; para que gozando dos privilegios de izento, ſe naõ extinguiſſe o nome Caſtelhano, antes ſe augmentaſſe entre nós, e foſſe mais eſtimado, e appetecido. Punhaõ olheiros Caſtelhanos nas noſſas Alfandegas, naõ os havendo Portuguezes nas de Caſtella em noſſo favor, ſendo hum Miniſtro Caſtelhano tido por menos limpo de mãos, que cem Portuguezes: e applicava-ſe a hum ſó delles mais ordenado, que a todos os Miniſtros noſſos do Tribunal, em que ſe punhaõ, e ſe lhes pagava deſta Coroa. Faltaraõ-nos com as promeſſas de nos libertar nos direitos dos Pórtos ſecos; e com outras mil de huns, e outros, que naõ conto. Levaraõ para Caſtella o provimento dos Corregedores, Provedores, e Juizes do primeiro banco, para os fazerem dependentes, e os divertirem para lá: tudo contra o promettido, e jurado. Faltou-ſe á Real Caſa de Bragança com algumas preheminencias, e cortezias devidas á ſua grandeza, e concedidas por Reys paſſados. Entregaraõ o menêo deſte Reyno, e ſeu total governo a dous Miniſtros, cunhado, e genro, que correſpondendo-ſe hum em Madrid, e outro em Lisboa,

com

com intelligencias diabolicas, nos tyrannizavaõ. Fizeraõ por Vice-Rey a Duqueza de Mantua estrangeira, e que naõ era parenta do Rey no grão, que se requeria para tal governo: puzeraõ-lhe Collateraes, e Conselheiros Castelhanos, que se naõ doessem de nós dependentes, para que sugeitassem seus votos. Fizeraõ que todos estes votos fossem fechados, e secretos, para que se podesse attribuir aos taes votos tudo, o que tyrannicamente ordenassem. Assim se fizeraõ os dous sobreditos, cunhado, e genro, como o valído, senhores absolutos. Disse o Rey Filippe hum dia ao Conde Duque a solas: *Que haremos con estos Portuguezes? Nò acabaremos con ellos de una vez?* O valido, que fabricava fazernos Castelhanos, e Provincia, para assim nos extinguir, respondeo: *Dexe V. Magestad esto a mi cuenta, que yo se le dare buena dellos.* Manifestou isto hum Grande, de quem entaõ se naõ acautelaraõ pela desestimaçaõ da idade.

Assim se portava Castella com Portugal no governo temporal, e menêo da Politica de seus Estados. E que direy do que obrou contra o governo espiritual, e Ecclesiastico? Nas duvidas, que se moviaõ com os Colleitores, se davamos sentença em favor da Igreja, eramos privados por Castella dos cargos; se contra ella, deixava-nos estar excommungados, e com interditos, sem remediar nada, para que naõ só os corpos, senaõ tambem nossas almas padecessem. Tiravaõ dinheiro das pessoas Ecclesiasticas com esperanças, que lhes davaõ dignidades: nem tiveraõ pejo de provocar

os

os Biſpos com cartas, que ao que mais déſſe, levantariaõ com mayores honras, e dignidades. Naõ ſe tinha por illicito, nem indecente, o que trazia comſigo algum lucro: e daqui vinha darem-ſe os premios da virtude á maldade, porque tinha eſta dinheiro, com que as comprava. Os depoſitos das Ordens militares, que reſultavaõ das Cõmendas vagas, conſumiaõ-ſe em uſos profanos contra os Breves Apoſtolicos. Prometiaõ-ſe as Cõmendas, antes de vagarem. Os rendimentos das Capellas, os legados pios, e até das Miſſas das Almas ſe tomavaõ a titulo de empreſtimo; e a reſtituaçaõ eraõ em tres pagas, de tarde, mal, e nunca. As Capellas eraõ premio, de quem as accuſava, e ficavaõ as Religioens perecendo, e as Almas do Purgatorio ſem ſuffragios penando. E porque o Colleitor Caſtra-Cani reſiſtio a iſto, como Miniſtro fiel da Igreja, foy prezo, arraſtado, e deſterrado com grande affronta de todo o Eſtado Eccleſiaſtico, e eſcandalo da gente Catholica. Da reſidencia dos Prelados nenhum caſo ſe fazia, gaſtando-os em miniſterios temporaes com grande damno eſpiritual de ſuas ovelhas. A Bulla da Cruzada ſe applicava a outros uſos fóra da defenſaõ de Africa, para que foy concedida: até das rendas da Igreja tomavaõ ſubſidios, e mezadas: para alguns pediraõ Breve, allegando que os póvos queriaõ, ſendo aſſim, que reclamaraõ ſempre. Multiplicavaõ as proviſoens das Mitras, com que hia muito mais dinheiro para Roma, e elles multiplicavaõ as ſimonias.

E eu tenho dado conta das injuſtiças, e rou-

roubos, que Caſtella executou em Portugal; e porque eſtou já rouco de repetir tantos, deixo muitos mais, e concluo com a minha conſequencia, de que, quem tal fez, que naõ faria? Quem teve unhas taõ farpantes para deſtruir hum Reyno, que appellidava ſeu, peores as teria para o agarrar, ainda que lhe conſtaſſe, que era alheyo. E em concluſaõ: Caſtella ſe tem havido em tudo com Portugal taõ deſarrezoada, e cruel, que lhe pudera dizer Portugal, o que na Ilha de Cuba diſſe hum Indio Regulo Cacich chamado Hatuey, atormentando-o Caſtelhanos, queimando-o vivo com fogo lento, para que lhes déſſe ouro: cathequizava-o hum Religioſo de S. Franciſco neſte eſtado, e tendo-o já reduzido a receber o bautiſmo, para hir ao Ceo: perguntou, ſe hiaõ lá Caſtelhanos? E reſpondeo-lhe o Religioſo, que ſim; diſſe, que naõ queria receber o bautiſmo, nem hir ao Ceo, por naõ ver lá taõ má gente. Fr. Bartholameu das Cazas Author Caſtelhano, e da Ordem dos Prégadores, refere eſte exemplo com outros muitos das crueldades, que uſaraõ em Indias: e nós dizemos, naõ tanto como eſte Regulo, mas pelo menos, que naõ queremos neſte mundo trato, nem commercio com tal gente; e aſſim me deſpido della, e de ſuas unhas, para continuar na emenda das que nos tocaõ.

CAPITULO XVIII.

Dos ladroens, que furtaõ com unhas pacificas.

NAs Republicas, que lograõ muitos annos paz, naõ ha duvida, que com a ociosidade se fomentaõ, e criaõ vicios; porque saõ como as charnecas, onde porque nunca entra nellas a fouce roçadoura, tudo saõ malezas. Mal grande he a guerra, mas traz hum bem comsigo, que traz a gente exercitada, e divertida de alguns males mais perniciosos, e hum delles he o de furtos domesticos. E daqui vem naõ haver no tempo da guerra tantos ladroens fomigueiros, nem de estradas, como no da paz; porque os que tem inclinaçaõ a furtar, applicaõ os damnos ao inimigo, onde naõ temem castigo, e deixaõ a sua Republica illeza. Mas como naõ ha estado, nem tempo, que escape desta praga mais, ou menos, todos os tempos tem unhas, que os infestaõ, assim na paz, como na guerra; desta diremos logo: da paz digo agora, que naõ estou bem com ladroens, que furtaõ metendo espingardas no rostro, desparando pistólas, esfolando caras, como o ladraõ Gayaõ, e o Sol Posto, que sahiaõ ás estradas mais para matar, que para roubar. Mais humanos saõ, os que com boa paz saudando a gente lhe pedem a bolça por bem para seu mal. Tal foy aquelle, que na charneca de Aldêa Gale-

ga

ga pondo chapéos pelas moutas com páos, que pareciaõ eſpingardas de longe, pedia ao perto aos paſſageiros com cortezia da parte daquelles ſenhores, que lhes fizeſſem mercê de os ſoccorrer com o que pudeſſem: e aſſim davaõ quanto traziaõ, para que os deixaſſem paſſar em paz: e taes eraõ, os que em tempo de Caſtella pediaõ donativos pelas portas a titulo de ſoccorros, e empreſtimos, ſem nos porem os punhaes nos peitos: mas quem naõ dava até a camiza, quando outra couza naõ tiveſſe, ſempre ficava temendo o tiro, que fere ao longe. Pedir eſmola com potencia, he pedir ſoccorro nas eſtradas publicas com carapuça de rebuço; e armas á deſtra, he querella levar por força, e com unhas pacificas. Outro houve taõ pacifico, que fazia exhibir aos paſſageiros o dinheiro, que levavaõ: e logo lhes perguntava, para onde hiaõ? E lançando as contas ao que lhes baſtava para a jornada, iſſo lhe reſtituîa, com nunca Deos queira que voſſas mercês lhes falte o neceſſario para ſeu caminho, e com o mais ficava. Tres furtaraõ em huma feira de maõ commum outras tantas peſſas de panno de linho, duas com trinta varas cada huma, e a terceira de trinta e ſeis. Ficou-ſe hum com eſta, por ſer o capatáz, e deu aos companheiros as outras, a cada hum ſua: acharaõ-ſe defraudados nas ſeis varas, que levava de mais, e arguiraõ-no, que naõ guardava igualdade, nem juſtiça, com taõ fieis companheiros. Reſpondeo que tinhaõ razaõ, e que naõ era elle homem, que ſe levantaſſe ás mayores com o alheyo; e partindo as ſeis

varas deu a cada hum duas dizendo: Ajude Deos a cada qual com o que he seu *pro rata*. Taõ pacificas como isto tinha este ladraõ as unhas. Por mais pacificas tenho as unhas dos que passeando em Lisboa vencem praças nas fronteiras; podemo-los comprar com as rameiras, que cheirando o almiscar, e fazendo praça de lizonjas, e afagos, estafaõ as mais inexpugnaveis bolças, e escorchaõ os mais privilegiados depositos.

Naõ sey, se pertencem a este Capitulo as piratagens, que se usaõ por esses Almoxarifados, e Alfandegas de todo o Reyno nos pagamentos dos juros, tenças, e mercês, que sobre as rendas Reaes se carregaõ. Vaõ os acredores pedir os quarteis a seu tempo, e a repoſta ordinaria, que achaõ, he: Naõ ha dinheiro; e com este cabe poem de ré até aos mais poderosos requerentes: mas se apertados da necessidade, que naõ tem ley, promettem a ametade do quartel, ou a terça parte, logo lhes sobeja, e vos despachaõ, passando-lhes vós provimento, ou escrito, de como recebestes tudo; e assim o carregaõ na despeza, tirando para si do recibo as resultas, com que se guarnecem em bella paz livres de demandas, e contendas. Bem conhecido foy nesta Corte hum homem honrado, que se fez dos mais ricos della pela maneira seguinte. Lançava nas rendas Reaes sempre mais que os outros, e porisso sempre as levava: mas punha no contrato huma clausula, de que naõ se fazia caso, porque pagava adiantado, e era de muita importancia para elle, que lhe haviaõ de aceitar nos pagamentos a terça parte

te em papeis correntes. Divulgava logo, que quem tiveſſe dividas para cobrar delRey, que vieſſem ter com elle, e que á viſta lhas pagaria, ſe foſſem de receber os creditos dellas. Choviaõ-lhe em caſa os acredores; que ſempre os ha deſeſperados de nunca cobrarem, porque a fazenda Real he parte rija: via-lhes os papeis, marchava em todos: concertava-ſe por fim de contas, que hes daria a ametade; e taes havia, que por cem mil reis lhe largavaõ papeis liquidos de mil cruzados, e por mil cruzados lhe largavaõ facilmente dous contos; e por eſta arte taõ quieta, e pacifica, ſem ſe abalar de ſua caſa, veyo a medrar mais, que os que levaõ groſſos cabedaes ao Braſil, e navegaõ com grandes riſcos á India.

Venha aqui o Duque de Lerma, que com grande valimento, e mayor paz governou a Monarquia de Eſpanha por muitos annos, livrando todos ſeus Eſtados de muitas guerras. A traça, que tomou para taõ louvavel empreza, foy de furtar hum milhaõ á Coroa com approvaçaõ do Rey todos os annos, e eſte deſpendia em peitas, com que comprava o ſegredo de todos os Reys, Principes, e Potentados da Europa. Tinha em todas as Cortes da ſua maõ hum Conſelheiro, que lhe correſpondia com os aviſos de tudo, o que ſe tratava; e a cada hum dava poriſſo cincoenta mil cruzados, que era muito boa propina. Corriaõ eſtes canos muito occultos; e tanto que tinha aſſopro, que ſe maquinavaõ guerras, logo lhes divertia a agua com cartas, e embaixadas a outro propoſito tam bem armadas,

que desarmavaõ tudo, apagando temores, extinguindo suspeitas, e grangeando de novo amizades: tanto monta a destreza, e ardil de hum bom Ministro, sagaz, e prudente! E assim dizia este ao seu Principe: Senhor as couzas levadas por mal, arrebentaõ em guerras, e levadas por bem, florecem com paz. Hum anno de guerra gasta muitos milhoens de dinheiro, abraza muitas fazendas de particulares, extingue muitas vidas dos vassallos: e a paz sustenta tudo em pé, saõ, e illezo: e com hum milhaõ, que se gasta cada anno em peitas, compramos este bem taõ grande, e nos livramos dos gastos de muitos milhoens, e das inquietaçoens, que traz comsigo a guerra. Neste passo me pergunta o curioso Leitor: aonde estaõ aqui as unhas pacificas? Perguntastes bem: mas responderey melhor: que estaõ nos Senhores Conselheiros, que gualdriparaõ o milhaõ a cincoenta mil cruzados cada hum, vendendo por elles o segredo dos seus Principes, que he huma joya, que naõ tem preço; porque depende delle o augmento dos seus Estados, que muitas vezes se apoya na execuçaõ prompta de huma guerra justa. Mas podemos-lhe dar escuza nas consequencias da paz, que sempre he mais proveitosa para os póvos; cujo bem, e conservaçaõ deve ter sempre o primeiro lugar nos discursos de todo o bom governo, se naõ trouxer comsigo mayor perda, como a com que nos enganou Castella. Alguns Estadistas tiveraõ para si, que fora grande ventura passar a Coroa de Portugal a Castella pela paz, com que nos con-

conſervava ſua potencia dentro no Reyno. He verdade, que naõ entraraõ cá inimigos com exercitos, que nos inquietaſſem o ſomno: mas lá lavrava ao longe a concordia inimiga, e como lima ſurda nos hia gaſtando, e conſumindo, ſem darmos fé do damno, ſenaõ quando já quaſi que naõ tinha remedio. Deos nos livre de tal paz: paz fingida he peor, que guerra verdadeira, e eſta he melhor; porque a boa guerra faz a boa paz. A boa paz he a melhor droga, que nos trouxe o commercio do Ceo á terra, e como tal a applaudiraõ os Anjos em Belém depois da gloria de Deos: e poriſſo he bem que digamos os frutos della, e os documentos, com que ſe grangêa.

****

CAPITULO XIX.

Proſegue-ſe a meſma materia, e moſtra-ſe, que tal deve ſer a paz, para que unhas pacificas nos naõ damnifiquem.

O Officio do Principe he procurar, que ſeus vaſſallos vivaõ em paz: e poriſſo qnando o juraõ, leva na maõ direita o Septro, com que ha de governar o povo em paz. Os Romanos traziaõ o anel Militar na maõ eſquerda, que he a do eſcudo, para denotar, que as Republicas bem governadas tem mais neceſſidades de ſe defenderem, para conſervarem a paz, que de of-

fenderem a outros para acenderem guerras. O alvo de todo o governo politico deve ser sempre a paz; porque a guerra he castigo de peccados: e assim se devem considerar sempre as causas, que houve para se romper a paz; e tratarem de as reparar. Para ser firme a paz haõ de procurar, os que a fazem, de terem a Deos propicio: e tello-haõ, se lhe pedirem, que lhes dê juizo, e entendimento para administrar justiça. Será a paz de dura, se as condiçoens della forem honestas, e se se assentar com vontade verdadeira sem enganos. Melhor he a paz com condiçoens honestas, que guerra perigosa com interesses incertos. Os Lacedemonios, e Athenienses diziaõ: Prouvesse a Deos que nossas armas estivessem sempre cheyas de têas de aranhas. Quem trata de paz, se a naõ poder concluir, faça pelo menos tregoas; porque por meyo das tregoas se alcança muitas vezes a paz; porque daõ tempo a se considerarem, e alcançarem de ambas as partes os inconvenientes da guerra: e deve-se advertir, se quem pede a paz, he gente de sua palavra: e quem está vitorioso deve concedella, porque se lhe admittem mais facilmente as condiçoens que quer. A guerra faz-se para ter paz, e porisso he melhor sempre admittir esta, que fazer aquella. As condiçoens da paz saõ de grande momento para ser de dura. Os Romanos na paz, que fizeraõ com os Carthaginezes, puzeraõ-lhes por condiçaõ, que lhes entregassem a armada, que tinhaõ: puzeraõ-lhe o fogo, e ficaraõ todos quietos. Ninguem se deve fiar muito na paz feita com inimigo

por-

porfiado ; porque a malicia , e a ambiçaõ com pretexto de paz ſe valem de enganos , e cautelas , peores que a guerra : e poriſſo o Principe prudente no tempo da paz naõ deve deixar os enſayos da guerra , e exercicios militares , nem que os ſeus vaſſallos ſe dêm ao ocio , e regalos ; porque , como diz Tito Livio , naõ ſazem tanto damno á Republica os inimigos , quanto fazem os regalos , e deleites. Na mayor paz ter as armas , e armadas preſtes enfrêa os inimigos. Paz deſarmada he mais arriſcada , que a meſma guerra. Naõ eſtaõ ocioſos os galeoens no eſtaleiro , nem as armas com bolôr nos armazens : dalli ſem ſe moverem , eſtaõ reprimindo os impetos do inimigo , que ſe acanha ſó com cheirar , que ha de achar reſiſtencia. O Emperador Juſtinianno tem , que os Principes haõ de eſtar ornados com as armas da guerra , e armados com as leys da paz , para governarem bem os póvos , que tem a ſeu cargo. Começa a ruina de huma Republica com o deſprezo das leys , onde acaba o exercicio das armas. Quando Xerxes rendeo Babylonia , naõ matou , nem cativou , os que lhes reſiſtiraõ : mas ſó mandou para ſe vingar delles , que naõ exercitaſſem mais as armas , e que ſe occupaſſem em tanger , cantar , e dançar , e em ferem jograes , e taverneiros ; e com iſto conſeguio , que a gente daquella Cidade taõ inſigne no mundo foſſe vil , e fraca. Tal foy a paz , que o governo de Filippe trouxe a Portugal com o perdaõ geral , que deu a todos os que lhe reſiſtiraõ : e houve Eſtaditas taõ ſabios , que tiveraõ iſto por felicidade.

Da

Da maneira que os corpos, e ſubſtancias terreſtres naſcem, creſcem, e morrem; e quando naõ tem de fóra, quem os gaſte, dentro em ſi criaõ, quem as conſome: aſſim as Republicas quando naõ tem inimigós de fóra, dentro em ſi criaõ, quem as deſtroe. Dizia o Emperador Carlos V. que da maneira, que no ferro naſce a ferrugem, que o gaſta, ſe o naõ uſaõ, e no páo o gurgulho, que o come, ſe o naõ movem, e até o mar ſe corrompe em ſi meſmo, onde lhe faltaõ as marés que o abalem; aſſim nas Republicas naſcem bandos, e diſſençoens, que as inquietaõ, e conſomem, ſe com a paz deixaõ entrar nellas a ocioſidade. O Principe dos Filoſofos no cap. 7. lib. 5. da ſua Politica adverte tres couſas, partos da ocioſidade, que aſſolaõ as Republicas. Primeira: admittirem-ſe poucos ao governo, havendo muitos dignos. Segundo: excluîrem os ricos vicioſos aos pobres virtuoſos. Terceira: levantar-ſe hum valîdo com o meneo de tudo. De tudo reſulta, que com tyrannîa ſe izentaõ, com ambiçaõ roubaõ, e com ſoberba atropelaõ os inferiores; e fazendo-ſe odioſos movem revoluçoens, como em nuvem prenhe de exhalaçoens, que naõ ſocega, até que naõ arrebenta com trovoens, e rayos, aſſolaçoens, e ruinas. Plataõ diz, que a Republica ocioſa cria muitos pobres, que logo daõ em ladroens, e ſacrilegos, meſtres de maldades. Convem que aſſim como as abelhas naõ conſentem zangaõs na ſua Republica; aſſim os que governaõ a noſſa, naõ devem conſentir gente ocioſa expoſta a vicios, novidades, e inquietaçoens.

Ariſto-

Aristoteles, que sempre contradiz a seu Mestre Plataõ, affirma que mais mal fazem á Republica os ricos no tempo da paz, que os pobres; porque com o poder se eximem da obediencia das leys, e com a ociosidade estaõ prestes para motins, e com as riquezas aptos para os sustentar: impedem a reformaçaõ dos costumes, relaxaõ a modestia do povo com gastos superfluos no comer, e vestir, incitando o vulgo á desobedecer. E se o Principe os naõ vigiar para os trazer a todos em regra com temor, e amor, darlhe-haõ com a Republica, e com a Monarquia atravéz, e vem a ser consequencia infallivel, que peccados publicos tollerados assolaõ as Republicas como fogo: naõ saõ os dos Reys, os que fazem o mayor damno, senaõ o descuido, com que toléraõ as demazias dos póvos, que Deos castiga com Pharaóes, Caligulas, e Neroens, que lhe servem de algozes: e quando o Principe he bom, permitte, que tenha Ministros taes, como estes Emperadores, e que os naõ possa atalhar, porque o enganaõ com a hypocresia mascarada com côr de virtude, e zelo. Livrarse-hà destes enganos, farse-ha admiravel, e florecerá invencivel o Rey (disse hum Sabio) que guardar inviolavel quatro leys. Primeira, que naõ consinta que os grandes opprimaõ aos pequenos, e será tido por justo. Segunda, que naõ dissimule nenhuma desobediencia, por leve que seja, sem castigo pezado: e farse-ha temido. Terceira, que naõ deixe passar nenhum serviço sem premio: e será bem servido. Quarta, que ninguem de sua presença se aparte

des-

desconsolado: e será de todos muito amado. E hum Rey justo, temido, bem servido, e amado, conservará sua pessoa segura, seu Imperio inexpugnavel, sua fazenda com augmentos, e seus vassallos sem faltas. E em chegando a este auge, logrará prospero seu Septro em paz, livre dos damnos, e unhas, que chamamos pacificas.

***

guerra. Houve depois deſgoſto entre elle, e o Conde de Olivares, que governava tudo: e ajudando-ſe eſte do valimento para ſe vingar do Fradique, mandou-lhe tomar contas; e alcançando-o em meyo milhaõ apertou com elle, que o pagaſſe, ou déſſe deſcarga: deu elle eſta em huma palavra, que gaſtára o reſto em Miſſas ás Almas, em eſmolas, e obras pias, para que Deos lhe déſſe a vitoria, que alcançou, que muito mais valia. E poderá dizer tambem, que grande parte ſe foy por entre os dedos das unhas militares, que a ſorveraõ; porque o dinheiro, que corre por muitas mãos, he como o pez, e breu, que logo ſe pega aos dedos, e mete por entre as unhas.

Seraõ eſtas por ventura ſua, ou deſgraça noſſa as unhas dos pagadores; os quaes ſe ſe mancomunaõ, ou deſcuidaõ huns dos outros, na volta de duas planas fazem tal revolta no dinheiro delRey, que o deixaõ em paſſamento, e os ſoldados em jejum, fazendo-lhes de todo o anno quareſma? Se naõ faõ eſtas, pôde ſer que ajudem, porque eſcrevendo deſpeſas, onde naõ houve recibos dos ſoldados, recebem para ſi todos os reſtos, que com ſerem groſſos, naõ ſe enxergaõ no fim das contas, que capeaõ ſua malicia com titulo de milicia: e ficando eſta taõ defraudada no cabedal, e poriſſo nos ſoldados, vale-ſe tambem das unhas, que mais propriamente ſaõ Militares, para que naõ falte aos ſoldados o neceſſario, e tambem o ſuperfluo; e daqui vem, que o meſmo he ſer ſoldado, que naõ vos fiardes delle.

Tem

Tem a guerra grandes licenças, naõ lho nego, mas nunca he licito fazer preza no alheyo ſem titulo, que cohoneſte a pilhagem; e naõ póde haver eſte, onde ſe naõ falta com o neceſſario. Os póvos concorrem com o tributo das décimas para a ſuſtentaçaõ dos ſoldados, que he baſtante, e de ſobejo; e poriſſo os ſoldados ſaõ obrigados a defender os póvos, que naõ padeçaõ injurias, damnos, nem perdas. E ſobre eſta obrigaçaõ, ſahirem da meſma milicia unhas, que deſtruaõ os póvos, he grande injuſtiça, a qual vem a cahir, ſobre os que occaſionaõ nos ſoldados com defeito das pagas taes neceſſidades, que os obrigaõ a buſcar remedio para naõ perecerem; e o que ſe lhes offerece logo mais á maõ, he meter a maõ até o cotovello pelo alheyo, quando ſe lhes falta com o proprio. Metaõ todos os Miniſtros, Cabos, e Officiaes as mãos em ſuas conſciencias, e acharáõ, que tanta pena como o ladraõ merece, quem lhe dá occaſiaõ ſemelhante para o ſer. E ſe achar que fallo eſcuro, naõ mo tache; porque o tempo a la carregado; accenda huma candea no entendimento, e verá logo, que he obrigado a reſtituir, naõ ſó o que embolçou, mas tambem o que o ſoldado furtou, por elle lhe naõ pagar.

Naõ ſaõ os pagadores, nem os ſoldados ſós, os que jogaõ unhas militares: tambem os ſenhores Capitaens, e Cabos mayores tem ſuas unhas, tanto mayores, quantos o ſaõ os cargos. Offerece-ſe hum deſtes a Sua Mageſtade, que lhe de huma gineta, e que elle levantará a Bandeira

ra de infantes á ſua cuſta. Contenta o alvitre no Conſelho, porque fórra de gaſtos a fazenda Real: ſóbe a conſulta; deſce a proviſaõ: parte o ſupplicante com ella; aguarda duzentos, ou trezentos mancebos ſolteiros, filhos de pays ricos, e pouco poderoſos: chovem interceſſoens, e logo as peitas, para que os largue: vay largando os que daõ mais, naõ por eſſe titulo, mas porque diz lhe provaõ que tem o pay aleijado, a mãy cega, ou irmãas donzellas: e o menos, que tira de duzentos, que liberta, ſaõ quinze, ou vinte mil reis por cabeça; e ajunta aſſim quatro, ou cinco mil cruzados: gaſta delles mil e quinhentos, quando muito nas pagas, e comboy de cem infantes, que naõ ſe puderaõ livrar da violencia por miſeraveis, e fica-ſe com tres mil cruzados de ganancia ao menos, com que vay luzindo na marcha, poem em pés de verdade, que tudo he á ſua cuſta: e deſte ſerviço, e outros ſemelhantes faz outra unha, com que alcança huma Commenda. E como eſtas pilhagens tem propriedade de creſcerem ao galarim, vem a engroſſar tanto, que por meyo dellas dá caça a officios, e beneficio, com que enche, e ennobrece toda a ſua geraçaõ: e vem a ſer tudo deſtreza ſua; que aonde outros achaõ a forca, por furtarem ſem arte, elle acha thronos com eſperanças de mayores accreſcentamentos. Nos Vice-Reys da India vimos em tempos paſſados exemplos deſta fortuna proſperos, e tragicos; porque os que lá naõ furtavaõ, para cá remirem ſua vexaçaõ, morriaõ no Caſtello com ruim nomeada; e os

que

que traziaõ milhoens furtados, de tudo ſe eſcoimavaõ galhardamente com nome de muito inteiros. Em fim o que reza eſte paragrafo já naõ corre. Seria immenſo, ſe quizeſſe eſgotar aqui todas as unhaõ militares, aſſim em naõ pagarem o que devem, como em cobrarem o que naõ he ſeu, ajudando-ſe para iſſo da juriſdiçaõ das armas. Acabo eſte Capitulo com huma habilidade dos Aſſentiſtas, e contratadores, a que poucos daõ alcance, e nenhum o remedio. He certo em todas as económias humanas, (e tambem nas divinas) que quem mayor cabedal mete, mayor premio merece: e poriſſo ninguem repara nos grandiſſimos lucros, que os Aſſentiſtas colhem da obrigaçaõ que tomaõ de prover as fronteiras; porque ſe ſuppoem que empregaõ niſſo ao menos hum milhaõ de dinheiro; e a hum milhaõ de emprego claro eſtá que deve correſponder hum grandioſo lucro; e tal lho deixaõ recolher, ſem ſe advertir, que he mayor o arruido que as nozes; porque cem mil cruzados, que tenhaõ de cabedal, baſtaõ, e ſobejaõ para todo o menêo de dous milhoens. E he aſſim, que Sua Mageſtade lhos vay pagando *pro rata* aos quarteis dentro no meſmo anno; de ſorte, que quando os acabaõ de gaſtar, os acabaõ tambem de cobrar: e a difficuldade eſtá ſó no principio, e no primeiro quartel das pagas, que ſe fazem antes de cobrarem da fazenda Real alguma couſa; e para darem principio ás primeiras pagas da milicia, baſtaõ os cem mil cruzados, que temos dito, com que entraõ de cabedal: e quando naõ cheguem ao

fiado,

fiado, e ao puxado, remedeaõ o primeiro quartel; e quando vem o ſegundo, jà tem cobrado das conſignaçoens delRey, o que baſta para navegar por diante, e ſupprir atrazados; e aſſim fazem os gaſtos com a fazenda Real, e cuida o mundo, que os fazem com a ſua, e que ſaõ poriſſo merecedores do que ganhaõ, que he mais que muito. Alvidrem agora là os Eſtadiſtas, ſe he mayor guerra, a que nos faz o inimigo nas fronteiras com ferro, e fogo, ſe a que nos fazem eſtes amigos com o dinheiro.

****

CAPITULO XXI.

Moſtra-ſe, até onde chegaõ unhas militares, e como ſe deve fazer a guerra.

HE a guerra hum de tres açoutes, com que Deos caſtiga peccados neſte mundo, jà o diſſe: e poriſſo traz comſigo grandes trabalhos, aſſim para quem a faz, como para quem a padece; e hum dos mayores he o dos latrocinios, e pilhagens, que de parte a parte, e ainda entre ſi as partes exercitaõ. E porque nem tudo o que ſe toma he furto, e na guerra muito menos, declarey tudo, o que permittem as leys da guerra, e logo ficará claro, até onde pòdem chegar as unhas militares. Jà que o Reyno de Portugal he taõ guerreiro, que naſceo com a eſpada na maõ;

armas lhe deraõ o primeiro breço, com as armas creſceo, dellas vive, e veſtido dellas como bom Cavalleiro ha de hir para a cova no dia do Juizo; bem he, que ſaiba tudo, o que permitem, e tambem o que prohibem as leys verdadeiras da guerra, que ordinariamente tiraõ a conſervar o proprio, e deſtruir o alheyo, para que com a potencia naõ deſtrua o contrario.

He erro cuidar, que ha prohibiçaõ de guerra entre Chriſtãos; e he hereſia dizer que he intrinſecamente màõ, ou contra a caridade fazer guerra: porque ainda que ſe ſigaõ della muitos males, ſaõ menores, que o mal, que com ella ſe pertende evitar. A guerra, ou he aggreſſiva, ou defenſiva. A defenſiva naõ ſó he licita, mas he obrigaçaõ fazella: he licita pelo preceito natural: *Vim vir repellere licet*. E he obrigaçaõ fazella, quem tem a ſeu cargo defender a Republica. A aggreſſiva naõ he màõ fazer-ſe, antes póde ſer bom, e neceſſario. naõ he màõ, porque temos muitas na Sagrada Eſcritura mandadas fazer por Deos; e he neceſſario fazer-ſe, porque a razaõ a dicta para evitar injurias. Para qualquer dellas ſer juſta, ſaõ neceſſarias tres circunſtancias. Primeira, que ſe faça com poder legitimo; ſegunda, com cauſa; terceira, que ſe guarde a moderaçaõ devida. Só o Rey, ou Principe, que naõ tem Superior, e ſeus Miniſtros com vontade expreſſa, ou preſumpta de ſua cabeça, pódem fazer guerra; porque lhes pertence a defenſaõ.

O meſmo dizemos dos Eccleſiaſticos, que tem

tem poder ſupremo no temporal; porque militaõ nelles as meſmas razoens, e naõ ha direito, que lho prohiba: e como pódem pór Juizes nos Tribunaes, que ſentenceem cauſas criminaes, pódem pór exercitos em campo, que conſervem illeza a ſua Republica; porque naõ intentaõ com iſſo direitamente homicidos, ſenaõ actos de fortaleza, que he virtude. Mayor duvida he, ſe pòdem os Eccleſiaſticos tomar armas, e pelejar? Na guerra defenſiva naõ ha duvida, que pódem; porque o direito Natural permitte, e o Poſitivo naõ prohibe aos Eccleſiaſticos defenderem ſuas vidas, e fazendas. A guerra aggreſſiva he prohibida pela Igreja aos de Ordens Sacras, por ſer indecente ao eſtado: mas dado, que quebrantem eſte preceito, naõ ſeraõ obrigados a reſtituir o que pilharem, ſe a guerra for juſta; porque ainda que peccaõ contra Religiaõ, naõ peccaõ contra juſtiça: e pela meſma razaõ naõ ficaõ irregulares, ſe naõ matarem peſſoalmente; como nem os que exhortaõ á peleija, ou aconſelhaõ aos ſeculares, que vaõ á guerra. Se a guerra for injuſta, todos ficaõ irregulares, até os ſeculares, e os que naõ cõmetterem homicidio, porque baſta, que o corpo do exercito o commetteſſe. O Papa pòde dar licença aos Eccleſiaſticos para militarem, porque pòde diſpenſar nos preceitos da Igreja: e em tal caſo naõ incorrem irregularidade, porque diſpenſados no principal, ficaõ livres no acceſſorio.

O Papa ainda que naõ tem juriſdicçaõ temporal fóra do ſeu dominio, tem direito para avc-

car a ſi as cauſas da guerra dos Principes Chriſtãos, e julgalas, e ſaõ obrigados a eſtar pela ſua ſentença, ſe naõ for injuſta: e daqui vem que raramente ſuccede ſer juſta a guerra entre Principes Chriſtãos, porque tem o Papa, que póde determinar ſuas cauſas: mas muitas vezes naõ convém interpor o Summo Pontifice ſua authoridade, para que naõ ſe ſigaõ outros inconvenientes mayores, qual ſeria rebellar contra a Igreja a parte desfavorecida: e em tal caſo naõ ſaõ obrigados os Principes a eſperar definiçoens do Papa, nem pedillas, e pòdem levar a couſa por força de armas; e fica de melhor partido para a conſciencia o Principe, que naõ deu occaſiaõ ao Papa, para ſe abſter no juizo da tal demanda.

A guerra, que ſe faz ſem legitima authoridade, he contra a juſtiça, ainda que ſeja com cauſa legitima; porque o acto feito ſem juriſdicçaõ naõ he valioſo: e ſerá obrigado a reſtituir os damnos da guerra, quem a faz, ſe naõ recompenſou com elles alguma perda, que o inimigo lhe tiveſſe dado. Se o Papa prohibir ao Principe a guerra, como contraria ao bem commum da Igreja, peccará contra juſtiça o Principe fazendo-a, e ſerá obrigado a reſtituir os damnos; porque no tal caſo já naõ tem titulo para levar a couſa por força, pois eſtá dada ſentença.

A Gentilidade antiga teve para ſi, que baſtava para fazer guerra o titulo de adquirir nome, e riquezas; mas iſto bem ſe vé, que he contra o lume natural; pois nunca he licito tomar o alheyo ſem cauſa, que o poſſuidor déſſe. A tres

cabe-

cabeças se reduzem todas as causas justas. Primeira: se hum Principe toma a outro, o que naõ he seu. Segunda: se causou lezaõ grave na fama, ou na honra. Terceira: se nega o direito das gentes, como saõ passagens, e cõmercios; porque o Principe tem obrigaçaõ de conservar os seus illesos nestas couzas. Da mesma maneira póde soccorrer o Principe ao que se meteo debaixo de sua tutéla, se tiver alguma destas causas por si. Quem fizer guerra sem alguma destas causas, pecca contra justiça, fica obrigado a restituir os damnos: e tendo causa justa, se se seguirem da guerra mayores damnos á sua Republica, que lucros á sua vitoria, naõ póde fazer em consciencia a tal guerra, porque he obrigado a olhar pelo mayor bem da sua Republica: e naõ se segue daqui ser necessaria certeza da vitoria, porque esta he contingente, e menor poder a alcança muitas vezes.

Os Principes Christãos pódem fazer guerra aos Principes infieis, que impedem ás suas Republicas receber a Ley de Christo; porque nesta parte defendem innocentes, que tem direito para a tal guerra pela injuria, que se lhes faz. E por esta via conquistou Portugal os Reynos, e Estados, que tem Ultramarinos. O exame das causas da guerra pertence ao Principe, que a faz, e naõ aos Vassallos: os Conselheiros saõ obrigados a tomar plenario conhecimento de todos os fundamentos; porque a Republica he como o corpo humano, onde à cabeça pertence o governo, e aos mais membros obedecer-lhe. Se a materia, de que se trata, for duvidosa igual-

mente por ambas as partes, prevalecerá a que eſtiver de poſſe; porque aſſim ſe julgaõ as de mais cauſas civeis em todos os Tribunaes; e ſe nenhuma das partes eſtiver de poſſe; partirſe-há a contenda, ſe ſor de couſa partivel; e ſe o naõ for, lançarſe-haõ ſortes, ou pagará a ametade á outra parte, que quizer ficar com tudo. Aſſim o dicta a razaõ natural, e o direito cõmum.

Os ſoldados, e vaſſallos naõ ſaõ obrigados a examinar as cauſas da guerra: e pódem hir a ella, ſe lhes naõ conſtar, que he injuſta; porque os ſubditos ſaõ obrigados a obedecer a ſeu Superior; e devem preſuppór, que elle terá averiguado tudo em razaõ, e direito, como he obrigado. E o meſmo ſe ha de dizer dos ſoldados eſtipendiarios, que naõ ſaõ ſubditos, que ſe pódem deixar hir, por onde vaõ os outros; álem de que pelo eſtipendio ficaõ ſubditos. O modo, que ſe deve guardar na execuçaõ da guerra, depende de tres gràos de gente, que ſaõ: o Principe, os Capitaens, e os Soldados, em tres tempos diſtintos, que ſaõ: antes da batalha, no actual conflicto, e depois da victoria. E em tudo iſto ſe devem conſiderar tres couzas; o que ſe pòde fazer ao inimigo, o como ſe deve haver o Principe com os Soldados, e como ſe devem haver os Soldados com o Principe. O Principe he obrigado a ſuſtentar os Soldados, e eſtes a peleijar por elle ſem fugir, nem largar os ſeus póſtos: e daqui ſe ſegue, que naõ pódem fazer pilhagens ao inimigo ſem licença do Principe, e que ſeraõ obrigados a reſtituillas: mas depois da vitoria pódem

pòdem partir os deſpojos ſegundo o coſtume. Antes de ſe começar a guerra, he obrigado o Principe a propór as cauſas della á Republica contraria; e pedir-lhe por bem a ſatisfaçaõ, que pertende: e ſe lha der, he obrigado a deſiſtir; mas poderà demandar os gaſtos feitos: e ſe a naõ der, procede a guerra juſtamente, e com direito á mayor ſatisfaçaõ pela nova injuria de naõ aceitar o contrato pacifico; e poderá pedir, e tomar o que parecer neceſſario, para ter o inimigo enfreado no futuro.

Depois de começada a guerra até ſe alcançar a vitoria, he licito, e juſto fazer ao inimigo todos os damnos, que ſe julgarem neceſſarios para a ſatisfaçaõ, ou para a vitoria, ſem offenſa de innocentes. Depois de alcançada a vitoria, tambem he licito dar aos vencidos todos os damnos, que baſtem, para vingança, e ſatisfaçaõ dos damnos que deraõ: e naõ ſe devem computar aqui as pilhagens dos ſoldados, porque aſſim o tem o uſo, e ſe lhes deve, por expórem ſuas vidas: mas deve ſer permittindo-lho o Principe, que póde ainda depois da vitoria matar aos inimigos rendidos, ſe naõ ſe der por ſatisfeito; e cativallos, e tomar-lhes ſeus bens. E daqui vem o direito, que faz aos vencedores ſenhores de todos os bens dos vencidos: e tudo ſe deve regular pela offenſa preterita, e paz futura. Se entre os bens dos inimigos ſe acharem alguns de amigos, devemſe-lhes reſtituir. Se os damnos feitos aos inimigos baſtarem para a ſatisfaçaõ, naõ ſe pódem extender aos innocentes. Innocentes ſaõ os

meninos, e as mulheres, e os que naõ pódem tomar armas, e todas as peſſoas Religioſas, e Eccleſiaſticas. Os peregrinos, e hoſpedes, naõ ſe contaõ por membros da Republica; mas ſe os taes damnos naõ baſtarem, bem ſe pódem extender aos bens, e liberdade dos innocentes, porque ſaõ partes da Republica. Entre Chriſtãos já o uſo tem, que os cativos naõ ſejaõ eſcravos; mas pódem ſer retidos para caſtigo, para reſgate, ou troco. E porque eſte privilegio ſe introduzio em favor dos fieis, pódem ſer eſcravos, os que apoſtàtaraõ para o paganiſmo, naõ para a hereſia; porque de alguma maneira ainda retém o nome Chriſtaõ. Naõ ſó as peſſoas Eccleſiaſticas, mas tambem os bens das Igrejas ſaõ izentos da juriſdicçaõ da guerra pela reverencia, que ſe lhes deve; e porque a Igreja he outra Republica eſpiritual diſtinta, e izenta da temporal. E accreſcenta-ſe, que tambem os bens, e peſſoas ſeculares, que ſe recolhem nas Igrejas, ficaõ livres pela immunidade: mas ſe fizerem da Igreja fortaleza, para ſe defenderem, pódem ſer arrazados, deſpojados, e mòrtos; porque naõ uſaraõ bem do favor.

Será juſta a guerra, em que ſe guardarem todas as cautélas, que temos dito: e por remate ſe perguntaõ quatro couzas. Primeira, ſe he licito uſar de cilladas na guerra? Reſponde-ſe que he licito occultar os conſelhos, e eſconder as traças, mas naõ mentir. Segunda, ſe he licito quebrar a palavra dada ao inimigo? Naõ he licito, ſalvo faltando elle em algum concerto. Terceira, ſe ſe

pòde

pòde dar batalha em dia Santo? Sim, ſe for neceſſario, e a obrigaçaõ da Miſſa ſegue a meſma regra. Quarta, ſe póde o Principe Chriſtaõ chamar infieis, ou dar-lhes ſoccorro para guerra juſta? Bem póde ambas as couſas, ſe naõ houver perigo nos fieis ſe perverterem; porque quem póde ajudar-ſe de féras, tambem poderá de animaes racionaes.

Guerra Civil entre duas partes da meſma Republica nunca he licita da parte aggreſſiva; e muito menos contra o Principe, ſe naõ for tyranno: porque falta em ambos os caſos a poteſtade da juriſdicçaõ; e daqui ſe ſegue, que pòde o Principe fazer guerra contra a ſua Republica com as condiçoens requiſitas, que temos dito. Deſafios entre particulares nunca ſaõ licitos, aſſim porque ſaõ prohibidos, como porque nimguem he ſenhor da vida alheya, nem da ſua, para a pòr em taõ evidente perigo. Nem val o argumento de defender ſua honra, para naõ ſer tido por covarde, ſe naõ ſahir ao deſafio; porque iſſo ſaõ leys do vulgo imperito, que naõ devem prevalecer contra as do direito: e mayor honra he ficar hum valente tido por Chriſtaõ entre prudentes, que por deſalmado deferindo a ignorantes. Será licito o deſafio com authoridade publica, como quando a batalha, e vitoria de dous exercitos ſe poem em dous ſoldados eſcolhidos por conſentimento de todos, como em David, e o Gigante: porque a cauſa he juſta, e o poder legitimo: e ſendo licito pelejar todo o exercito, tambem o ſerà a parte delle; com

tanto,

tanto, que naõ ſeja evidente a vitoria no todo, e a ruina na parte.

O primeiro homem, que meneou arma offenſiva para matar, foy Caim contra ſeu irmaõ Abel. Os Aſſyrios foraõ os primeiros, que capitaneados por ElRey Nino fizeraõ guerras a Naçoens eſtranhas. Paõ, hum dos Capitaens de Baco, inventou as alas nos exercitos, e enſinou o uſo dos eſtratagemas, e o vigiar com ſentinelas. Sinon foy o primeiro, que uſou fachos. Lycaon introduzio as tregoas; Theſeo os concertos; Minos deo principio às batalhas navaes; e os Theſſalos ao uſo da cavallaria. Os Africanos inventaraõ as lanças; os Martinenſes as eſpadas: e eſgrimir eſtas armas enſinou Demeo. E ſobre todos campeàraõ Conſtantino Anclitzen Friburgenſe, e Bartholo Suarez Monacho, que deſcobriraõ o invento da polvora, e máquinas de artilharia, e fogo, para deſtruiçaõ do genero humano. E todos quantos na guerra empregaraõ ſuas forças, e induſtrias, bem examinados, nenhuma outra couſa pertenderaõ mais, que accreſcentar-ſe a ſi á cuſta alheya: e vem a ſer as unhas militares, a que dediquey eſte Capitulo, para que ſe ſaiba até onde ſe pódem extender, e aonde he bem, que ſe encolhaõ.

CAPI-

****

CAPITULO XXII.

Proſegue-ſe a meſma materia do capitulo antecedẽte.

ESponja de dinheiro chamou hum prudente á guerra, e iſſo he o menos, que ella ſórve; vidas, fazendas, e honras ſaõ o ſeu paſto, em que como fogo ſe céva: e tudo ſe toléra pelo bem da paz, que com ella ſe pertende, e alcança, quando naõ a pica a tyrannia do intereſſe. A boa guerra faz a boa paz: e poriſſo he mal neceſſario o da guerra. Como ſe pòde fazer, jà o diſſe no Capitulo precedente: como ſe deve executar direy agora, para que as unhas militares naõ desbaratem, e malogrem milhões de ouro, q̃ nella ſe empregaõ.

Traz a guerra comſigo muitos perigos, trabalhos, e gaſtos; e poriſſo nenhum Principe a deve fazer, ſalvo quando as condiçoens da paz ſaõ mais prejudiciaes a ſeu Eſtado, e reputaçaõ. Sendo neceſſario fazer-ſe, ſe conſiderar os damnos, que della reſultaõ, nunca ſe reſolverá em a fazer; e naõ ſe reſolvendo, accreſcentará as forças ao inimigo, e debilitará as ſuas. E aſſim convém, que reſolvendo-ſe em tomar armas, ſe reſolvaõ todos a vencer, ou morrer com ellas. Meça primeiro em conſelho ſuas forças com as do inimigo: e conhecellas-há em ſabendo, qual tem mais dinheiro, porque eſte he o nervo da guerra, que a começa, e a acaba. Tres couzas lhe ſaõ muito neceſſarias para a vitoria, e ſem ellas naõ trate da batalha,

batalha; porque ſerá vencido. A primeira he dinheiro; a ſegunda dinheiro; a terceira mais dinheiro: com a primeira terà quanta gente quizer de peleja; e tendo mais gente que o inimigo, vencerá mais facilmente. Com a ſegunda terá armas de ſobejo: e quem as tem melhores, aſſegura a vitoria. Com a terceira terà mantimentos; e exercito bem provido, tarde, e nunca he vencido. Veja logo que Capitaens tem, porque ſe naõ forem esforçados, prudentes, e venturoſos, perderà tudo: e naõ baſta iſto; porque he neceſſario tambem, que os ſoldados ſejaõ alentados, eſcolhidos, e bem diſciplinados. Quando Julio Ceſar deu batalha a Petreyo em Eſpanha, diſſe, que peleijava com hum exercito ſem Capitaõ: e quando peleijou com Pompéo, diſſe que dava batalha a hum Capitaõ ſem exercito. Tanto monta ſer tudo eſcolhido, e naõ introduzido a caſo, e de tumulto! Faça rezenha das armas, que tem, e ſaiba as do inimigo, porque a vitoria ſegue ordinariamente, a quem tem melhores armas. Os ſoldados bem armados, e veſtidos cobraõ brios, e concebem esforço: çapato, e camiza nunca lhes falte: he concelho de hum grande Capitaõ Portuguez. Tres eſperanças deve ter o ſoldado ſempre certas, para peleijar com esforço, e ſer leal a ſeu Principe: primeira do ſoldo ordinario. Segunda da remuneraçaõ extraordinaria. Terceira da liderdade, quando lhe for neceſſaria. A primeira alenta; porque pela boca ſe aquenta o forno: e naõ devemos querer, que ſejaõ os ſoldados, como os fornos da Arruda, que ſò huma

vez

vez na ſemana os aquentaõ ; e iſto lhes baſta para cozerem o paõ de domingo a domingo : tem-ſe iſto por prodigio grande , e por mayor ſe deve ter , que aturem os ſoldados mezes , e mezes , ſem receberem hum real de ſoldo , para ſe veſtirem , e manterem. A ſegunda os faz conſtantes ; porque o dezejo de montar , e creſcer he natural ; e com a certeza , de que haõ de melhorar de poſto , e alcançar bons deſpachos , fazem pelos merecer , e naõ temem arriſcar as vidas ; porque o eſtimulo da honra he o melhor alicate que ha para avanças a grandes emprezas ; e tambem o do intereſſe. A terceira os faz leaes ; porque ſe ſe imaginaõ cativos , e que nunca poderaõ renunciar o trabalho da milicia , veſtem-ſe da condiçaõ de eſcravos , e he o meſmo que de odio a ſeus Senhores , e hamſe como forçados da galé. E naõ ſó he conveniente eſta razaõ , mas tambem he juſto que os ſoldados ſejaõ voluntarios , e que tenhaõ caminho para ſe libertarem , quando lhes for neceſſario, porque naõ ſaõ eſcravos comprados : nem o preço de quatro mil reis na primeira praça iguala o da liberdade , em que naſceraõ , e de que eſtaõ de poſſe : nem a obrigaçaõ de ſervirem á patria prepondéra , quando de ſerem livres reſulta acodirem mais , e ſervirem melhor. Haja correſpondencia igual de ambas as partes : iſto he , que o Principe pague , como o ſoldado ſerve , e acodiráõ logo innumeraveis a ſervilo , ſem ſer neceſſario buſcallos : porque niſto ſaõ como as pombas , que acodem todas ao pombal , onde achaõ bom provimento , e fogem da caſa , onde as depennaõ.

Se

Se examinarmos as cauſas, porque os ſoldados fogem das fronteiras para ſuas caſas, e tambem para o inimigo, acharemos, que pela mayor parte ſaõ duas deſeſperaçoens; huma da liberdade, e outra do provimento, e que para ambas as couſas tem juſtiça: para o provimento, porque quem ſerve, o merece; e para a liberdade, porque nenhuma Naçaõ do mundo os obriga mais, que a tempo limitado: França em ſe acabando a facçaõ, mas que naõ ſeja mais que de tres mezes, logo os deſobriga, e liberta, por mais ſoldo, e pagas, que tenhaõ recebido: e tambem Portugal uſa o meſmo eſtylo com os ſoldados das ſuas armas, que em ſe recolhendo, os deixa hir para ſuas caſas: e naõ ha mayor razaõ para naõ ſe praticar o meſmo eſtylo, com os que ſervem na campanha pondo-lhe ſeus limites. Caſtella naõ faz exemplo; porque ſe obriga ſeus ſoldados para ſempre, tambem lhes dà privilegios equipolentes: e ſe os leva amarrados com cordas, e algemas, naõ ſaõ eſſes os que melhor peleijaõ; e de taes extorçoens lhe vem perder tantas facçoens. Quanto mais, que ſe là trataõ os vaſſalos como eſcravos, Portugal ſempre ſe prezou de os tratar como filhos. Nem ſe acharà Doutor Theologo, que approve o uſo de Caſtella, e que naõ diga que he injuſtiça, indigna até de Turcos, naõ dar liberdade aos ſoldados depois de algum tempo; quando até aos forçados das galés ſe concede depois de dez annos, mas que ſejaõ condemnados a ellas por enormes delictos por toda a vida.

Ter

Ter o Principe amigos, e eſpias na terra do inimigo, e conhecimento dos lugares, por onde marcha, e ha de ter encontros, he muito neceſſario. Faça muito por ſuſtentar a reputaçaõ, e credito de ſua peſſoa, porque terá quem o ſirva, e todos ſe lhe ſugeitaráõ. Alexandre Magno divulgou, que era filho de Jupiter, para ſer reſpeitado, e obedecido; juſtifique a cauſa que tem para fazer guerra, e divulgue-a com Manifeſtos; porque dá animo aos ſoldados, que o ſervem, e acovarda os contrarios. As cauſas da guerra ao todo em geral ordinariamente ſaõ quatro. A primeira para cobrar, o que o inimigo tomou. Segunda para vingar alguma afronta. Terceira para alcançar gloria, e fama. Quarta por ambiçaõ. A primeira, e a ſegunda ſaõ juſtas: a terceira he injuſta: a quarta he tyrannia. Quem for vencido, deve examinar a cauſa de ſua ruina, ſe foy por falta dos Capitaens, ſe dos ſoldados, para emendar o erro: e ſe o naõ houve, nem no inimigo mayor poder, deve applacar a Deos, tendo por certo, que o irritou contra ſi com as cauſas da guerra. E ſe com tudo foy por eſtar o inimigo mais poderoſo, deve diſſimular até ſe melhorar de forças: porque melhor he ſofrer dez annos de guerra furtandolhe o corpo, que hum dia de batalha, em que ſe perde tudo. Conſervarſe-ha em pé neſtas demoras conſervando o amor dos ſoldados, e a benevolencia dos póvos; eſta ganha-ſe adminiſtrando juſtiça, e aquelle uſando liberalidade.

Queſtaõ ha, qual ſerà melhor, ſe fazer a

guerra

guerra na terra do inimigo, ſe na propria. Fabio Maximo affirmava, que melhor era defender a patria dentro nella. Scipiaõ dizia, que mais util era fazer-ſe a guerra fóra de Italia. As conjunçoens das emprezas, e urgencias dos tempos enſinaõ, o que ſerá mais conveniente. Ajudar hum Principe a outro na guerra, quando he amigo, ou contederado, he muito ordinario. Dom Fernando Quinto Rey de Caſtella favorecia ſempre ao que menos podia, para naõ deixar creſcer o contrario: nem entrava em ligas, de que naõ eſperava proveito. Os Romanos, diz Appiano, que naõ quizeraõ aceitar por vaſſallos muitos póvos, porque eraõ pobres, e de nenhum proveito. No proveito do intereſſe, e credito da honra, devem levar ſempre a mira os que fazem guerra. E executados bem os documentos, que temos dado, teraõ menos em que empolgar unhas militares: iſto he, que naõ haverá tantas perdas, quantas a guerra mal governada traz comſigo.

****

CAPITULO XXIII.

Dos que furtaõ com unhas temidas.

EXcellencia he de todas as unhas o ſerem temidas; e tanto mais, quanto mais féro he o animal que as menéa. Quem ha, que naõ tema as unhas de hum tigre aſſanhado, e as garras de hum leaõ rompente? Até as de hum gato teme qualquer homem

homem de bem, por valente que seja, quanto mais as de hum ladraõ, que escala o que mais se guarda, e o que muito mais se estima. Temidas saõ todas as unhas militares, de que até agora tratámos, porque as acompanha a potencia, e violencia das armas fulminando favor. Com tudo armas offensivas nas mãos de hum Pigmeo naõ as temo; e ha soldados Pigmeos, que naõ passaõ de formigueiros: livrenos Deos das que movem Gigantes: destes fallo: Gigantes ha ladroens, e ladroens Gigantes: e assim saõ as unhas suas taõ agigantadas, que nada lhes pára diante; e porisso com razaõ todos as temem, e tremem. Estes saõ os poderosos por nobreza, por officio, por titulo, e outras qualidades, que os fazem affoutos, intrepidos, e izentos: e quando daõ em furtar, naõ ha outro remedio, que o de pór em cobro com temor, e pavor, ou aprestar paciencia, e render á sua reverencia as armas, e as fazendas; e comprar com a perda dellas o ganho da vida propria. Sabeis o que faz hum destes, irmaõ leitor? Vè-se falto de vestido, e libres para seus criados: chama a sua casa o alfayate mais caudaloso, e diz-lhe: Bem vedes como andamos, assim eu, como toda a minha familia: bem me sabeis o humor: compray lá pannos, e sedas ao costume, fazeime tudo á moderna, e o preço de tudo corra por vossa conta, até que me venha dinheiro da minha Cõmenda: tomay logo as medidas, e fazeime prazer, que dentro de oito dias venha tudo feito: quando naõ entendey, que o sentirey muito, já me entendeis. Vay-se o

official, ſem levar por principio de paga mais que as medidas, e ameaças, de que lhe haõ de medir o corpo como hum polvo, ſe diſcrepar hum ponto de tanta coſtura. Vem a obra feita no dia aſſinalado; veſtem-ſe todos como palmitos; e ſó o alfayate fica deſpido, e empenhado até à morte; e ſe fallar mais no cuſto, cuſta-lhe a vida. Outros milhafres deſtes de unha preta, e mais alentados poderá haver, que empinem mais o vóo; e para que os naõ tenhaõ por lagarteiros empolguem no mais bem parado. Vaõ-ſe a caſa do mercador mais groſſo, eſcolhem as peſſas que querem de téllas, ſedas, e pannos, tudo ao fiado, e que ponha tudo em receira para os quarteis dos juros, que ha de cobrar dia de S. Serejo: leva para ſua caſa, corta largo à cuſta da barba longa, e raſga bizarro brilhando na Corte: chega o tempo de cobrar o mercador, o que o poderoſo já rompeo, para correſponder a Milaõ, Flandres, e Inglaterra: reſpondelhe, que naõ ſeja importuno, ſe naõ quer que lhe ſeja moleſto, e que lhe cuſte mais cara a venda, que a elle a compra; e aſſim ſe vay deixando eſquecer com a fazenda alheya: e ſe o acrédor boqueja, lançalhe huma mordaça, de que lhe ha de mandar cortar as orelhas, e tirar a lingua pelo cachaço.

Outros fazem a ſua ainda melhor, com cortezia, e mais pela manſa. Já ſabem os homens de negocio, que tem dinheiro, fazem-lhe huma viſita a titulo de amizade, com que os deixaõ deſvanecidos: ainda que alguns ha taõ advertidos, que logo dizem: de donde vem a Pedro fallar gale-

galego ? E ſegundaõ logo com outra , a titulo de neceſſidade , que repreſentaõ , e para a remediar pedem empreſtado , e tambem a razaõ de juro, que para elles tanto monta cinco , ou ſeis mil cruzados , de que lhe paſſaõ eſcrito , porque ſe obrigaõ a pagar tudo dentro em hum anno , e daõ à fiança , quantos moinhos de vento ha em Lagos , e que là tem huns figueiraes no Algarve, &c. E como no tempo dos figos naõ ha amigos, aſſim no tempo da paga ; porque àlem de que nunca mais lhe cruzou a porta, mandalhe dizer na primeira citaçaõ , que lhe ha de cruzar a cara , ſe fallar na divida , ou ſe queixar á juſtiça. E o pobre do homem , porque lhe naõ paguem com cruzes os ſeus cruzados , dará outros ſeis mil , e que o deixem lograr ſuas queixadas ſans , e levar ſuas brancas limpas ao outro mundo , ainda que và com a bolça limpa , e ſem branca. Outros , e ſaõ eſtes já mais que muitos , para ſe forrarem de tantos cuſtos , e riſcos , recopilaõ os lanços ; eſperaõ em paragens eſcuras , ou a des horas as peſſoas, que ſabem tem moeda copioſa , poemlhe duas piſtolas , ou dous eſtoques , nos peitos , e que faça alli logo hum eſcrito : e eiſaqui papel , e tinta , e lanterna de furta fogo , e he de noite ; com todo o encarecimento a ſua mulher , ou ao ſeu caixeiro , que entregue logo logo à viſta ao portador dous mil cruzados em ouro : e aſſim ſe eſtaõ a pé quedo , até que volta hum delles com a repoſta em effeito. E andaõ taõ affoutos , que em ſuas proprias caſas enveſtem aos que ſentem capazes deſtes aſſaltos. Teſtemu-

nha seja o Abbade de Pentens em Traz dos Montes, a quem levarão por esta arte huma mula carregada de dinheiro, deixando-o a elle amarrado em huma tulha. Que direy dos que lançaõ em remataçoens de fazendas, que fazem pór em leilaõ pór mil tranquilhas? Ha neste Reyno Ley, que prohibe aos Ministros da Justiça, que naõ lancem nas fazendas, que se executaõ (e guarda-se exactissimamente nos officiaes da Santa Inquisiçaõ) porque com o respeito, que se lhes deve, e temor, que outros lançadores tem delles, defraudaõ muito nos preços, e ficaõ as partes enormemente lesas: mas como as leys saõ téas de aranha, que caçaõ moscas, e naõ pescaõ tritoens: logo estes buscaõ traças: *De pensata la lege, pensata la malicia*; e fazem os lanços por terceiras pessoas, manifestando pela boca pequena, que o lanço he de hum poderoso, com que todos se acanhaõ: e assim lançando cincoenta, no que val duzentos, levaõ as couzas por menos da metade do justo preço; defraudaõ, e roubaõ as partes, naõ só no substancial dos bens moveis, e de raiz, que se vendem, senaõ tambem os direitos Reaes, e as cizas, que se diminuem muito com taõ grande diminuiçaõ nos preços. Tambem as unhas temidas, que empolgaõ affoutas nos tributos Reaes: taes saõ, as que se levantaõ com as décimas, porque naõ ha justiça, que se atreva a executalas; e porque saõ mais que muitas, fundem as décimas muito pouco: saõ muitos os que as cobraõ, e poucos os que executaõ a si mesmos: saõ muitos os poderosos, que se eximem, e pou-

co

co o cabedal dos pequenos, que as pagaõ. Entre peſſoa Real neſta empreza, a quem todos reſpeitem, temaõ, e logo creſceráõ as décimas em dobro: nem ha outro remedio para unhas temidas, que opporſe-lhe quem ellas temaõ. Eſcrito eſtá eſte remedio no que fez hum Rey de Portugal a certo fidalgo, que tomou huma pipa a hum lavrador, e lhe entornou o vinho, que tinha nella para recolher o ſeu, que tinha por mais privilegiado. Era o lavrador de boa témpera, que naõ ſe acanhava a medos, nem ameaças; deu comſigo na Corte, lançou-ſe aos pés delRey, contoulhe o caſo: mandou-o ElRey agaſalhar com hum toſtaõ por dia, e hum cruzado para ſua mulher, e filhos á cuſta do fidalgo, que mandon logo chamar à Beira: veyo muito contente eſperando grandes mercés, que todos cuidaõ as merecem. Seis mezes andou requerendo entrada, ſem achar audiencia; e no cabo o fez ElRey apparecer pareante ſi com o lavrador: e perguntandolhe, ſe o conhecia? Lhe mandou pagar a pipa, e o vinho em dobro; e todos os cuſtos; e que naõ lhe dava mayor caſtigo por outros reſpeitos; mas que advertiſſe, que em ſua cabeça levava a vida, e ſaude daquelle homem, e que lha havia de tirar dos hombros, ſe alguma deſgraça lhe ſuccedia, e que rogaſſe a Deos, que nem adoeceſſe; porque tudo havia de reſultar em mayor deſgraça ſua. E reſultou daqui, que as unhas temidas ficaraõ tímidas: e eſte he o remedio que as açama, nem ha outro.

Eſte meſmo remedio de aſpereza me diſſe

hum prudente, que ſe devera applicar ás unhas de Hollanda, e Inglaterra. Ao ladraõ moſtraõ-ſe os dentes, e naõ o coraçaõ. E ben ſe vé, que quanto mais buſcamos eſtas Naçoens com embaixadas, e concertos, tanto mais inſolentes, e deſarrazoadas ſe moſtraõ, pagando com deſcortezias, e ladroíces noſſos primores; porque lhes cheiraõ eſtes a covardia, e conſideraõ-ſe temidos, e blaſonaõ. Se elles naõ nos mandaõ a nós Embaixadores, ſendo piratas, e canalha do Inferno, porque lhos havemos nós de mandar a elles, que ſomos Reyno de Deos, e Senhores do mundo? Eſta razaõ naõ tem repoſta; e a que daõ alguns Politicos do tempo, he de cobardes biſonhos, que ainda naõ ſabem, que caens ſó às pancadas ſe amanſaõ. Mas diraõ que naõ temos pàos para eſpancar tanto caens. A iſſo ſe reſponde, que antigamente hum ſó galeaõ noſſo baſtava para enveſtir huma armada groſſa, e botando fogo, e deſpedindo rayos, a rendia, e desbaratava toda. Sete gurumetes noſſos em huma bateira baſtavaõ para enveſtir duas galés; e renderaõ huma, e puzeraõ outra em fugida. Poucos Portuguezes mal armados comendo couros de arcas, e ſolas de çapatos ſuſtentavaõ cercos a muitos mil inimigos, que venciaõ: e ſempre foy noſſo timbre com poucos vencer muitos. Hoje ſomos os meſmos, e aſſim fica reſpondido, que temos páos, com que eſpancar a todos. Ainda me inſtaõ que eſtaõ mudadas as couſas, porque ainda que ſomos os meſmos, ſaõ os inimigos muito differentes: aquelles eraõ cobras, e eſtes ſaõ leoens,

e mais

e mais déſtro que nós na artelharia, de que tem mayor copia; e de galeoens, e náos, com que inçaõ eſſes mares, pelejaõ noſſas barras, e tudo nos tomaõ ſem termos cabedal, com que reſiſtamos. Reſpondo, que poriſſo o naõ temos, porque lho deixamos tomar: o certo he que com noſſa ſubſtancia engroſſaõ: haja entre nós piratas para elles, aſſim como elles o ſaõ todos para nós: dé-ſe licença aos Portuguezes poderoſos para armarem navios, que andem ao corſo, como ſe deu antigamente aos de Vianna, que em quatro dias alimparaõ os mares. A meſma Vianna arma hoje como entaõ, ſe quer tres navios, o Porto quatro, Lisboa ſeis, Setuval tres, o Algarve outros tres, e ElRey ajuntelhe dous galeoens por Capitanías: e eiſahi huma armada de vinte velas com duas eſquadras; e arme-ſe huma bolça ſó para iſto de gente voluntaria, e livre, e veremos logo as noſſas barbas ſem vituperios. Mas diraõ ainda os zeloſos Criticos, que iſto de bolças he pernicioſo invento, que hereges introduziraõ, e que na do Braſil ha muito que emendar. Negolhe todas as conſequencias. A do Braſil he muito boa, e ſó poderia ter de mal, ſe entraſſe nella alguma gente, que trataſſe ſó de ſeu intereſſe, ou nos pudeſſe ſer ſuſpeita: mas ſeriaõ inconvenientes faceis de emendar, e o tempo os curaria. Ser o cabedal della tirado daqui, ou dalli, he ponto que me naõ pertence: Doutores tem a Santa Madre Igreja, que eſtà em Roma, e poderá ſupprir, e tirar os eſcrupulos. Quanto mais que o que aponta de novo, nada leva deſſes ef-

 cabeches,

cabeches, porque ha de ser de gente escoimada. E prouvéra a Deos que tiveraõ os fidalgos Portuguezes estomago, para fazerem outra bolça só para a India, pois he empreza sua: e serlhes-ha facil, se puzeraõ nella só, o que gastaõ em vaidades, e o que perdem na taboa do jogo, e daõ a rameiras, e consomem na cura de males, com que estas lhes pagaõ: e ficariaõ elles de ganho, e o nosso Reyno sem tantas perdas temido, e venerado. Deos sobre tudo.

****

CAPITULO XXIV.

Dos que furtaõ com unhas tímidas.

TEnho por mais crueis, e damninhas estas unhas, que as passadas; porque os tímidos, e covardes, para se assegurarem fazem mayor estrago, que os temidos, e valentes, que levaõ carta de seguro em seu braço. Hum leaõ contenta-se com a preza, que lhe basta para aquelle dia, ainda que tenha diante das unhas muito mais, em que as possa empregar. A rapoza, quando dá em hum galinheiro, tudo degola, e espedaça até o superfluo. Nem ha outra causa desta disparidade, senaõ que a rapoza he covarde, e o leaõ he generoso, e valente. Taes saõ as unhas tímidas, mayores damnos causaõ com seu temor, que as temidas com sua potencia. E daqui vem as mortes que daõ, e as caras que esfolaõ

ladro-

ladroens formigueiros por eſſas eſtradas: temem o ſer deſcobertos, que lhes dèm na trilha, e para ſe aſſegurarem, nada deixaõ com vida: a meſma arte, que os enſina a furtar, para ſuſtentarem a vida, lhes deu eſta regra, para a aſſegurarem, que arredem teſtemunhas com as meſmas garras. Nem pàraõ aqui os damnos, que adiante paſſaõ; porque nas meſmas rapinas executaõ crueldades: como aquelles de Arrayolos; que furtando hum relogio de ouro, que hia de Liſboa para hum Rey de Caſtella, por naõ ſerem conhecidos pela qualidade do furto, que era notorio, o fizeraõ em pedaços, e o lançaraõ de huma ponte abaixo em hum rio. E os que furtaraõ a prata de S. Mamede na Cidade de Evora, pela meſma cauſa a enterraraõ amaçada na eſtrada de Villa Viçoſa, junto ao poço de entre as vinhas, ſem ſe aproveitarem della para nada.

Dà hum ladraõ deſtes tímidos em huma Alfandega, tira o miolo a duas caixas de açucar, e naõ repara em derreter huma duzia dellas com agua que lhes botou por cima, para que ſe cuide, que o meſmo caminho levaraõ as duas, cuja ſubſtancia elle encaminhou para ſua caſa, e que as humidades do mar, e do ſitio obraraõ abuelle màõ recado. Tira hum marinheiro dous almuqes de vinho de huma pipa, e para que naõ ſe ſinta a falta, bota-lhe outro tanto de agua ſalgada, e faz iſto meſmo a vinte, ou a trinta, porque aſſim ſe foy brindando, e a ſeus companheiros toda a viagem; e naõ repara no damno, que deu de mais de quatro mil cruzados, por poucos

almu-

almudes, de que ſe aproveitou, porque no fim tudo ſe achou corrupto. Da meſma covardia naſce naõ reparar hum ladraõ deſtes tímidos, em fazer rachas hum eſcritorio de madre pérola, que val mais que o recheyo, quando naõ póde levar tudo debaixo do braço; nem em pór fogo a huma caſa, para que ſe cuide, que ſe foy no incendio a peſſa rica, com que elle ſe foy para ſua caſa, &c.

O remedio ſingular, que ha para todos eſtes, he a forca, porque como ſaõ tímidos, ſó o medo della os póde enfrear: e ſe a nenhum ſe perdoar, todos andaràõ compoſtos, como lá diſſe hum Poeta: *Oderunt peccare mali formidine pœnæ.* E huma Rainha de Portugal dizia, que taõ bem parecia o ladraõ na forca, como o Sacerdote no Altar. Ainda que eu naõ ſou de opiniaõ, que ſe enforquem homens valentes, quando ha outros caſtigos taõ rigoroſos como a forca, quaes ſaõ os degredos para as conquiſtas, onde pódem ſer de preſtimo: e em ſeu lugar diſcutiremos melhor eſte ponto, quando tratamos das teſouras, com que ſe cortaõ todas as unhas. Agora ſó digo, que havendo-ſe de enforcar alguns, ſejaõ os tímidos, covardes, gente inutil, que baſtaràõ para documento, e freyo, que ſuſtente em regra os mais.

CA-

****

CAPITULO XXV.

Dos que furtaõ com unhas disfarçadas.

OS Padres da Companhia de Jeſus crearaõ no ſeu Convento de Coimbra hum gato taõ déſtro no ſeu officio de caçar, que até as aves do ar ſugeitava à juriſdicçaõ das ſuas unhas. Eſte como ſe tivera o diſcurſo, que os Filoſofos negaõ a animaes, que carecem de entendimento, revolvia-ſe em lama, e com ella freſca daya comſigo no guarnel do paõ, e eſpojando-ſe nelle levava pegado na lama, e entre as unhas quanto podia, e deitava-ſe ao Sol como morto, até que os pardais acodiaõ aos graõs de trigo, que lhes offerecia por eſta arte: e como os ſentia de geito, tirava o diſfarce ás unhas de repente, e agarrava hum, ou dous, com que ſe fazia prato todos os dias regalando a vida, como corpo de Rey com aves de penna. Tres diſfarces ſe notaõ aqui; hum da lama, com que ſe vendia pelo que naõ era; outro da diſſimulaçaõ de morto, com que armava a tirar vidas; e outro da iguaria, que offerecia às aves, para fazer dellas vianda. Traça he eſta muito ordinaria em caçadores, e peſcadores, que diſfarçaõ o anzol, e o laço para aſſegurarem a preza á ſua vontade. E os ladroens por eſtes modos diſfarçaõ tambem as unhas para o meſmo intento, e para ſe aſſegurarem a ſi, que iſſo tem de tímidas: e até as mais temidas, e aſſoutas buſcaõ

diſfar-

disfarces, para evitarem pejos, e eſcandalos. E vimos a concluir, que naõ ha ladraõ, que ſe naõ disfarce para furtar; porque até os mais deſcarados, que ſalteaõ nas charnecas, cobrem o roſto com maſcaras, e rebuços: e os de capa preta, que no povoado nos ſalteão, ſe não cobrem a cara com carapuças de rebuço, ao menos o disfarção com mil màſcaras, de que uſaõ, cores, e capas, que tomão para encobrirem ſua maldade, e fazerem a ſua boa.

Chega o pertendente ao Miniſtro, por cujas mãos ſabe, que correm os deſpachos de certo officio, ou beneficio, que pertende, e fazem hum concerto entre ſi, que perderá o Miniſtro duzentos mil reis, ſe naõ lhe houver o officio; e que lhe dará o pertendente cem mil reis, ſe lho alcançar: aſſeguraõ-ſe com eſcritos, que ſe paſſaõ de parte á parte, cuja letra, ou ſolfa, nem eu a ſey deſcantar, nem o diabo lhe entende o compaſſo: e com eſte disfarce acreditaõ ſeus primores, e encobrem os barrancos, que ſe ſeguem; e o que he ſimonía, uſura, ou furto mero, taes enfeites lhe poem, que parece virtude. E com dizerem, que ſe arriſcaõ a perder mais nos duzentos, gualdripaõ os cento, a que chamamos menos, e ficaõ muito ſerenos na conſciencia, pela regra dos contratos oneroſos; como ſe no ſeu houvera algum riſco, quando elles tem todo o jogo na ſua maõ, e baralhaõ as cartas, e fazem o que querem *à dextris, e à ſiniſtris.*

Senhor, diz o outro, eu darey a v. m. huma Quinta, que tenho muito boa, e dizima a Deos,

a Deos, ou a Voſſa Senhoria (que tambem entraõ Senhorias niſto) jà que he omnipotente na Corte, ſe me livrar de huma tormenta de accuſaçoens, que actualmente chovem ſobre mim, em que me arriſco a ſahir confiſcado, ou com a cabeça menos. Sou contente, reſponde o Miniſtro; mas ha-me Voſſa Mercé de fazer huma eſcritura de venda, em que confeſſe, que lhe comprey a tal Quinta com dinheiro de contado. Feita a eſcritura, toma com ella poſſe da propriedade; e mete velas, e remos, para livrar o donatario; e naõ deſcança, até o pór em gemeas eſcoimado, e limpo, como huma prata. E porque naõ ha couza occulta, que tarde, ou cedo, ſe naõ revéle, e os murmuradores tudo deslindaõ, veyo-ſe a deſcobrir o feito, e o por fazer na materia: chegaraõ accuſaçoens, a quem puxou pelo ponto: deraõ-lhe logo com a eſcritura nas barbas: fizeraõ mentiroſos os zeladores, e ficaraõ-ſe rindo; ſe naõ he que ficou chorando, o que perdeo a Quinta, por ver quaõ caro lhe cuſtou o disfarce da eſcritura, com que o ſeu valido capeou o conleyo. Outros com hum ſáguate de nonada, com hum açafate de figos disfarçaõ fidelidade, para confiardes delles cem dobroens empreſtados, que vos pagaõ com mil figas. Do zelo, e ſerviço delRey fazem luvas, que encobrem unhas, que agarraõ emolumentos groſſiſſimos dos bens da Coroa. Eſtou-me rindo, quando os vejo fervoroſos, e diligentes no manéo da fazenda Real: naõ dormem, nem comem, antes ſe comem com o cuidado, e diligencia,

gencia, que moſtraõ em tudo, naõ perdoando a trabalho; e eu eſtou cà comigo dizendo: aſſim tu barbes, como tu tens mais amor ao proveito delRey, que a ti meſmo: que tens tu amor á fazenda delRey, eu o creyo, e que lhe armas algum bom lanço para ti capeado com eſſes merecimentos. Quem introduzio cambios no mundo, disfarce inventou para palear uſuras, quando paſſaõ dos limites: e pratica de remir vexaçoens com peitas nas pertençoens de beneficios, capa he, com que ſe disfarçaõ ſimonías. Mudaõ os només às couzas, para enganarem remorſſos. Deſmentem humas maquinas com outras: arquitectaõ caſtellos de vento, para renderem à força da conſciencia, e zombarem do preceito: *Sed Dominus non irridetur.*

****

CAPITULO XXI.

Dos que furtaõ com unhas malicioſas.

AS unhas disfarçadas muito cheiraõ a malicioſas, mas tem eſtas de mais, que aquellas hum grande palmo, ſe naõ he covado: e poriſſo lhe damos particular Capitulo. Naõ ha furto ſem malicia, nem peccado ſem malicia; donde ſe colhe, que ſe o furto he peccaminoſo, tambem ha de ſer malicioſo: e porque em tudo ha mais, e menos, poremos aqui os de mayor malicia. Por taes tenho os que eſcondem, e re-

pre-

prezaõ o paõ, para que naõ ſe veja abundancia, e appareça a careſtía, e ſuba o preço. O meſmo fazem os mercadores com ſedas, e pannos; moſtraõ-vos ſó huma peſſa da cór, ou lote, que buſcais, e juraõ-vos por eſta alma, ponde a maõ na dos botoens da roupeta, que naõ ha em toda a rua Nova mais que eſte retalho, e aſſim vo lo talhaõ pelo preço, que querem; e em gaſtando aquelle, apparece logo outro, e outro cento delles: como ramo da Sibylla de Eneas, que quanto mais nelle cortavaõ, tanto mais renaſcia cada vez mais formoſo. Mas que muito que façaõ iſto na rua Nova, quando até os que naõ profeſſaõ a ley velha, fazem o meſmo nas carnes, vinhos, e azeites, que vem vender a Lisboa: vem trazendo tudo aos poucos, porque ſe o trazem junto, ha abundancia, e em a havendo abatem os preços: e para que ſubaõ, e enchaõ bem as bolças com aſſolaçaõ do povo, ajudaõ-ſe da malicia, que eſtà deſcoberta, e ſerà remediada, ſe ſe der por perdida toda a fazenda, que andar retida, e atraveçada com ſemelhantes eſtanques.

Arrendaſtes huma vinha por hum anno, puxaſtes por ella na póda, e fizeſtes-lhe dar para vós, o que havia de dar no anno ſeguinte, e furtaſtes com unhas malicioſas ao proprietario a ſubſtancia de hum anno, e póde ſer que de muitos. Em Béja vi huma eſtalajadeira comprar por dez reis duas còves murcianas; lançou-as em huma tigela com dous pimentoens bem pizados, e outros dez reis de azeite, deu-lhe duas fervuras, e ſem

e sem se erguer de hum tanho, fez trinta pratos, a vintem cada hum, com que banqueteou hospedes, e almocreves, que se deraõ por bem servidos: mas mais bem servida ficou a malicia da hospeda, que com hum vintem, que dispendeo, interessou seis tostoens, que embolçou. Naõ sey se diga, que se estende tambem a malicia destas unhas a crime *læsæ majestatis*, quando chegaõ a tanto atrevimento, que fazem, e vendem cartas, e provisoens falsas, com firmas, e sellos Reaes? Hum freguez destes conheci no Limoeiro por fazer moeda falsa, e cercear a verdadeira: pedio-me lhe houvesse hum pequeno de chumbo em segredo; e sabida a couza, tratava de livrar-se appellando para outro foro: dizia que era Religioso de certa Ordem de Italia; e já tinha armada a Patente, e só lhe faltava o sello, e queria o chumbo para fazer delle o sinete.

Em materia de contratos ha tambem unhas muito maliciosas. Pedio em Evora Cidade hum lavrador, do termo a certo ricaço hum moyo de trigo fiado, para semear: sou contente, mas haveis-mo de pagar para o novo pelo mayor preço, que correr na praça todo este anno, e nisso ficaraõ com assento feito. Succedeo, que nunca sobio o trigo de trezentos e vinte: mas o Cidadaõ mandou pór na praça meyo moyo seu escolhido com ordem á vendedeira, que o naõ désse por menos de cinco tostoens: e para que naõ estivesse ás moscas; mandou logo seus confidentes com dinheiro, que para isso lhes deu, que comprassem todo aquelle trigo, como para si

pelo

pelo preço, que a medideira pediſſe: e aſſim recolheo outra vez para ſua caſa o ſeu paõ, e o ſeu dinheiro, e tomou teſtemunhas de como ſe vendera toda aquella ſemana a quinhentos reis na praça. Veyo o lavrador a ſeu tempo pagar pontualmente a razaõ de trezentos e vinte, que era o preço verdadeiro: ſahio-lhe o ſeu acrèdor deſoslayo com a tramoya; convenceo-o em Juizo com as teſtemunhas, e fez-lho pagar a quinhentos, em que lhe péz. E ainda fez mais, que naõ tendo o lavrador dinheiro, lhe tomou o preço da divida em trigo, que entaõ valia a dous toſtoens: e tudo bem ſomado veyo a fazer a quantia de dous moyos e meyo, que recolheo em boa ſatisfaçaõ do moyo, que tinha empreſtado havia poucos mezes.

Quaſi ſemelhante a eſte he outro contrato, que vi fazer muitas vezes no Reyno do Algarve: Vem os lavradores da Serra às Cidades prover-ſe do que lhes he neceſſario dos mercadores, que lhes daõ tudo fiado até às colheitas do figo, e paſſa; mas com tres encargos muito oneroſos. Primeiro, que lhes encaxaõ, o que levaõ da loge, pelo mais alto preço a titulo de fiado. Segundo, que haõ de pagar em paſſa, e figo avaliando-o pelo mais baixo a titulo do beneficio, que receberaõ, quando lhes gaſtaraõ as mercadorias, que lhes apodreciaõ em caſa. Terceiro, que lhes haõ de pòr tudo na Cidade à ſua cuſta. Mais maliciosa eſtà outra onzena, que vi exercitar na Ilha da Madeira. Embarcaõ-ſe alli muitos paſſageiros para o Braſil, e os que naõ tem cabedal para ſe

aviarem de matalotagem, e outros apreſtos, pedem aos mercadores dinheiro empreſtado a correſponder com açucar. Reſpondeo hum: vendo pannos, naõ empreſto o dinheiro, com que trato: ſe v. m. quer panno fiado darlho-hey, buſcarà quem lho compre, e fará ſeu negocio com o dinheiro, de que neceſſita. Seja como v. m. quizer: ouro he, o que ouro val, e por ſer fiado, talhoulhe o preço por cima das gavias: e feita a compra, de que havia de fazer os cincoenta mil reis revendendo-a, ajuntou o mercador: para que v. m. ſe naõ canſe com hir mais longe, eu lhe comprarey eſſe panno pelo preço, que o coſtumo comprar em Londres, e contarlhe-hey logo o dinheiro, que he outro beneficio eſtimavel, e abateolhe em cada covado mais, do que lhe tinha levantado na venda; e pagou-ſe logo do cambio, que havia de vencer naquelle anno o ſeu empreſtimo, para ficar livre daquelle cuidado, e aſſegurou o capital com boa fiança; e ficaraõ cuſtando ao paſſageiro os cincoenta mil reis mais de cento: e o mercador intereſſando na correſpondencia, e revenda do açucar, com que do Braſil lhe pagou mais de duzentos; e a iſto chamo eu malicia refinada mais que açucar em ponto.

****

CAPITULO XXVII.

Dos que furtaõ com unhas malicioſas.

GRande malicia he a das unhas, que agora tocàmos; mas ainda ha outras mais malicioſas.

ſas. Se houveſſe contratador, que tiveſſe pezos grandes para comprar, e pequenos para vender, e todos marcados pela Camera, naõ ha duvida, que o poderiamos marcar por ladraõ de unhas mais que malicioſas; e para que naõ ſe tenha iſto por impoſſivel entre gente de vergonha, conheci hum naõ longe de Thomar, que tomava muita fazenda ás partes com dous alqueires que tinha; hum grande, com que comprava, e outro pequeno, com que vendia. Em varas, e covados ha muito que vigiar neſta parte, e niſto de medir, e pezar, ſaõ alguns taõ déſtros, que arremeçando na balança o que pezaõ de pancada, e dando hum ſolavanco na medida, ou apertando mais, e menos a razoura, e eſtirando a peſſa com o covado, e vara, defraudaõ as partes em boa quantidade, com bem mà conſciencia.

Peço licença ao noſſo Reyno de Portugal para eſcrever aqui a mais deteſtavel malicia, que ha, nem póde haver entre Turcos, quanto mais entre Catholicos, e Portuguezes; a qual por ſer publica, e notoria, a ninguem fará eſcandalo referilla. Nem eu créra, ſe me naõ conſtara já por muitas vias: e a primeira foy em Barcellos, aonde fuy de Braga ha muitos annos ver as Cruzes, que milagroſamente apparecem em hum campo nos dias da Santa Cruz, aſſim de Mayo, como de Setembro, e ſeſta feira de Endoenças. A ver eſta maravilha veyo tambem de Vianna Joaõ Daranton Inglez Catholico, do qual me contaraõ, que enfadado da fortuna, que o perſeguia com grandes perdas, ſe embarcára pa-

ra o Braſil com ſua mulher, e quatro filhos, e todo o cabedal, que tinha, que ſempre chegaria a dez mil cruzados. O Piloto do navio com ſeus adjuntos, Meſtre, e marinheiros confidentes deraõ com as fazendas da partes em ſuas caſas deſembarcando-as de noite ſecretamente. Deraõ à vela, e deixaraõ-ſe andar mais de oito dias pela cóſta com naõ ſey que achaques, ſem acabarem de ſe fazerem ao alto, atè que os paſſageiros entraraõ em ſuſpeitas, que buſcavaõ piratas para ſe entregarem, e os requereraõ apertadamente que fizeſſem ſua viagem. Deraõ entaõ com o navio á cóſta á meya noite, que he o ſegundo remedio, que tem para ſe eſcoimarem dos furtos, quando naõ achaõ ladroens que os roubem. O navio ſe fez em dous com a primeira pancada: a gente do mar ſe afogou quaſi toda com o Piloto; e ſó Joaõ Daranton ſe ſalvou com toda ſua familia por juſto juizo de Deos, para dar nas caſas dos mareantes, onde achou ſua fazenda. E tenho-vos deſcoberta a maranha, irmaõ Leitor, e aſſim paſſa na verdade; e aſſim coſtumaõ fazer eſte ſalto homens do mar neſte Reyno, no Braſil, na India, e em todas noſſas Conquiſtas, com afronta grandiſſima da noſſa Naçaõ, encargo irremediavel de ſuas conſciencias, e eſcandalo atroz de eſtrangeiros; que com ſerem ladroens por natureza, profiſſaõ, e arte, naõ ſabemos; que uſem de taõ horrenda, e deteſtavel malicia, e modo de furtar.

Eſtando eu na Ilha da Madeira, chegou á viſta huma Urcaça de S. Thomé, a qual ſe deixou

xou andar tres, ou quatro dias barlaventeando; ſem tomar o porto, até que o Governador, que entaõ era o Biſpo D. Jeronymo Fernando, a mandou reconhecer, e notificar que entraſſe, como entrou em que lhe pez; e ſabida a cauſa pelo aranzel da carga, conſtou que lhe faltavaõ as mais das drogas, que tinha deixado, onde lhe ſerviaõ mais que na Urca; e poriſſo buſcava mais os piratas, que o porto, para ſe entregar, e ter deſcarga, que dar aos correſpondentes, ſe lhe pediſſem a carga: porque ſatisfaz hum deſtes a todos com dizer, e moſtrar que foy roubado: o ſeu ganho mayor conſiſte na mayor perda; roubaõ mais, quando ſaõ roubados: e quando daõ á coſta, e fazem naufragio, trazem mais fazenda para ſi a ſalvamento. O que mais me aſſombra, e deixa eſtupidos todos os meus ſentidos, e potencias, he ver que naõ repara hum deſtes labizomes em dar com huma nào da India a travèz, e affogar dous, ou tres milhoens delRey., e das partes, pelo intereſſe de quinze, ou vinte mil cruzados, que poz em polvoroſa.

He a maldade deſtas unhas malicioſas mais deteſtavel, quando toca no bem cõmum, e da Coroa, que nos conſerva, e ſuſtenta a todos. Naõ ſey ſe o ſonhey, ou ſe mo contou peſſoa fidedigna: caſo he que me aſſombra! Valha o que valer: ſe naõ ſuccedeo, ſervirà de documento, para que naõ aconteça. Poderia ſer aſſim: Que hum Miniſtro, que tinha por officio pagar quarteis de juros, e tenças a todo o mundo, foy ſonegando muito a titulo de naõ haver

dinheiro; e em poucos annos com esta, e outras industrias taõ maliciosas, como esta, ajuntou mais de cem mil cruzados, de que deu oitenta mil á ElRey nosso Senhor, gabando-se que os poupara aos poucos, e que eraõ frutos (melhor differa furtos) da pontualidade, e primor, que guardava em seu Real servirço. Estimou Sua Magestade o lanço, tendo-o por legitimo; tanto, que lhe deu por elle huma cõmenda de cem mil reis. No cabo de sua velhice apertou com elle o escrupulo, e tratando de sua salvaçaõ, se foy à Mesa da Fazenda, e disse que devia mais à sua alma, que a seu corpo; e que para descargo de sua consciencia declarava alli, que toda, quanta fazenda tinha, era furtada dos bens da Coroa, e das tenças, e juros de todo o Reyno; que mandassem logo tomar posse de tudo em nome de Sua Magestade. Tinha este hum filho, que já servia o mesmo officio do pay, e lograva a fazenda, que era muita. Sabendo o que passava, pòem em pés de verdade, que seu pay estava doudo: prendeo-o em casa, amarrou-o com huma cadeya, sem o deixar fallar com gente, e tal trato lhe deo, que era bastante, para lhe dar volta o miolo; e com esta arte evitou a restituiçaõ, que o pay queria fazer à ElRey, e às partes, do que maliciosamente tinha furtado. Digaõ-me agora os zelosos sabios, que isto tiveraõ por doudice, prescindindo della: quaes foraõ mais maliciosas, as unhas do pay, que ajuntou tanta fazenda para o filho, ou as unhas do filho, que impediraõ a restituiçaõ do pay? Venha o démo á escolha, taes me parecem humas,

humas, como as outras; e por taes tivera as de quem ſabendo iſto, ſe o diſſimulaſſe por reſpeitos, que naõ cabem aqui.

Tres generos de gente abominavaõ os Romanos, aſſim no governo da paz, como no da guerra; ignorantes, malicioſos, e deſgraçados. Ser hum Capitaõ, hum Piloto, e hum Miniſtro ſabios, e venturoſos, he grande couza, para conſeguirem bom effeito ſuas emprezas: mas ſe com iſſo forem malicioſos, deſdouraõ tudo; e dos que ſaõ tocados deſta ſarna, ſe devem vigiar os Principes, Reys, e Monarcas, mais que de peſte; porque nunca ſe vio peſte, que levaſſe de coalho todo hum Reyno, ou Republica: e huma traiçaõ forjada com malicià degola de hum golpe todo hum Reyno, ou Imperio: e por ſerem taõ arriſcadas as unhas malicioſas, ſe devem vigiar mais, que nenhumas outras; porque trocem todo o governo para ſeus intentos, deslumbrando os diſcurſos do Principe com razoens palliadas, e empatando as execuçoens rectas com cères de mayor bem da Coroa: e bem examinado, he mayor damno; e ſe algum bem reſulta, he para os particulares, que mechem a treta. Mil caſos pudera tocar, que deixo, por naõ ferir a quem ſe poderà vingar raſgando eſta folha, que no mais nada lhe temo; mas direy hum por todos, e ſeja o ſomenos. Correo hum pleito mais de vinte annos neſte Reyno, e na Curia de Roma entre a Mitra de Evora, e o Convento de Aviz, ſobre os beneficios de Coruche, que ſaõ muito pingues, qual os hayia de prover. Che-

gou Aviz a tomar poſſe : veyo Evora com força esbulhalo della : interpoz ſeu braço ElRey , como Graõ-Meſtre , favorecendo Aviz , que lhe pertencia : acodio o zelo por parte de Evora : Senhor , veja Voſſa Mageſtade o que faz ; porque à manhãa quererà Voſſa Mageſtade prover hum Infante neſte Arcebiſpado , e ſerà bom que ache nelle eſtes beneficios , para ter Sua Alteza que dar a ſeus criados. E melhor diſſera : Senhor ficando eſtes beneficios em Aviz , ſaõ todos de Voſſa Mageſtade , que os poderá prover em quem quizer , como Graõ-Meſtre ; e ficando em Evora , ſaõ as vacancias de Roma oito mezes do anno pelas alternadas , e ſó quatro ſaõ de Evora ; e em Sé vacante he tudo de Roma , e de Evora nada : e aſſim ſempre lhe fica melhor a Voſſa Mageſtade ſerem os beneficios de Aviz. E eſta he a verdade ; mas a malicia calla tudo iſto , e ſó repreſenta o que lhe arma para ſeu intento , palliando tudo com razoens affectadas , e ſophiſticas , até dar caça ao que pertende em favor da parte , que lhe toca , ou que o peita.

****

CAPITULO XXVIII.

Dos que furtaõ com unhas deſcuidadas.

ATé agora reprehendemos a malicia , e vigilancia de todas as unhas ; porque naõ ha furtar ſem malicia , nem malicia ſem cautéla. Donde

Donde se segue, que o ladraõ descuidado, ou naõ he ladraõ fino, ou anda arriscado a pagar a cado passo o capital, e as custas: com tudo torno a dizer, que ha unhas descuidadas, e que saõ peores, que as malicioſas, e muito vigilantes, nos damnos que causaõ. Tem obrigaçaõ, os que apréstaõ náos, e armadas, de as proverem muito bem de tudo em abundancia; e elles descuidando-se das quantidades necessarias, cizaõ de tudo hum terço, se naõ for a ametade: dizem elles, que para ElRey: mas Deos sabe para quem, e nós tambem. Descuidaõ-se na eleiçaõ da qualidade das couzas; e até dos lugares, onde as devem arrumar, se descuidaõ. E resulta de tudo faltar o biscouto, e agua no meyo da viagem; porque acertaõ os tempos de a fazerem mais comprida; faltar polvora, bala, e corda na occasiaõ da melhor peleja; naõ se acharem as couzas, quando saõ necessarias, e serem ás vezes taes, que melhor fora naõ as haver, porque saõ corruptas, e de tal sorte, que causaõ mayores males, e doenças com seu uso. O mesmo succede nos medicamentos, de que naõ ha provimento por descuido, que mal se póde livrar de malicia crassa, e maldade supina: porque naõ ha Ministro taõ ignorante, que naõ saiba, que no mar se adoece; e que se morre, onde naõ ha remedio conveniente para o mal.

Outros descuidos, e esquecimentos ha muito geraes, e damninhos, que correm nas posses de fazendas, Mórgados, e Capellas, as quaes se tomaõ muitas vezes sem titulo legitimo, por

por eſtarem auzentes as partes, a quem pertenciaõ; ou porque puderaõ mais os que as tomaraõ: e remordendo-lhes a conſciencia no principio, ſe deixaõ hir ao deſcuido, até que eſquece o eſcrupulo; e aſſim paſſa o eſquecimento de filhos a netos. Muitas fazendas Reaes, e bens da Coroa andaõ deſta maneira ſonegados; tanto, que ſe ſe fizer hum exame geral de titulos, poucos haõ de apparecer cabaes; ſalvo ſe ſe acolherem á poſſe immemoravel, a qual naõ val contra Reys, porque tem privilegio de menores, e força de mayores; mas naõ uſaõ della às vezes, por naõ inpuietar ſeus Eſtados. Rendellos, e esbulhalos hum, e hum, facil couza ſeria; mas naõ ſe acabaria em cem annos a empreza: inveſtillos todos juntos he perigoſo; porque muitos unidos faraõ guerra a eſte mundo, e mais ao outro: e para ſe defenderem, naturalmente ſe ajuntaõ, ainda que ſejaõ entre ſi contrarios. Peleja hum elefante com hum rinoceronte: acómette-os hum leaõ na mayor força da batalha, e logo poem ambos de parte o odio, e ſe amigaõ em hum corpo, para reſiſtirem ao mayor contrario; e tanto ſe eſforçaõ, que o vencem com as forças unidas. Hum Rey de Caſtella mandou pedir a todos os Fidalgos, e Grandes dos ſeus Reynos todos os titulos, eſcrituras, e proviſoens do que poſſuíaõ, porque por deſcuido dos tempos andavaõ muitas couzas deſtrahídas, e deſanexadas da Coroa. Fizeraõ ſeu conſelho, e louvaraõ-ſe todos no Duque do Infantado, que eſtavaõ pelo que elle reſpondeſſe: e reſpondeo, que moſtraſſe ElRey

os

os titulos, com que poſſuía, quanto tinha de ſeu nos Reynos, e Eſtados, que governava: e que elles ſe obrigavaõ a moſtrar outros titulos muito melhores do que poſſuíaõ. Ficou entendido o motim, e recolheo-ſe o decreto de Rey com boa ordenança por duas razões, que ſe deixaõ ver. Primeira, porque de dous males ſe deve eſcolher o menor: e menor mal achou, que era poſſuírem alguns, o que ſe lhes tolerava por deſcuido, ainda que naõ foſſe ſeu, que dar occaſiaõ a todos ſe perderem, e naõ ganhar a Coroa, nem o Reyno nada com iſſo. Segunda, porque ſe ſe examinarem bem os bens, que poſſuem os Reys, ninguem ha taõ arriſcado a poſſuir o alheyo; porque a potencia os faz izentos, e a cobiça he cega, e amiga de embolçar, e tudo parece devido á mayor ſuperioridade. Perigoſo foy ſempre bolir com o caõ que dorme: e poriſſo muitas vezes as couzas paſſaõ por alto até as ſepultar o eſquecimento: mas iſſo naõ tira ſer furto, o que por eſta via ſe arraſtra. E eſtas ſaõ as unhas, que chamamos deſcuidadas; porque até quando mais lembradas, a avareza por huma parte, e o medo por outra, as poem em eſtado de deſcuidadas, e eſquecidas: e aſſim fica tudo ſem remedio.

****

CAPITULO XXIX.

Dos que furtaõ com unhas irremediaveis.

DIgo que ha unhas irremediaveis, naõ porque admitta neſte mundo demazia, que naõ

naõ tenha remedio para ſe emendar; mas porque muitas vezes naõ ha quem lho applique: e quando as unhas creſcem em mãos poderoſas, ſaõ muito más de cortar. Declararme-hey com huma parabola, que ainda que he ténue, tem muita ſubſtancia, para todos me entenderem. E he, que a Republica dos ratos entrou em conſelho, e fez huma junta, ſobre que remedio teriaõ para ſe verem livres das unhas do gato? Preſidio hum arganáz de bom talento: aſſentaraõ-ſe por ſuas antiguidades os adjuntos: votou o mais velho: Mudemos de eſtancia; vamo-nos para os Armazens delRey, onde naõ ha gatos, e ſobejaõ baſtimento, biſcouto arrodo, queijos a fartar, chacinas de toda a ſorte: e onde muitos homens de bem achaõ ſeu remedio, ſem lhes cuſtar mais que tomallo; tambem nós o acharemos, que nos contentamos com menos. Enganais-vos, diſſe o Preſidente, comer à cuſta delRey nunca he barato, nem ſéguro; porque quem a galinha delRey come magra, gorda a paga; e nos ſeus Armazens ha unhas peores, que as dos gatos, que nada lhe eſcapa. Votou o outro; devia de ſer alentado: Sou de parecer, que cortemos as unhas ao gato. Acodio o Preſidente: Calay-vos là murganho: cortarlhas-heis vós? Naõ dizeis nada; porque logo lhes haõ de naſcer outras mayores, e mais peçonhentas. Iſto de unhas ſaõ como enxertos de mato bravo; ſaõ como ortigas, e tojos, que naſcem ſem que os ſemeem: por mais unhas que corteis, nunca vos haveis de ver livre de unhas. Vote outro. Levantou-ſe

entaõ

entaõ hum de cauda larga muito reverendo, e diſſe: O meu voto he, que lancemos hum caſcavel ao peſcoço do gato; e aſſim ſentiremos, quando vem, e pornos-hemos em cobro; como fazem os Tapuyas no Braſil, quando ouvem as cobras, que chamaõ de caſcavel. Bellamente dizeis, acodio o Preſidente; mas quem ha de lançar o caſcavel ao gato? Lançarlho-heis vós? Eu naõ, reſpondeo elle: nem eu, nem eu: Pois malhadeiros, ſe nenhum de vòs ha de fazer, o que diz, para que me votais aqui couzas impoſſiveis? Naõ vedes, que nos deſtruiremos a nós, e á noſſa Republica, ſe intentarmos couſas, que naõ pódem ſer, porque nos haõ de dar na cabeça todos eſſes remedios? E acabou-ſe a junta; e vém a ſer, que a mayor, e mais irremediavel ruina de huma Republica ſuccede, quando os medicamentos, que applica para a vida, ſe lhe convertem em veneno para a morte, e iſto he, quando os conſelhos, que toma para ſe defender, diſparaõ em maquinas para ſe deſtruir: e naõ cahe no erro, ſenaõ quando vé os effeitos deſpropoſitados nas forças gaſtadas com paradoxos, e no cabedal conſumido em deſvarios. E eſtas ſaõ as verdadeiras unhas irremediaveis; porque trazem a peçonha no remedio: e entaõ mais irremediaveis, quando ſaõ incontraſtaveis os Juizes, que menéaõ as perdas com applauſo de ganancias.

Para eu me declarar ainda mais, e todo o mundo me entender melhor, vinha-me vontade de armar aqui hum Conſelho de Eſtado, ou de Guerra, ou do que vós quizerdes, para verdes o mal,

o mal, que nos resulta das unhas, que chamo irremediaveis; e quem me tolhe a mim agora fazer aqui hum conselho? Faça-se, e seja logo. Arrojem-se cadeiras para todos. Eya Senhores Conselheiros, assentem-se Vossas Senhorias por suas dignidades. Quanto saõ por todos? Dez, ou doze; melhor fora duzentos, ou trezentos? He isto aqui parlamento de Inglaterra? Onde se daõ tantas cabeçadas, por serem muitas as cabeças, que mereciaõ cortadas, por cortarem huma, que bastava. Naõ havemos mister tantos Conselheiros: bastaõ quatro, ou cinco: vaõ-se os mais para as suas Quintas, onde naõ lhes faltará que fazer em suas ganancias: e quem nos ha de presidir neste concelho? Isto está claro: ha de presidir a ley: qual ley; a do Reyno, ou a de Machavielo? Ainda ha memorias desse caõ! Vá-se presidir no Inferno. Sabeis vós quem he este perro? He o mais máo Herege, que vomitaraõ neste mundo as Furias de Babylonia: e com ser este, he de temer, que o trazem na algibeira mais de quatro, e mais de vinte e quatro. Naõ queremos, que nos presida a ley de taõ máo homem, que tem asolado, quantas Republicas o admittiraõ. A nossa ley, e Ordenaçaõ do Reyno he a melhor, que se sabe no mundo; ella he a que ha de presidir, e assim propoem para tratar tres couzas. Primeira, a fortificaçaõ desta Cidade de Lisboa. Segunda, o presidio das fronteiras. Terceira, o cõmercio da álem-mar. E quanto á primeira, diz o primeiro Conselheiro, que naõ havemos mister fortificaçaõ, onde estaõ nos-

sos

ſos peitos. Se o ſenhor Conſelheiro, que tal vota, tivera o peito de bronze, tamanho como o campo de Alvalade, dizia muito bem, e duzentos peitos taes baſtavaõ para fortificar, e defender Lisboa, e o Reyno todo: mas he de temer, que naõ tomou nunca a medida a peitos mais que de perdizes, e galinhas, e que na occaſiaõ ſe retire, ou và calçar as eſporas, para atar as cardas. Diga o ſegundo, como nos havemos de fortificar? Parece-me, diz elle, que tomemos todas as bocas das ruas com ceſtas. Tende maõ, naõ vades por diante: ceſtos? Cheyos, ou vazios? Cheyos de terra. Melhor fora de uvas, teriaõ os ſoldados que comer. Só hum bem acho neſſes voſſos ceſtos, que naõ deixaràõ curſar os guarda infantes pelas ruas taõ livremente, como andaõ. Diga o terceiro: Sou de parecer, que nos cerquemos com trincheiras de faxina. Eſperay: fortificamo-nos nós para dous dias, ou para muitos annos? Naõ vedes vós, que a primeira invernada ha de levar tudo iſſo de enxurrada, e que haveis de ficar á porta inferi. Diga o quarto: Digo que melhor he nada, e eu digo que boca, que ſahe com nada, que a houveraõ de condemnar a que nunca entraſſe por ella nada; e entaõ veria como lhe hia com nada. Ouçamos a quem perſide, o que lhe parece, e iſſo faremos. Parece-me, diz a ley, que a fortificaçaõ ſe faça de pedra, e cal, com muitos, e bons baluartes, e artelharia nelles, porque tudo o mais he impoſſivel defendernos. Oh como diz bem! Mas ha de ſer á cuſta do publico, e naõ do particular, para ſer poſſivel; e todos os mais

votos

votos saõ juizos occultos, que vaõ dar em roubos manifestos, e irremediaveis. Irremediaveis digo, porque os apoya o Conselho, de donde só podia sahir o remedio. E naõ obstante esta opiniaõ, que he a mais segura, accrescento, que fortificaçoens grandes, que demandaõ quinze, ou vinte mil homens de guarniçaõ, que mais barato he naõ se tratar dellas; porque posta essa gente em campo, faz hum exercito capaz de dar batalha, e alcançar vitoria, e Portugal assim se defende sempre.

Vamos à segunda couza. Que presidio poremos nas fronteiras? Vinte mil Portuguezes, diz o primeiro voto, e he o de todos. E de donde havemos nòs de tirar vinte mil Portuguezes? Vem cá máo homem, naõ vés que se fizermos isso duas, ou tres vezes, que ficará o Reyno despovoado, e ermo? Quem ha de cultivar os campos? Quem ha de guardar os gados? Quem ha de trabalhar nas officinas de toda a Republica? E faltando isto, que has de comer, que has de vestir, e calçar? Que Naçaõ viste tu nunca, que fizesse guerra só com os seus naturaes? Os mais guerreiros Reys do mundo se ajudaraõ de estranhos, que sempre saõ mais comparados comnosco; porque lá naõ ha Frades, nem Freiras, e porisso saõ tantos como mosquitos, e acodem muito bem ao cheiro dos nossos ramos; e se morrem, naõ pomos capuzes por elles, nem deixaõ filhos, que peçaõ mercés. Trata-se aqui da conservaçaõ dos naturaes; e porisso elles fazem os gastos. De maneira, que quereis, que façaõ os gastos, e dem os filhos para ficarem sem fazendas,

das, e ſem herdeiros, e o Reyno extincto de tudo. Eſſe voſſo voto eſtà muito bom para darmos atravéz com toda a Republica, mas para a conſervarmos, e defendermos, he impoſſivel. Muitas Republicas depois de ſeus Capitaens, e Soldados ſerem vencidos, venceraõ com eſtrangeiros; como os Calcidonenſes com Braſidas; os Sicilianos com Gelippo, os Aſianos com Liſandro, Callicrate, e Agathocles, Capitaens Lacedemonios. E ſe alguns Capitaens eſtrangeiros tyrannizavaõ as Republicas, que ajudaraõ, como os da caſa Othomana, foy, porque naõ tiveraõ forças, os que os chamaraõ, para ſe defenderem delles: para evitar eſte inconveniente, naõ conſentiaõ os Romanos, que os que os vinhaõ ajudar, foſſem mais que elles; e para evitar hum mal irremediavel, ha-ſe de votar algum inconveniente, quando he menor, que o mal que ſe padece.

Vamos à terceira couza. Que me dizeis do cõmercio de àlem-mar? O primeiro Conſelheiro diz, que naõ podemos com tantas conquiſtas, que larguemos algumas; como agora Pernambuco, porque: Atalhou o Preſidente a razaõ, que hia dando: e perguntou-lhe muito ſério: Almoçaſtes vós jà? Pois havia de vir em jejum ao Conſelho? Aſſim parece, e mais que naõ bebeſtes agua de neve. Hum conſelho vos déra eu mais ſaudavel para vós, do que eſſe voſſo he para nós: que vos guardeis dos rapazes, naõ vos apedrejem, ſe ſouberem que foſtes de parecer que larguemos aos inimigos, o que noſſos avós nos ganharaõ com tanta perda de ſeu ſangue. Se-

nhor, tenho que dizer a iſſo, replicou o Conſelheiro. Calay-vos, naõ me inſteis; que vos mandarey lançar hum grilhaõ neſſa lingua: bem ſey o que quereis dizer: naõ tendes que me vir aqui com conveniencias de cortar hum braço, para naõ perdermos a cabeça: ſaõ iſſo diſcurſos velhos, e caducos. A maxima das conveniencias he ter maõ cada hum no que he ſeu até morrer, e naõ largar a mãos lavadas, o que outrem nos ganhou com ellas enſanguentadas. Sois muito bacharel: naõ me ſejaes *Petrus in cunctis*; olhay que vos farey *Joannes in vinculis*. Ide-vos logo por aquella porta fóra. O' de fóra! Eſtá ahi algum porteiro? Chamai-me cà quatro archeiros, que me dém com eſte zelote no Limoeiro, e vote o ſegundo. O ſegundo diz, que ſe trate do que haõ de trazer as náos, e frotas do Braſil, e India. Porque aqui naõ ſe trata (acodio o Preſidente) do que haõ de levar, ſenaõ do que haõ de trazer; vem a trazer pouco mais de nada, e faltaõ là as forças para conſervar o conquiſtado. Levem, diſſe o terceiro, muito bacalháo, muito vinho, azeite, e vinagre. Eſperay: ides vós lá fazer alguma celada, ou merenda? Ainda naõ diſſemos tudo, acodio o quarto. Levem muitos ſoldados, farinhas, traparias, e muniçoens, e iſto baſta. Aqui acodio a ley Preſidente, dando hum grito: Juſtiça de Deos ſobre taes Conſelheiros! Porque naõ dizeis todos, que levem Prégadores Evangelicos, que conquiſtem o Gentio para Deos, e Deos vos darà logo todos os bens temporaes deſſas conquiſtas, que venhaõ para vós:

vòs: *Quærite primùm regnum Dei, & hæc omnia adjicientur vobis.* Matth. 6. Sentença he de eterna verdade, que eſtabaleçamos primeiro o Reyno de Chriſto, e logo ficará eſtabelecido o noſſo Reyno, e tudo nos ſobejarà. He Portugal patrimonio de Chriſto, que fundou eſte Reyno, para lhe propagar ſua fé. E cança-ſe debalde, quem trata de ſuas conquiſtas por outro caminho: furta á Deos, e ao Reyno o cabedal, quem emprega em outros intentos, que nunca haõ de ſer bem ſuccedidos, porque vaõ fóra dos eixos proprios, e do centro verdadeiro. Todos os remedios, que applicar, para indireitar as rodas da fortuna, haõ de ſervir de mayor deſpenhadeiro; e acabemos de cahir niſto, pois ſomos Chriſtãos Catholicos: naõ deſmintamos noſſa propria profiſſaõ; e acabemos de entender, que de nós naſce o mal, e poriſſo naõ tem remedio; porque o eſtorva, quem lho houvera de dar. E já que as perdas ſaõ irremediaveis; porque naſcem de Conſelheiros, que tem por officio dar-lhes o remedio, e naõ ha outros, que emendem eſtes, e os melhorem; ponhamos aqui hum Capitulo, que nos deſcubra o ſegredo da abelha, e jarrete todas eſtas unhas.

CAPITULO XXX.

Que taes devem ser os Conselheiros, e conselhos, para que unhas irremediaveis nos naõ damnifiquem.

HUm Alvitrista, ou Estadista foy a Madrid, haverá vinte annos, e disse, que tinha achado hum remedio singular, para se dar fim brevemente ás guerras de Flandres com grande gloria de Castella. Estimou-se o alvitre, còmo merecia: fez se huma junta de todos os Grandes, e Conselheiros; para ouvirem o discurso do novo Apollo, que o recopilou em breves razoens; e disse a todos sem nenhum empacho. Senhores, todos vemos muito bem, que naõ prevalece Espanha contra Hollanda huma hora, mais que a outra, ha tantos annos, e sabemos, que o nosso poder he mayor, que o seu: donde se colhe que todas as ventagens, que nos fazem, procedem, de que se sabem governar melhor que nós: pelo que eu era de parecer, que a Magestade delRey Filippe mande seus Conselheiros para Flandres, e que venhaõ os Conselheiros de Flandres para Espanha; e logo tudo nos hirà vento em popa, e Hollanda de cabeça abaixo, e teraõ melhora as perdas irremediaveis, que nos assolaõ; porque as obraõ os Conselhos, por cuja conta corre applicar-lhes o remedio. Assim passa, que o que assola as Republicas sem remedio, saõ os conselhos, quando erraõ.

Esta

Esta palavra *Conselho* tem dous sentidos ; hum material, e outro formal : no sentido material significa os Conselheiros juntos, e o Tribunal, em que se assentaõ : no formal he o voto de cada hum, e a resoluçaõ, que de todos se colhe : e vem a ser quatro couzas distinctas. Primeira, Conselheiros ; segunda, Tribunal ; terceira, o parecer de cada hum ; quarta, a resoluçaõ de todos. Digo logo de cada huma, o que releva.

Que taes devem ser os Conselheiros.

QUestaõ he, se ha de ter o Principe muitos Conselheiros, se hum só ? Hum só he arriscado a errar, mas que seja hum Architofel. Ter hum valído, de quem se fie, para o ajudar, he prudencia, e he necessario. Os Papas tem seus *Nepotes*, e os Principes devem ter seus confidentes para cada materia ; como hum para a paz, outro para a guerra ; hum para a fazenda, outro para o trato de sua pessa, &c. E naõ seja hum só para tudo, porque naõ póde assistir a tantas couzas, nem comprehendelas : e sendo varios, estimulaõ-se com a emulaçaõ a fazer cada qual sua obrigaçaõ por excellencia. Os Conselheiros devem ser muitos sobre cada materia, porque huns alcançaõ, e suppiem o a que naõ chegaõ os outros ; mas naõ sejaõ tantos, que se confundaõ, e perturbem as resoluçoens ; quatro até cinco bastaõ. Outra questaõ he, se devem ser os Conselheiros letrados, se idiotas ; isto he, de capa, e espada ? Huns dizem, que os letrados,

com o muito ; que ſabem , duvidaõ em tudo , e nada reſolvem ; e que os idiotas com a experiencia ſem eſpeculaçoens daõ logo no que convém. Outros tem para ſi , que as letras daõ luz a tudo , e que a ignorancia eſtà ſugeita a erros : e eu digo, que naõ ſeja tudo letrados , nem tudo idiotas : haja letrados Theologos , e Juriſtas , para que naõ ſe cõmettaõ erros : e haja idiotas , que com a ſua aſtucia , ſagacidade , e experiencia deſcubraõ as couzas , e dém expediente a tudo. Poucas vezes acontece , que concorraõ na meſma peſſoa engenho para diſcorrer ſobre o que ſe conſulta , e juizo para obrar , o que na conſulta ſe determina : muitos ſaõ de fraco juizo conſultados , mas para executar, o que ſe reſolve , ſaõ deſtriſſimos. Muitos excedem na agudeza dos pareceres que daõ , mas na execuçaõ delles ſaõ taõ inefficazes , que os perdem. E poriſſo digo , que he melhor terem todos lugar no Conſelho , para ſe ajudarem , e ſupprirem huns aos outros , e ficar tudo bom.

Outra queſtaõ ſe ſegue a eſta (dado que naõ póde neſte mundo tudo ſer perfeito , e cabal , porque naõ ha , quem naõ tenha ſeu pé de pavaõ) ſe he melhor para a Republica ſer o Principe bom , e os Conſelheiros máos ; ou ſerem os Conſelheiros bons , e o Principe máo ? Se o Principe ſe governar por ſeus Conſelheiros , diz Elio Lampridio , que pouco vay em que o Principe ſeja mào, ſe os Conſelheiros forem bons ; porque mais depreſſa ſe faz bom hum máo com o exemplo de muitos bons , que muitos màos bons com o exemplo , e conſelho de hum bom : e como a reſo-

reſoluçaõ, que ſe ſegue, he dos bons; tudo fica bom. Mas ſe o Principe governar ſem reſpeito aos Conſelheiros, melhor he ſer o Principe bom; ainda que os Conſelheiros ſejaõ màos; porque o exemplo do Principe tem mais força para reduzir à ſua imitaçaõ, os que o ſervem; e como diz Platão, e refere Tullio, quaes ſaõ os Principes, taes ſaõ os vaſſallos: ſe o Principe he virtuoſo, todos trabalhaõ por ſerem virtuoſos; e ſe he vicioſo, todos ſe daõ ao vicio. Quando o Principe he Poeta, todos fazem trovas: quando he guerreiro, todos tratáõ de armas: por monſtro ſe tem em huma Corte haver, quem faça, ou diga couza, de que o Principe naõ goſte. E dado, que os Conſelheiros naõ ſe reformem com o exemplo do Principe, nem ſejaõ quaes pede a razaõ, para iſſo tem o Principe o poder na eſcolha dos ſugeitos, naõ ſe limitando aos que o cercaõ, ſenaõ eſtendendo o conhecimento até os mais remotos, e lançando maõ dos mais aptos. E para iſſo devem os Principes conſiderar, que da bondade de ſeus Conſelheiros depende a ſua fama, honra, e proveito de ſeus pòvos. Se o Principe erra na eſcolha dos Conſelheiros, perde a ſua reputaçaõ, e podemos preſumir, que errará em tudo. De ter bons Conſelheiros, ſe ſegue bom ſucceſſo em ſuas emprezas, bom nome em ſuas obras, e grande reputaçaõ com os eſtrangeiros; dos quaes ſerà venerado, e temido, aſſim como amado, e obedecido dos ſeus. E para que o Principe poſſa acertar na eſcolha dos Conſelheiros, digo em duas palavras as ſuas qualidades, de que os Au-

tores, e Eſtadiſtas ſazem grandes volumes.

O Conſelheiro ha de ſer prudente, e ſecreto, ſabio, e velho, amigo, e ſem vicios: naõ cabeçudo, nem temerario, nem furioſo. Quatro inimigas tem a prudencia. Primeira, Precipitaçaõ, ſegunda Paixaõ, terceira, Obſtinaçaõ, quarta, Vaidade: a primeira arriſca, a ſegunda cega, a terceira fecha a porta á razaõ, a quarta tudo tiſna. Tres inimigos tem o ſegredo; Bacho, Venus, e o Intereſſe. O primeiro o deſcobre, o ſegundo o rende, o terceiro o arraſta. E perdido o ſegredo do governo, perde-ſe a Republica. A ſabedoria, e velhice ſe ajudaõ muito, eſta com a experiencia, e aquella com o eſtudo; com tanto, que a velhice naõ ſeja caduca, e a ſabedoria inutil. Se for amigo do Principe, e da Republica, tratarà do bem cõmum, e naõ do particular, em que conſiſte a maxima da mayor virtude, que deve profeſſar hum Conſelheiro, com que extinguirá todos os vicios, que o pódem desluſtrar. E para aſſegurar eſte ponto, devem os Principes acautelar-ſe de peſſoas, que tenhaõ aggravado; por mais talentos que tenhaõ, naõ fiem delles os poſtos, em que pódem ter occaſiaõ de ſe vingarem: Plataõ diz, que os Conſelheiros haõ de eſtar livres de odio, e amor. Virgilio canta, que o amor, e a ira derrubaõ o entendimento. Saluſtio eſcreve, que devem eſtar apartados de amizade, ira, e miſericordia; porque aonde a vontade ſe inclina, alli ſe applica o engenho, e a razaõ nada póde. Cornelio Tacito tem, que o medo desbarata todo bom governo, e conſelho.

lho. Carlos V. queria, que deixaſſem à porta do Conſelho a diſſimulaçaõ, e o reſpeito. Thucidides, que entendaõ a materia, em que votaõ; que naõ ſe deixem corromper com peitas, e que ſaibaõ propor os negocios com graça, e deſtreza. Innocencio III. quer que ſaibaõ tres couzas. Primeira, ſe o que ſe conſulta, he licito ſegundo juſtiça. Segunda, ſe he decente ſegundo honeſtidade. Terceira, ſe cumpre ſegundo Direito. E aſſim votaráõ ſem temor de reſpeitos, que os poſſaõ encontrar: porque, como diz Santo Agoſtinho, melhor he padecer por dizer verdade, que receber mercés por liſongeas: e he conſelho de Chriſto, que temamos a perda da alma, e naõ a do corpo.

Devem ter os Conſelheiros todos ſeus bens nas terras do Principe, a quem ſervem, e todas ſuas eſpetanças póſtas nelle; e o Principe naõ deve manifeſtar ſua opiniaõ, para votarem livres. E póſtos neſta liberdade, naõ ſejaõ faceis de variar no parecer, nem afferrados ao que deraõ: movaõ-ſe por razaõ: porque naõ muda, nem varía conſelho, diz Tullio, quem o varia, e muda para eſcolher o melhor. Covardes ha, para que naõ lhes chamemos traydores, que capeaõ ſua mà tençaõ no conſelho com aſtucias, que nunca lhes faltaõ, encobrindo ſua natural fraqueza, que nelles póde ſempre mais, que a razaõ, e que a experiencia; que muitas vezes lhes moſtra, que naõ tiveraõ cauſas para temer, e que lhes ſobejou má vontade para enganar, e poriſſo varíaõ. Livrarſe-ha deſtes o Principe, ſe

os

os vigiar, naõ lhes admittindo o conselho para effeituar couzas illicitas; nem meyos illicitos, para conseguir couzas licitas: e assim he, que nesta pedra de toque vaõ sempre esbarrar seus quilates. Alguns Autores querem que os Conselheiros saibaõ muitas linguas, ou pelo menos as dos póvos, que o seu Principe governa, ou tem por aliados, e amigos; porque corre perigo descobrirem os interpretes o segredo, ou declararem mal as Embayxadas. Pedro Galatino diz, que eraõ obrigados os Juizes de Israel a saberem setenta linguas, para naõ fallarem por interprete aos que diante delles litigavaõ. Devem ter liçaõ das historias, e corrido muitas terras, e Naçoens; saber as forças do seu Principe, de seus visinhos, amigos, e inimigos. Sejaõ liberaes, porque o povo paga-se muito desta virtude, e a ama, e a adora: o avarento sempre he aborrecido, e por acodir á sua cobiça tudo faz venal. Favoreçaõ os que o merecem, sem que lho peçaõ: tenhaõ a porta aberta para ouvir a todos, sem escandalizar com palavras, nem dar occasiaõ de desesperarem as partes. E finalmente seja o Conselheiro bom Christaõ, e terà todos os requisitos; porque a pureza da Religiaõ Christãa Catholica naõ permitte vicio, que naõ emende.

Tribunal como, e que tal.

ARistoteles no lib. 1. da sua Rhetorica diz, que toda a Republica para ser bem governada deve ter cinco Tribunaes. Primeiro da Fazen-

da

da publica, e particular. Segundo da Paz. Terceiro da Guerra. Quarto do Provimento. Quinto da Juſtiça. E neſta parte eſtamos melhor que a Republica de Ariſtoteles; porq̃ temos doze Tribunaes, que bem examinados, ſe reduzem aos cinco apontados. Para o primeiro da Fazenda publica, e particular, temos dous; hum ſe chama tambem da Fazenda, e outro he o Juizo do Civel com ſua Relaçaõ, para onde ſe apella, e aggrava. Para o ſegundo da Paz temos cinco, tres delles para o ſagrado, e ſaõ o Santo Officio, o do Ordinario, e o da Conſciencia; e dous para o profano, que ſaõ a Meſa do Paço, e a Caſa da Supplicaçaõ. Para o terceiro da Guerra temos dous; hum que ſe chama tambem da Guerra, e outros Ultramarino. Para o quarto do Provimento temos outros dous; hum he o da Camera, e outro o dos tres Eſtados. E para o quinto da Juſtiça temos outros dous, que jà ficaõ tocados, e ſaõ a Meſa do Paço, e a Relaçaõ. E para melhor dizer, todos os Tribunaes tiraõ a hum ponto de ſe adminiſtrar juſtiça às partes. E finalmente ſobre todos hum, que os comprehende todos, e he o do Eſtado.

Os Romanos tinhaõ hum Templo dedicada à Deidade do Conſelho, e era eſcuro, para denotar, que os conſelhos devem ſer ſecretos, e que ninguem deve ver, nem entender de fóra, o que ſe trata nelles. Licurgo naõ permittia em Lacedemonia, que foſſem magnificas, nem ſumptuoſas as caſas, em que ſe faziaõ os conſelhos, e punhaõ os Tribunaes, para que naõ ſe divertiſſem,

nem

nem enſoberbeceſſem os Conſelheiros. E até neſta parte ſe acõmoda Portugal muito aos antigos: e por credito ſeu naõ digo, o que me parecem os apoſentos, em que arma os ſeus Tribunaes. Em outras couzas tomaramos que imitàra os antigos, como no magnifico, e grandioſo de obras publicas, fontes, pontes, torres, pyramides, columnas, obeliſcos, e outras, maquinas, com que ſe ennobrecem as terras, e ſe affamaraõ Gregos, e Romanos. E em Lisboa; Promontorio mayor, e melhor do mundo, naõ haver huma obra publica, que leve os olhos! Se em minha maõ eſtivera, jà tivera levantadas columnas mais mageſtoſas, que as de Trajanos, e Agulhas mais grandioſas, que a de Xiſto; humas de marmores, e outras de jaſpes; que nos ſobejaõ; taõ altas, que vençaõ os montes, e cheguem ás nuvens, e ſe vejaõ até dos mares; e ſobre ellas as Eſtatuas del-Rey noſſo Senhor D. Joaõ o IV. e da Senhora Rainha, e do Sereniſſimo Principe ſeu filho, que encheſſem, e authorizaſſem com ſuas Reaes Mageſtades os terreiros, Rocíos, e praças, para eterna memoria, e gloria da felicidade, com que dominaraõ eſte Reyno, e nos livraraõ do jugo de Caſtella ſem arrancar eſpada, nem dar moſtras de acçaõ violenta, como rayos, que obraõ ſeu effeito, antes que ſe ouça o trovaõ. Nem feriaõ iſto gaſtos ſuperfluos, quando o credito, e admiraçaõ, que delles reſulta, cauſaõ nas Naçoens eſtranhas aſſombro, e reſpeito, com que ſe enfreaõ, conſiderando, que quem tem poſſes, e magnanimidade para couzas taõ grandioſas

na

na paz, tambem as terà, para as que saõ mais necessarias na guerra. Mas elles vém, que naõ temos hum Caes, que preste; que naõ ha hum Mole em nossos portos, nem fortificaçaõ acabada em nossas fronteiras; perdem o conceito, que deveraõ ter de nós, e tomaõ orgulhos, e audacias, para nos fazerem das suas, confiados mais em nosso descuido, e desalinho, que em seu poder. De donde vem isto? He que naõ ha quem cure do publico: e porisso já naõ me espanto do pouco apparato, e lustre dos nossos Tribunaes, que correm nesta parte a fortuna das obras publicas. E só hum bem tem, que he estarem quasi todos juntos dentro de hum pateo, com que ficaõ menos trabalhosos os requerimentos das partes, para forrarem de tempo, e passadas na busca dos Ministros; que tambem fora bom viverem arruados todos, e naõ taõ espalhados, e remotos huns dos outros, que fará muito hum requerente muito ligeiro, se der caça a dous, ou tres no mesmo dia, para lhes lembrar o seu negocio. Ao bem de estarem juntos os nossos Tribunaes, se devera ajuntar outro de serem cõmunicaveis por dentro com o Paço Real; de sorte, que pudesse ElRey nosso Senhor sem ser visto, nem sentido, ver, e ouvir o que nos Tribunaes se obra. O Emperador dos Turcos tem huma gelosia coberta com hum sendal verde, por onde vé, e ouve tudo, quanto os Baxàs fazem, e dizem, quando se ajuntaõ em conselho; os quaes só com cuidarem, que os estará espreitando o seu Rey, administraõ justiça, e naõ gastaõ o tem-

o tempo em praticas, que naõ pertencem ao ſerviço de ſeu Senhor, ou ao bem publico.

Em concluſaõ: as Republicas ricas devem moſtrar ſua grandeza na mageſtade de ſeus Tribunaes com caſas amplas de frontiſpicios magnificos, e bem guarnecidos por dentro, claras, e ſumptuozas; porque a excellencia dos apparatos exteriores eſperta no interior dos animos eſpiritos grandiozos, e reſoluçoens alentadas: alojamentos humildes acanhaõ os brios, embotaõ os diſcurſos, e atè nos intentos generoſos lançaõ grilhoens, e algémas. Tamara lib. 1. cap. 7. dos coſtumes das gentes diz, que havia em França antigamente hum coſtume, que eu naõ poſſo crer, que o Conſelheiro, que acodia muito tarde ao conſelho, tinha pena de morte, a qual logo ſe executava. E que ſe algum ſe deſentoava, ou fazia arroídos no Tribunal, lhe cortavaõ o topéte. Deviaõ de tomar iſto dos Grous, que quando ſe ajuntaõ na Aſia, para ſe mudarem de huma regiaõ para outra, depennaõ, e mataõ o que vem ultimo de todos. Juntos os Conſelheiros no Tribunal, a primeira acçaõ, que devem fazer, antes de tratarem nenhum negocio, he oraçaõ ao Eſpirito Santo, offerecendolhe hum Padre noſſo, ou huma Ave Maria pedindolhe, que os allumíe a todos, illuſtrando-lhes o entendimento, para que ſaibaõ eſcolher, o que for mais conveniente ao Divino ſerviço, e mais proveitozo para o augmento da Republica, e bem de ſeu Principe. Dar principio a couzas grandes ſem implorar auxilio do Ceo, he acçaõ de Satyros, ou de A'theos.

Voto,

Voto, e parecer de cada hum.

O Conſelho, voto, e parecer dos Conſelheiros he hum bom aviſo, que ſe toma ſobre couzas duvidoſas, para naõ errar nellas: toma-ſe ſobre couzas, que naõ eſtaõ na noſſa maõ; naõ ſe toma ſobre couzas inffalliveis, porque eſtas pedem execuçaõ, e naõ conſelho; deve ſer de couzas poſſiveis, e futuras; porque as impoſſiveis preſentes, e paſſadas jà naõ tem remedio. Naõ deixa o conſelho de ſer bom, por ſahir o ſucceſſo màò; nem o màò conſelho deixa de o ſer, por ter bom ſucceſſo; porque os ſucceſſos ſaõ da fortuna, e dependem das execuçoens; que muitas vezes por ſerem màs, damnaõ a bondade dos conſelhos; e tambem por ſerem boas, emendaõ ás vezes o erro do conſelho. Os Carthaginenſes enforcavaõ os Capitaens, que venciaõ ſem conſelho, e naõ caſtigavaõ aos vencidos, ſe conſultavaõ primeiro, que depois obravaõ. Na guerra, que os Gregos fizeraõ a Troya, mais montaraõ os conſelhos de Neſtro, e Ulyſſes, que as forças de Aquilles, e Aias. Henrique III. de Caſtella dizia, que mais aproveitavaõ aos Principes os conſelhos dos ſabios, que as armas dos valentes; porque mais illuſtres couzas ſe obraõ com o entendimento da cabeça, que com as forças dos braços: e allegava o que diz Tullio, que mais aproveitaraõ a Athenas os conſelhos de Solon, que as vitorias de Themiſtocles. He muito prejudicial ſaberem os Conſelheiros, o que o Principe quer; porque logo buſcaõ razoens, com que o juſtifi-

tifiquem. O Conſelheiro naõ ha de approvar tudo, o que o Principe diſſer; porque iſſo ſerà ſer liſongeiro, e naõ Conſelheiro. Muitos naõ tem nos conſelhos reſpeito ao que ſe diz, ſenaõ a quem o diz; ſe he amigo, vaõ-ſe com elle: ſenaõ he do ſeu humor, ou parcialidade, reprovaõ-no: e he muito prejudicial modo de governar eſte. Pequenos erros, que no principio naõ ſe ſentem, ſaõ mais perigoſos, que os grandes, que ſe vém; porque o perigo, que ſe entende, obriga a buſcar o remedio; mas os erros, que ſe naõ ſentem, ou diſſimulaõ, creſcem tanto pouco a pouco, que quando ſe advertem, jà naõ tem remedio; como a febre tyſica, que no principio naõ ſe conhece, e quando ſe deſcobre, naõ tem cura.

Conſelhos bons ſaõ muito bons de dar, mas muito màos de tomar: muitos os daõ, e pouco os tomaõ. Conſelhos máos tem duas raizes: ou naſcem de odio, ou de ignorancia: por peores tenho os primeiros; porque a ignorancia procede da fraqueza, e o odio reſulta da malicia; e a malicia he peor inimigo que a fraqueza. E até nos bons conſelhos pódem reinar o odio, e a malicia, quando muitos os daõ, e poucos os tomaõ; ou ſeja no termo *á quo*, quando ſe dá conſelho, pois todos o lançaõ de ſi; ou ſeja no termo *ad quem*, quando ſe recebe, pois poucos o admittem. Que ſejaõ tomados com aborrecimento, he couza muito ordinaria: que ſejaõ dados com odio, naõ he taõ commum; mas he grande mal; porque nunca póde ſer boa a planta, que naſce de mà raiz, ou ſe enxerta em ruim arvore.

E com ſer máo o conſelho deslindado neſta fórma, era muito bom para ſer dinheiro pela propriedade que tem; e já diſſemos, que muitos o daõ, e poucos o tomaõ. Em huma couza ſe parece muito o conſelho com o dinheiro, e he, que ambos ſaõ muito milagroſos. Tres milagres muito grandes achou hum diſcreto no dinheiro; naõ ha quem os naõ experimente, e por ſerem muito ordinarios, ninguem faz memoria delles. Primeiro, que nunca ninguem ſe queixou do dinheiro, que lhe pegaſſe doença. Segundo, que nunca ninguem teve nojo delle. Terceiro, que nunca cheirou mal. Digo que nunca ninguem ſe queixou delle, que lhe pegaſſe doença; porque andando por mãos de quantos leproſos, ſarnoſos, morbo gallicos, e empéſtados ha no mundo, e paſſando dellas para as mãos do mais mimoſo fidalgo, e da mais delicada donzella, nenhuma doença ſabemos, que lhes pegaſſe, mais que fome de lhe darem mais. Donde colho que naõ he bom o dinheiro para paõ; que ſe fora paõ, nunca houvera de matar a fome. Digo mais, que nunca ninguem teve nojo do dinheiro; porque o recolhem em bolças de ambar, e ſeda, o guardaõ no ſeyo, e até na boca o metem, ſem terem aſco delle, nem ſe lembrarem, que tem andado por mãos de regateiras, ramelozas, e de lacayos rabugentos, e de negros raposinhos. E digo finalmente, que nunca cheirou mal a ninguem; porque bem póde elle ſahir da mais immunda cloaca, reſpira nelle bemjoim de boninas; ainda que venha entre enxofre, ha-lhes de cheirar a

ambar, algalia, e amiscar. Tal he o conselho: se he bom, nenhum mal faz: se he mão, ninguem tem nojo delle, nem lhe cheira mal; ainda que venha envolto em fumaças do Inferno, parecem-lhe perfumes aromaticos do Paraiso: e então mais, quando vem deslumbrando com taes nevoas, que tolhem a vista de seu conhecimento. De tudo o dito se colhe, que se divide o conselho em bom, e mão: se he bom, recebe-se com aborrecimento, se he máo, dá-se por odio. Quando se recebe com aborrecimento, nada obra, por bom que seja: quando se dà por odio, pertende arruinar tudo, e alcança o intento, tanto que se aceita. Deos nos livre de ser odioso o conselho, tanto me dà por respeito de quem o dá, como por parte de quem o recebe: em manquejando por algum destes dous pólos, ou não temos fé nelle, ou executa a peçonha que traz; e de qualquer modo causa ruinas, e grandes perdiçoens. Para se livrar o Principe de todas estas Scylas, e Charybdes, deve conhecer bem de raiz os talentos, e animos de seus Conselheiros: e faça porisso, porque nisso está a perda, ou ganho total de seu Imperio.

Resoluçaõ do Conselho.

A Resoluçaõ he consequencia dos votos, e della nasce a execuçaõ, e desta o bom effeito, que he o fim, que se pertende nos Conselhos. Nas emprezas devem-se executar as resoluçoens, que tem menos inconvenientes; porque he impossivel naõ os haver: e quem se naõ aventurou, nem

nem perdeo, nem ganhou: e hum perigo com outro se vence; e atraz do perigo vem o proveito. Naõ devem os que consultaõ deixar de executar, o que se determina porque haja perigo na execuçaõ; se he mayor o proveito, que de executar-se se segue, que o perigo, que de naõ executar-se, encorre. Prudencia he consultar com madureza, e executar com diligencia: *O Conselho na almofada*, diz o Proverbio, *e a execuçaõ na estrada*; e porisso se dizia dos Romanos, que assentados venciaõ. Principes ha, que para que naõ lhes vaõ à maõ no que determinaõ, naõ admittem a Conselho, os que sabem lho naõ haõ de approvar, para que naõ lhes debilitem os animos, dos que esperaõ os ajudem no seu parecer: prejudicial modo he este de governar. Tanto que se começa a executar o que se resolveo, naõ se devem lembrar do conselho, que deixaraõ de seguir; para que naõ lhes esfrie o gosto, que dà alma à execuçaõ: e esta naõ se deve cõmetter nunca a quem foy de contrario parecer; porque por fazer a sua opiniaõ boa. dá atravez com toda a empreza por modos illigitimos, que seu capricho lhe inculca, e capéa jà com à pressa, jà com o vagar, que prova sofisticamente serem meyos necessarios. Negocios ha, que he melhor deixalos hum pouco, que executalos logo; porque executados se malograõ, ou concluem tarde; e dissimuládos se esfriaõ mais cedo: muitas doenças sára o tempo sem mézinhas, e naõ o Medico com ellas: muitos negocios se perdem; porque naõ se executaõ em seus lugares, e conjunçoens: deve

eſtar a empreza ſazoada para ſe effeituar, como a horta diſpoſta para ſe ſemear.

Quando o governo começa a deſcahir, porque ſaõ mais os que reſolvem mal, que os que reſolvem bem, pouco impedimento baſta, para que naõ ſe execute, o que na conſulta ſe examina; e ainda que alguns aconſelhem bem, naõ baſtaõ a ordenar, o que os mais deſordenaõ: nem ſerve de mais o eſtar no Conſelho, que participar da culpa, que tem os que governaõ mal: e ſó lhe fica por remedio ao Principe retratar tudo, conhecido o erro: e he hum remedio muito prejudicial; porque diminue muito na authoridade do Principe, e augmenta impetos de deſobediencia nos Miniſtros para a execuçoens, que mais importaõ. O Principe conſulte, e cuide bem o que decréta; porque naõ parece bem retratado, ſalvo for em quadro com bom pincel; mas com penna nem de palavra, naõ fica gentil-homem. Se o erro for pequeno, melhor he ſuſtentallo, ſe naõ ſeſeguir delle grande damno, ou alguma offenſa de Deos; porque prepondéra mais o credito do Principe: e ſe for de qualidade, que peça emenda, haja algum Miniſtro fiel, que o tome ſobre ſi, e tambem a pena, que o Principe moderará, ou perdoará a titulo de deſcuido; e aſſim ſe dará ſatisfaçaõ a todas as partes, ficando illeſa a authoridade mayor. Se houveſſe Principe, que facilmente ſe retrataſſe, allegando que naõ he rio, que naõ haja de tornar a traz? Reſpondera-lhe que ha tres R.R.R. que naõ tornaõ a traz, por mais montes de difficuldades, que ſe lhe ponhaõ diante: e

ſaõ a:

ſaõ : Rey, Rio, e Rayo, e o Rey muito mais; porque ſe dér em dobrar-ſe, em dous dias perderà o credito, que conſiſte em ſuſtentar ſua palavra; que como dizem palavra de Rey deve ſer inviolavel: e ſe o naõ for, faltarlhe-haõ os ſubditos com a inteireza da obediencia, em que ſe apoya a Mageſtade, e naõ o conheceráõ por Rey, nem por Roque. E ſeguirſe-haõ damnos irremediaveis, os quaes pertendemos atalhar em todo o diſcurſo deſte Capitulo; que bem conſiderado vem a ſer, que do bom conſelho ſe ſegue o bom governo, que ſuſtenta as Republicas illezas; e do mào reſultaõ aſſolaçoens de Reynos, e ruinas de Imperios; e o mundo todo he pequena pelóta para o bote, ou rechaço de hum lanço de mào governo.

****

CAPITULO XXXI.

Dos que furtaõ com unhas ſabias.

HA no Braſil, e Cabo Verde tantos bugíos, que ſaõ praga; e porque os eſtimaõ em Portugal, e em muitas partes por ſeus tregeitos, uſaõ là hum modo de os caçar ſem os ferir muito facil, e recreativo. Lançaõ-lhes cocos abertos, e provídos de mantimento nas paragens, onde andaõ mais frequentes; mas abertos com tal proporçaõ, que caiba a maõ do bugío aberta, e naõ fechada; e com eſte animal ſer taõ ardiloſo, que cuidaõ os Tapuyas, que tem entendimento, tanto que empolga no miolo do còco, nunca o larga, nem ſabe abrir a maõ para a tirar fóra. Daõ ſobre el-

les os caçadores de repente, tanto que os sentem enfrascados no servo; e porque tem seu valhacouto nas arvores, fogem para ellas, e faltandolhes as mãos para treparem, deixaõ-se apanhar, por naõ largarem a preza do mantimento. Mais ardilozas saõ as cobras, que para escaparem de animaes inimigos, que as preseguem, fazem minas, em que se guarnecem, largas no principio, e estreitas no cabo com sua sahida apertada, por onde escapaõ, deixando entallado seu inimigo; e logo voltando-lhe nas costas pela primeira via, lhe tiraõ a vida a seu salvo, e lograõ o despojo do cadaver. Fazer huma facçaõ de grande porte he valentia, carregar nella de grande preza he felicidade; deixar-se render com preza nas mãos, e perdella com o credito, e vida, he desgraça, e he ignorancia de bogío. Levarem-me a preza, e illa tirar das garras do inimigo, mas que seja com emboscada, e estratagema, he prudencia de serpente: e estas saõ as unhas de que trato, que sabem pescar com sabedoria, sem deixar rasto de que lhe peguem, nem porta aberta, por onde o cassem.

Ha outras unhas, que poem sua sabedoria em fazerem bem o salto, e darem logo outro, com que se ponhaõ em cobro; como os que andaõ de terra em terra vendendo unguentos para todas as enfermidades: em Castella os vi applaudindo seus medicamentos pelas praças; e para prova de sua efficacia passavaõ com estocadas suas proprias tripas (se naõ eraõ as de algum carneiro) e untando a ferida se davaõ logo por saõs: e a gente immensa, que isto via, comprava sem repa-

reparo as unturas, que vinhaõ a ser azeite com cera, e alecrim pizado; e os vendedores paſſavaõ avante a outra terra, deixando os compradores com as bolças vazias de dinheiro, e cheyas de unguentos, que naõ preſtavaõ para nada. Melhor ſuccedeo a hum, que vi em Evora (Caſtelhano era) fez hum theatro na praça, poz nelle dous caixoens de canudos de unguento milagroſo, que ſervia para todos os males: bailou ſua mulher, e huma filha, que volteava por cima de huma meſa; fizeraõ entremezes, a que acodio toda a Cidade: diſſe elle no cabo taes gabos da mézinha, que naõ ficou peſſoa, que a naõ compraſſe a toſtaõ cada canudo, até vazar de todo os caixoens, que encheo de prata: e ao outro dia deu comſigo em Caſtella, levando de caminho outros lugares: e ſey que cegou huma peſſoa com a mézinha, porque a poz nos olhos; e outro acabou de entrévar de huma perna, porque a untou com elle.

Outras unhas ha taõ ſabias como eſtas, para pilharem dinheiro vendendo ſabedorias. Neſta Corte andou hum brixote veſtido de vermelho na era de 642. pormettendo huma receita, ſelhe déſſem tantos, e quantos, com que ſe conſervaria carne freſca mais de hum anno, frutas, e hortaliças: excellente invento para as náos da India, mas nada vimos, que conſeguiſſe effeito. Eu o vi em Evora fixar carteis impreſſos pelos cantos, que tinha hum medicamento para conſervar os vinhos, e melhoralos: e hum curioſo lhe deu algum dinheiro para fazer a experiencia em hum tonel; e fora melhor fazella em hum quarto, pa-

ra naõ perder duas pipas de vinho, que ſe lhe damnou com a buxinifrada de aréa, e outros materiaes, que lhe mexeo. Outro mais ſabichaõ que todos veyo vendendo, que ſaiba fazer bombardas de parafuzos, que pudeſſem levar cincoenta ſoldados cada huma em roſcas, e armalla, e diſparar aonde quizeſſem: poem-ſe a eſpeculaçaõ em praxe; arrebenta o fogo pelas juntas, e criſma a quaſi todos. Outro taõ ſabio em pilhar dinheiro como eſte: prometteo fazer peſſas de artelharia taõ leves, que pudeſſe levar duas huma azémola, como coſtaes em carga à campanha; e que as havia de fazer de couros crús, e coſidos, taõ fortes, que diſparaſſem quatro tiros ſem riſco algum de arrebentarem: poz-ſe a maquina em effeito; e eu a ví em Elvas lançada em hum monturo, porque arrebentando com meya carga de prova nos deſcarregou a todos deſte cuidado.

Outro gabando-ſe de engenheiro conſumado, prometteo humas barcaças, que ſahindo do Rio de Lisboa abrazariaõ todos eſſes mares, e quantas armadas inimigas nelles houveſſem: encheo os de palhas, e chamiços, que eſtavaõ promettendo quando muito huma boa fogueira de S. Joaõ; e day cá por cada invento deſtes tantos mil cruzados. Tal como eſte foy outro em Campo mayor, que ſe gabou ſabia fazer huma arca de foguetes em fórma de girandola; e que haviaõ de ſahir della de ſoslayo todo juntos, como rayos, a ferir as barbas do inimigo com ferroens de ſettas. Por mais louco tive outro, que trouxe a eſte Reyno hum ſegredo de armas de papel, que diſſe

ſabia

ſabia fazer, untadas com certo oleo, que as fazia impenetrayeis a prova de moſquete, e taõ leves como a camiza. Que haja no mundo embuſteiros, naõ he para mim couza nova; mas que haja em Portugal quem os ouça, e admitta, he o que choro; ſem acabarem de cahir, que tudo ſaõ ſonhos de Scipiaõ, enredos de Palmeirim, gigantes de palha, com que nos armaõ, mais a levar o ouro do Reyno, que a defender a Coroa delle; e niſto he que poem toda a ſua ſabedoria, que trazem eſcrita na unha.

Outras unhas andaõ entre nós taõ ſabias, que deſpontaõ de agudas: e podemos dizer dellas, o que diſſe Feſto a S. Paulo: *Multæ te literæ ad inſaniam convertunt.* Actor. 26. Que os fazem doudos as muitas letras que alrotaõ. Eſtes ſaõ os Eſtadiſtas, Alvitriſtas, Criticos, e Zoilos, que tem por ley ſeu capricho, e por idolo ſua opiniaõ; e para a ſuſtentarem, naõ reparaõ em darem atravéz com huma Monarquia: e ha gente taõ cega, que levada ſó do ſequito, que os taes por outra via ganharaõ, atè a ſeus erros chamaõ ſabedoria, ſem advertirem nos grandes damnos, que de ſeus conſelhos nos reſultaõ.

****

CAPITULO XXXII.

Dos que furtaõ com unhas ignorantes.

DItoſas unhas ſaõ eſtas, porque depois de fazerem immenſos damnos no que desfazem, e desbarataõ com ſeus aſſaltos, ficaõ ſem obrigaçaõ de reſtituir, ſe a ignorancia he invencivel; que

ſe

ſe he craſſa, ou ſupina, corre parelhas com as dos ladroens mais cadinos. Ha humas ignorancias, que ſomos obrigados a vencellas pelas regras de noſſo officio, que nos eſtaõ advertindo tudo: e quem he ignorante na arte, ou officio, que profeſſa, todos os damnos, que dahi reſultaõ ás partes, a elle imputaõ, e a quem conhecendo ſua ignorancia, e devendo emendallo, o conſente. Como póde ſer Medico, quem nunca eſtudou Medicina? Como pòde ſer Piloto, quem naõ entende o Aſtrolabio? Como póde ſer Advogado, quem nunca leo a Ordenaçaõ; e o meſmo digo de todos, quantos officios ha na Republica. Até o alfayate ſe naõ ſabe talhar, deita-vos a perder o voſſo panno: e hum ſarralheiro, ſe naõ ſabe dar a témpera ao ferro, ou aço, damna-vos a peſſa, que lhe mandaſtes concertar. E na ignorançia de todos ſe vem a refundir innumeraveis, e inſofriveis perdas, que cauſaõ a todo o Reyno em vidas, honras, e fazendas, que ſaõ as couzas, que mais ſe eſtimaõ. Bem provído eſtá tudo com Examinadores para todas as Artes, ſe naõ houvera peitas, e interceſſoens, que corrompem até os mais eſcoimados Rodamantes. E ſe iſto naõ baſta, logo achaõ hum ſabio na ſua ſciencia, que ſe examina por elles, mudando o nome por menor preço, e lhes alcança carta de examinaçaõ, com que fica graduada a ignorancia do candidato, e elle dado por meſtre peritiſſimo. Como ha de haver no mundo, que ſe tolère, e permitta provarem curſos em Coimbra mais de hum cento de Eſtudantes todos os annos, ſem pórem pé-

na

na Universidade? Andaõ na sua terra matando caens, e escrevem a seu tempo ao amigo, que os approvem lá na matricula, representando suas figuras, e nomes: e daqui vem as sentenças lastimosas, que cada dia vemos dar a Julgadores, que naõ sabem, qual he a sua maõ direita, mais que para embolçarem com ella esportulas, e ordenados, como se foraõ Bartholos, e Covas-Rubias. Daqui matarem Medicos milhares de homens, e pagarem-se, como se foraõ Avicenas, e Galenos. E a graça, ou mayor desgraça he, que nem o diabo, que lhes ensinou estes enredos, lhes saberà dar remedio, salvo for levando-os a todos, que he o que pertende.

No serviço delRey naõ se devem tolerar taes ignorancias, porque se seguem dellas damnos gravissimos. Quem perdeo as náos; que vinhaõ da India carregadas até às gavias de riquezas? Dizem que o tempo: e he engano: naõ as perdeo, senaõ aignorancia dos Pilotos, que foraõ dar com ellas em baixos, e cachópos. Quem desbaratou a frota, que hia para o Brasil? Dizem que os piratas: e he engano: naõ a desbaratou, senaõ a ignorancia dos marinheiros, que naõ souberaõ velejar a proposito. Quem perdeo a vitoria na campanha? Dizem que a remissaõ da cavallaria: e he engano: naõ a perdeo, senaõ a ignorancia dos Coroneis, que naõ souberaõ dispór as couzas, como convinha. Gente bisonha, e mal disciplinada occasionaraõ com ignorancias intoleraveis perdas; e o que se deve saber, e advertir, nunca tem boa escuza: mas naõ ha morte sem

acha-

achaqûe, todos ſabem dar ſahida a ſeus erros, fazendo homicida á fortuna, que eſtà innocente no delicto. Mas como o mal, e o bem à face vem, logo ſe deixa ver a fonte da culpa: e he grande laſtima, que arrebente eſta ordinariamente da ignorancia.

Ha alguns ladroens taõ ignorantes, que ſempre deixaõ raſto como léſmas, e a meſma preza os deſcobre; como o que furtou o trigo, ſem advertir, que era o ſaco roto, e pelo raſto delle, que hia deixando, lhe deraõ na trilha, e o apanharaõ. Outros porque ſe carregaõ tanto, que naõ pòdem fugir, ſaõ alcançados. Outros porque ſe veſtem do que furtaraõ, ſaõ conhecidos; e todos ſó por ignorantes ſaõ deſcobertos. Antes he propriedade da ignorancia, que por mais, que ſe eſconda, naõ póde muito tempo eſtar occulta. Como ſuccedeo na Alfandega do Porto por deſcuido do Provedor, e incuria de ſeus Miniſtros, que a balança, em que ſe pézaõ os açucares, e drogas, que pagaõ direitos pelo pezo, ſe falſificou de maneira, que a em que ſe punhaõ os pezos, tinha menos duas arrobas, que a outra, em que ſe punhaõ as caxas, e fardos, ſem ſe dar fé deſte delirio, ſenaõ depois de ElRey perder muitas mil arrobas nos ſeus direitos. Iſto de balanças deve andar ſempre muito vigiado, e naõ excluo daqui a caſa da Moeda: pudera referir aqui muitos modos, que ha de furtar nellas, e deixo, porq̃ naõ pertencem a eſte Capitulo, ſeu lugar teraõ.

Naõ farey minha obrigaçaõ, ſe naõ enxerir aqui huma ignorancia fatal, que anda moente, e cor-

e corrente neſte Reyno, na emenda da qual temos muito que aprender nas outras Naçoens, ainda que ellas obraõ com injuſtiça, o que nós podemos imitar ſem nenhum eſcrupulo. E he, que nenhuma gente ha taõ deſmazelada, que fazendo huma frota, ou armada para alguma empreza, naõ aſſegure os gaſtos della por todas as vias; de tal ſorte, que ſe o primeiro intento naõ ſucceder, ſe recupère no ſegundo, ou no terceiro. Como agora: faz o Hollandez, ou o Inglez huma armada, para hir dar em certa parte de Indias, onde tem a malhada huma grande preza: e ſe eſta lhes eſcapa das unhas, por ventura de huns, ou deſgraça de outros, já levaõ deſtinada outra facçaõ, e outra em outras paragens, ſejaõ quaes forem, para onde viraõ logo as próas, e naõ ſe recolhem para ſeus pórtos, ſem trazerem, com que refaçaõ ao menos os gaſtos, quando naõ enchaõ as bolças. Sò Portugal he niſto taõ pródigo, que tem por timbre (chamara-lhe antes inadvertencia, ou ignorancia) entregar todos os gaſtos de ſuas armadas ao vento, ſem mais fruto, que o dar hum paſſeyo com bizarria por Val das Eguas, e torna-ſe para caſa com as mãos vazias, e as fraſqueiras deſpejadas, Quanto melhor fora levar logo no Roteiro, que ſe naõ acharem piratas, que os buſquem até dentro em ſeus pórtos; que vaõ a Marrocos, que vaõ às barras de noſſos inimigos, que eſperem, que fayaõ, e que naõ ſe venhaõ ſem recuperarem por alguma via os gaſtos, pelos menos, os que vaõ fazendo; e a eſtes ſem fruto chamo tambem unhas ignorantes.

CA-

****

CAPITULO XXXIII.

Dos que furtaõ com unhas agudas.

TOda a unha, que arranha, he aguda; e toda a unha, que furta, arranha até o vivo: logo todas as unhas, que furtaõ, saõ agudas. Bom está o argumento, e bem conclue o syllogismo. Mas naõ fallo dessa agudeza, senaõ da subtileza com que alguns furtaõ, sem deixarem rasto, nem pépada de que lhes pegue: e aqui bate o subtil, e o agudo desta arte. O estudante, que vendeo a Imagem de S. Miguel da Capella da Universidade de Coimbra, como se fora sua, a hum homem do cámpo, naõ andou subtil; porque ainda que fez o contrato no pàteo, e a entrega na Capella sem testemunhas, e se acolheo com dez mil reis nas unhas, logo se descobrio a maranha, e o apanharaõ pelos sinaes, que deu o villaõ, e lhe fizeraõ pagar o capital, e mais as custas. E menos agudo andou o outro, que talhando o preço das galinhas, a quem as vendia na feira, e levando-o a quem dizia lhas havia de pagar, o poz em huma Igreja, onde estava o Padre Cura confessando, e chegando-se a elle, lhe pedio por mercé á puridade, se lhe queria ouvir de confissaõ aquelle homem, e respondendo alto que sim, e que esperasse, que logo o despacharia, se deu o vendedor por satisfeito, cuidando o mandava esperar, para lhe dar o preço da compra, e teve lugar o

ladraõ

ladraõ de ſe acolher com o furto; mas naõ advertio, que o podia conhecer o Confeſſor, como conheceo, de que reſultou ſahir o ladraõ da alhada com mais perda, que ganancia.

Mais agudo andou outro, que vendo entrar pela ponte da meſma Cidade de Coimbra hum foraſteiro bem veſtido, armou a lhe furtar o fato na volta: e armou bem para ſeu intento; porque o eſperou no bocal de hum poço, que eſtá na eſtrada, por onde havia de paſſar, chorando ſua deſgraça, e que lhe cahira naquelle inſtante huma cadéa de ouro dentro no poço, e que daria hum dobraõ, a quem lha tiraſſe. Moveo-ſe a compaixaõ ao paſſageiro, que devia de ſer homem de bem, ſe naõ he que o picou o intereſſe, e poriſſo naõ preſumio malicia: gabou-ſe que ſabia nadar como hum golfinho, e que lhe tiraria a cadéa de mergulho: deſpio-ſe, ſem ſe deſpedir do veſtido, que logo ſe deſpedio delle; porque o matalote da cadéa, tanto que o vio debaixo da agua, tomou as de Villa Diogo com todo o fato, e cabana, deixando a ſeu dono como ſua mãy o pario, ſem lhe deixar raſto, nem pégada, por onde o ſeguiſſe: nem podia, ainda que quizeſſe, pelo deixar prezo ſem cadéa, nem grilhaõ, como pintaõ as almas do Purgatorio. Menos cruel andou huma Matrona em Madrid, e naõ menos ardiloſa, que mandou fazer duas boſetas com fechaduras, ambas iguaes, e ſemelhantes na guarniçaõ, e pregadura: meteo em huma tres mil cruzados de joyas, e na outra outro tanto pezo de chumbo, e pedras, que achou

na

na rua; e escondendo esta na manga, se foy com a outra a hum mercador rico; que lhe désse dous mil cruzados a cambio sobre aquellas joyas: celebraraõ o contrato, sem reparar ella na quantidade dos redditos, porque naõ determinava de os pagar; nem elle no capital, porque se assegurava com as joyas. Virou-se contra hum escritorio para tirar o dinheiro, e com mayor velocidade a senhora harpía trocou as bocetas, pondo na mesa a das pedras chumbadas, e recolhendo na manga a das joyas; e levando a chave comsigo, para que lhe naõ enxovalhassem as joyas, ou atirassem com as pedras, se foy com os dous mil cruzados, onde nunca mais appareceo, nem apparecerà, senaõ no dia do Juizo.

Naõ andou menos astuta outra Senhora na mesma Corte, para se vestir de côrtes os mais preciosos, que achou na calhe Mayor, à custa do mercador, que lhos cortou por sua boca sua medida. Alugaõ-se em Madrid amas, assim como em Lisboa escudeiros, para acompanhar: tomou huma, que tocava de mouca, e chamando-lhe madre mia, se foy com ella, aonde fez a compra de tudo o melhor que achou, sedas, télas, e guarniçoens, que passáraõ de quinhentos cruzados, sem reparar em medidas, nem em preços: e quando foy à paga disse: *Que nò trahia caudal bastante, porque nò pensava, que hallaria cosas tan lindas, que alli quedava su madre, y que luego holvia com todo el diñero: quede-se aqui madre mia, que yo voy com esta niña, que lleva la ropa, y buelvo luego en hora buena*, respon-

deraõ

dérão ambos mercador, e velha, ignorantes da treta; de que a velha se livrou em duas audiencias, provando, que era de Alquiler, e mouca, e servia a quem lhe pagava: e o mercador pagou as custas sobre o capital, que lhe acolheo, e não alcançou ainda. Em Lisboa certo picaõ tinha huma mulata mais amiga que sua, porque era forra, e grande conserveira, trato, com que vivia, e o sustentava a elle passeando sem nenhum trabalho; e se algum tinha, era com os Confessores, quando se desobrigava nas Quaresmas. Tratou por huma vez dar de maõ ao trato, e para isso fallou com hum Sevilhano, Capitaõ de hum navio, se lhe queria comprar huma mulata de grandes partes? E para que tomasse conhecimento dellas o convidou a jantar, e que o preço della seria, o que sua mercé julgasse em sua consciencia. Avizou-a que tinha hum hospede de importancia, e que se esm erasse para o dia seguinte no jantar, a que o tinha convidado: meteo a innocente velas, e remos, e fez de pessoa com todo o empenho hum banquete, que se pudéra dar a hum Emperador, e servio á mesa, como criada, dando-se por autora de todos os guisados, e acipipes. Ficou o Castelhano satisfeito, tanto, que talhou a compra em duzentos cruzados, que logo contou em pataças ao picaõ: e ficaraõ de acordo, que lha entregaria no dia de sua partida levando-lha a bórdo; e assim o fez enganando-a segunda vez; porque o Sevilhano a queria regalar no seu navio em retorno do banquete. Poz-se ella de vinte e quatro, como se fora a bodas; e ficou nos

piozes,

piozes, voltando-se o amigo para terra dizendo comsigo: veremos agora, se me negaõ a absolviçaõ os Padres Curas. O navio deu á vela: gritava a triste, que era forra! Consolava-a o Castelhano: *Que luego se le iria aquella pasion, como se viesse en Sevilla, que era tan buena tierra como Lisboa, y que iva para ser señora, mas que esclava, de una casa muy noble, y rica, &c.*

Estas saõ as unhas agudas, que fazem a sua sem deixarem coimas: e destas ha milhares, que na fazenda delRey fazem grandes estragos com alvitres, e conselhos, que despontaõ de agudos, e levaõ a mira em encherem as bolças; como se vio nos das maçarocas, e bagaços, de que naõ resultou mais que gastos da fazenda Real para Ministros. E destes ha alguns taõ déstros. que provém todos os officios em seus criados, para lhes pagarem serviços proprios com salarios alheyos: e saõ os peores; porque com as costas quentes em seus amos, procedem affoutos nas rapinas. Outras unhas ha destas, que pro naõ encontrarem fazenda Real, em que empolgem, aproveitaõ-se da authoridade do Rey, para dar no povo com admiraveis traças, e habilidades, que arte lhes ensina: e bem de exemplos a este proposito deixàmos referidos no cap. 4. em que mostrámos, como os mayores ladroens saõ, os que tem por officio livrarnos de ladroens.

CA-

CAPITULO XXXIV.

Dos que furtaõ com unhas ſingelas.

MElhor diſſera rombas, ou groſſeiras, para as contrapor com as agudas, de que até-gora fallàmos: mas tudo vem a ſer o meſmo, e muito mais ainda; e logo contraporemos eſtas com as dobradas, que ſe ſeguiràõ. E para intelligencia de hum, e outra Capitulo, devemos preſuppor, que aſſim como ha unhas dobradas, tambem as ha ſingelas. Dobradas ſaõ, as que ſe apreſtaõ de varios modos, e invençoens, com tal arte, que nunca lhes eſcapa a preza. E daqui ſe infere, que as ſingelas eraõ as que naõ tem mais, que hum modo, e caminho, por onde furtaõ; naõ armaõ mais que a hum lanço, e ſe erraõ o tiro, ficaõ ſem nada. E accreſcento mais, porque ſingelo quer dizer ſimples; que furtar ninherias, e de modo, que vos ápanhem, tambem he ſer ladraõ de unhas ſingelas. Furtar cinco, ou ſeis mil cruzados abrindo portas com gaſúas, ou arrimando eſcadas; e deſtelhando as cazas para deſcer por cordas, e dar no theſouro, modos ſaõ de furtar, que ſabe qualquer ladraõ, antes de ſer graduado, ou marcado, que he o meſmo. Mas levar o theſouro ſem gaſúas, ſem eſcadas, ſem cordas, nem ſobreſaltos, aqui eſtà o ſubtil da arte, e o naõ ſer aprendiz ſingelo. Furtar eſſe theſouro, e dar comſigo na forca, porque o apanharaõ com o furto nas mãos, ou

com as mãos no furto, isso he furtar de ladroenszinhos novatos, que naõ sabem, qual he a sua maõ direita. Mas furtar esse thesouro, mas que seja de hum milhaõ, e outro em cima, e ficar taõ enxuto como hum inhame; e taõ escoimado, como hum noviço cartuxo, sem deixar indicio, de que lhe peguem, aqui bate a quinta essencia da ladroice; e o que assim se porta, bem se lhe póde passar carta de examinaçaõ, com foro, e privilegio de mestre graduado nesta ciencia: e destes doutores ha mais de hum milhaõ, que cursaõ as Cathedras, e escólas de Mercurio, e Caco. E quem saõ estes? Perguntastes bem; porque como naõ trazem insignias de seus gráos, nem final manifesto de sua profissaõ, saõ màos de conhecer; e entaõ melhores mestres, quando peores de achar: sendo assim, que em achar o mais escondido, e em arrecadar o achado, saõ insignes.

Seraõ estes, os que vos sayem nas estradas com carapuças de rubuço, e espingardas no rosto? Tiray là, que ainda que lhes chamaes salteadores por antonomasi, saõ formigueiros por profissaõ; e taõ singelos, que nunca levantaõ casa de sobrado, nem tem bens de raiz, nem ajuntaõ moveis, que naõ cabiaõ de baixo do braço; saõ como o caracol, que traz a casa comsigo, ecomo o Philosopho, que dizia: *Omnia mea mecum porto.* Tudo, quanto tenho de meu, trago comigó. E ainda menos, pois o que trazem, tudo vem a ser alheo. Seraõ os alfayates, que lançando o giz àlem das medidas, e metendo a tezoura por mais duas dobras, do que cortaõ, tiraõ a lim-

a limpo, fujando a conſciencia, hum gibaõ de córte, e cortaõ hum calçaõ de veludo para ſi, e huma anagoa para ſua mulher? E tambem ſaõ ladroens fingelos; porque ſaõ caſeiros, criados à maõ, naõ mataõ, nem ferem: quanto tomaõ, cabe em huma arca, que chamaõ rua; e poriſſo juraõ; quando lhes perguntaes pelos retalhos, que ſobejaõ, ainda que ſejaõ muitos, e grandes, que os botaraõ na rua: e ficaes ſem eſcandalo do que vos levaõ. Seraõ os Taballiaens, e Eſcrivaens, que ha ſem numero neſta Corte, e em todo Reyno, que com huma penada tiraõ, e daõ cem mil cruzados a quem querem? Eſſes grandes ladroens ſaõ, mas fingelos, principalmente quando ſe applicaõ à ſi o que furtaõ, porque logo ſe lhes enxerga; como aquelle, que fez humas caſas em Lisboa, junto a S. Paulo, que ainda hoje ſe chamaõ da Penada; porque vendo-as ElRey D. Sebaſtiaõ, diſſe. Boa penada deu alli o Taballiaõ! De mais de que, como poem por eſcrito tudo, ſaõ faceis de apanhar ſeus erros de officio: e ſe dobraõ o partido com outro, para ſe juſtificarem, ficaõ á revelia de quem fará, que percaõ feito, e o por fazer: e là hirà quanto Martha fiou, por ſe fiarem, de quem lhes naõ deu fiança a lhes guardar ſegredo no cõluyo.

Seraõ os Soldados de cavallo, que quando ſe vém montados em ginetes, que naõ ſaõ de ſeu goſto, lhes daõ tal trato, que em quatro dias daõ com elles no almargem, e no monturo, para que os provejaõ de outros? Tambem ſaõ ladroens fingelos; porque dando com iſſo grande damno a Sua Mageſtade, ficaõ com pouco provei-

to. Outros ha neſte genero mais eſcrupuloſos, que por naõ ſerem homicias da fazenda Real, lhes ataõ ſedas nos artélhos dos pés, ou das mãos com tal arte, que os fazem manquejar, até que os provèm de outros. E o furto eſtà no damno, que ſe dá a ElRey, e à milicia; porque ſe vende o cavallo manco por dous, ou tres mil reis, para huma atafona, ou nora, tendo cuſtado quinze, ou vinte. E dahi a quatro, ou cinco dias, vay o ſoldado transformado em alveitar, e diz ao comprador: quanto me quereis dar, e darvos-hey eſte rocim ſaõ em duas horas? Concertaõ-ſe em dez, ou doze toſtoens; applicalhe hum emplaſto de herva moura, para diſſimular a tezoura, que vay por baixo, e córta a ſedella, que lhe peſcou os toſtoenszinhos, e fica o cavallinho ſaõ como hum pero no meſmo inſtante; e quem o mancou, e deſmancou, taõ quieto na conſciencia, como maré de roſas. Os infantes coitadinhos, querem alguns Criticos eſpeculativos, que ſejaõ de unhas dobradas, porque ſaõ multiplicados os ſeus furtos: mas naõ tem razaõ, que aſſás ſingelos andaõ; e ſe agaſalhaõ huma marrãa, ou hum cabrito, mas que ſeja hum carneiro, ou huma vaca, quando vaõ de marcha por eſſes campos de Jeſu Chriſto, he, porque os achaõ deſgarrados, para que os naõ coma o lobo; e aſſás ténue vay tudo, e aſſás ſingelo. Andem elles fartos, quero dizer pagos, e póde ſer que tenha tudo emenda. A obrigaçaõ, que a todos corre, jà o diſſe no capitulo 21. das unhas Militares.

CA-

CAPITULO XXXV.

Dos que furtaõ com unhas dobradas.

JA' diſſemos, que unhas dobradas ſaõ, as que ſe armaõ de varios modos, e invençoens, para furtar com tal arte, que nunca lhes eſcapa a preza. Ha na Dialectica hum argumento, que chamamos Dilema; porque joga com duas propoſiçoens, como com páo de dous bicos, que neceſſariamente vos haveis de eſpetar em hum delles. Taes ſaõ os ladroens, que chamo de unhaõ dobradas; porque as aguçaõ de ſorte, que por huma via, ou por outra lhes haveis de cahir nellas: com hum exemplo ficará iſſo claro, e corrente. Quando Sna Mageſtade. que Deos guarde, manda fazer cavallaria para as fronteiras, he certo, que ha grandiſſima variedade nos preços, e que nunca ſe ajuſtaõ os avaliadores, humas vezes por alto, outras por baixo; com que fica armado o Dilema, de que naõ póde eſcapar o furto: quando levantaõ o ponto, no eſcudo delRey vay dar o tiro; quando o abatem, na bolça dos vendedores deſcarrega o golpe. E ſuccede ordinariamente a peſca, ſem os Miniſtros delRey ſerem ſabedores das redes, com verem abertamente os lanços: ainda que pela experiencia bem puderaõ advertir na deſproporçaõ dos preços: furta-ſe a ElRey, que manda comprar os cavallos, ou furta-ſe aos vendedores: e a reſtituiçaõ de ambos os furtos, ſe bem a averiguarmos, vem a ficar ás

 coſtas

coſtas dos avaliadores ; que ordinariamente ſaõ os alveitares das terras , onde ſe fazem as reſenhas , e eſcolhas dos potros , cavallos , e dragoens mais aptos para a guerra : e ſuccede aſſim , que ſe o vendedor he poderoſo , intimída os ferradores , ou os peita , para que ponhaõ em quarenta , o que naõ vale vinte ; e fica defraudada a fazenda Real em mais de ametade ; e ſe o vendedor naõ tem ardil , nem poder , para agencear , e ſeguir eſta trilha , avaliaõ-lhe o que vale trinta em quinze , e em dez , levados do zelo do bem cõmum , a que ſe encoſtaõ , para engolir o eſcrupulo : e aſſim por huma via , ou por outra ordinariamente ſe afaſtaõ , e poucas vezes ſe ajuſtaõ com o legitimo preço , errando o alvo , ora por alto , ora por baixo. E he certo , que Sua Mageſtade , que Deos guarde , naõ quer nada diſto : naõ quer o primeiro ; porque defrauda ſeus theſouros : naõ quer o ſegundo ; porque offende ſeus vaſſallos ; que tambem naõ ſaõ contentes de ſerem enganados em mais da ametade do juſto preço : com que fica certiſſimo , que he furto manifeſto por huma via , e por outra. Neſta agua envolta eſcorreraõ às vezes os executores tambem com os poderes Reaes, tomando para ſi os melhores potros por preços muito baixos : e talvez ſuccede tomarem hum , e dous , e tambem tres por dez mil reis , e por oito cada hum , a titulo de hirem ſervir com elles ás fronteiras ; e dahi a quatorze mezes o vendem bem penſado por ſeſſenta , e por cem mil reis , por ſer de boa raça , e melhores manhas. Se niſto ha furto , perguntem-no a ſeus Confeſſores , e

veraõ

veraõ o que lhes reſpondem com Navarro. Mas má hora, que tal perguntem.

Outro modo ha mais ſeguro de furtar com unhas dobradas, e póde ſer, que mais proveitoſo: e he, quando dous vaõ forros, e a partir no intereſſe, e ſuccede na meſma cavallaria, quando della ſe fazem reſenhas para as pagas; e tambem acontece o meſmo na infantaria. Tem hum Capitaõ oitenta cavallos ſómente, paſſa moſtra de cento e vinte, porque pedio quarenta empreſtados a outro Capitaõ ſeu amigo, a troco de lhe fazer a barba do meſmo modo, quando fizer a ſua reſenha: e aſſim embolçaõ ambos oitenta praças de auſentes, que bem eſmadas por mezes, fazem ſomma de mil e duzentos cruzados cada mez; e ſe durar a tramoya hum anno, chega a pilhagem a pouco menos de quinze mil cruzados: e ſe uſarem della muitos cabos, teremos de pór de portas a dentro pilhagens, e pilhantes peores, que os que nos vem de Caſtella ſaltear os boys, e ovelhas. Mas o General das armas (peço a ſua Excelencia lincença para o nomear aqui) o Conde de S. Lourenço contraminou já tudo, e tem as couzas taõ correntes com notas, e contra divizas, que naõ póde haver engano: como tambem nas innumeraveis praças de infante, que ſe gualdripavaõ com achaque de doentes, e vinhaõ a ſer peor que praças mortas; porque taes doentes, e taes ſoldados naõ os havia no mundo: e mandando os ver à cama, e naõ os achando, deſcobrio a maranha: e ainda deu alcance a outra peor, em que punhaõ de cama ſoldados ſaõs com nomes muda-

mudados. Nada escapa á subtileza desta arte de furtar: mas o zelo, e destreza do Conde General excede, e vence todas as artes no serviço delRey nosso Senhor.

Em Vianna de Caminha me ensinou hum Castellaõ a furtar com unhas dobradas com mais destreza; porque jogando o páo de dous bicos, trancava ambas as pontas infallivelmente. Concertava-se com os navios, que vinhaõ de fóra, a quanto me haveis de dar por cada fardo, ou caxa, e provos-hey tudo seguro, onde quizerdes? Admittia de noite barcadas de fazendas na fortaleza, que cõmunica com o mar, e com a terra, e davalhes passagens segura para as loges dos mercadores. E feito este primeiro salto; dava ordem aõ segundo por via de hum alcaide, com quem hia forro, e a partir nas ganancias das prezas, que lhe inculcava: davalhe ponto, e avizo infallivel das paragens, onde acharia taes, e taes fazendas furtadas aos direitos. E assim era, que ficavaõ no cabo defraudados os mercadores em duas perdas, huma das grossas peitas, que davaõ ao Castellaõ, e outra do muito mais, que eraõ forçados a dar ao meirinho, para que os deixasse: e nesta segunda bolada tornava o Castellaõ a empolgar a segunda unha; e assim furtava com unhas dobradas effectivamente sem errar o tiro de nenhuma.

CA-

CAPITULO XXXVI.

Como ha ladroens, que tem as unhas na lingua.

MElhor diſſera nos dentes, porque tem duas ordens, com que dobraõ a preza, e afferraõ melhor que a lingua; e tambem porque tudo, quanto ſe furta, vem a parar, ou deſapparecer nos dentes. Eſpada na lingua já eu ouvi dizer, que a havia, e tambem pudéra dizer ſetta; porque fere ao longe como ſetta, e corta ao perto como eſpada; e peor, porque muitas vezes de feridas incuraveis, como eſpada columbrina, e ſetta hervada: mas unhas na lingua he couza nova. Ainda mal, de que he taõ velha, e tantas vezes renovada em gente Aulica. Véllos-heis andar no Paço fazendo mezuras a cada paſſo, e tirando a gorra à legua, chapéo queria dizer, que já ſe naõ uſaõ gorras: naõ lhes taxo a cortezia, que he virtude muito propria da Corte; mas noto a intenſaõ, e palavrinhas, com que a acompanhaõ; as quaes examinadas na pedra de toque da experiencia, ſaõ unhas de aço, que naõ ſó arranhaõ creditos alheyos, mas empolgaõ para ſi, que he o principal intento, em tudo o precioſo, que cuidaõ ſe poderá dar a outros. E para iſſo naõ ha provimento, que naõ deſdenhem, nem deſpacho, que naõ menoſcabem; até o que he nos outros paga de juſtiça, fazem negoceaçaõ de adherencia, para levarem a agua ao ſeu moinho, e fazerem cano das minguas alheas para

as

as enchentes proprias, de que andaõ sequiozos. Façamos praça de exemplos, e correrà a verdade deste Capitulo clara como agua.

Olhaime para aquelle Capitaõ, que entra na Audiencia com hum braço menos; porque lho levou na guerra huma bala: vede dous soldados, que vem com elle, hum com hum olho vasado de huma estocada, e outro com huma perna quebrada de huma mina; porque para os fazer assinalados sua fortuna os marcou com taes desgraças. E como nos mayores riscos tem sua ventura a valentia; allegaõ a seu Rey, o que em seu serviço padeceraõ, para que os remunere com os despachos, que merecem: hum péde a Cõmenda, outro a tença, outro o Habito: todos merecem muito mais. Mas o invejoso, que está de fóra, e taõ de fóra que nunca entrou em taes baralhas, temendo que lhe vóe por aquella via o passaro, a que tem armado a costella, e que se lhe vá da rede a preza, que pertende pescar; puxa da espada da lingua; porque nunca arrancou outra para cortar o direito, que vé vaõ adquirido, e diz do torto: olhay, o com que vem agora cà o tortéles Polifemo! Por hum olhinho que perdeo, Deos sabe aonde, póde ser que bebendo em alguma taverna, quer que lhe dém mais do que val toda a sua cara: ainda lhe ficou outro olho, isso lhe basta. Pois o outro Briareu, devia de querer cem braços, bastandolhe huma maõ para empinar, quanto tem furtado com ambas; e por hum bracinho, que lhe cortaõ, quer que lhe talhem huma Cõmenda, que naõ sonharaõ seus avòs:

avós: e o outro que por huma perninha lhe dém hum habito. Quanto melhor lhes fora a todos tres tomarem o habito de huma Religiaõ, para fazerem penitencia de quantas maldades obraraõ, para acharem eſtas manqueiras, de que vem fazer gadanho para eſtafarem mercés, que ſó nòs merecemos a ElRey, como ſe vé ao perto. E por eſta ſolfa ſe deixa eſte, e outros taes como elle, hir deſcantando ſemelhantes letras, ate que ſayem com a ſua por eſcrito, eſtorvando, e tirando os deſpachos a que os merece, para os incorporarem em ſi. E ainda mal, que lhes ſuccede. Teſtemunha ſeja hum Capitaõ, que eu ví deſpedirſe de hum amigo neſta Corte, para ſe voltar para as fronteiras com quatro mezes de ſemelhantes requerimentos: e perguntandolhe o amigo, como ſe hia ſem eſperar o ſeu deſpacho? Reſpondeo palavras dignas de ſe imprimirem: Vou-me deſta Babylonia para a campanha; porque me he mais facil, e honroſo eſperar lá as balas do inimigo com o peito, que aqui com os ouvidos as dos ditos, e repoſtas dos Miniſtros, e Aulicos de Sua Mageſtade.

Vedes aqui, amigo leitor, como os que tem as unhas na lingua, naõ deſcançaõ, até que naõ enxotaõ toda a ſorte de requerentes beneméritos, para lhes ficar o campo franco a ſuas pertençoens, que por eſta arte alcançaõ; e aſſim furtaõ, e peſcaõ com os anzòes, e unhas da lingua o que naõ merecem, e de juſtiça ſe deve dar, a quem arriſcou a vida, e naõ a quem a traz empapelada: e eſtes ſaõ os ladroens, que tem na lingua as unhas, com que empolgaõ no que naõ he ſeu, nem

nem lhes he devido. Facil tinha tudo o remedio, e escrito está, e marcado com sellos de chumbo, que os premios da guerra naõ se appliquem a serviços da paz. Se os Summos Pontifices largaraõ a este Reyno os dizimos de innumeraveis Cõmendas, que he sangue de Christo para os Cavalleiros, que à custa de seu sangue propagaõ a Fé, e defendem a patria: como se póde permittir, que logre estes premios, quem nunca defendeo a Fé, nem honrou a patria? Naõ sey se o diga? Que vi já Cõmendas em peitos inimigos de Deos, e algozes da patria. Calate lingua; naõ te arrisques: olha que temo chamem muitos a isto murmuraçaõ, tomando-o por si: porque tudo o que pica desagrada: e o que desagrada, he final que lhe toca. Toquemos a recolher; e vamonos dizer antes sape a hum gato.

****

CAPITULO XXXVII.

Dos que furtaõ com a maõ do gato.

LAdroens ha, dos quaes podemos dizer, que tem mais mãos que o gigante Briareu, porque naõ lhes escapa conjunçaõ, lugar, nem tempo; e como se tiveraõ mil mãos, *à dextris, e à sinistris*, naõ erraõ lanço: e isto vem a ser furtar com mãos proprias, que naõ he muito; mas furtar até com as alheyas: he destreza propria desta arte, que vence na malicia a subtileza de todas as artes. Diz Lactancio Firmiano, que a mayor maldade, que commette o demonio, he a de tomar

córpos fantasticos para commetter abominaçoens: porque naõ póde haver mayor malicia, que despirse huma creatura de seu proprio ser, e vestirse da natureza alheya, sahindose de sua esféra, para poder mais offender a Deos. Taes saõ os homens ladroens, que se ajudaõ de mãos alheyas: sayem-se de sua esféra, e vaõ mendigar nas alheyas modos, e instrumentos, com que mais furtem. Naõ se contentar hum ladraõ com duas mãos, que lhe deu a natureza, e com cinco dedos que lhe poz em cada huma, armados com muito formosas unhas, e hir buscar mãos alheyas, e enprestadas, para mais furtar, e poupar as suas para outros lanços, he o summo da ladroice. No como se verifica isto, está ainda a mayor difficuldade, que será facil de entender, a quem olhar para a maõ de Judas, quando no officio das trevas apaga as candéas. Obrigaçaõ he que corre por conta dos Sacristaens: mas porque naõ chegaõ ás velas, ou por se naõ queimarem, valem-se da maõ alheya: e assim vem a ser mãos de Judas todas, as que ajudaõ ladroens em seus artificios.

Ainda se naõ deixa ver, em que cabeça vay dar a pedrada deste discurso. Os senhores Assentistas me perdoem, que elles haõ de ser aqui o primeiro alvo deste tiro. Digaõ-me Vossas Senhorias (e naõ estranhem o titulo, que he cortezia, que nos introduziraõ cà os Berlanguches, que logo entraráõ tambem nesta reste) se ElRey nosso Senhor lhe concede licença para recolherem comprado no novo o paõ, que baste para o provimento das fronteiras, o que pódem fazer por si,

e seus

e ſeus criados, para que empenhaõ niſſo os Juizes, Ouvidores, Corregedores, e Provedores de todo o Reyno! E porque eſtes ſaõ eſcoimados, e haõ medo de tomar peitas, á força lhas fazem aceitar, alcançando-lhe licença de Sua Mageſtade para iſſo? Que he iſto? Donde vem tanta liberalidade, em quem trata de ſua ganancia? Intereſſe he tudo proprio: mãos de gato armaõ, e com ſaguates lhes aguçaõ as unhas, para as prezas ſerem mais copioſas paſſando dos limites, de cujas crecenças fazem negoceaçaõ, e venda a ſeu tempo com exeſſo, levando de codilho a ſubſtancia aos pòvos famintos, obrando tudo com as mãos da juſtiça, que he, o de que me queixo; que a juſtiça chegue a ſer entre nós maõ do gato; para que naõ lhe chamemos maõ de Judas, que atiça eſte incendio, em quanto os ſobreditos tem as ſuas de reſerva em luvas de ambar para agaſalharem os lucros, que com tantas mãos nego cearaõ.

Démos huma de maõ aos Berlanguches, jà que lha promettemos, e elles naõ querem, que lhes faltemos com o promettido. Ha perto danoſſa barra de Lisboa huns ilhéos, que chamamos Berlengas; e porque paſſaõ por elles todos os eſtrangeiros, que vem do Nórte, chamamos a todos Berlanguches. Eſtes pois deraõ em nos virem meter na cabeça, que ſó elles ſabem fazer baluartes, attacar petrados, diſparar bombas, artificiar maquinas de fogo, e engenhos de guerra. Sendo aſſim, que de tudo, quanto obraõ, naõ vimos até agora fruto, mais que de immenſas patacas, e dobrões, que recolhem para mandar à

ſua

ſua terra: até agora naõ vimos bomba, que mataſſe gigante, nem petardo, que arrazaſſe Cidade, nem maquina de fogo, que abrazaſſe armada, nem queimaſſe ſe quer hum navio. Poriſſo diſſe muito bem o Doutor Thomé Pinheiro da Veiga (que em tudo he diſcreto) reſpondendo à petiçaõ de hum deſtes engenheiros, que demandava hum milhaõ de mercés pelas barcas de fogo, que arquitéctou contra os Parlamentarios, que nos pejaraõ a barra do Tejo no anno de 1650. que o queimaſſem com ellas, por nos gaſtar a noſſa fazenda com engenhos, que no cabo nada obraraõ. Somos como crianças os Portuguezes neſta parte: admiramo-nos do que nunca vimos, e eſtimamos ſó, o que vem de fóra, e apalpado tudo, he farello: porque no fim das contas ſó o noſſo braço he o que obra tudo, e leva ao cabo as emprezas. Aqui me pergunta hum curioſo pelas unhas do gato? E eu lhe reſpondo, que olhe para os theſouros delRey, e para as noſſas bolças, e verà tudo arranhado com eſtas invençoens dos Berlanguches, peores para nós, que maõ de gato; pois nos furtaõ, e levaõ com ſeus gatinhos, o que fora melhor dar-ſe aos filhos da terra, que o trabalhaõ, e o merecem: e no cabo andaõ deſpidos, e os Berlanguches raſgando cochonilhas, e brilhando télas. Baſta hum toſtaõ, para qualquer homem de bem paſſar hum dia: hora demoſlhe a elles dous, com que pódem beber vinho, como boys agua; para que he dar-lhe ſetenta e quatro mil reis cada mez de ordenado? Deſordenada couza chamára eu a iſto; pois lhes vem a

ſahir a mais de hum toſtaõ para cada hora, e mais de dou mil e quatro centos reis para cada dia, e hum conto para cada anno. Parece iſto conto de velhas, e diſcurſo de gigantes encantados: Gigantes de ouro ſaõ iſto, que ſe nos vaõ do Reyno, conquiſtados por Pigmeos de palha, de que fazem a maõ do gato; que de palha borrifada com polvora vem a ſer o fogo, com que abrazaõ mais a nòs, que a noſſos inimigos: e elles o ſaõ mais verdadeiros, que os Caſtelhanos; porque eſtes nunca nos déraõ tal ſaco, nẽ entraõ cá por taes eſfolagatos.

E para que naõ pareça que ſó em eſtranhos damnos com eſte diſcurſo, viremos a próa delle para noſſas conquiſtas, e acharemos mãos de gato façanhoſas, de que uſaõ Portuguezes. Já toquey eſta treta ſuccintamente o §. ultimo do Capitulo IX. a outro propoſito; mas agora a contarey mais diffuſa a eſte intento, em que tem mais artificio. Quer hum Capitaõ, ou Governador tornar para ſua caſa rico ſem eſcandalos, nem revoltas: mete-ſe de gorra com os mais opulentos do ſeu deſtrito, vendendo bullas a todos de valias, e pedreiras, que tem no Reyno: moſtra cartas ſuppoſtas, com avizos de deſpachos, habitos, Cõmendas, e officios, que fez dar a ſeus afilhados: e como todos, os que andaõ fóra da patria, tem pertençoens nella, creſce-lhes a todos a agua na boca ouvindo iſto; e vaõ-ſe para ſuas caſas diſcurſando o caminho, que teraõ para terem entrada com taõ grande valia, que tantos compadres tem em todos os Conſelheiros, e logo lhes occorre a eſtrada coimbráa das peitas; porque dadivas que-

quebraõ penedos ; e armaõ logo hum preſente para adoçar o ſenhor Capitaõ , ou Governador , e o hir diſpondo ao favor , que pertendem : e já ſe imagínaõ dando alcance à graça , que taõ alto lhes voou ſempre : creſcem as viſitas , chovem os donativos de huns , e de outros ; e quando chega a monçaõ de navios para o Reyno , chegaõ os memoriaes , e achaõ aos ſobreditos ſenhores fazendo liſtas para a Corte , eſcrevendo cartas , arrumando negocios de mil pertendentes , e de tudo fazem rede para peſcar os donativos , com que naturalmente ſe deſpenhaõ. Chega hum , e diz: Senhor , bem ſabe Voſſa Senhoria que ha vinte annos ſirvo a Sua Mageſtade à minha cuſta , e que he jà o tempo chegado de lograr alguma mercé poriſſo : e para que eu deva eſta tambem a Voſſa Senhoria , eſpero que me favoreça por meyo de ſeus valídos , a quem proteſto ſer agradecido. Tenha maõ v. m. acode a Senhoria , para que veja como trago a v. m. na caſa dianteira , e ſuas couzas diante dos olhos. Senhor Secretario , léa v. m. lá as cartas , que eſcrevi hontem para Sua Mageſtade , e para o Concelho da Fazenda , e Ultramarino. E o Secretario , que eſtá de avizo , puxa pelas primeiras duas folhas de papel , que acha eſcritas ; e com a deſtreza , que coſtumaõ , relata logo de cada huma ſeu capitulo , que de repente vay compondo , talhado para as pertençoens do ſupplicante , em que o deſcreve taõ valente , leal , e bizarro , que nem a mãy , que o pario , o conheceria por aquelle retrato. Toma-lhe as petiçoens , e memoriaes Sua Senhoria , e manda ao Secretario ,

que ás anexas àquelle ponto: e ao ſobredito diz, que durma deſcançado, que em boa maõ jaz o pandeiro: e elle mais ſolicito, que nunca, vay-ſe para caſa, e manda logo o melhor que acha nella, para naõ ſer ingrato; e por eſta maneira de mil modos com eſtas abuiſes caçaõ os mais gordos tralhoens da terra, e metem nas redes os mayores tubaroens do alto: papos de almiſcar em Macào, bocetas de baſares em Malàca, biſalhos de diamantes em Goa, alcatifas de ſeda em Cóchim, barras de ouro em Moçambique, pinhas de prata em Angòla, caxas de açucar no Braſil; e em cada parte de tudo tanto, que enchem navios, que vem depois dar à coſta: *Male parta, male dilabuntur.* A agua o deu, a agua o leva. E ficaõ deſfeitos como ſal na agua todas as maquinas das pertençoens dos innocentes, e elles no limbo da ſuſpenſaõ, e no Purgatorio do arrependimento; porque deraõ ao gato, o que naõ comeo o rato.

Tambem para ElRey noſſo Senhor ha mãos de gato, que lhe arranhaõ a fazenda, e arraſtaõ a grandeza de ſuas datas, e mercés; e ſaõ os exemplos tantos, que me naõ atrevo a contalos, aſſim por muitos, como por arriſcados. Direy hum imaginado, que poderia acontecer, e ſervirà de molde para muitos. Vaga em Coimbra huma Cadeira: vem conſultada em tres oppoſitores. O primeiro he melhor, o ultimo o ſomenos: tem eſte por ſi mais amigos na Corte: temem fallar a Sua Mageſtade, porque ſaõ conhecidos, e ſabem, que eſpecúla muito bem os que ſaõ apaixonados, para naõ admittir ſuas informações: buſcaõ huma

maõ

maõ de gato, e armaõ os páos, que venhaõ a cahir nella: eſpreitaõ a occaſiaõ, em que Sua Mageſtade vé as conſultas: fallaõ-lhe, como a caſo: Senhor, para que ſe cança Voſſa Mageſtade em apurar gente, que naõ conhece; conſultas da Univerſidade ſaõ muito apaixonadas pelos bandos das oppoſiçoens, que muitas vezes poem no primeiro lugar, quem havia de vir no ultimo: aqui anda o Lente Fulano, que tem grande conhecimento de todos os ſugeitos, e he deſintereſſado neſtas materias: informe-ſe Voſſa Mageſtade delle, e verà logo tudo claro como agua. Tendes razaõ. Toca a campainha: acode o Moço Fidalgo: manday recado a fulano, que me falle á tarde. Aqui eſtá na Sala, reſponde o meſmo: Deos o trouxe ſem duvida, acodem os conjurados, que de propoſito o trouxeraõ, e deixaraõ no poſto bem inſtruido. Sayem-ſe todos para fóra, e entra o louvado: cõmunica-lhe Sua Mageſtade a duvida: reſolve-a elle fazendo-ſe de novas no ponto, que traz eſtudado: e affirma que os conhece a todos melhor que as ſuas mãos; que nunca Deos queira, que elle diga a ſeu Rey huma couza por outra, que nem por ſeu pay mudará huma cifra contra o que entende: e com eſtes enſalmos apeya os melhores do primeiro lugar, e levanta o ultimo aos cornos da Lua: e como naõ preſume malicia, quem naõ trata enganos, perſuade-ſe ElRey, que aquella he a verdade; e tomando a penna deſpacha a conſulta, e dà a Cadeira ao que menos a merece: e faça-lhe bom proveito: e eſtes ſaõ os modos, ſuave leitor, com que cada dia ſe tiraõ ſardinhas com a maõ do gato.

CAPITULO XXXVIII.

Dos que furtaõ com mãos, e unhas poſtiças de mais, e accreſcentadas.

DE hum ladraõ ſe conta, que tinha huma maõ de páo taõ bem concertada, que parecia verdadeira, e devia de ſer a direita, porque encoſtando-a à eſquerda por entre as dobras da capa, ſe punha de joelhos muito devoto nas Igrejas de concurſo junto aos que lhe parecia, que poderiaõ trazer bem provídas as algibeiras; e com a outra maõ, que lhe ficava livre, lhes dava faco ſubtilmente; e ainda que os roubados ſentiaõ alguma couza, olhando para o viſinho, de quem ſe podiaõ temer, e vendo-o com ambas as mãos levantadas como que louvava a Deos, perſuadiaõ-ſe, que feriaõ apertoens da gente, o que ſentiaõ. Aſſim me declaro niſto, que chamo furtar com mãos poſtiças, de mais, e accreſcentadas: e melhor ainda me declarey, com os que occupaõ muitos officios na Republica, comendo, e devorando a dous carrilhos, como monſtros, a ſubſtancia do Reyno: como ſe lhes naõ baſtara a maõ, que tomaõ em huma occupaçaõ, metem pés, e mãos no meyo alqueire com ſeu Senhor, e ajuntaõ moyos de rapinas, porque dando-lhe o pé tomaraõ a maõ; e jà lhes eu perdoára, ſe ſó huma maõ meteraõ na maſſa; iſto he, ſe ſó com hum officio ſe contentaraõ: mas manejar tres, e quatro com mãos poſtiças, he quererẽ agarrar eſte mũdo, e mais o outro.

A San-

A Santa Madre Igreja Catholica Romana, que em tudo acerta, tem mandado com ſua milagroſa providencia, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados, por amor da aſſiſtencia, que naõ ſendo Santelmo, nem S. Pero Gonçalves, que appatece na meſma tempeſtade em dous navios, he impoſſivel téllа em duas partes; e naõ quer, que coma, e beba o ſangue de Chriſto, ſem o merecer peſſoalmente. E como ha de haver no mundo, quem coma, e beba o ſangue dos pobres, e a fazenda delRey, e ſubſtancia da Republica, hum homem ſecular occupando dous póſtos, e dous officios incompativens: e porque ſaõ mais que muitos, chamo tambem a iſto ladroens, que furtaõ, e comem a dous carrilhos; e ainda mal que comem a tres, e a quatro, como monſtros de duas cabeças. Muitas cabeçadas ſe daõ, e toléraõ em Republicas mal governadas: mas que na noſſa taõ bem regída, e diſpoſta ſe ſofraõ eſtas: he para dar os bem entendidos com as cabeças por eſſas paredes. Ver que faça dous officio, e tres, e quatro, e ſete occupaçoens hum ſó homem, que eſcaſſamente tem talento para hum cargo, he ponto, que faz fugir o lume dos olhos: e pouca viſta he neceſſaria para ver, que naõ póde eſtar iſto ſem grandes ladroíces: e a primeira he, que come os ordenados, com que ſe pudéraõ ſuſtentar, ſatisfazer, e ter contentes quatro, ou cinco homens de bem, que o merecem. A ſegunda, e mayor de todas, que como he impoſſivel aſſiſtir hum ſó ſugeito a tantas couzas differentes, paſſaõ-lhe pela malha mil obrigaçoens de juſtiça, naõ

dando satisfaçaõ às partes, trazendo-as arrastadas muitos mezes, com gastos immensos fóra de suas patrias: e no cabo despachaõ mil disparates por escrito, para serem mais notorios; porque naõ tem tempo, para verem tantas couzas, nem memoria, para comprehenderem as certezas, que se lhe praticaõ: e quando vaõ a alinhavar as resoluçoens, escapaõ-lhe os pontos, e embaraçaõ-se as linhas, que tinhaõ lançando huns, e outros; e perde-se o fiado, e o comprado, e o vendido; e vem a ser mais difficultoso encaminhar hum desarranjo destes, que começar a demanda de novo. Perdem-se petiçoens, somem-se provisoens, faltaõ os Oraculos, respondem séста por balhésta, fazem-vos do Ceos cebola, metem-se no escuro dos segredos, com mysterios, que naõ ha: e Deos nos dé boas noites. Baldaraõ-se as peitas, fruстraraõ-se as intercessoens, perderaõ-se os gastos, e a paciencia; e appellay para o barqueiro, que de Deos vos póde vir o remedio; porque se o buscardes na fonte limpa, que reprende com sua clareza tantas aguas turvas, arriscais-vos a huma enxurrada de Ministros, que vos tiraõ o Oleo, e mais a Chrisma.

Finalmente digo, que assim como ha heresias verdadeiras, que encontraõ verdades catholicas; assim ha heresias politicas, que encontraõ as verdades, que escrevo: e assim como seria heresia de Calvino, e Luthero dizer que he mal feito ordenar a Igreja, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados; assim he heresia na politica do mundo admittir que hum homemsinho de nonnada occupe dous officios, que requerem duas assisten-

aſſiſtencias. He nota de alguns Eſcriturarios, que nunca Deos provéo dous officios juntos em hum ſó ſugeito: e para ſignificar a importancia diſto mandava, que ninguem ſemeaſſe dous legumes na meſma terra: e quando occupava algum ſervo ſeu em huma empreza, dava-lhe logo com ella os talentos neceſſarios, e forças convenientes: e iſto naõ pódem fazer os Principes da terra, que ſe bem ſaõ Senhores dos cargos, para os darem a quem quizerem, naõ o ſaõ dos talentos, nem os pódem dar, a quem os naõ tem, como pode Deos; e poriſſo deve hir attento nos provimentos, que fazem, porque até hum ſó, e ſingular requer homem capaz, para ſer bem ſervido. E para que ſe veja, como as couzas vaõ muitas vezes neſta parte, contarey o que ſuccedeo ha poucos annos em huma praça, onde foy provído por Capitaõ mòr certo Cavalheiro, que preſumia de grande ſoldado: e no primeiro dia, em que tomou poſſe do ſeu feliz governo, lhe foraõ pedir o nome para as rondas daquella noite. Eſtava elle em boa converſaçaõ de amigos, e ſenhores, que o viſitavaõ com o parabem de ſua boa vinda: perguntou ao Cabo, que era o que demandava? Que me dé Voſſa Senhoria o nome para eſta noite, he o que peço, reſpondeo elle: e o ſenhor Capitaõ inſtou muito admirado; ainda me naõ ſabem o nome neſta terra? E muito mais o ficaraõ os circunſtantes do ſeu enleyo. Acodio o Sargento: bem ſabemos o nome de Voſſa Senhoria, o que peço he o nome para a ronda. Aqui areou mais o Capitaõ. E para naõ ſe arriſcar a reſpon-

der outro desproposito, disse o peor, porque o mandou embora sem resoluçaõ, e que no dia seguinte tratariaõ o ponto com mais desafogo. E eisaqui que taes succedem ser os senhores, que occupaõ grandes póstos: e sendo taes, que faraõ, se os puzerem em muitos.

He engano manisto dizer-se, e cuidar-se, que naõ ha homens para os cargos, e porisso os multiplicaõ em hum Ministro. He o nosso Reyno de Portugal muito fertil de talentos muito cabaes para tudo: prova boa sejaõ todas as sciencias, e artes, que em Portugal acharaõ seus Autores. A nobreza, e fidalguia, authoridade, e christandade entre nós andaõ em seu ponto. Todas as Naçoens do mundo pódem andar comnosco á soldada nesta parte: mas naõ apparecem os talentos por tres razoens. Primeira, porque naõ ha, quem os busque. Segunda, porque ha, quem os desvie. Terceira, porque naõ saõ entremetidos; e isso tem de bons. Naõ ha quem os busque, porque naõ ha quem os estime. Ha quem os desvie, por se introduzir inutil. Naõ se offerecem, por naõ padecerem repulsas. E daqui vem andarem Scipioens valentes pelos pés das moutas comendo terra, e Versistes cobardes pelos thronos cevando vaidades: andaõ Anibaes prudentes guardando gado, e Nabaes estultos dominando opulencias. Andaõ Heitores leaes arrastrados á roda dos muros da patria, que defenderaõ, e Sinões traidores embolçando vivas, e triunfando em carros. Sejaõ ouvidos varoens desinteressados, sabios, e Religiosos, e elles descobriraõ as minas, onde es-

tà

tá o ouro dos talentos mais precioſos : elles conhecem as talhas de barro , que conſervaõ melhores vinhos , que jarras de ouro.

****

CAPITULO XXXIX.

Dos que furtaõ com unhas bentas.

UNhas bentas , parecerà couza impoſſivel ; porque todas ſaõ malditas , e peçonhentas , como as dos gatos , que ha pouco diſcurſámos. Mas como naõ ha regra ſem excepçaõ , deſta ſe tiraõ algumas : taes ſaõ as da graõ beſta , de quem dizem os naturaes grandes virtudes : e com tudo iſſo tambem affirmaõ os meſmos , que até eſſas virtudes ſaõ furtadas ás conjunçoens da Lua ; para que nenhuma unha ſe poſſa gabar , que eſcapou da Eſtrella , que os Aſtrologos chamaõ Mercurio ladraõ famoſo. E entre tantas unhas naõ ha duvida , que ha algumas bentas ; naõ porque tirem almas do Purgatorio com perdoens de conta benta ; mas porque lançadas as contas , lançando bençãos , e apoyando virtudes , e clamando miſericordias , e amores de Deos , purgaõ ás bolças, que encontraõ , melhor que pirolas de eſcamonèa. A mais de quatro Criticos ſe me vay o penſamento neſte paſſo , naõ de paſſagem , mas de propoſito, e reixa velha , a certos ſervos de Deos , a quem murmuradores chamaõ por deſdem da Apanha , levantando-lhes que mandaõ olhar a gente para o Ceo , em quanto lhe apanhaõ a terra. Mas iſto

he

he praga, que ſó ſe acha, em quem naõ val teſtemunha conſórme a ſentença de Luiz Rey de França, que ſó hereges, e amancebados fallaõ mal dos taes ſugeitos: eſtes, porque os reprehendem com ſua modeſtia; e aquelles, porque os convencem com ſua doutrina. E o certo he, que eſſes meſmos Zoilos, que murmuraõ, quando querem a ſua fazenda ſegura, ou o ſeu dinheiro bem guardado, que nas mãos deſtes Anjos da guarda depoſitaõ tudo.

As unhas; que uſurpaõ a titulo de bentas, ſaõ aquellas, que empolgando piedades, fazem a preza em latrocinios. Explico iſto com alguns exemplos, que daraõ noticia para outros muitos. Seja o primeiro de dous ſoldados da fortuna, que vendo-ſe mal veſtidos (deſgraça ordinaria em todos) acordaraõ valer-ſe do Sagrado, para que o profano os remediaſſe. Houveraõ às mãos huma Hoſtia, que pediraõ em certa Sacriſtia para huma Miſſa das almas: daõ comſigo, e com ella na rua Nova: pedem a hum mercador, dos que chamaõ de negocio, lhes moſtre a melhor peſſa de Londres: encaixalhaõ-lhe em huma dobra a Hoſtia diſſimuladamente, moſtraõ-ſe deſcontentes da cór, e pedem outra: viſtas aſſim algumas, appellaõ para a primeira, e mandaõ medir vinte covados, regateando-lhe primeiro muito bem o preço, como he coſtume. Mal eraõ medidos quatro, quando apparece a Hoſtia, a que elles fingindo lagrimas ſe proſtraraõ batendo nos peitos. Fica o mercador ſem ſangue, temendo lhe imputem de novo, o que em Jeruſalem tomaraõ ſobre ſi ſeus

si seus antepassados. Naõ he necessario declarar os extremos, que de parte à parte passaraõ: Resultou por fim de contas, que levaraõ a bom partido a pessa toda, sem outro custo, que o de jurarem, que ninguem saberia o caso succedido. Naõ sey se he isto furtar com unhas bentas? Selo-haõ mil esmolas pelo menos, que cada dia vemos pedir com capa de piedade, e misericordia, para pobres, para Missas, e Irmandades, as quaes vaõ arder na mesa do jogo, ou da gula. Hum mulato conheci, que tinha huma ópa branca, que comprou na roupa velha por dous tostoens, com a qual, com huma bacia, e duas voltas, que dava por quatro ruas todos os dias pedindo para as Missas de Nossa Senhora, ajuntava, o que lhe bastava, para passar alegremente a vida. Tambem este furtava com unhas bentas.

Que direy de infinitos, que a titulo de pobres se fazem ricos? Abrem chagas nas pernas, e nos braços, com causticos, e hervas: mostraõ suas dores com brados, que moverás as pedras: *Mira la plaga, mira la llaga!* Pelas Chagas de Christo nosso Redemptor, que me dém hum esmola! Dizia hum destes na ponte de Coimbra de outro, que tinha huma perna muito chagada: boto a tal, que tem aquelle ladraõ huma perna, que val mais de mil cruzados! E assim he, que muitos mil ajuntaõ estes piratas: e lá se conta de hum aleijado, que morrendo em Salamanca, fez testamento, em que deixou a ElRey Filippe I. ou II. de Castella a albarda do jumento, em que andava; e acharaõ-se nella cinco, ou seis mil cruzados em ouro.

ouro. Hum Fidalgo piedoso lançou pregaõ na sua terra, que tal dia dava hum vestido novo por amor de Deos a cada pobre: ajuntaraõ-se no seu pateo infinitos; e a todos deu vestidos nóvos, mas obrigou-os a que logo os vestissem, e tomou-lhes os velhos, e nelles achou bem cosida, e escondida por entre os romendos mayor quantidade de dinheiro vinte vezes, que a que tinha gastado nos vestidos. Estes taes naõ ha duvida, que saõ adroens, que com unhas bentas esfolaõ a Republica, tomando mais do que lhes he necessario, e fora melhor destribuillo por outros, que por naõ pedirem padecem.

Tambem em mulheres ha exemplos de unhas bentas notaveis. Innumeraveis saõ, as que professaõ bensedeiras, e tem mais de siganas, que delbeatas. Entra em vossa casa huma destas com nome de santinha; porque dizem della, que adevinha, faz vir à maõ as couzas perdidas, e depàra cazamentos a orfãns, e despachos aos mais desesperados pertendentes. Pedis-lhes remedio para vossos dezejos: pedevos huma cadéa de ouro emprestada para seus ensalmos, quatro aneis de diamantes, meya duzia de colheres, e outros tantos garfos de prata, cinco moedas de tres mil e quinhentos, em memoria das cinco Chagas: mete tudo em huma panélla nova com certas hervas, que diz colheo á meya noite, vespora de S. Joaõ, e enterra-a muito bem coberta de traz do vosso lar, fazendo-vos fechar os olhos, para que naõ lhe deis quebranto: e a hum virar de pensamento, emborca tudo nas mangas do sayo, e fica vazia a ólha,

a ólha, ou para melhor dizer chea de preceitos, que ninguem bula nella, ſobpena de ſe converter tudo em carvoens, até paſſarem nove dias em honra dos nove mezes; e nelles ſe paſſa para Caſtella; ou França, com a preza nas unhas, que chamo bentas, pois por taes as tiveſtes, quando a poder de bençaõs vos roubaraõ. Vedes vòs iſto piedoſo leitor, pois ſabey de certo, que ſuccede cada dia por muitas maneiras a gente muito de bem, e obrigada a naõ ſe deixar enganar taõ parvoemente.

Mas deixando ninherias, vamos ao que importa. Admittimos todos neſte Reyno as décimas para a defenſa delle, e a todos contentou muito eſta contribuiçaõ; porque naõ ha couza mais racionavel, que aſſegurar tudo com a décima parte dos rendimentos, que vem a ſer pequena parte comparada com o todo. Dizem os Eccleſiaſticos neſte paſſo, que ſaõ izentos de gabellas por Diplomas Pontificios; e eu naõ lho nego; mas quizera-lhes perguntar, ſe goſtaõ elles de lograr os lucros, que das décimas reſultaõ, que ſaõ terem as ſuas fazendas ſeguras, e as vidas quietas das invaſoens dos inimigos, que os noſſos Soldados rebatem, alentados com as décimas? Naõ pódem deixar de reſponder todos, que ſim. Pois ſe aſſim he, como na verdade he, lembrem-ſe do ditado, e do Direito que diz: *Qui ſentit commodum, debet ſentire, & onus* E vem a ſer o que diz o noſſo proverbio, que quem quizer comer, depenne. Que ſe depenne, quem goſta de viver ſem pennas; e eſtando iſto taõ poſto em boa razaõ,

zaõ, ſegue-ſe logo a conſequencia verdadeira, que devaõ dar ſeu conſentimento na contribuiçaõ das décimas: e vindo elles niſto como ſaõ obrigados pela razaõ ſobredita: *Et ſcienti, & conſentienti non fit injuria*; digaõ me, onde encalha o ſeu eſcrupulo? Encalha nos Diplomas, de que fazem unhas bentas, para ſurripiar do cõmum, o que affectaõ para ſeus cómodos particulares? E naõ ſe vio mayor ſem-razaõ, que quererem conſervar ſuas queixadas ſans á cuſta da barba longa. E ſe ainda perſiſtem na ſua teima, ou intereſſe, que aſſim lhe chamo, e maõ eſcrupulo; reſpondaõ-me a eſte argumento. Se he licito aos Reys Catholicos tomarem a prata das Igrejas, para as conſervarem, e defenderem em extrema neceſſidade: porque naõ lhes ſerà licito recolherem décimas dos Eccleſiaſticos, para os defenderem no meſmo aperto? Licito he, naõ ha duvida; porque eſta conſequencia naõ tem repoſta: e della ſe colhe outra, que reprehende de muita cobiça, e avareza, o que elles querem, que ſeja eſcrupulo, e excõmunhaõ: e vem a ſer rapina verdadeira, a com que ſe levantaõ á mayores fazendo unha da Religiaõ, para agarrarem o capital, e os redditos, ſem entrarem nos riſcos, que ſempre grandes lucros trazem comſigo. E vedes aqui as verdadeiras unhas bentas: bentas na opiniaõ de ſua cobiça, e malditas na de quem melhor o entende: e para que elles entendaõ, que ſabemos tambem o reſpeito, que ſe lhes deve, e que naõ ha diplomas, que encontrem eſta doutrina, direy claramente, o que enſinaõ os Theologos neſta parte

te, e he, que saõ obrigados os Ecclesiasticos a concorrerem igualmente para os gastos publicos das calçadas, fontes, pontes, e muros: porque todos igualmente se servem, e aproveitaõ destas couzas: e ha de ser em tres circunstancias. Primeira quando a contribuiçaõ dos leigos naõ basta. Segunda, com exame, e ordem dos Prelados. Terceira, sem força na execuçáõ. Mas logo se accrescenta, que os Prelados saõ obrigados a executalos: e isso he, o que queremos na contribuiçaõ das décimas: e melhor fora naõ se chegar a isso, pois em gente sagrada se devem achar mayores primores.

Naõ posso deixar aqui de acodir a huma queixa; que anda mal enfarinhada com reçaibos de unha benta, e topa no Fisco Real, quando pelo Santo Officio recolhe as fazendas dos comprehendidos em crime de confiscaçaõ. Poderiaõ alguns zelosos dizer, que se gasta tudo no Tribunal, que o arrecada, e que he tanto, o que se confisca, que excede seus gastos: e que dos sobejos nunca resulta nada para Sua Magestade, que com grande piedade remette tudo nas consciencias de taõ fieis Ministros. Materia he esta muito delicada com ser pezada: e por credito da inteireza, que taõ Santo Tribunal professa, convém que lhe demos satisfaçaõ adequada em Capitulo particular, que será o seguinte.

CA-

CAPITULO XL.

Reſponde-ſe aos que chamaõ Viſco ao Fiſco.

POr fabula tenho, o que ſe conta do Sayvedra, que dizem meteo neſte Reyno, por enganos de breves falſos, o Tribunal, e Fiſco da Santa Inquiſiçaõ; porque naõ ha memoria diſſo nos Archivos do Santo Officio, nem na Torre do Tombo, onde todas as couzas memoraveis ſe lançaõ: nem ha outro teſtemunho, mais que dizello o meſmo Sayvedra, por córar com iſſo outros crimes, que o lançaraõ nas galès. O certo hè, que o Rey Catholico D. Fernando lançou de Caſtella os Judeos na era de 1482. porque tinhaõ juramento os Reys de Eſpanha, por preceito do Concilio Toledano, de naõ conſentirem Hereges em ſeus Reynos. Muitos deſtes, ou quaſi todos, deraõ comſigo em Portugal. Admittio-os ElRey D. Joaõ II. por tempo determinado, que ſehiriaõ deſte Reyno, ſobpena de ficarem ſeus eſcravos, os que ſe naõ foſſem. Muitos ſe foraõ: e os que ſe deixaraõ ficar, correraõ a fortuna de eſcravos, e como taes eraõ vendidos: até que ElRey D. Manoel os tornou a notificar com as meſmas, e mayores penas, que lhe deſpejaſſem todos o Reyno; alguns obedeceraõ, e os mais pediraõ o Santo Bautiſmo, e com iſſo aplacaraõ as penas: e ficaraõ taõ mal inſtruídos, que ElRey D. Joaõ III. vendo, que naõ ſó profeſſavaõ a Ley de Moyſés publicamente, mas que tambem a enſinavaõ até aos Chriſtãos velhos, alcançou do Papa Clemente VII. o Tribu-

nal

nal do Santo Officio no anno de 1531. e o fez confirmar por Paulo III. no anno de 1536. com Breves Apoſtolicos na conformidade, em que atè hoje dura, e durará com o favor Divino por todos os ſeculos; porque a eſte Santo Tribunal ſe deve a inteireza da Fé, e reformaçaõ de coſtumes, com que eſte Reyno florece em tẽpos taõ calamitoſos, q̃ abraçaõ todo o Orbe Chriſtaõ com corrupções, e hereſias.

A mayor pena, que tem os Hereges álem da de morte, he a que lhes executa o Fiſco da confiſcaçaõ, e perda de todos ſeus bens: e he muito juſta; porque as hereſias naſcem, e cévaõ-ſe com a cobiça das riquezas, com as quaes ſe fazem os Hereges mais inſolentes, e pervertem outros, e com lhas tirarem, ficaõ mais enfreados; e ſó o Summo Pontifice pòde applicar os bens confiſcados, a quem lhe parecer mais conveniente; porque he cauſa meramente Eccleſiaſtica. Os bens dos que forem Clerigos, applicaõ-ſe por Direito a Igreja, os dos Religioſos á ſua Religiaõ, os dos leigos a ſeus Principes, onde os taes bens exiſtem, e naõ onde ſe condemnaõ. Em Eſpanha, e Portugal pertencem os bens dos leigos aos Reys por particular conceſſaõ; e os dos Clerigos, mas q̃ tenhaõ beneficios, por coſtume geral em toda a parte, pertencem ao Fiſco ſeculares. De tudo iſto ſe colhẽ tres cõcluſoens certas.

Primeira concluſaõ: que os Principes ſeculares naõ pódem remittir aos Hereges as penas do Direito Canonico, nem do coſtume Eccleſiaſtico; nem ainda das leys, que os meſmos Principes puzeraõ, ſe foraõ approvadas pela Igreja, porque pela approvaçaõ ficaõ Eccleſiaſticas. Segunda: que

naõ

naõ pódem os Inquiſidores remittir os bens confiſcados ſem conſentimento do Principe, porque lhos concedeo o Papa ao ſeu Fiſco; mas o Papa póde, porque he Senhor Supremo. Terceira: que depois de dada ſentença, de tal maneira ficaõ os bens confiſcados ſendo proprios do Principe pela doaçaõ do Papa, que pòde delles diſpór, e dallos a quem quizer, mas que ſeja aos meſmos Hereges, a quem ſe tomaraõ, depois de reconciliados; mas antes de reconduzidos, naõ pòdem pelas tres razoens, que ficaõ tocadas, que com as riquezas ſe cèvaõ, e creſcem as hereſias, e os Hereges ſe fazem inſolentes, e pervertem outros: é tambem, porque he cauſa Eccleſiaſtica, e naõ tem direito aos bens, que lhes naõ eſtaõ ainda ſentenceados. Deſtas tres concluſoens ſe colhe huma conſequencia certa, que a confiſcaçaõ he pena Eccleſiaſtica, e que como tal naõ póde o Principe ſecular impedir a execuçaõ della ſem licença do Summo Pontifice, que lha póde dar como Senhor Supremo da Ley, que tem dominio alto ſobre tudo.

De tudo o dito fórmo agora hum argumento, com que acudo à queixa, que nos obrigou a fazer eſte Capitulo. Os Reys em Portugal ſaõ Senhores dos bens confiſcados, depois de ſentenceados, de tal maneira, que os pódem dar atè aos meſmos Hereges reconciliados: *ergo á fortiori*, poderàõ dar a adminiſtraçaõ, e dominio dos taes bens abſolutamente aos Senhores Inquiſidores, para que os gaſtem, como melhor lhes parecer; e que lhes tenhaõ dado eſte poder, he notorio, e ſe prova do facto, e da permiſſaõ continua ſem repugnan-

pugnancia, nem contradição. E ainda que a maſſa do Fiſco he muito grande, naõ ſaõ menores os gaſtos da ſuſtentaçaõ dos penitentes, das agencias de ſeus pleitos, das fabricas dos edificios, dos ordenados dos Miniſtros, das maquinas dos cadafalſos, e mil outras couzas, que emprezas taõ grandes trazem comſigo, que he facil conhecellas, e difficultoſo julgallas; porque o menos, que aqui ſe pondéra, he o que vemos, e o mais, o que ſe nos occulta com o eterno ſegredo, alma immortal do Santo Officio. Nem ſe póde preſumir que haja deſperdiços, onde ha tanta exacçaõ, e pureza de conſciencias, que apuraõ o mais delicado de noſſa Santa Fé: antes ſe póde ter por milagre o que vemos, e experimentamos, que ſó com a confiſcaçaõ dos Réos ſe ſuſtente maquina taõ grande, taõ illuſtre, e taõ poderoſa! E dado, que paſſe aguns annos a receita àlem da deſpeza, ſuccedem outros, em que a deſpeza excede os bens confiſcados: e providencia economica iguala as balanças de hum anno com os contraprezos do outro: e vimos a concluir, que tudo, o que ſe póde metafyſicar de ſobejos, he pequena remuneraçaõ para taõ grandes merecimentos. Nem ha no mundo intereſſe, com que ſe poſſa gratificar, o que eſte Santo Tribunal obra em ſi, e executa em nós. O que obra em ſi, he huma obſervancia de modeſtia, e inteireza, que aſſombra, e confunde aos mais reformados talentos; porque o meſmo he entrar hum homem Eccleſiaſtico, ou ſecular no ſerviço do Tribunal da Santa Inquiſiçaõ, que veſtir-ſe logo de huma compoſiçaõ de acçoens, palavras, e coſtumes, que fazemos

pouco, os que os vemos, quando não lhes fallamos de joelhos. O que em nós executaõ, bem se deixa ver na reformaçaõ dos uicios, na extinçaõ das hereſias, e no augmento das virtudes. Seria Portugal huma charneca brava de maldades, ſeria huma ſentina de vicios, ſeria huma Babilonia de erros, ſe o Santo Officio naõ vigiara as maldades, naõ caſtigara os vicios, e naõ extinguira os erros. He Portugal hum Promontorio commum de todas as Naçoens: nelle entraõ, e ſayem continuamente todos os hereges do mundo, ſem que os vicios das Naçoens nos damnem, ſem que os erros das hereſias ſe nos peguem. Naõ ha Reyno, nem Provincia na Chriſtandade, que ſe poſſa gabar de intacto neſta parte: ſó Portugal perſevera illeſo. A quem ſe deve taõ glorioſa fortuna? Ao Santo Officio, que tudo atalha vedando livros, açamando Seitas, caſtigando erros, e melhorando tudo. E vendo os Reys Sereniſſimos de Portugal a importancia de taõ grande ſerviço, como a Deos, e á Republica fazem taõ fieis Miniſtros, naõ fizeraõ muito em lhes largarem todo o Fiſco á ſua diſpoſiçaõ.

E ſe ainda ſe não derem por ſatisfeitos os zeloſos na ſua queixa, ouçaõ, o que reſpondeo El-Rey Filippe o Prudente em Madrid a outra ſemelhante, que involvia notas com titulo de exceſſos no uſo do poder: *Dexallos, que mas eſtimo yo tener mis Reynos quietos, y Catholicos cõ treinta Clerigos, que todos eſſos intereſſes, y reſpetos.* Fallou como Prudente que era; porque intereſſe, e reſpeitos temporaes, naõ tem comparaçaõ com lucros ſobrenaturaes. Eſte meſmo Rey paſſando pela Pra-

em

ça de Valhadolid com todo seu acompanhamento, e pompa Real, encontrou dous Inquisidores, e em os vendo, se sahio do coche, e com o chapéo na mão os levou nos braços, dizendo: *Assi es bien, que honre yo, a quien tanto me honra a my, y defiende mis Reynos como vòs*! Sabia conhecer, o que nós não ignoremos: e porisso affoutamente concluo, que cada hum diz da feira, como lhe vay nella. Quero dizer, que só gente suspeita poderá grunhir, onde desapaixonados cantão a gala, e o parabem ao Santo Officio com os vivas, que merece. E nós descantemos por diante os excessos de outras unhas, pois nas do Fisco naõ achamos o visco, que só gente satyrica pela toada de orelha de Midas lhe apoda.

CAPITULO XLII.

Dos que furtaõ com unhas de fome.

NAs gazetas de Picardia se escreve, que houve hum moço taõ inclinado a seu accrescentamento, que assentou praça de pagem com hum Fidalgo, que tinha fama de rico: mas ao segundo dia achou, que assentara praça de galgo; porque nem cama, nem vianda se usava naquella casa; e porisso o senhor della era rico, porque adquiria com unhas de fome o que entheſourava. Succedeo hum dia, que hindo o novo pagem comprar huma moeda de rabaõs para a cea de todos, encontrou huma grande prociſſaõ de Religiosos, e Clerigos, que levavaõ a enterrar hum defunto,

e de traz da tumba se hia carpindo a mulher, e lamentando sua desgraça, e ouvio que dizia entre lagrimas; e suspiros: aonde vos levaõ meu mal logrado? A' casa, onde se não come, nem bebe, nem tereis cama, mais que a terra fria? Em ouvindo isto o rapaz, voltou para casa como hum rayo fogindo, trancou as portas, e disse espavorido a seu amo. Senhor ponhamo-nos em armas, que nos trazem cà hum homem morto! Tu deves de vir doudo, disse o amo, pois cuidas, que a nossa casa he Igreja. Bem sey, disse o moço, que esta casa naõ tem Igreja mais que o adro, que he v. m. ao meyo dia; e porisso entrey em suspeitas, se veriaõ cá enterrar aquelle finado: e confirmey-me de todo, porque a gente, que o traz, vem dizendo, que o levaõ á casa, onde se naõ come, nem bebe, nem ha cama, mais que a terra fria: e como aqui ninguem come, nem bebe, nem tem cama, bem digo eu, que cá o trazem; e que fiz bem de fechar as portas, pois assáz bastaõ os defuntos, que cá jazemos mórtos de fome, que he peor que de maleitas.

Com esta historia se explica bem, que couza saõ unhas de fome, que poupando furtaõ á boca, á saude, e á vida, o que lhes he devido; e assim chamamos unhas de fome a huns, que tudo escondem, e que tudo guardaõ, sem sabermos para quando, e he certo, que para nunca; porque primeiro lhes apodrece, que saya á luz o que reservão: e quando vos daõ alguma couza, he sempre o peor, e o que naõ presta, ou de modo, que melhor fora naõ vos darem nada. Saõ estes como a rapoza de Hisopete, que banqueteou a cego-

cegonha com papas eſtendidas ſobre huma lagem, para que as naõ pudeſſe tomar com o bico. E ſe me perguntardes, onde eſtá aqui o furto, que parece o naõ ha em guardar cada hum o que he ſeu, e em poupar até o alheyo? Reſpondo, que o caro he barato, e o barato he caro. Direis que tóa iſto a deſpropoſito: mas eu naõ vi couza mais certa, ſe a entenderdes, como a entendo; e já me naõ haveis de entender, ſe me naõ declarar com exemplos. Seja o primeiro do que cada dia vemos em provimentos de náos da India, e de galeoens, e navios, que manda ElRey noſſo Senhor ao Braſil, Angola, e outras partes: provém-ſe de chacinas podres, bacalháo corrupto, biſcouto maſcavado, vinho azedo, azeite borra; porque achaõ tudo iſto aſſim mais barato na compra; e ſaye-lhes mais caro no effeito, porque adoecem todos os paſſageiros, morre a ametade, malogra-ſe a viagem, perde-ſe tudo; porque foraõ providos com unhas de fome: e por poupar-em o que ſe furta, fizeraõ com que o barato cuſtaſſe caro a todos.

Segundo exemplo ſeja do que ſuccede nas armadas: manda-as Sua Mageſtade provér para tres mezes com liberalidade Real: encolhem os Provedores as mãos para encher as unhas, e daõ provimento para tres ſemanas: eiſque na ſegunda ſemana já falta a agua, e na terceira já naõ ha paõ. Tornam-ſe a recolher ſem obrarem o a que hiaõ, e por milagre chegaõ cá com vida. Eiſaqui que couza ſaõ unhas de fome, que por matarem a ſua, póem em deſeſperaçaõ a alheya. Os provi-

mentos Reaes, como os de toda a caſa bem governada, devem ſer como os de Deos, que ſempre nos dá remedios ſuperabundantes. Naõ devem hir as couzas taõ guizadas, nem taõ cerceadas, que nada ſobeje: o que ſobeja no prato, he o que ſatisfaz mais, que o que ſe come. Tres açoutes tem Deos, com que caſtiga o mundo, e o primeiro he fome: açoutar quer noſſa Monarquia, quem mete em ſuas forças fome. Nada poupa, quem aguarenta a fartura, porque vos vem a levar o rato, o que naõ quizeſtes dar ao gato. Perdem-ſe immenſos theſouros de gloria, e intereſſe nos commercios do mar, e nas vitorias da campanha por falta do provimento liberal, e conveniente. Deos nos livre da ganancia, que nos occaſiona taõ grandes perdas.

Tambem roubaõ com unhas de fome, os que por forrarem de gaſtos, aguarentaõ os ordenados, privilegios, e favores aos Miniſtros, e Officiaes delRey, ou das Republicas. Nos marinheiros das náos da India temos bom exemplo. Concedelhes o Regimento antigo trinta mil reis de praça, hum lugar na náo capaz de ſua peſſoa, e fato, quatro fardos de canéla livres, e ſem taxa, para que engodados com eſtes intereſſes, e liberdades, abracem o trabalho, que he deſmedido. Vem o Regimento moderno, aguarentalhes tudo a titulo de poupar á fazenda Real: e ſegue-ſe dahi naõ haver, quem queira arriſcar ſua vida por taõ pouco, e hirem forçados, e por iſſo negligentes em tudo. Nem ha, para que buſcar outra cauſa de ſe perderem tantas náos de poucos annos a eſta parte.

As

As náos no mar saõ como os carros, que caminhaõ carregados por terra: se tem quem os guie, e governe com cuidado, e sciencia, escapaõ de atoleiros, e barrancos, onde se fazem em pedaços, se os deixaõ meter nelles. Como naõ haõ de dar as náos á costa, e em baixos, se os que as guiaõ, e governaõ, vão descontentes, e ignorantes? Vaõ descontentes, porque vaõ forçados, e vaõ forçados, porque não vam bem remunerados: e daqui vem serem ignorantes; porque ninguem estuda, nem toma bem a arte, de que nam espera mayor proveito: e assim nos vem a custar o barato muito caro; porque houve unhas de fome, que fabricaraõ ruinas, onde armaraõ interesses.

Aqui me vem a curiosidade de perguntar qual he a razam, porque nenhuma náo, nem galeam nosso, ou vá de viagem, ou de armada, nunca leva boticas, nem medicamentos communs, para as febres da Linha, nem para as feridas de huma batalha, nem para o mal de Loanda, nem para nada? Huma de duas; ou he ignorancia, ou escaceza: ignorancia não creyo que seja; porque nam ha, quem não saiba, que se adoece no mar mais, e mais gravemente que em terra: he logo escaceza; por não gastarem dous, ou tres mil cruzados nos aprestos para a saude, e vida dos passageiros, e soldados, sem os quaes se perde tudo: perde-se a gente, que he o mais precioso, morrendo como mosquitos, e alojando-os ao mar aos feixes; e perde-se tudo, porque tudo fica sem quem o defenda das innundaçoens do mar, e vio-

lencias dos inimigos. Muita ventagem aos fazem neſta parte os eſtrangeiros, em cujos navios vemos boticas, e apreſtos muitas vezes, para curar doentes, e feridos, que valem muitos mil cruzados: e nós eſcaſſamente levamos hum barbeiro, nem hum ovo para huma eſtopada.

****

CAPITULO XLII.

Dos que furtaõ com unhas fartas.

A Rapoza, quando ſaltéa hum galinheiro faminta, céva-ſe bem nos primeiros dous pares de galinhas que mata; e como ſe vé farta, degola as demais, e vay-lhe lambendo o ſangue por acipipe. Iſto meſmo ſuccede aos que furtam com unhas fartas, que naõ páraõ nos roubos, por ſe verem cheyos, antes entaõ fazem mayor carniçaria no ſangue alheyo: ſaõ como as ſanguixugas, que chupaõ até que arrebentaõ. Andam ſempre doentes de hidropeſia as unhas deſtes: entaõ tem mayor ſede de rapinas, quando mais fartos dellas. E ainda mal, que vemos tantos fartos, e repimpados á cuſta alheya; que naõ contentes, da meſma fortuna fazem razaõ do eſtado, para ſuſtentarem fauſtos ſuperfluos, engolfando-ſe mais para iſſo nas pilhagens, para luzirem deſperdiçando; porque ſó no que deſperdiçaõ achaõ goſto, e honra: chamara-lhe eu deſcredito, e amargura de conſciencia, ſe elles a tiverão.

Olhem

Olhem para mim todos os Miniſtros del-Rey, que hontem andavam a pé, e hoje a cavallo: eſtejam-me attentos a duas perguntas, que lhes faço, e reſpondam-me a ellas, ſe ſouberem; e ſe nam ſouberem, eu reſponderey por elles. Se os officios de voſſas mercés dão de ſi até poderem andar em hum macho, ou em huma faca, quando muito, e ſuas mulheres em huma cadeira: como andam voſſas mercés em liteira, e ellas em coche? Se a ſua meſa ſe ſervia muito bem com pratos, ſaleiro, e jarro de louça pintada de Liſboa, como ſe ſerve agora com baixelas de prata; ſalvas de baſtioens, confeiteiras de relevo. Nam me diram, de donde lhe vierão tantas colgaduras de damaſco, e téla, tantos bofetes guarnecidos, eſcritorios marchetados, com pontas de abbada em cima? Derão de fartos em fome canina? Jà que lhes nam dá do que dirá a gente, nam me diram, onde acharão eſtes theſouros, ſem hirem á India; ou que arte tiveram, para medrarem tanto em tam pouco tempo, para que os deſculpemos ao menos com a viſinhança? Já o ſey, ſem que me digam: houveram-ſe como a rapoza no galinheiro, em que entraram: cevaraõ-ſe não ſó no neceſſario, ſenaõ tambem no ſuperfluo. Naõ ſe contentaõ com ſe verem fartos, e cheyos, como eſponjas, querem engordar com acipipes: e poriſſo lançaõ o pé àlem da maõ, e eſtendem a maõ até o Ceo, e as unhas atè o Inferno, e metem tudo a ſaco, quando o enſacaõ: e ſaõ como o fogo, que a nada diz, baſta. E ſe querem ſaber a cauſa de ſuas demazias, lèaõ com attençaõ o Capitulo, que ſe ſegue.

CAPI-

CAPITULO XLIII.

Dos que furtaõ com unhas mimosas.

ASsim como ha unhas fartas, tambem as ha mimosas, que sam suas filhas, e porisso peores, por mal disciplinadas, porque para regalarem a seus donos furtão mais do necessario. Furtar o necessario, quando a necessidade he extrema, dizem os Theologos, que não he peccado; porque então tudo he commum, e não ha meu, nem teu, quando se trata da conservaçam das vidas, que perecem por falta do que ham mister, para se sustentarem: mas furtar o superfluo para animar o corpo, e regalar a alma, he caso digno de reprehençam: ainda mal, que succede muitas vezes. Como agora: Ponhamos exemplos; porque exemplos declarão muito. He certo, que a qualquer Ministro delRey basta o ordenado, que tem com as gages licitas do officio para passar honestamente confórme a seu estado. Pois se lhe basta hum vestido de baeta, para que o faz de veludo? Se lhe sobeja hum gibam de tafetá, para que o faz de téla, quando ElRey o traz de olandilha? Para que rasga Ollanda, onde basta linho? Para que come galinhas, e perdizes, e tem viveiro de rolas, se póde passar com vaca, e carneiro? Para que dispende em doces, e conservas, o que bastava para cazar muitas orfans? Bastando paças, e queijo para assentar o estomago,

go, sem lhe causar as azías que padece pelos muitos guizados, que nam póde digerir. Para que sam tantas mostras do Reyno, e de Canarias, bastando huma de Caparica, ou de mais perto? Por verdade affirmo, que vi em casa de hum nesta Corte mais de quinze frasqueiras, e nam era Flamengo; e outro que mandava borrifar o ar com agua de flor para aliviar a cabeça, que melhor se aliviaría, nam lhe dando tanta carga de licores.

Muitos mimos sam estes, e que não pódem estar sem empolgar as unhas na fazenda, que lhes corre pela mão, e por isso lhes chamo unhas mimosas. *Quien cabras nò tiene, y cabritos viende, donde le vienen?* Meu irmão Ministro, ou official, ou quem quer que sois, se vossa casa hontem era de agrimidor, como a vemos hoje á guiza de Principe? E até vossa mulher brilha diamantes, rubís, e perolas sobre estrados broslados? Que cadeiras sam estas, que vos vemos de brocado, contadores da China, catres de tartaruga, laminas de Roma, quadros de Turpino, brincos de Veneza, &c. Eu nam sou bruxo, nem adevinho; mas atrevome sem lançar peneira affirmar, que vossas unhas vos grangearam todos esses regalos para vosso corpo, sem vos lembrarem as tiçoadas, com que se ham de recambiar no outro mundo: porque he certo, que vós os não lavrastes, nem os roçastes, nem vos nascerão em casa como pepinos na horta; e mais que certo, que ninguem volo deu por vossos olhos bellos, porque os tendes muito mal encarados. Logo bem se segue, que os furtastes: e vós sabeis o como, e eu

e eu tambem: e para que outros o ſaibaõ, volo direy; porque eſtou certo o naõ haveis de confeſſar, mas que vos dém tratos.

Entregaraõ-vos o livro das deſpezas, e receitas Reaes, enxiriſtes-lhe huma folha portatil no principio, outra no meyo, outra no cabo: acabou-ſe a lenda; levantaſtes as folhas com quanto nellas ſe continha, que eraõ partidas de muitos contos; e ficaſtes livre das contas, e encarregado nos furtos, que ſó no dia do Juizo reſtituireis; porque ainda que vos vendais em vida, naõ ha em vós ſubſtancia, porque a eſperdiçaſtes; nem vontade, porque a naõ tendes, para vos deſcarregar de taõ grande pezo. Por eſta, e outras artes de naõ menor porte, que deixo, fazem ſeu negocio as unhas mimoſas; e tudo lhes he neceſſario, para manterem jogo a ſeus appetites: e naõ houvera melhor Flandres, ſe o bicho da conſciencia as naõ roéra. Hum licenceado deſtes picado do eſcrupulo correo, quantos Moſteiros ha em Lisboa antigamente buſcando hum Confeſſor, que o abſolveſſe: e a razaõ q̃ dava para ſer abſoluto era, que naõ tinha mais que duzentos mil reis de ordenado, e gages, e que havia miſter mais de quinhentos mil para governar ſua caſa; e que naõ havia de ſer contente ElRey, que a ſua familia pereceſſe. Reſpondiaõ-lhe todos (porque todos eſtudavaõ pelos meſmos livros) he verdade que naõ quer Sua Mageſtade que ſeus criados moraõ de fome; mas tambem he verdade, que naõ quer, que o roubem: e ſe eſſe officio naõ vos abrange, moderay os gaſtos, ou largay-o, que naõ

faltará,

faltará, quem o ſirva com o que elle dá de ſi ſem eſſes furtos: ſois obrigado a reſtituir, quanto tendes furtado: aqui perdia a paciencia o ſupplicante, allegando, que era muito o que eſtava comido, e bebido, e que naõ havia poſſes para tanto: mal mudarey de eſtylo, dizia elle, até agora tomava a ElRey diminuindo nos pezos, e nos preços, e nas cifras; daqui por diante accreſcentarey tudo, e ſahirá das partes cabedal, com que ſatisfaça, já que naõ ha outro remedio: e como as partes ſaõ muitas, e de mim deſconhecidas, tomarey a bulla da Compoſiçaõ daqui a cem annos, e ficará tudo concertado. Mas naõ faltou quem o advertiſſe, que não vale a tal bulla, a quem furta com os olhos nella; e que melhor remediaria tudo aguarentando os mimos, e regalos, em que diſſipava tudo.

**********;**********

CAPITULO XLIV.

Dos que furtaõ com unhas deſneceſſarias.

EXcuſadas ſaõ no mundo quantas unhas ha, que o arranhaõ com ladroices, e poriſſo bem deſneceſſarias todas. Mas eſte Capitulo não as comprehende todas; porque ſó trata das ſuperfluidades, que deſtroem as Republicas, peor que ladrões as bolças, a que dão caça. E bem puderamos aqui fazer logo invectiva contra os trajes, invençoens, e coſtumes de veſtidos, que ſe vão introduzindo cada

cada dia de novo, eſponjas do noſſo dinheiro, que o chupaõ, e levaõ para as Naçoens eſtranhas, que como a bugios nos enganaõ com as ſuas invençoens: cada dia nos vem com novas cores, e receduras de lãa, e ſeda, que na ſua terra cuſtaõ pouco mais de nada, e cà no las vendem a pezo de ouro: e como o que vem de longe, ſempre nos parece melhor, e o que nos naſce em caſa, naõ agrada; deſprezamos os noſſos pannos, e ſedas, que ſempre ſe fizerão no Reyno com melhoria. Inſania marcada, e politica errada foy ſempre, antepor o alheyo ao proprio com diſpendio da commodidade. Haverá quarenta annos, que Caſtella lançou huma Pragmatica com graves penas, que ninguem veſtiſſe ſeda, ſe naõ foſſe fidalgo de baſtante renda: e attentava niſto, ao que hoje ſe não atenta, que naõ gaſtaſſem ſuperfluamente os vaſſallos furtando á boca, e aos filhos, e á Republica, o que punhaõ em luzimentos deſneceſſarios. Queixão-ſe hoje, que não tem para pagar as decimas, com que ElRey lhes defende as vidas; e nós vemos, que lhes ſobeja para gaſtarem, no que lhes não he neceſſario para a vida. Apodão eſte tempo com o antigo: chamão ao paſſado idade de ouro, e ao preſente ſeculo de ferro: e nós ſabemos, que quem então tinha hum anel de ouro com hum par de colheres, e garfos de prata, achava que poſſuia muito. Então mandava ElRey D. Diniz, o que fez quanto quiz, as arrecadas da Rainha á Cidade de Miranda quando ſe murava, dizendo: não párem as obras por falta de dinheiro, empenhem

ſe

ſe eſſas arrecadas, que cuſtarão cinco mil reis; ou vendão-ſe, e vão os muros por diante, que logo hirá mais ſoccorro. Eſtes erão os theſouros antigos! E hoje naõ ha mecanico, que não tenha cadeas de ouro, tranſelins de pedraria, e baixellas de prata. Não tornou o tempo para traz; mas a cobiça he, a que vay adiante pondo em couzas ſuperfluas, e particulares, o que houvera de empregar no augmento do bem commum, e defenſa da patria.

Eſta he a opiniaõ de muitos politicos Eſtadiſtas, que não ſabem adquirir augmentos para o commum ſem minguas dos particulares. A minha opinião he, que todos luzão, porque a opulencia dos trajes ennobrece as Naçoens, e cauſa veneração nos Eſtrangeiros, e terror nos adverſarios: pelos trajes ſe regula a nobreza de cada hum, e naturalmente deſprezamos o mal veſtido, e guardamos reſpeito ao bem ataviado: e quaſi que iſto he fé: pelos menos aſſim o diz Santiago na ſua Canonica, ainda que reprehende aos que deſprezão os pobres; porque ás vezes: *Sub ſordido palio latet ſapientia.* O luzimento com moderação he digno de louvor; o ſuperfluo com prodigalidade he o que táxamos. Dou-lhe, que não valha nada eſta invectiva: façamos outra, que por ventura valerá menos na opinião dos poderoſos, que ella ha de ferir de meyo, a meyo. He certo que ſe gaſta neſte Reyno todos os annos das rendas Reaes quaſi hum milhão, ou o que ſe acha na verdade, em ſalarios de officiaes, e Miniſtros, que aſſiſtem ao go-

verno

verno da juſtiça, e meneo das couzas pertencentes á Coroa: e he mais que certo, que com a ametade dos taes Miniſtros, e póde bem ſer que com a terça parte delles, ſe daria melhor expediente a tudo; porque nem ſempre muitos alentaõ mais a empreza, e ſe ella ſe póde effeituar com poucos, a multidaõ ſó ſerve de enleyo. Se baſta hum Provedor em cada Provincia, para que ſaõ cinco, ou ſeis? Se baſta hum Corregedor para vinte legoas de deſtrito, para que ſaõ tantos, quantos vemos? Tantos eſcrivaens, meirinhos, e alcaides, em cada Cidade, em cada Villa, e Aldea, de que ſervem; ſe baſta hum para eſcrevinhar, e meirinhar eſte mundo, e mais o outro? Eſte alvitre ſe deu ao Rey de Caſtella naõ ha muitos annos, e naõ pegou; póde bem ſer, que por ſer bom para nós. Se eſmarmos bem as rendas Reaes das Provincias, e as deſcutirmos, acharemos que lá ficaõ todas pelas unhas deſtes galfarros deſpendidas em ſalarios, e pitanças. Entrem o nas ſete Caſas deſta Corte, mas que ſeja na Alfandega, e caſa da India, acharemos tantos officiaes, e miniſtros, que naõ ha quem ſe poſſa revolver com elles: e todos tem ordenados: e todos ſaõ tão neceſſarios, que menos póde ſer fizeſſem melhor tudo. A hum Miſter de Lisboa ouvi dizer, que baſtavaõ na Camera tres Vereadores, e que tinha ſete; e que fora melhor poupar quatro mil cruzados para as guerras, e accreſcentava: para que ſaõ na meſa do Paço oito, ou dez Dezembargadores, ſe baſtaõ quatro, ou cinco? Na caſa de Supplicaçaõ, para que ſão vinte, ou trinta, baſtando meya duzia?

zia? E em todos esses Tribunaes, para que saõ tantos Conselheiros, que se estrovaõ huns aos outros. Engordaõ particulares com salarios, e emmagrecem as rendas Reaes no commum, e não ha porisso melhores expedientes: muita couza fantastica se sustenta mais por uso, que por urgencia. Estive para dizer a este Licurgo, o que disse Apelles ao çapateiro, que lhe emendava o vestido, e roupagem de hum retrato: *Ne sutor ultra crepidam.* Quem te mete Joaõ topete com bicos de canivete? Que muitas vezes nos metemos a emendar, o que não entendemos. E em Tribunaes mayores, que constão de ancianidade, tem muitas licenças, e privilegios a velhice, que ha mister ajudada, e alentada, e porisso se permittem mais Ministros, e mayores ajudas de custo. Deos nos livre de Ministros, que antes de lhe chegar o tempo de os aposentarem, vencem salarios sem os merecerem, e sem trabalharem.

As guerras de Flandres estiverão muitos annos de quedo, sustentando exercitos grosissimos com immensos gastos, e soldados de Cabos, que os comiaõ com huma mão sobre outra, pondo em pés de verdade, que tudo era necessario, porque dalli viviaõ. Das galés, que o estreito de Gibraltar nunca vio, e das de Portugal, que não existem, se estaõ vencendo praças, que pagaõ as rendas Ecclesiasticas; e ninguem repara nisto; porque se reparaõ com esses lucros, os que houveraõ de zelar estas perdas. Chegaraõ os motins de Flandres hum dia a estado, que se haviaõ de concluir com huma batalha, em que meterão os

levantados o reſto. Entraraõ em conſelhos os Caſtelhanos, e ſahio por voto de todos, que pelejaſſem, porque eſtavaõ de melhor, e mayor partido. Advertio-os o Preſidente, que ficavaõ todos ſem rendas, e ſem remedio de vida, ſe as guerras ſe acabavaõ: e retrataraõ-ſe todos, mandando dizer aos adverſarios, que guardaſſem a briga para tempo de menos frio. E praza a Deos não ſucceda iſto meſmo cada dia entre nós nas occaſioens, que ſe offerecem opportunas, para concluirmos com guerras: porque huma boa lança o caõ do moinho: e quando vem a occaſiaõ, deixaõ-lhe jurar a calva, para que lhes fique nas unhas a gadelha, que os ſuſtenta.

CAPITULO XLV.

Dos que furtaõ com unhas domeſticas.

JOaõ Euſebio Eſcritor inſigne, e Autor eruditiſſimo da Companhia de Jeſus, refere na ſua Philoſophia natural, que ha no mundo Novo humas plantas, que poderàõ ſer como cá melões, cujos frutos ſaõ viventes, e imitaõ a eſpecie de borregos, ou cabritos: eſtes em quanto verdes eſtaõ amortecidos, e vão creſcendo com o ſuco da planta: como amadurecem, levantaõ-ſe vivos, e comem a herva circumviſinha, até que ſe deſpedem da vide, em que naſceraõ: e ſe os naõ vigiaõ, nada lhes pára em toda a horta, tudo abocanhaõ

canhaõ, e tudo he pouco para a fome, com que sayem da prizaõ materna, e vem a ser o que diz o Proverbio: *Criay o corvo, e tirarvos-ha o olho.* Tais saõ as unhas domesticas, que não contentes com o que lhes dais, e basta, querem dominar tudo, quanto encontraõ na casa, em que as admittistes, e tudo he pouco para sua cobiça, e voracidade. Criados, e escravos a seus senhores; filhos a seus pays, e mulheres a seus maridos, e tambem aos que o não saõ, não ha duvida que furtaõ muito, e por mil maneiras; e que saõ estas verdadeiramente unhas domesticas; porque de portas a dentro vivem, e fazem suas pilhagens muito a seu salvo; os criados sobindo o preço no que seus amos lhes mandão comprar; os filhos desfrutando as propriedades, e os celeiros nas ausencias de seus pays; e as mulheres escorchando os escritorios com chaves falsas. Dera eu de conselho aos amos, pays, e maridos, que sejaõ mais liberaes, para que de sua escazeza não resultem perdas mayores, que as com que a liberalidade costuma reparar tudo. Mas não saõ estas as unhas domesticas, que a mim me cançaõ; porque o que estas pescaõ, pela mayor parte na mesma casa fica, e em couzas usuais se gasta. As que me tocão no vivo, declararey com huma reposta, que dey a hum velho astuto, que me fez esta pergunta.

Folgara saber, dizia o bom velho mais sagaz que zeloso, que couza he hum Rey dando audiencia publica? Devia de querer, que lhe respondesse, que era hum pay da Patria, que se expunha

a todos para os amparar ; e remediar como a filhos: e fazerme deſta repoſta alguma invectiva para ſeu intereſſe: mas eu furteylhe a agua ao intento, e reſpondilhe. Hum Rey dando audiencia a ſeus vaſſallos debaixo do ſeu docel he o Martyr S. Vicente noſſo Padroeiro poſto no Eculeo, cercado de algozes, que o eſtão desfazendo com péntens de ferro, e unha de aço ; porque todas, quantas petiçoens lhe appreſentaõ, ſaõ garavatos, e ganchos, que armão a lhe derriçar a ſubſtancia da Coroa: e he couza certa, que nenhum lhe vay levar couza de ſeu proveito, e que todos lhe vaõ pedir o que haõ miſter, allegando ſerviços como criados, e merecimentos como filhos; e que ElRey he Pelicano, que com o ſangue do peito os ha de manter a todos: ſem attentarem, que padece o Rey, e o Reino mayores neceſſidades que elles, e que ſe deve acodir primeiro ao commum, que ao particular. E atrevome a chamar a eſtas pertençoena furtos domeſticos neſte tempo, em que deveramos vender as capas para comprar eſpadas, como diſſe Chriſto a ſeus diſcipulos, e não deſpir ao Reyno até a camiza. O noſſo Reyno he pequeno, e aſſim tem poucas datas: e he muito fertil de ſugeitos, e talentos ; e poriſſo não ha nelle para todos : mas tem as Conquiſtas do mundo todo, aonde os manda ſer ſenhores do melhor dellas, para qne venhão ricos de merecimentos, e gloria, com que comprem as honras, e melhores poſtos da patria: e pertendellos por outra via ſerà furto domeſtico notorio, e digno de caſtigo.

Senho-

Senhores pertendentes, levem daqui este desengano, que o Rey, que Deos nos deu, he de cera, e he de ferro: he de cera para nós, e he de ferro para si, e para nossos inimigos: he de cera para nós pela brandura, e clemencia, com que nos trata; nenhum vassallo achou nunca na sua boca má reposta, nem nos seus olhos mão semblante: exercita naturalmente o conselho, que Trajano guardou por arte, com que se conservou, e fez o melhor Emperador; que nunca nenhum vassallo se apartou delle desconsolado, nem descontente. He de ferro para si; bem vemos como se trata. E tambem o he para nossos inimigos com valor mais invencivel, que o aço; e para sustentar o impeto adversario necessita, que o ajudemos com nossas forças: e será muito estolido, quem neste tempo tratar de lhe diminuir as suas. O dinheiro he o nervo da guerra, e onde este falta, arrisca-se a vitoria, e o prol do bem commum, de que he bem se trate primeiro que do particular; que totalmente se perde, quando se não assegura o commum: e para que a nós, e a nada se não falte, he bem que nós não faltemos da nossa parte, contentandonos com o que o tempo dá de si, e com a esperança certa da prosperidade, que he infallivel depois da fortuna aspera, beatificando com excessos, o que malogra na adversidade.

E para todos os Reys me seja licito por aqui tambem huma advertencia, que não sejão tanto de cera, que se deixem imprimir; não tanto de ferro, que não se possam dobrar: não se deixem

imprimir de conſelhos peregrinos: naõ ſe deixem dobrar a exacções rigoroſas; porque eſtas recompenſão-ſe com furtos domeſticos, lima ſurda dos bens da Coroa; e aquelles tem por alvo lucros particulares com detrimentos cõmuns. O dictame, e acordo de hum Rey vale mais que mil alheyos, não reprovo conſelhos: anteponho o do Rey a todos, porque he menos arriſcado a erros: eſta reſolução para mim he evidente; não ſó pela experiencia, mas tambem pela certeza, que nos aſſegura o commum dos Santos, e Theologos, que os Reys tem dous Anjos de guarda, hum que os guarda, outro que os enſina; e poriſſo ſaõ mais illuſtrados, que todos ſeus Conſelheiros. Donde quando as opinioens ſe baralhão, o mais ſeguro he ſeguir o diſcurſo do Rey, ſe não for intimado por outrem, que Rey não ſeja. E aſſim pediràõ os Reys, o que lhes he neceſſario, e não tomaràõ, o que lhes he ſuperfluo: daràõ a ſeus vaſſallos o que merecem, e não o que lhes não he devido: e em nenhum haverá occaſião de ſe recompenſar com furtos domeſticos.

****

CAPITULO XLVI.

Dos que furtaõ com unhas mentiroſas.

PEſſoas ha que tem unhas marcadas com pintas brancas, a que chamão mentiras; mas não ſaõ eſtas as unhas mentiroſas, que mais tem

tem de pretas, que de candidas; e furtão de mil e quinhentas maneiras, sempre mentindo. Testemunhas sejão, os que com certidoens falsas pedem mercés a Sua Magestade allegando serviços, que nunca fizeraõ, e dando testemunha, que tal não virão: e porque ha nisto muitos enganos, não me espanto da exacção, com que semelhantes papeis se examinão, ainda que seja com molestia das partes. Outros ha, que levão as mercés com serviços equivocos, que tem dous rostos, como Jano, com hum olho para Portugal, com outro para Castella. Jogão com páo de dous bicos: contemporizão com ElRey D. João, e fazem obras, que lhe pódem servir de desculpa com ElRey D. Filippe: cá tem hum pé, e lá outro; cá o corpo, e lá o coração. E por vida delRey meu Senhor, que se fora possivel ao Doutor Pedro Fernandes Monteiro dar de repente, em quantos escritorios, e algibeiras ha nestes Reynos, que houvera de achar em mais de quatro cartazes Cestelhanos, que promettem titulos, e Comendas, a quem der ordem, com que se baralhem as couzas; isto he, que sayão as náos tarde, que nam haja galés, que se malogrem armadas, e frotas, que se desfaça a bolça, que nam se façam cavallos, nem infantes, que nam se paguem estes, nem dem cevada a aquelles, que nam se criem potros, que nam se peleje nas occasioens de urgencia, que nam se fortifiquem as praças, que se altérem as décimas, que se gaste o dinheiro em couzas superfluas, e fantasticas; e em concluſam, que nam se paguem serviços. E quando

praticão, ou votão eſtas couzas, o fazem com taes tintas, e deſtreza, que fazem crer féſta por balhéſta aos mais acordados. E tudo lhe perdoara, porque no cabo não me enganam, ſe no fim nam quizerem, que lhes paguemos com beneficios claros os maleficios eſcuros, que com ſeus embuſtes nos cauſam.

Outros ha, que com ſerem muito leaes, furtam a trecho com unhas mentiroſas, porque à força fazem parecer ſerviço trabalhoſo, e digno de grande mercé, o que pudéramos reprehender de grande calaçaria: ſem ſahirem da Corte, nem de ſuas caſas, e Quintas, empolgam nos premios de campanha; levam ás barretadas, o que ſe deſignou para as lançadas: e nam ſe correm de tomarem com mãos levadas, o que ſó parece bem em mãos que ſe enſoparaõ no ſangue inimigo: cheyos como colmeas ao perto, ſe eſtaõ rindo dos que por ſervirem longe eſtaõ vazios. Falta a eſtes ſenhores a generoſidade, que ſobejou ao Sereniſſimo Duque D. Theodoſio, digniſſimo Progenitor de noſſo invictiſſimo Rey D. Joaõ o IV. de glorioſa memoria, o qual convidado por ElRey Filippe III. de Caſtella, quando veyo a Portugal na era de 620. que lhe pediſſe mercés, reſpondeo palavras dignas de cedro, e de laminas de ouro: Voſſos, e noſſos avós encheraõ noſſa caſa de tantas mercés, que naõ me deixaraõ lugar para aceitar outras. Em Portugal ha muitos fidalgos pobres de mercés, e ricos ſó de merecimentos, em quem V. Mageſtade póde empregar ſua Real magnificencia. Eſte grande Heróe apurando aſſim verdades noto-

notorias enſinou harpias domeſticas, que acabem já de ſer ſanguixugas de ouro, eſponjas de honra, cameleoens fingidos, e Pioteos falſos.

Outros ha, que ſeguindo outra marcha, empolgaõ effectivamente com mentiras em grandes montes de dinheiro, que uſurpão a ſeu Rey, e á ſua patria: por taes tenho, os que vencem praças mortas ſem aleijoens, nem merecimentos: os que fingem praças fantaſticas, que tem na liſta, e nunca exiſtiraõ no terço: os que embolçaõ os ſalarios de ſoldados, e officiaes defuntos, e auſentes: na Ilha da Madeira vi dous meninos, que nos braços venciaõ praças de Capitaens: os que dizem, que trazem nas fabricas dos galeoens, e das fortificaçoens duzentos obreiros, trazendo ſó cento e cincoenta. Os que vaõ para a India, a quem ElRey paga tres, ou quatro criados, para que oſtentem authoridade em ſeu ſerviço, e vaõ ſem elles ſervindo-ſe dos marinheiros, e ſoldados; e aſſim comem os ordenados dos criados, que não levaõ: os que introduzem officios com ordenados ſem ordem delRey; e fintaõ os ſubditos com qualquer achaque para couzas, que naõ ſe obraõ. Todos eſtes, e muitos outros, que naõ relato, ſaõ milhafres de unhas mentiroſas. Mas os mayores de todos a meu ver, ſaõ os que tratão em eſcravos.

Eſte ponto de eſcravaria he o mais arriſcado, que ha em todas noſſas Conquiſtas: e para que todos o entendam, havemos de preſuppor, que o natural dos homens he, que todos ſejaõ livres, e ſó pódem ſer eſcravos por dous principios. Primeiro de delicto. Segundo de naſcimento. Por

delicto

delicto saõ verdadeiros escravos nossos os Mouros, que cativamos; porque elles contra justiça fazem seus escravos os Christãos, que tomaõ. E os negros tem entre si leys justas, com que se governaõ, por virtude das quaes cómutaõ em cativeiro o castigo dos crimes, que merecião morte; e tambem os que tomão em suas guerras, aos quaes pódem tirar a vida. Por nascimento só pódem ser cativos descendentes de escravos, mas não de escravos, pela regra: *Partus sequitur ventrem.* Posta esta doutrina, que he verdadeira, vaõ Portuguezes a Guiné, Angóla, Cafraria, e Moçambique, enchem navios de negros, sem examinarem nada disto. E para estas emprezas tem homens ladinos, que chamaõ *pombeiros*, e os negros lhe chamão *tangomaos*; estes levaõ trapos, ferramentas, e bugiarias, que dão por elles, e os trazem nus, e amarrados, sem mais prova de seu cativeiro, que a de lhos vender, e entregar outro negro, que os caçou, por ser mais valente: e succede muitas vezes fugir hum negro da corrente aos Portuguezes, hir-se aos mattos, e apanhar ao mesmo, que o vendeo, e levallo a outros mercadores, que lho compraõ a titulo de escravo seu por nascimento. Outros os tem em carceres, como em açougues, para os hirem comendo: e estes, para se livrarem da morte injusta, rogão aos Portuguezes, quando lá chegaõ, que os comprem, e que querem ser seus escravos, antes que serem comidos. E ainda que esta compra parece menos escrupulosa, por ser voluntaria no padecente, que he senhor de sua liberdade, com tudo tem sua raiz na violencia,

que

que faz o voluntario extorto. Portuguezes houve, que para caçarem eſcravos com melhor conſciencia, ſe veſtiraõ em habitos de Padres da Companhia, dos quaes naõ fogem os negros pela experiencia, que tem de ſua muita caridade, e enganando-os aſſim com capa de doutrina, e pretexto de Religiaõ os trazem, e metem na rede do cativeiro. E em concluſaõ todo o trato, compra de negros he materia eſcrupuloſa por mil enganos, de que uſaõ, aſſim os que lá os vendem, como os que os compraõ.

Que direy dos Chins, e Japoens! Ha ley entre nós, que não os cativemos; e com tudo vemos em Portugal muitos Chins, e Japoens eſcravos. Tambem para os Braſis ha a meſma ley, e ſabemos, que não ſe repara em os cativar. E naõ ſey que diga a eſtes cativeiros tolerados ſem exame? Direy, o que ouvi prégar muitas vezes a Varoens doutos, e de grande virtude, e experiencia, que a razão, porque Portugal eſteve cativo ſeſſenta annos em poder de Caſtella injuſtamente, padecendo extorçoens, e tyranias, peores, que as que ſe uſaõ com eſcravos, foy, porque injuſtamente Portuguezes cativão Naçoens innocentes. Juſto juizo de Deos, que ſejão ſaqueados com unhas mentiroſas, os que com as meſmas roubão tanto.

CA-

CAPITULO XLVII.

Dos que furtaõ com unhas verdadeiras

SE ellas saõ unhas, verdadeiras unhas devem ser; e assim não haverá unha, que não seja unha verdadeira, e todas pertenceráõ a este Capitulo. Nego-vos essa consequencia: porque huma couza he ser verdadeira unha, e outra couza he ser unha verdadeira. Verdadeira unha he qualquer unha; mas unha verdadeira he sua, que trata verdade, e destas só trata este Capitulo; e parece muito, que haja unhas, que fallando verdade furtem; porque onde ha furto, ha engano, que a verdade naõ permite: mas essa he a fineza desta arte, que até fallando verdade vos engana, e estáfa. Vem hum pertendente á Corte com dous, ou tres negocios de summa importancia; porque quer lhe dém huma Commenda por serviços de seus avós; e pelos de seu pay quer lhe dém huma tença grossa para sua máy: que está viuva; e quer por contrapezo sobre tudo isto, que lhe dé Sua Magestade para duas irmans dous lugares em hum Mosteiro. Toma este tal o pulso ás vias, por onde ha requerer; informa-se das valias dos Ministros, correr-os todos com memoriaes. Hum lhe diz, que traz sua merce requerimentos para tres annos: e fala verdade; mas que forrará tempo, se souber contentar os Ministros: e falla verdade. Outro lhe diz, que se naõ vem armado de paciencia, e provido de dinhei-

nheiro para gaſtar, que ſe póde tornar por onde veyo; porque nada ha de effeituar: e falla verdade; mas que elle ſabe hum cano occulto, por onde ſe alcanção as couzas: e falla verdade: e ſe v.m. me peitar, logo lhe abrirey caminho, por onde navegue vento em popa: e falla verdade. Outro lhe diz: Senhor, iſto de memoriaes he tempo perdido, porque ninguem os ve: e falla verdade: trate v. m. de couzas, que leve o gato, e melhor que tudo de gatos, que levem moeda, e fará negocio; porque os ſinos de Santo Antão por dar dão, e aſſim o diz o Evangelho: *Date, & dabitur vobis*: e falla verdade. A mulher de fulano póde muito com ſeu marido, e eſte com tal Miniſtro, e eſte com tal Prelado, e eſte com fulano, e fulano com ſicrano, que tem grandes entradas, e ſahidas: e aſſim tece huma cadea, que nem com vintem de ouro poderá contentar a tantos o pobre requerente. E paſſa aſſim na verdade, que bate todas eſſas moutas, de caſa em caſa, ſem lhe baſtar, quanto dinheiro ſe bate na caſa da Moeda. Contarey hum caſo, que me veyo ás mãos ha poucos dias, e apoya tudo iſto bellamente. Veyo hum pertendente da Beira requerer hum officio, ſe não era beneficio; trouxe duzentos mil reis, que julgou lhe baſtavão para ſeus gaſtos: diſpendeo-os em peitas: errou as poldras a todos como biſonho, e achou-ſe em branco, e ſem branca na bolça; mas rico de noticias para armar melhor os páos em outra occaſiaõ. Para achar eſta com bom ſucceſſo, tornou à patria, fallou com duas irmãas, que tinha, deſta maneira: Irmãas, e ſenhoras minhas,

nhas, haveis de ſaber, que venho da Corte tão cortado, que lá me fica tudo, e ſó eſperanças trago de alcançar alguma couza: ſe vós quizerdes, que vendamos o meu patrimonio, e as voſſas legitimas, e que façamos de tudo até mil cruzados, tenho por certo haõ de obrar mais que os duzentos mil reis, que ſe me forão por entre os dedos. Aqui naõ ha ſenão fechar os olhos, e lançar o reſto, e morrer com capúz, ou jantar com charamelas. Vierão as irmãas em tudo: deu comſigo em Lisboa com os mil cruzados á déſtra, e lançou-os em hum canno de agua clara, que lhe tirou a limpo ſua pertenção com eſte preſuppoſto: Se v. m. me alcançar hum officio, ou beneficio, que renda duzentos mil reis, darlhe-hey trezentos para humas meyas, ſem que haja outra couza de permeyo. Ajuſtarão ſuas promeſſas de parte a parte com as cautélas coſtumadas de aſſinados de dividas, e empreſtimos: tudo foy huma pura verdade: e todos ficaraõ ricos empregando unhas verdadeiras; hum nas datas delRey, e o outro nas do pertendente, que foy brindar o jantar de ſuas irmãas com charamelas.

Nos Advogados, e Julgadores ha tambem excellentes unhas, e todas verdadeiras; porque naõ ſe póde preſumir, que minta gente douta, e que profeſſa juſtiça, e razaõ. O que me admira he, que tomem dous Advogados huma demanda entre mãos, e entre dentes; hum para a defender, e outro para a impugnar; eſte pelo Autor, e aquelle pelo Réo, e que ambos affirmem a ambas as partes, que tem juſtiça. Como póde ſer, ſe

ſe

ſe contratariaõ, e hum diz que ſim, e outro que naõ? Neceſſariamente hum delles ha de mentir, porque a verdade conſiſte em indiviſivel, como diz o Filoſofo. Com tudo iſſo ambos fallaõ verde; porque cada hum diz á ſua parte, que tem juſtiça; iſto he, que terá ſentença por ſi, ſe quizerem os Julgadores: e falla verdade. Dada a ſentença contra a parte mais fraca, como ordinariamente acontece, queixa-ſe, que lhe roubarão a juſtiça: melhor diſſera, que lhe roubaraõ as peitas, pois de nada lhe ſerviraõ. Reſpondem os Juizes, que deraõ a ſentença, aſſim como a julgaraõ: e fallaõ verdade. Diz o Advogado da parte vencida, que não andou diligente de pés, nem de mãos o requerente: e falla verdade. E todos fallando verdade ſe encheraõ de alviçaras, donativos, e eſportulas: e eſtas ſaõ as unhas verdadeiras.

Outras ha mais verdadeiras, que todas, e ſaõ as dos que agenceão, e defendem cauſas Reaes. Deve ElRey quinze mil cruzados a huma parte por huma via, e deve por outra a meſma parte cinco mil a Sua Mageſtade; citaõ-ſe, e demandão-ſe por ſeus procuradores em Juizo competente: e ſaye logo ſentença, que pague a parte os cinco mil cruzados a Sua Mageſtade. Replica, que ſe paguem os cinco mil dos quinze, que lhe deve a Coroa, e que lhe dem os dez, que reſtaõ, ou pelo menos ametade. Tornaõ a ſentencear, que pague os cinco, como eſtá mandado, e que demande de novo a Coroa pelos quinze, que diz lhe deve, e ſenão, que o executem até lhe venderem a camiza;

za, ſe não tiver por onde pague; e que ElRey ha miſter o que ſe lhe deve: e aſſim he na verdade. E tambem he verdade, que quebra a corda pelo mais fraco. E ſegue-ſe deſte lanço, e de outros ſemelhantes, que não conto, abrirem-ſe huma, e mil portas francas, por onde entraõ unhas verdadeiras na fazenda Real recompenſando-ſe, para remirem ſua vexação. E quando não encontraõ cabedal da Coroa, em que ſe empreguem; deſcarregaõ-ſe no foro da conſciencia com outros acrédores, a quem devem; e dizem-ſe huns aos outros: Senhor, vós deveis a ElRey quinze mil cruzados, de que elle naõ ſabe parte, e poriſſo nunca vos ha de demandar por elles: ElRey deve-me a mim outros quinze, como muito bem ſabeis: eu devo-vos a vós outros tantos: tomay-me por paga, os que me deve Sua Mageſtade, e aſſim ficareis deſobrigado a lhe reſtituir, o que lhe deveis, e todos ficaremos em paz. E aſſim paſſa na verdade, de que ſuccede iſto cada dia com grandiſſimo detrimento da fazenda Real, onde ſeus Miniſtros negando ſahidas para pagar, abrem entradas a eſtas unhas para a deſtruir.

CAPITULO XLVIII.

Dos que furtaõ com unhas vagaroſas.

A Maxima deſta arte he, que todo ladrão ſeja diligente, e apreſſado, para que o não apa-

apanhem com o furto na mão. Com tudo isso ha unhas, que em serem vagarosas tem a maxima de seu proveito: saõ como o fogo lento, que porisso menos se sente, e melhor se atéa. Qual he a razão, porque arribão náos da India tantas vezes? Porque partem tarde. E qual he a razaõ, porque partem tarde? Porque as aviaõ de vagar? Porque em quanto se apreſtaõ, tem unhas vagarosas, em que empolgar. Mas deixando o mar, onde posso temer alguma tempestade, saltemos em terra, e seja á véla, e com vigia; porque tambem acharemos pégos sem fundo nesta materia, em que podemos temer alguma tormenta, porque naõ saõ bons de vadear. Deos me guie, e me defenda.

Que couzas saõ as demoras de hum Ministro, que naõ despacha? Saõ despertadores continuos, de que lhe deis alguma couza, e logo vos despachará. E porque o tal he pessoa grave, e que se peja de aceitar á escáncara donativos, remette-vos ao seu official, quando apertais muito com elle; e o official traz-vos arrastado hum mez, e dous mezes, e ás vezes seis com escusa ordinaria, que não acha os papeis, porque saõ muitos os de seu amo, e que os tem corrido mil vezes com diligencia extraordinaria, que os encomendeis a Santo Antonio: e a verdade he, que os tem na algibeira, e de reserva, esperando, que acabeis já de lhe dar alguma couza. Allumiou-vos Santo Antonio com a candeinha, que lhe offereceſtes: dais hum diamante de vinte e quatro quilates ao sobredito, e dá-vos logo os papeis pespontados de vinte e quatro alfinetes, como vós quereis: e o menos, que

vos roubou com seus vagares, foy o diamante; porque sendo obrigado a despachar-vos no primeiro dia, vos deteve tantos mezes com gastos excessivos fóra de vossa casa, onde tambem perdestes muito com taõ dilatada ausencia. Em Italia ha costume, e ley, que sustente a Justiça os prezos, em quanto estiverem na cadea: e he bom remedio, para que lhes apressem as causas. Em Portugal ainda a justiça naõ abrio os olhos nisto: prendem milhares de homens por dá cá aquella palha; se acertaõ de ser miseraveis, como ordinariamente saõ quasi todos, na prizaõ perecem sem cama, e sem mantimento, porque a Misericordia não abrange a tantas obrigaçoens da justiça, que as pódem temperar todas só com lhe apressar as causas. Se houvera ley, que pagassem os Ministros as demoras culpaveis, póde ser, que elles, e os seus officiaes andassem mais diligentes.

Ministros ha incorruptos, e que fazem sua obrigação nesta parte, e até nestes fazem seu officio unhas vagarosas. Explico este ponto com hum caso notavel. Importava a huma parte, que se detivesse o seu feito hum anno nas mãos de Rodamanto, em cuja casa nunca nenhum feito dormio duas noites: armou-lhe por conselho de hum Rabula esperto com outro feito, que comprou na Confeitaria muito grande, pezava mais de huma arroba, e altou sobre elle o seu, que era pequeno, e deu com elles, como se fora hum só, em casa do Julgador; o qual em vendo a maquina esmoreceo, e mandou-a pór de reserva para as ferias, com hum letreiro em cima, que assim o declarava. A

outra

outra parte requeria fortemente, que naõ tinha o feito que ver, e que em hum quarto de hora o podia deſpachar: agaſtava-ſe o Dezembargador com tanta importunação, e ameaçava o requerente, que o mandaria meter no Limoeiro, ſe mais lhe fallava no feito, que era de qualidade, que havia miſter mais de hum mez de eſtudo, e que poriſſo o tinha guardado para as ferias: chegaraõ eſtas dahi a hum anno, vio o feito, deſcobrio-ſe a maranha do parto ſuppoſto, e alcançou o grande mal, que tinha feito á parte com as detenças, que pudéra evitar, ſe deſatára o envoltorio. O que neſte paſſo eſtranho mais que tudo, he ſofrerem-ſe neſte Reyno Letrados procuradores, os quaes ſe gabaõ, que farão dilatar huma demanda vinte annos, ſe lhe pagarem. O premio, que taes letras mereciaõ, era o de duas letras: L. e F. impreſſas nas coſtas, e naõ lhe eſperarem mais, para o que ellas ſignificão,

De Campo Mayor veyo hum Fidalgo requerer ſerviços a eſta Corte: aconſelhou-ſe com hum Religioſo letrado ſobre o modo, que havia de ſeguir, e communicou-lhe tudo. Perguntou-lhe o ſervo de Deos, que cabedal trazia para os gaſtos? Reſpondeo, que hum cavallo, e dous homens de ſerviço, e oitenta mil reis, que fez de hum olival que vendeo. Traz v. m. provimento para oitenta dias quando muito, lhe diſſe o Religioſo, viſto trazer tantas bocas comſigo: e ſó para entabolar ſuas pertençoens ha miſter mais de trezẽtos dias: e ſe o não ſabe, dirlho-hey: Ha v. m. de fazer huma petição, que ha de gaſtar mais de oito dias,

aconſelhando-ſe com Letrados: ſegue-ſe logo eſperar dia de audiencia geral, e ter entrada, e niſto ha de gaſtar outros oito, ſe não forem quinze. Sua Mageſtade no meſmo dia, em que lhe daõ as petiçoens, logo lhes manda dar expediente; mas não ſayem na liſta ſenaõ dalli a ſeis, ou ſete dias, que v. m. ha de gaſtar eſpreitando na ſala dos Tudeſcos, para ver aonde o remettem. Acha que ao Conſelho da Fazenda. Corre logo os Secretarios, e ſeus officiaes, gaſta dez, ou doze dias, perguntando-lhes pelos ſeus papeis; até que apparecem, onde menos o cuidava. Buſca valias para os Conſelheiros, e gaſta outros tantos em alcançar as entradas com elles: e no cabo dão-lhe por deſpacho, que requeira no Conſelho de Guerra, e he o meſmo, que gaſtar outra quarentena, até haver o primeiro deſpacho; que he: *Juſtifique*: e em juſtificar ſuas certidoens gaſta muitos dias, e não poucos reaes. Torna o juſtificado, e tornaõ a rebatello com *Viſta ao Procurador da Coroa*, ou da Fazenda, que ordinariamente reſponde contra os pertendentes, porque eſſe he o ſeu officio: e com eſte deſpacho máo, ou bom, tornaõ os papeis á Meſa dahi a muitos dias: e gaſtão-ſe logo mais que muitos na fabrica da Conſulta, porque ſe paſſaõ ás vezes ſemanas, ſem haver Conſelho de Guerra. Feita a Conſulta, *a Dios que te la depare buena*, ſóbe a Sua Mageſtade, ou para melhor dizer a outros Secretarios, os quaes a detem lá quanto tempo querem, e o ordinario he dous, e tres mezes; e ſe paſſa de ſeis, he neceſſario reformar outra vez tudo; e he o meſmo, que

tornar

tornar a começar do principio: e isto succede sem culpa muitas vezes; porque estaõ lá outros papeis diante, que por hirem primeiro, tem direito para o tempo, e por serem muitos, o gostão todos. Desceo por fim de contas a Consulta despachada, com parte do que v. m. pedia, ou com tudo: he vista no Conselho de Guerra com os vagares costumados, e dahi a tempos remettem a execuçaõ della á Mesa da fazenda, onde se movem novas duvidas; e a bom livrar, quando o Alvará saye o feito dahi a hum mez, para hir assinar por Sua Magestade, negoceou v. m. muito bem. Torna assinado dahi a dous mezes, lança-se nos Registros, e delles vay correr as sete estaçoens de Chancellarias, Merces, direitos novos, e velhos, ou meyas natas, &c. E tendo dito a v. m. o que ha, ou ha de passar, e ainda lhe não disse tudo: mas se o quizer saber mais de raiz, falle com pessoas, que ha nesta Corte de tres, de cinco, e de oito annos de requerimentos, e ellas lhe diraõ o como isto pica. A reposta, que o Fidalgo deu ao Religioso, foy, que se ficasse embora, que se tornava para Campo Mayor.

Alguns requerentes ha tão pouco considerados, que attribuem estes vagares à pessoa do Rey, como se os Reys tiverão corpo reproduzido, e de bronze, que pudesse assistir a todos os negocios, em todas as partes, e a todas as horas. Os mais penitentes Religiosos tem seu dia de sueto cada semana, e suas horas de descanso entre dia, para que se não rompa o arco, se estiver sempre entezado com a corda do rigor: e delRey nosso Se-

Senhor ſabemos, que naõ dorme entre dia, nem joga, nem gaſta o tempo em couzas ſuperfluas; e ſe algum entretenimento tem, he muito licito, e ſó lhe dá as horas, que furta do deſcanço, que lhe era devido; e o mais todo o gaſta no expediente das guerras, e em compor as tormentas de negocios innumeraveis, ſem admittir regalos, nem oſtentaçoens de feſtas, que o devirtaõ. Cada hum quer, que ſe lhe aſſiſta ao ſeu negocio, como ſe outro não houvera; e daqui naſcem as queixas, que poriſſo ſaõ muito deſarrezoadas. Da Villa de Goes veyo a eſta Corte certo homem de bem com huma appellaçaõ em caſo crime; e no primeiro dia, em que lhe deu principio, paſſando pelo terreiro do Paço, vio huma mó de homens; chegou-ſe a elles, e perguntou-lhes, ſe eſtavaõ fallando ſobre o ſeu pleito? Reſponderaõ-lhes, que o naõ conheciaõ, nem ſabiaõ que pleito era o ſeu. Pois em Goes (acodio elle) naõ ſe falla em outra couza. Aſſim paſſa, que cada hum cuida que ſó delle, e no ſeu negocio ſe deve fallar. Senhores requerentes, levem daqui averiguado eſte ponto, para ſaberem, de quem ſe haõ de queixar: que os negocios ſaõ muitos, e que na maõ de Sua Mageſtade naõ fazem detença: vejaõ lá, onde encalha a carreta, e untem-lhe as rodas, ſe querem que ande; e com iſſo ſeráõ apreſſadas unhas vagaroſas, e ainda com iſſo duvido ſe ſeraõ diligentes; porque póde acontecer, o que Deos naõ queira, ou não permita, que haja Secretario, ou Official, ou Conſelheiro, que não deſpache cada dia mais que ſete, ou oito papeis, accreſcentando-lhe

do-lhe cada dia quinze, ou vinte de novo. E se isto assim for; já naõ me espanto dos montes de papeladas, que vejo por essas Officinas, nem das queixas, que ouço por essas ruas. Trabalhem os Officiaes, e Ministros, que bons ordenados comem, e naõ dem com o seu descanço trabalho a tanta gente. De hum me contáraõ, que tendo seiscentos mil reis de ordenado, quatro centos para si, e duzentos para Officiaes, nunca teve mais que hum, a quem dava cincoenta mil reis, e mamava os cento, e cincoenta para si, e porisso naõ se dava expediente a nada.

****

CAPITULO XLIX.

Dos que furtaõ com unhas apressadas.

PAra intelligencia deste Capitulo contarey a historia, que aconteceo a hum Fidalgo Portuguez com certa Dama do Paço na Corte de Madrid. Foy elle, como hiaõ todos, requerer seus despachos, e levou para elles, e para seu luzimento quatro mil cruzados em boa moeda. Gastou hum anno requerendo sem effeituar nada: olhou para a bolça, e achou que tinha gastado mais de mil cruzados. Lançou suas contas: se isto assim vay, là hirá quanto Martha fiou, e ficarey sem o que espero, e sem o que tenho. Bom remedio, busquemos unhas apressadas, já que naõ me ajudaõ unhas vagarosas. Informou-se, que Dama

havia no Paço mais bem vista das Magestades; e como as de Castella saõ de poucas ceremonias, facilmente fallou com ella, e disse-lhe claramente que tinha tres mil cruzados de seu, e que daria dous a sua Senhoria, se lhe fizesse despachar logo huma Commenda por grandes serviços, que offerecia. *Dè acà sus papeles Señor mio*, lhe disse a Dama, *y buelva-se a ver conmigo daqui a quatro dias, y traiga los dos mil en oro; porque el oro me alegra, quando estoy triste.* Cõtou as horas o bom Fidalgo até o termo peremptorio, e voltou põtualmente cõ os dous mil em dobroens, e achou a Dama com o despacho nas mãos, sem lhe faltar huma cifra; e pondo-lhe nellas o promettido, recebeo o que não houvera de alcançar por outra via. E estas saõ as unhas apressadas, de que fallo, e destas ha muitas.

Outro Portuguez Soldado da India na mesma Corte gastou 3 annos allegando innumeraveis serviços, para o despacharem com hum pedaço de paõ honrado para a velhice. Vendo que se lhe goravão suas pertençoens pelas vias ordinarias, tratou de se ajudar de unhas apressadas, que he o ultimo remedio, ou para melhor dizer, o primeiro, em quem trata de remir sua vexaçaõ; e achou-as com pouco dispendio do seu cabedal, que era já bem limitado, no pincel do melhor pintor de Madrid: mandou-se retratar muito ao vivo quasi morto, com quantas feridas tinha recebido no serviço delRey, que passavaõ de vinte, todas penetrantes, e em todas ellas as armas offensivas, com que os inimigos o feriraõ, que por serem diversas, fazião com o sangue hum espectaculo horrendo no

retra-

retrato. Na cabeça tinha huma alabarda, no roſto dous piques, e nos braços quatro frechas, que lhos atraveſſavão; ſobre a mão eſquerda hum alfange, que lha decepava; e de huma parte, e outra dous bacamartes, e hum moſquete vomitando fogo, e mandando balas aos pares, que lhe rompião o peito: huma perna de todo quebrada com huma roqueira, e dez, ou doze punhaes, e eſpadas pelo corpo todo, que o faziaõ hum crivo. Com eſta pintura, e ſeus papeis ſe appreſentou diante delRey Filippe em audiencia publica, e deſenrolando-a lhe diſſe em alta voz: Senhor, eu ſou o que moſtra eſte retrato: neſtes papeis authenticos trago provas de como recebi todas eſtas feridas no ſerviço da Coroa de Portugal na India; e a melhor prova de tudo trago eſcrita em meu corpo, que Voſſa Mageſtade póde mandar ver, e achará, que em tudo fallo verdade. Seja Voſſa Mageſtade ſervido de me mandar deſpachar, como pedem eſtes ſerviços, e merecimentos. Enterneceo-ſe o Rey, paſmarão os circunſtantes, e ſahio logo dalli deſpachado o pertendente com huma Commenda grande, a que poz embargos a inveja, e lha fez commutar em outra pequena; porque não era Fidalgo, ou porque não encheo unhas apreſſadas, que tudo alcançaõ, ou tudo eſtorvão.

Acabo eſte Capitulo com hum exemplo da noſſa Corte de Lisboa, que anda nas hiſtorias de Portugal. Na porta da Caſa da Supplicaçaõ eſtá huma argóla, em que hum Rey noſſo mandou enforcar hum Dezembargador, porque aceitou huma bol-

bolça de dobroens, que huma velha lhe offereceo para lhe favorecer, e apreſſar certa cauſa de importancia, que lhe movia huma parte rija. Foy o Rey em peſſoa á Relaçaõ para averiguar a peita, que tirou a limpo por excellente modo, e naõ ſe ſahio dalli ſem o deixar colgado. Louvo a reprehenſaõ: não approvo o rigor. Antes ſou de opiniaõ, que não devem ſer enforcados homens Portuguezes: e porque não tenha alguem eſta concluſaõ por inutil, ſeja-me licito provalla aqui com o apoſtrophe ſeguinte.

Em Roma havia ley, que nenhum Romano foſſe açoutado; porque ſe tinhaõ todos por muito nobres; ou porque a infamia acanha os eſpiritos bellicos, que os Romanos queriaõ nos ſeus ſempre vigoroſos Portuguezes ſaõ a gente mais nobre do mundo por ſeu valor, e por ſeus illuſtres feitos, e heroicas emprezas; e quando merecção morte por delictos, tem Portugal conquiſtas, aonde os póde mandar por toda a vida, que he hum genero de morte mais penoſo, que o de forca; porque eſta acaba-ſe em huma hora, e aquella dura muitos annos com trabalhos peyores de ſofrer, que a meſma morte. Coſtumavaõ os noſſos Reys antigos mandar aos condemnados á morte, que lhe foſſem deſcobrir terras: e ſe morrião na empreza, empregavaõ bem a vida, e ſe eſcapavaõ, era com proveito da patria. Quando vejo enforcar mancebos vallentes por quaſi nada, tenho grande laſtima, porque me parece que fora melhor mandallos à India, ou a Africa. Cuſta muito hum homem a criar, e he muito facil

emen-

emendar-se de hum erro. Se Deos castigara logo; quantos o offendem mortalmente, já não houvera gente no mundo, e ha Dezembargadores, que dão sentenças de morte, por sustentar capricho. E se na sua mão estivera, despovoarião o Reyno. Vi hum Padre da Companhia de Jesus propor huns embargos, para livrar hum pobrete da forca: fallava com hum destes Ministros, que era o Relator, na escada da Relação; e allegava-lhe, que o réo não peccára mortalmente no homicidio, por quanto fora *motus primo primus*, e em sua justa defeza; e que tinha sua merce naquella razão, de que pegar para favorecer a Misericordia. Perguntou-lhe o Dezembargador muito sabio, se era Theologo? Respondeo o Padre muito modesto, que sim. Pois he Theologo (disse o Dezembargador já picado) e allega-me que póde hum homem matar outro sem peccar mortalmente! O Padre lhe instou muito sereno: v. m. vay agora matar hum homem, porque vay sentencear este á morte, e cuida que vay fazer hum acto de virtude: e o algoz, que o ha de enforcar, não tem necessidade de se confessar disso: hum bebado, hum doudo, e hum colerico matão vinte homens, e não peccão: logo bem digo eu, que póde hum homem matar outro sem peccar. Não soube o senhor Doutor responder a isto com toda a sua garnacha, e deu as costas, e levou ávante a sua opinião, sem querer amainar da sua teima. Eisaqui como morrem muitos ao desamparo, entregues ao cutélo destes sabios, porque não tem, quem acuda por elles, nem cabedal, para lhes mo-

modificar a pena, que he a ſua eſpada, e ás vezes unha. Nem me digaõ zeloſos, que convem caſtigar-ſe tudo com rigor, para que haja emenda; porque lhe direy, que o ſeu zelo, quando mais ſe refina, he como o do outro, de quem diſſe o Poeta: *Dat veniam corvis, vexat cenſura columbas*; e ainda mal que tantos exemplos vemos, em que ſe cumpre ao pé da letra, o que diſſe o outro: *Quidquid delirant Grai, plectuntur Achivi.* E vem a ſer o que nós chamamos, Juſtiça de Guimaraens. Naõ nego, que ha crimes, que ſe devem caſtigar com morte a fogo, e ferro, quaes ſaõ os de *Læſæ Majeſtatis Divinæ, & humanæ.* E em taes caſos he bem, que moſtrem os Reys com o ultimo ſupplicio o poder, que Deos lhe deu até ſobre os Sacerdotes. E porque a praxe deſta doutrina pareceo em algum tempo eſcandaloſa, no que toca aos Sacerdotes, he bem que a declaremos: e quem a quizer entender bem, lea o Capitulo que ſe ſegue.

**********.**********

CAPITULO L.

Moſtra-ſe qual he a juriſdicçaõ, que os Reys tem ſobre os Sacerdotes.

HE o Sacerdocio izento da Juriſdiçaõ dos leigos, por direito Divino, e humano. E com iſto eſtá, que ha muitos caſos, em que os Eccleſiaſticos ficaõ ſugeitos ás Leys Civis, como

os

os Seculares: e para melhor intelligencia deſta verdade, havemos de preſuppor, que eſte mundo he como o corpo humano, que naõ ſe póde governar ſem cabeça: e até os brutos, diz S. Jeronymo Epiſt. 4. *Ductores ſequuntur ſuos: in apibus principes ſunt: grues unum ſequuntur ordine literato.* Os Grous ſeguem hum que os guia; as abelhas tem huma que as governa: e todos os animaes reconhecem dominio em outros. Os homens levados deſte dictame da natureza, que he ley muito forçoza, para não ſerem mais eſtolidos, que os brutos, fizeraõ Reys, e eſcolheraõ Magiſtrados, a quem ſe ſubmeteraõ, para ſerem regidos. Deos no principio creou o homem livre, e taõ livre, que a nenhum concedeo dominio ſobre outro: e até Adaõ cabeça de todos, por ſer o primeiro, ſó de animaes, aves, e peixes o fez Senhor. Mas a todos juntos em communidades deu poder, para ſe governarem com as leys da natureza. E neſta conformidade todos juntos, como ſenhores cada hum de ſua liberdade, bem a podiaõ ſugeitar, a hum ſó, que eſcolheſſem, para ſerem melhor governados com o cuidado de hum, ſem ſe canſarem outros. E a eſte eſcolhido pela communidade dá Deos o poder, porque o deu à communidade, e transferindo-o eſta em hum, de Deos fica ſendo. E neſte ſentido ſe verificaõ as Eſcrituras, que dizem, que Deos faz os Reys, e lhes dá o poder. E ſe alguem cuidar, que ſó de Deos, e não do povo, recebem os Reys o poder, advirta, que eſſe he o erro, com que ſe perdeo Inglaterra, e abrio a porta ás hereſias, com que ſe fez Papa o Rey, admit-

admittindo, que recebia os poderes immediatamente de Deos, como os Summos Pontifices. Nem val aqui o argumento de Saul eſcolhido por Deos para Rey; porque o poder, e a acclamaçaõ do povo o recebeo, e Deos não fez mais, que eſcolhello, e appreſentar-lho como digno da Coroa. E advirtão tambem os póvos, que por fazerem o Rey, e lhe darem o poder, não lhes fica livre o revogar-lho, nem limitar-lho; porque a ley da verdadeira juſtiça enſina, que os paſtos legitimos ſe devem guardar, e que as doaçoens abſolutas valioſas não ſe pódem revogar.

Deſta poteſtade livre, e ligitima dos póvos, para fazerem Rey, naſce poderem ſer muitos os Reys, aſſim como as Naçoens o ſaõ; e naõ ſer neceſſario, que ſeja hum ſó para toda a Chriſtandade, ainda que ſeja huma em ſua cabeça eſpiritual. E tambem ſe colhe, que o Papa não he Senhor temporal de tudo; porque Chriſto ſó o poder eſpiritual lhe deu, e o temporal ſó os póvos lho podiaõ dar, e conſta que naõ lho derão. Poſtas aſſim eſtas duas poteſtades ſecular, e Eccleſiaſtica, derivadas de ſeus principios, como temos dito: para chegarmos ao noſſo ponto, de qual he o poder, que os Reys tem ſobre os Sacerdotes, he neceſſario averiguarmos as poteſtades, que ha no Sacerdocio, para aſſim conhecermos, por onde pode o Rey entrar na juriſdicçaõ Eccleſiaſtica.

Ha no Sacerdocio duas poteſtades, huma, que ſe chama das Ordens, e outra da Juriſdicçaõ. A das Ordens de Chriſto a recebem, e ſó para o cul-

culto Divino, e adminiſtraçaõ dos Sacramentos, e eſta claro eſtà, que não tem lugar nella os Reys. A da Juriſdicçaõ ſe diſtingue em duas, huma para o foro interno, e outra para o externo. A do foro interno tambem he notorio, que não póde pertencer aos Reys. A externa tem outras duas, huma de eſpiritual, e outra temporal, e ſaõ diſtintas, como o Ceo, e a terra; porque huma he terrena, e outra celeſtial. A eſpiritual de Chriſto procede, que a communicou ſó aos Sacerdotes, e nunca houve Rey temporal Catholico, que preſumiſſe tal poteſtade. A temporal ha duvida, de donde, e como procede; ſe de Chriſto, ſe dos homens? E ainda ſe divide em duas; huma, que domina os bens dos Eccleſiaſticos, e outra, que ſe eſtende ás peſſoas dos meſmos. E ſobre eſtas duas he a noſſa queſtaõ, ſe as tem os Reys de alguma maneira ſobre os Sacerdotes, e Eccleſiaſticos.

Que foſſem os Eccleſiaſticos exemptos do foro ſecular por Chriſto immediatamente, he queſtaõ controverſa: que o Direito Canonico, e os Summos Pontifices os eximão, he certo: e daqui bem podemos dizer, que Chriſto os exime, porque os Papas os eximem com o poder, que receberaõ de Chriſto. E daqui ſe colhe concluſaõ certiſſima, que não poderáõ nunca ſer privados deſte privilegio ſem conſentimento do Summo Pontifice, que o concedeo; aſſim porque legitimamente o podia conceder, como tambem, porque os Emperadores, e Principes Catholicos o admittiraõ. E deſta meſma exempçaõ ſe colhe, que

que pódem ser sugeitos aos Reys, e Magistrados seculares nos casos, que permittirem os Summos Pontifices, que os eximirão: porque a exempçaõ não lhes vem das Ordens, como se ve nos Clerigos cazados, que não gozaõ o privilegio do foro Ecclesiastico, porque os Papas lho tiraraõ. E procedendo neste sentido, digo, que ha muitas razoens, e occasioens, que habilitaõ os Reys, para procederem contra os Ecclesiasticos: as principaes saõ, Costume, Concordia, Privilegio, Justa defensaõ. Costume; porque este tolerado pelos Papas tem força de ley. E assim vemos os Clerigos sugeitos ás leys Civis, que olhaõ pelo bem commum; como os que taxão os preços das couzas, as que irritaõ contratos, as que prohibem armas, &c. Concordia: porque quando consentem o Ecclesiastico, e o secular em huma couza, a nenhum se faz injuria: e esta deve ser a razaõ, porque em França saõ julgados os Ecclesiasticos, assim como os leigos, no juizo secular em causas civeis, e crimes; e neste Reyno pódem ser Autores, ainda que não possaõ Réos. Privilegios: porque se o Papa o conceder nos casos, que póde, he valioso; como se ve nos feudos, cujas causas se demandão sempre no Juizo secular, e nos bens da Coroa, quando se dão a Clerigo com tal obrigação; moeda falsa, e crime *Læsæ Majestatis* tem em alguns Reynos o mesmo privilegio. Justa defensaõ: porque *Vi vim repellere licet*. E para defender hum Rey sua pessoa, e a seus vassallos innocentes, póde proceder contra a violencia dos Ecclesiasticos. E esta he a razão, por-

porque vimos neſte Reyno muitos Eccleſiaſticos, aſſim Clerigos, como Religioſos, e tambem Biſpos prezos, e confiſcados, por conſpirarem contra a peſſoa Real, e bem commum de todo o Reyno: e no tal caſo, por todos os principios de neceſſidade, coſtume, concordata, privilegio, e juſta defenſaõ, foy tudo licito, e bem obrado, ainda que de outro principio naõ conſtaſſe, mais que do da juſta defenſaõ: e aſſás moderado, e modéſto andou ElRey noſſo Senhor em naõ fazer mais, que retellos prezos, para aſſim reprimir ſua audacia, e força.

Tudo, o que tenho dito neſte Capitulo, he a doutrina mais verdadeira, que ha neſtas materias: e ſe algum admittir outra contraria a eſta, arriſcarſe-ha a cahir nos precipicios, em que ſe deſpenhárão muitos Hereges. E baſte iſto para deſenganarmos a piedade ſuperſticioſa de alguns eſcrupuloſos pouco ſabios, que tomando as couzas á carga ſerrada, appellidão em ſuas conciencias zelos fantaſticos, com que ſe inquietão ſem fundamento; e vamos por diante com as unhas, de que nos divertimos.

CAPITULO LI.

Dos que furtaõ com unhas inſenſiveis.

DO aſpide eſcrevem os Naturaes, que morde, e mata com tanta ſuavidade, que naõ

ſe ſente: e poriſſo Cleopatra eſcolheo eſta morte enfadada da vida pelo repudio de Marco Antonio. Taes ſaõ as unhas inſenſiveis: tiraõ a vida aos Reynos mais robuſtos, e eſgotaõ a alma aos theſouros mais opulentos, com tanta ſuavidade, que não ſe ſente o damno, ſenão quando eſtá tudo morto. Eſtas ſaõ as unhas dos Eſtadiſtas, Alvitriſtes, aſpides do Inferno, que perſuadem aos Reys com razoens ſuaves, e ſofiſticas, que lancem fintas, que ponhaõ tributos, que peçaõ donativos aos póvos ſem mais neceſſidade, que a de ſua cobiça. Digo que ſaõ ſuaves as razoens que dão, porque naõ ha couza mais ſuave, que recolher dinheiro; e digo que ſaõ ſofiſticas, porque as veſtem de apparencias do zelo do bem commum, e na realidade ſaõ cutelos, que degolão as Republicas. Declaro iſto com hum diſcurſo, ou conſequencia, que ví fazer ao diabo: caſo he, que me paſſou pela maõ haverá vinte annos; Navegámos de Lisboa para a Ilha da Madeira, quando de repente entrou o demonio no corpo de hum marinheiro natural de Setuval, grande palreiro: dez, ou doze homens muito valentes naõ baſtavaõ ao ter maõ, até que acodio hum Sacerdote Religioſo, que com os Exorciſmos o ſubjugou. Muitas perguntas lhe fizeraõ? A todos deu repoſtas taõ ladino, que bem moſtravaõ ſahirem de entendimento mayor que á ruſticidade de hum marinheiro. E que foſſe eſpirito máo, moſtrou-o bem nas faltas occultas, que deſcobrio a hum ſoldado meyo Caſtelhano, que com demaſiada ſanfarrice o atruou chamando-lhe perro, apoſtata, e outros nomes af-

fron-

frontoſos, que até o diabo o não ſofre; e poriſſo lhe revidou, pondo-lhe em publico cousas não menos affrontoſas, que elle tinha obrado em ſecreto, de q̃ corrido, por naõ ouvir mais, ſe retirou. Hum dos circunſtantes (devia de ſer Sebaſtianiſta) dezejoſo de ſaber ſe era vivo ElRey D. Sebaſtiaõ, tudo era apertar com o Padre Exorciſta, que lho perguntaſſe. Mas o Padre lhe reſpondeo humilde, que ſeu officio era apertar ſeriamente com o eſpirito maligno, que deixaſſe aquelle homem, e naõ fazer perguntas eſcuzadas. O diabo, que nada lhe cahe no chaõ, acodio a tudo; e póde ſer o faria por divertir os Exorciſmos: e diſſe eſtas palavras formaes: Se vós tendes Rey, para que quereis outro Rey? Sabeis, qual he o verdadeiro Rey? He o dinheiro; porque ao dinheiro obedece tudo: porque quem o dá he ſenhor, e quem o toma he ladraõ. O Rey, que faz merces, corrobora ſeus vaſſallos; o que lhes toma o dinheiro, debilita ſeus Eſtados, e abre caminho para perder tudo. Sabeis como he iſto? He como as fintas, com que agora andaõ, para deſender o Reyno, e erraõ o meyo da melhor defenſaõ, que ſeria eſpalhar dinheiro pelos pobres, para terem todos que defender, e vigor, com que ſervir. Mais arengas infiou a eſta: tudo deixo, porque o dito baſta para o intento.

Bem ſey que o diabo he pay da mentira: e tambem ſey que o obriga Deos muitas vezes a fallar verdades, para advertir homens, que não merecem melhores menſageiros; como ſe vio na Pitonſia de Saul, e na que jurou S. Paulo; e a experiencia nos tem moſtrado a certeza, com que fal-

lou eſte eſpirito; pois vimos que os tributos, e fintas de Caſtella, de que até o diabo ſe queixava entaõ, vieraõ a ſer a unica cauſa de ſua total ruina. Suave, e inſenſivelmente foy desfrutando tudo o pingue de ſeus Reynos; e poriſſo os acha agora taõ debilitados, que naõ ſe pódem ſuſtentar a ſi, nem reſiſtir a ſeus contrarios. Se tivera de reſerva os vinte, ou trinta milhoens, que gaſtou nas ſuperfluidades do Galinheiro; ou ſe os deixara eſtar nas mãos de ſeus vaſſallos, outro galo lhe cantara, e naõ os achara todos galinhas, quando lhe ſervia ſerem Leoens; titulo, e nomeada, de que ſe prézão.

Confórme a iſto, não foy pequeno indice de perpetuidade a reſoluçaõ generoſa, com que ElRey D. Joaõ o IV. noſſo Senhor, que Deos guarde, e proſpere, mandou levantar todos os tributos, que Caſtella nos tinha poſto, tanto que tomou poſſe pacifica deſtes ſeus Reynos de Portugal. Nem ſe condemnão com iſto as décimas, que poz para a defenſaõ de ſua Monarquia; porque he tributo, que Deos approva, e a Ley Divina pede a todos os fieis, para a conſervação, e augmento da Igreja Catholica: tais ſaõ os dizimos de todos os frutos temporaes. O que ſe eſtranha, e deve reprehender, e caſtigar em exacção tão juſta, he o rigor, e deſaforo, com que alguns Miniſtros vexão as partes, executando-as por pouco mais de nada, até nos giboens, que trazem veſtidos as pobres mulheres, e até nas enxadas, com que ganhão ſeu ſuſtento os pobres maridos, e até na pobre manta, com que ſe cobrem, porque não achão

achaõ outra couza. E deſtas violencias fazem ſerviço para ſerem deſpachados com mayores Officios de vendo ſer caſtigados ſeveramente; porque no meſmo tempo diſſimularaõ com décimas de ricos, e poderoſos, taes, que a unica de qualquer delles faria quantia mayor, que a de todos os pobres, que eſfolaraõ: e porque ſe não dá fé diſto, chamo tambem a iſto unhas inſenſiveis: aſſim porque o naõ adverte, quem o devera emendar, como porque o naõ ſente, quem ſe deixa ficar com a contribuiçaõ, que por abranger a todos, o naõ deſobriga na conſciencia; porque logra o bem, que da contribuiçaõ dos outros reſulta, e ſem ſentir o gravame.

Outro exemplo ha melhor que todos de unhas inſenſiveis nas armadas, que ſe aprẽſtaõ, e ſayem por eſſa barra fóra: todo o tempo que ſe detem no rio, que ordinariamente he muito, e he hum perpetuo canno, por onde deſagua, e deſova todo o provimento á formiga por tantas mãos dobradas, quantos ſaõ os ſoldados, officiaes, e paſſageiros, que continuamente eſtaõ a mandar para terra pelos filhos, parentes, e amigos; que os viſitaõ todos os dias os lenços, e lacos de biſcouto, que ao pé do Paço delRey ſe eſtá vendendo; as chacinas, e fraſcos de vinho, ázeite, vinagre, meadas de murraõ, cartuxos de polvora. E ſe algum nota algum lanço deſtes, reſpondem rindo: Rica he a ordem: iſto não he nada. He verdade, que nada he hum lenço de biſcouto, e quaſi nada hum ſaco delle, mas tantos mil vem a ſer muito. Bom fora porem ſe guardas, quando ſayem, aſſim como ſe poem, quando

do vem, aos navios de carga; pois mais vay a Sua Mageſtade em aſſegurar ſua fazenda, que a alheya, e naõ ſejaõ como hum, que vendeo por ſeis mil reis huma amarra delRey; que tinha cuſtado ſetenta mil; que aſſim guardaõ elles, o que lhes mandaõ vigiar.

****

CAPITULO LII.

Dos que furtaõ com unhas, que naõ ſe ſentem ao perto, e arranhaõ muito ao longe.

QUem bem conſiderar a monſtruoſa fabrica do Galinheiro de Madrid, que no Capitulo antecedente picámos, ao qual depois chamarão Bom retiro, para lhe emendarem o primeiro nome, que merecia; achará nelle hum eſpelho claro déſte Capitulo; porque he certo ſe gaſtaraõ nelle mais de vinte milhoens, que com pedidos, fintas, e tributos, foraõ roubando aos poucos, que entaõ o naõ ſentiaõ, porque lhes hiaõ dando os xaques aos poucos, é á formiga; até que veyo o tempo a dar volta, convertendo-lhe a bella paz em feróz guerra, para a qual acharão menos os milhoens, que tinha devorado o Galinheiro como milho: e ſe os tiverão de reſerva, não lhes cantaraõ tantos galos contrarios no poleiro. He couza muito ordinaria não ſe ſentirem damnos ordinarios, que parecem leves, ſenaõ quando de pancada chega depois delles a ruina, como na caſa, que ſe vay calando pouco, e pouco com a goteira.

Na Villa de Montemór o Novo conheci hum

hum Juiz de fóra bom letrado, que deu em hum modo de furtar, qual eſtou certo naõ achou em Bartholo, nem Acurſio. De toda a carne, que ſe comia em ſua caſa, apartava os óſſos; e os tornava ao açougue, mandando de potencia abſoluta, como Juiz que era, que lhe déſſem outra tanta carne por elles, allegando, que não comprava óſſos, nem era cão para os comer. O marchante os foy ajuntando, e no cabo do triennio tinha huma medra delles, que pezava muitas arrobas: deu-lhe com elles na reſidencia allegando a perda, que lhe dera na ſua fazenda, ainda que a não ſentira ao perto, por ſer aos poucos, que vinha a ſer muito conſideravel ao longe, tomando-a por junto. Achou-lhe o Sindicante razão, e fez-lhe juſtiça, mandando que o Juiz pagaſſe logo o preço de outra tanta carne, como pezavaõ os óſſos: e deu-lhe hum boléo na bolça muito baſtante, e outro no credito que perdeo, em fórma que nunca mais entrou no ſerviço delRey, até que morreo em Evora viuvo. Ambos Juiz, e marchante, ſe arranharaõ no fim das contas aſperamente, ainda que o não ſentiraõ no principio: mas foy com differença, que o marchante achou cura para as ſuas entranhas, e o Juiz naõ achou remedio, e peorou do mal até morrer.

Nas armadas, e frotas deſta Coroa ſuccedem caſos notaveis de grandiſſimas perdas, por furtarem, ou pouparem ninherias. Parece que naõ vay nada em prover de vaſilhas, para os ſoldados tomarem ſuas raçoens de agua, e mantimentos; e ſegue-ſe dahi, que por naõ terem, em que guardem a agua, quando ſe reparte, haõ de

bebella, ou vertella a deshoras: comem depois o toucinho ſalgado, e mal aſſado em eſpeto, que fazem dos arcos das pipas; e ficaõ eſtalando á ſede. No biſcouto ha tambem mil erros, por falta de induſtria, ou ſobeja malicia: a cama he a que achaõ pelas taboas, ou calabres do navio: e como a vida humana depende de todos eſtes abrigos, e elles ſaõ tais, adoecem todos, e morrem aos centos, e ſente-ſe no fim da jornada o mal grande, que ſe urdio no principio cõ faltas leves, e faceis de remediar na primeira fonte. Sepulta, e ſorve o mar, o que com huma bochecha de agua ſe pudéra ſalvar.

Nos exercitos, e campanhas ſe experimenta o meſmo, que por falta de corda, ou de bala, ou de plovora, ſe perdem vitorias; e por naõ meterem mais cevada nas garupas, ou mais mantimento na bagagem, ſe recolhe ſem concluirem a empreza, que era de mais ganho, e proveito, que o que ſe poupa na reſerva. Lá chorou o outro, que por poupar hum cravo de huma ferradura, perdeo huma glorioſa vitoria, e foy aſſim; que por falta do cravo cahio a ferradura, e por falta deſta mancou o cavalho, e faltou o Capitão, que hia nelle, em ſeu officio, e faltou logo o governo, e perdeo-ſe tudo. Em huma viagem, que fiz por eſſes mares, foy tal a injuria no provimento, que por não comprarem pipas novas fizerão aguada em humas, que tinhão ſervido de chacinas, e ſalmouras: e a graça he que ellegão ſer melhor a agua de pipas velhas: e era tal a deſtas, que fora melhor beber a do mar. Seguio-ſe deſta bolada taõ judicioſa, que eſteve toda a gente do navio arriſcada a morrer de ſede, ſe Deos nos não levara

em

em breves dias a parte, onde tivemos agua, e refrescos, com que emendámos erros de unhas, que não se sentindo ao perto, arranhão muito ao longe.

Tomára aqui todos os Reys, e Principes do mundo, para lhes dar este avizo de summa importancia, que façaõ muito caso do que perece pouco; quando he repetido; porque de muitos grãos se faz hum grande monte. Parece que não he nada hum desabrimento hoje, e outro á manhãa: parece ninheria negar huma merce a este, que a pede por serviços, e huma esmola áquelle, que a pede por necessidade: e vem-se a conglobar de muitas repulsas hum motim de descontolados, que se achaõ menos na occasiaõ de prestimo: e o peyor de tudo he, que estes corrompem outros, e os damnão com suas queixas, e vay muito em correr linguagem de bom Principe temos: ou dizer-se, mas que seja por entre os dentes, que falta á sua obrigação. A obrigação do Principe he lutar com este gigante, que he o impossivel de trazer a todos contentes; e para isso ha de ser Proteo, e Achelóo, que se transfórme em leão, e em cordeiro; que se vista humas vezes das propriedades de fogo, e outras das de agua. Socega-se este mundo bem com huma politica, a que os prudentes chamão sagacidade, e por esta toca de vicio, chamara-lhe eu antes advertencia, que tem mais de virtude: advirta nos principios o fim que poderáõ ter; e pouca vista he necessaria para conhecer, que de má semente, ainda que seja pequena, não póde nascer bom fruto: e que huma pequena faisca despresada póde causar grandes incendios; e assim succede, que o q̃ não se sente ao perto, damna muito ao longe. CA-

CAPITULO LIII.

Dos que furtaõ com unhas viſiveis.

RAra he a unha, ou nenhuma, que naõ procure fazer-ſe inviſivel, para que não a apanhem com o furto nas mãos, e a agarrem melhor, do que ella agarrou a preza. Mas ha algumas, que por mais inviſiveis, que ſe façaõ, ſempre ſe manifeſtaõ em ſeus effeitos; tanto, que por mais luvas de ſahidas, e eſcuzas, que lhes calceis, não póde o juizo aquietar-ſe, e eſtá ſempre latindo, e gritando: *Latet anguis in herba.* Aqui ha harpias. Entrey hoje em caſa de hum homem, que conheci hontem pagem çafado de hum Miniſtro opulento: vejo-lhe colgaduras, e quadros, eſcritorios, e cadeiras, bugios ás janelas, e papagayos em gayolas de marfim, eſpelhos de criſtal na ſala, relogios de madre perola, e outras alfayas, que as não tem taes o Rey da China: e fico paſmado ſem ſaber, quem me diga a iſto! E digo cá comigo: *Quien cabras no tiene, y cabritos viẽde, de donde le viene?* Eſte homem naõ foy á India, nem achou theſouro; porque ſe o achara, ElRey havia levar pelo menos a ametade delle. Iſto he theſouro encantado: e ſe quereis, que volo deſcante, direy o que dizem todos; que eſte homem he hum grandiſſimo ladraõ: perdoe-me ſua auſencia: e iſſo eſtá aſſás provado, e manifeſto neſtes effeitos: nem ha miſter mais devaça.

Em minha caſa eſtou eu trancado, porque quem

quem naõ ſe tranca no dia de hoje, não vive ſeguro: e eſtou tirando devaças, que taes as ſoubera tirar a juſtiça delRey, que deve de andar dormindo, pois não dá fé do que olhos fechados, e trancados vem. Vejo que anda a cavallo com dous lacayos aquelle Miniſtro, que não tem de ordenado mais que oitenta mil reis: ſey que anda em coche o outro, e ſua mulher em andas, ſem terem de ordenado, nem de renda mais que, quando muito, até duzentos mil reis. Elles naõ trazem navios no mar, nem tem bens patrimoniaes na terra; nem os pavoens de Juno em caſa, que lhes ponhão ovos de ouro! Pois que he iſto? Saõ unhas viſiveis, e bem ſe moſtraõ em eſtes effeitos, e em outros, que calo de taſularias, amiſades, &c. Hum molde, de como iſto ſe obra viſivelmente, porey aqui, que eu vi ha poucos dias na caſa da India: deſpachava-ſe a fazenda de hum paſſageiro: e vieraõ a juizo tres, ou quatro eſcritorios bem enfardelados com ſeus couros, e lonas, porque o mereciaõ, e debaixo deſtas capas, para virem mais bem acondicionados, trazião varios godrins muito bons, que os eſtofavão, e erão de preço. Ha hum regimento naquelle deſpacho, que fiquem as capas dos fardos, que ſe abrem, para os officiaes, que aſſiſtem a eſtas véſtorias: abriraõ os eſcritorios até a ultima gaveta, e dados por livres, lançarão mãos dos godrins chamandolhes capas, e com elles ſe ficarão, que bem valião vinte mil reis. Levantando mil falſos teſtemunhos ao regimento, que na verdade ſó as capas de couro, e lona lhes concede, e não o mais, que vem regiſtrado, como fazenda.

Em Villa Viçoſa conheci hum criado de grande

de, e Real Caſa de Bragança, que gaſtava os dias, e as noites em continuas queixas de não lhe mandar pagar o Sereniſſimo Senhor Duque D. Theodoſio ſeus ordenados: e chegaraõ a tanto as queixas, que ſe foy valer do Confeſſor, para que puzeſſe a Sua Excellencia em eſcrupulo aquelle ponto com todas as razoens de ſua juſtiça. Aſſim o fez o Reverendo Padre Confeſſor: e o Duque prudentiſſimo com o animo Real, e grandioſo, de que Deos o dotou, lhe reſpondeo: Naõ ſey ſe ſabeis vós, que eſſe fidalgo entrou no ſerviço deſta Caſa, ſem trazer de ſeu mais que huma capa de baeta, e hoje anda em coche, e ſua mulher, e filhos veſtem galas, e comem tão bem, como os que ſe ſuſtentão da noſſa meſa. Perguntay-lhe vós, ſe lhe faltou depois que nos ſerve, algum dia alguma couza? E dizey-lhe, que aſſás merce lhe fazemos, em naõ mandar ao noſſo Dezembargo, que lhe tome contas, e examine as ſuperfluidades de ſua caſa, e de ſeu trato; porque ſe puxarmos poriſſo, hé de temer, que alcancemos delle queixas mais graves, que as que dá de nós. Admiravel exemplo! Eiſaqui como ſe fazem viſiveis as unhas em ſeus effeitos, por mais que ſe eſcondão.

Mais claramente ſe fizeraõ em Evora as unhas inviſiveis de certos ladroens, que ha mais de vinte e cinco annos deraõ de noite no Moſteiro de Santa Clara, em cuja portaria dentro no clauſtro tinha depoſitado hum Maltez dez, ou doze mil cruzados em dinheiro. Abriraõ as portas ſubtilmente, arrancando as fechaduras com trados, para naõ fazerem eſtrondo: tambem levaraõ farellos, para menearem a moeda, ſem chocalhada. Dêraõ nos cai-

caixoens da pecunia, encherao alcofas, e facos; fua boca, fua medida, até mais não quererem, ou não poderem levar para fuas cafas: onde começarão a lograr os frutos de fua diligencia, mas tão incautos, que fendo trabalhadores de enxada, já nam hiam puxar por ella no ferviço das vinhas, como coftumavam. Nem fora ifto baftante para os defcobrir a grande diligencia, com que a juftiça por todas as partes batia as moutas. Até que em huma feita feira notou hum argueireiro na praça do peixe, que hum deftes comprava folho para jantar a toftam o arratel, coftumando a paffar com fardinhas. Deu affopro ao Juiz de fóra, que lhe deu em cafa de repente, e com poucos foroens defcobrio a caça, e achou a mina, de donde fahiam os gaftos, que o fizeram manifefto, com prova baftante para o pór no potro, onde chorou feu peccado, e cantou os cumplices, cujas cabeças vimos fobre as portas da Cidade fazendo fuas unhas ainda mais manifeftas.

****

CAPITULO LIV.

Dos que furtaõ com unhas inviſiveis.

T*Ela prævifa minus nocent.* Diz o Proverbio de S. Jeronymo. Ver o mal, antes que chegue, he grande bem para efcapar delle: mas o rayo, que nam fe vé, a bala, que nam fe enxerga, fenam quando vos fentis ferido, fam males irremediaveis: e tais faõ as unhas inviſiveis em fuas rapinas. E paffa affim na verdade, que naõ damos

damos fé dellas, ſenaõ quando ſentimos ſeus damnos. Raro he o ladraõ, ſe naõ he de eſtrada, que naõ trate de eſconder as unhas, e fazer-ſe inviſivel, quando furta: e por eſta via pódem pertencer a eſte Capitulo quaſi todos: mas eu trato aqui dos que vendendo gáto por lebre, fazem o aſſalto ainda mais inviſivel, pondo-vos á viſta o harpéo, com que vos eſfolaõ, ſem dardes fé delle. Abroquelem-ſe os mecanicos, que começa eſta bateria por elles. Vende-vos hum çapateiro hum par de obra por boa, e legitima, e com tal lhe talha o preço, que vós deſembolçais muito contente, e elle agarra pouco eſcrupuloſo: dahi a dous dias arrebentaõ as coſturas, porque o canamo do fio era podre, ou fingelo; devendo ſer ſaõ, e dobrado: viſtes as entreſolas, que eraõ de pedaços, devendo ſer inteiras, e os contrafortes de badana, que deveraõ ſer de cordovaõ, ou vaqueta. E tudo fez inviſivel a deſtreza do trinchete; e quanto vos deu de perda, tanto vos furtou em Deos, e em ſua conſciencia. Vende-vos hum alfayate o veſtido feito, ou faz-vos o que lhe mandaſtes talhar: mete láa por algodaõ nos acolchoados, trapos por hollanda nos entreforros, linhas nos peſpontos, que querieis de retroz, pontos de legua nas coſturas: e paga-ſe, como ſe tudo ſora direito como huma linha; e tem para ſi, que nada fica a dever, porque de nada déſtes fé, ſenaõ quando ſe foy gaſtando a obra, e appareceraõ eſtes furtos no voſſo negro, a quem déſtes o veſtido, porque naõ dizia com voſſa peſſoa. Hum Fidalgo da primeira nobreza, que todos conhecemos neſte Reyno, mandou fazer humas calças altas no tem-

tempo ; que ſe uſavaõ , e deu para os entreforros dous covados de baeta muito fina ; e o ſenhor meſtre , que as talhou , e peſponteou , tomando a baeta para ſi , poz-lhe em ſeu lugar hum ſambenito , por ſe forrar dos cuſtos , que lhe tinha feito ; feitas as calças , ſem nenhuma ſuſpeita do que levavaõ dentro , achou o Fidalgo , que pezavaõ muito , e que o aquentavaõ mais que muito : mandou-as abrir para ver ſe tinhaõ chumbo , ou fogo dentro , e achou o ſambenito de mais , e a ſua baeta menos : naõ conto o mais que ſuccedeo , porque iſto baſta para ſe ver , que ha nos alfayates unhas inviſiveis.

Os cerieiros , que eſpalmaõ cera preta debaixo da branca. Os confeiteiros , que cobrem açucar maſcavado , e borras com duas mãos de fino. Os paſteleiros , que picaõ hum gato em meya duzia de covilhetes. Os eſtalajadeiros , que baptizaõ o vinho , e daõ vianda de cabra por carneiro. O toſador , que ſem pór teſoura na peſſa de vintedozeno , vos levaõ hum vintem por cada covado. O ferrador , que encrava a beſta , e tambem de noite as acutila , para ter que curar , e de que comer. Os boticarios , que mexem azeite da candéa no emplaſtro , que pede oleo de minhocas na receita. O cordoeiro , que vende por nova do trinque a amarra , que teceo de duas velhas , que deſmanchou. O ſombreireiro , que trabalhou lãa groſſa , e podre , debaixo de huma paſta fina , para vender o chapéo , como ſe fora de caſtor. O ferralheiro , que amaçou ferro tal , onde havia de forjar aço de prova. O ourives , que deſcontou a pezo de ouro o azougue , com que ligou o douramen-

ramento, e a pezo de prata a liga, e cobre, que misturou na pessa. E todos, quantos elles saõ, (que seria muito correllos todos) tem estas trétas, e outras mil, com que escondem as unhas, que invisivelmente nos roubão.

Mas dirá alguem, que tudo isto saõ ninherias, que naõ tiraõ honra, nem desmandaõ casamentos. Seja assim. Vamos ávante: *Paulo maiora canamus*. Levantemos de ponto, e venha a juizo gente mais granada, e os que provem as armadas, e frotas delRey nosso Senhor, sejam os primeiros. Não tem conto as pipas de vinhos, e azeites, que nellas arrumaõ, para provimento, e droga: tudo vay fechado cravado o batoque: e se no fim da jornada se acha o vinho vinagre, e o azeite borra, a Linha tem a culpa nas influencias, com que corrompe tudo, e o ladrão a desculpa na mão, com que gualdripou, o que vay de mais a mais entre vinho, e zurrapa, azeite, e borra: e fica o salto, que foy invisivel em Lisboa, manifesto álem da Linha; como Santelmo, que se faz invisivel em tempo sereno, e na tempestade apparece.

Os ladroens nocturnos saõ ainda mais invisiveis, como aquelle, que mudou hum transelim da cabeça de seu dono para outra, a que não pertencia; era elle de diamante; e de muitos mil cruzados de preço, que tinha no ouro, pedras, e feitio: e foy o caso, que quando ElRey Filippe III. de Castella veyo a este Reyno, lançou o Duque de Aveiro esta gala, com que brilhou mais que todos: Encheo os olhos de huma ave de rapina, que se fez nocturna, para lhe dar caça

caça mais ſegura: eſperou que o Duque ſe recolheſſe do Paço Real alta noite; inveſtio-o no coche pela poupa, abrindo com ferro da banda de fóra entrada baſtante para ter boa ſahida o chapéo, e peſſa, que voou pelos ares com ſeu ſegundo dono; que ainda naõ ſe ſabe, ſe o engolio a terra, ou ſe o levaraõ os ventos; porque ſe fez logo taõ inviſivel, como clandeſtino.

Pela trilha deſte ſe deſempenhaõ muitos, a que chamaõ neſte Reyno capeadores: eſperaõ que anoiteça: fazem-ſe inviſiveis por eſſes cantos das ruas de melhor paſſagem: eſpada, e broquel com piſtóla ſaõ os ſeus fiadores: e em paſſando couza, que lhes arme, deſarmaõ de repente com huma tempeſtade de eſpadeiradas, e ameaços de morte: e ſe lhes reſiſtem, applaca logo tudo a piſtóla póſta nos peitos; e com largar a capa, e a bolça, rime ſua vexaçaõ o paſſageiro, ſem conhecer o autor da preſente perda, ou do ganho da vida, que diz lhe dá de baroto, quando taõ caro lhe cuſta o tornalla para ſua caſa illeſa. Nas Chronicas de Portugal ſe conta, que houve hum Rey em Lisboa antigamente taõ ſolicito de atalhar furtos, que até aos inveſiveis dava caça. Deraõ-lhe avizo os ſeus eſpias, que ſe furtava muito na caſa da India, e na Alfandega, e que de noite ſe abriaõ as portas, e levavaõ fardos de toda a droga com tanta affoiteza, que os mariolas da Ribeira eraõ os portadores alugados. Diſfarçou-ſe o bom Rey á guiza deſtes, e entre elles paſſou huma noite, e outra, até que chegou a infauſta para todos: deixou-ſe hir ao chamado dos officiaes, que os levaraõ

raõ todos á Alfandega; e o ſeu mayor cuidado foy dar teſouradas nas capas de todos ſem ſer ſentido. Fez-ſe tudo, como os pilotos da facçaõ mandaraõ, pagaraõ ſeu trabalho aos mariolas, e recolheo-ſe o Rey com boa ordenança. E em amanhecendo mandou vir perante ſi todas as Juſtiças, Miniſtros, e officiaes de ſeu ſerviço com os meſmos veſtidos, com que tinhaõ rondado aquella noite: e al naõ façaes, com pena de morte. E como os mandados dos Reys inteiros ſaõ leys inviolaveis, aſſim vieraõ todos: foy-lhe vendo as capas, e poz de reſerva todas, as que achou feridas, para pôr a ſeus donos de dependura. E aſſim paſſou o negocio, que com teſouradas inviſiveis aſſegurou thezouros, que unhas inviſiveis lhe roubaraõ.

Nunca faltaõ aos Reys traças, e modos, para evitar damnos, mas que pareçaõ irreparaveis por inviſiveis. Taes foraõ, os que padeceo a Alfandega de Lisboa muitos annos nos direitos Reaes com hum Miniſtro, que tirava folhas dos livros do recibo taõ ſubtilmente, que ficava inviſivel a falta; mas viraõ-ſe logo as ſobras dos reſtos das contas no largo, que invidava o reſto na caſa do jogo: e ſe ſoubera fazer inviſivel o lucro dos direitos, como fez inviſivel o ſalto, com que os roubava, ainda eſtariaõ inviſiveis as unhas, que o levaraõ á forca: por final que endoudeceo ſua mulher: e ainda naõ ſe ſabe, ſe foy de prazer por perder o marido, ſe de pezar por lhe confiſcarem a fazenda. Por tudo ſeria.

CA-

CAPITULO LV.

Dos que furtaõ com unhas occultas.

PArecerá a alguem eſte Capitulo ſemelhante ao paſſado das unhas inviſiveis, mas elle he muito differente; porque as unhas o ſaõ tambem muito entre ſi, como logo moſtraráõ os exemplos; e a razaõ tambem o moſtra; porque as inviſiveis ſaõ, as que de nenhuma maneira ſe pódem conhecer no fragante, e as occultas bem ſe pódem alcançar logo, ſe fizermos diligencia. Succedeo o caſo, e eu o vî em huma feira de tres, que ſe fazem todos os annos em Villa Viçoſa, haverà deſaſete annos. Vinha alli muito açafraõ de Caſtella, e naõ taõ caro como hoje val: no primeiro dia naõ havia achallo por menos de dous mil reis, e iſto em muitas tendas: no ſegundo dia ſó hum vendedor ſe achou delle, e davaõ liberalmente a mil e quinhentos reis. Deu iſto que cuidar, porque naõ havendo mais, que hum mercador de huma droga, a razaõ pedia que lhe levantaſſe o preço, mas a ſemrazaõ, que ella uſava, o enſinou ao abater, para ſe expedir mais depreſſa, e pôr-ſe em cobro com os ganhos. Quaes ganhos? Chamara-lhe eu antes perdas, pois comprou tanta fazenda a dous mil reis, e a vendeo toda a mil e quinhentos. Aſſim paſſa: mas ahi val a unha occulta, que miſturou com o açafraõ puro outro tanto pezo de flor de cardo

tinta de amarello, feveras de vaca, arêa miuda, nervos desfeitos: e multiplicando assim a massa, cresceo a droga outro tanto, ou mais: e ainda que lhe abateo a quarta parte do preço primeiro, dobrando a quantidade, ficou interessando no segundo outra quarta parte, que vinha a ser muito em taõ grande quantia. E ainda que as partes se acharaõ no primeiro jantar defraudadas, naõ foy com tanta pressa, que a naõ puzessem mayor as unhas occultas, em se porem em cobro, antes de as fazerem manifestas.

Hum segredo natural ha nesta materia de unhas occultas, que succede cada dia, de que só aos Confessores se dá parte, e porisso os Senhores ficaõ defraudados nesta parte. Logo me declararey. Ninguem cuide que taxo os Confessores de descuidados em mandarem restituir: póde ser que se governem neste caso pelos conselhos de Sanches. He couza certa, que o paõ, quando se recolhe das eiras para os celleiros, que vem seco, e istitico do mayor Sol, que nellas padece: e outro sim he certissimo, que os celleiros pela mayor parte faõ humidos: e daqui vem, que o paõ penetrado da humidade incha em seu tanto de maneira, que está averiguado, que cada dez moyos lançaõ hum de crescenças. Entrega ElRey por essas Lysirias mil moyos de paõ a seus Almoxarifes no Veraõ, e quando lho pede no Inverno, he mais que certo, que fazem a restituiçaõ dos mil moyos, e que lhes ficaõ cem nos celleiros pela regra infallivel das crescenças, que temos dito. O Almoxarife, que he bom Christaõ, acha-se enleado:

por

por huma parte o pica a conſciencia, vendo em ſua caſa bens, que naõ herdou; e por outra parte tambem ſe lhe ſocega, porque ninguem o demanda por elles, e ve que ElRey eſtá ſatisfeito. Vay á confiſſaõ da Quareſma, e diz: Accuſo-me, que comi cincoenta moyos de trigo, que naõ ſemeey, nem herdey, nem comprey; e tambem declaro, que os naõ furtey; porque me naſceraõ em caſa dentro em huma tulha, aſſim como me podia naſcer hum alqueire de verrugas neſtas mãos. E deſtrinçado o caſo, fica a couza occulta, e em opiniaõ; e quem a quizer ver decidida veja o Doutor, que já toquey, que eu naõ profeſſo aqui enſinar caſos de conſciencia: ainda que ſey, que a praxe deſte eſtá reſoluta nos celleiros do Eſtado de Bragança, onde ſe pedem as creſcenças aos Almoxarifes.

Mais occultas tem as unhas outro exemplo, que tem feito variar no expediente delle muitos Theologos. Dey a vender huma pipa de vinagre; e a regateira foy taõ ardiloſa, que a foy cevando com agua pelo batoque ao compaſſo, que a hia aquartilhando pela torneira: e aqui eſtá eſcondido outro ſegredo natural, que aquella agua botada aos poucos, ſe vay convertendo em vinagre, e ás vezes mais forte, porque ſe deſtempéra; e neſta parte he como o caõ damnado, que irritado ſe azéda mais: e vem a fazer a ſenhora vendedeira de huma pipa tres, ou quatro; e fica-ſe com o reſto, que he mais outro tanto em dobro: e alimpa o eſcrupulo com lhe chamar fruto de ſua induſtria.

Aqui pódem entrar os tafues, que jogaõ com dados falſos, e cartas marcadas, cujas unhas occultas com taes disfarces ſe manifeſtaõ, e fazem ſua preza com mãos continuadas em ganhos, para quem vay ſenhor do jogo, e ſabedor da maranha. E niſto naõ ha opiniaõ, que os eſcuſe de furto mais aleivoſo, que a do ladraõ, que ſaltea nas eſtradas. Tambem he occulta a treta, de quem poem mal com ElRey a poder de mexericos o Capitaõ, que vem de álem-mar muito rico, para que naõ lhe de audiencia, e o traga desfavorecido, até que ſolicito buſca caminho, para ſe congraçar com ſeu Senhor: e como o de boas informaçoens he o melhor, trata de buſcar quem lhes desfaça as más, e apoye ſeu credito: e naõ falta logo quem lhe diga: Senhor valey-vos de fulano, que tem boas entradas, e poderá dar melhor ſahida á voſſa pertençaõ; e póde ſer, que vem eſte mandado pelo meſmo, que o poz em deſgraça, para o trazer a eſtes apertos de o buſcar com os donativos coſtumados, que ás vezes paſſaõ de vinte caixas de açucar, porque em mais ſe eſtima a graça de hum Principe. E tanto que ſe alcança eſte intento das caixas, peſſas, ou biſalhos, ſegue-ſe o ſegundo de desfazer a maranha, e abonallo, até pôr em pés de verdade reſtituîdo a ſeu primeiro ſer, e valimento.

CA-

CAPITULO XIX.

Dos que furtaõ com unhas toleradas.

TErrivel ponto, e arriſcado he, o que ſe nos offerece para deslindar neſte Capitulo, porque parece, que offende a juſtiça, e bom governo dizermos, que ha unhas, que furtaõ, e ſe toléraõ. Males ha neceſſarios, como diz o proverbio, e que ſe toléraõ nas Republicas para evitar mayores males. Tal he a de mulheres publicas, comediantes, e volatins, que ſe ſoffrem para divertir as más inclinaçoens, e evitar outros vicios mayores: mas o furtar ſempre he taõ máo, que naõ ſe póde tolerar para deſmentir vicio mayor, pela regra que diz: *Non ſunt facienda mala, ut veniant bona.* Donde o tolerar ladroens nunca he bom; porque havelos he máo, e conſentilos peor: e outra regra diz, que tanta pena merece o conſentidor, como o ladraõ. Nem ſe póde dizer, que a juſtiça os conſente, nem que os Reys os diſſimulaõ; porque a razaõ naõ os permitte. Pois que unhas toleradas ſaõ eſtas, que aqui ſe nos entremetem, para ſerem deſcuidadas? Para ſerem emendadas, folgára eu de as propor, e declaralashey com hum par de exemplos, taõ notorios, e correntes, que por ſerem taes, ninguem repara nelles. Seja o primeiro de longe, e o ſegundo de perto; eſte de Portugal, e aquelle de Italia.

Em Italia eſtá Roma, Cabeça do mundo,

que pelo ſer, nos deve dar documentos de juſtiça, e ſantidade, e poriſſo naõ eſtranhará taxarmos, o que ſe deſviar deſta regra. Lá ha huns officiaes, que chamaõ Banqueiros: e eſtes tem por todo o mundo, onde ſe acha obediencia Romana, ſeus correſpondentes, que intitulaõ do meſmo nome: e aſſim huns, como outros, aganceaõ diſpenſaçoens, graças, e indulgencias, e expediente de Igrejas, e Beneficios, que vem por Breves, e letras Apoſtolicas dos Summos Pontifices, para partes, que naõ pódem lá hir negociallas; e por tal arte medeaõ as couzas, que naõ lhas trazem ſenaõ a pezo de dinheiro; e vem a ſer neſte Reyno hum rio de prata, para que naõ lhe chamaremos de ouro, que eſtá correndo continuamente para a Curia Sacra, por letras de Biſpados, Igrejas, e Beneficios, e mil outras graças; tudo por taõ exceſſivos preços, que vem a fazer mais de hum milhaõ todos os annos; ſendo aſſim, que nas Bullas de tudo ſe diz, que daõ tudo de graça: *Gratia ſub annulo Piſcatoris*. E aſſim he na verdade, que Saõ Pedro peſcador; e nada logra de taõ copioſa peſca. Os peſcadores, que engordaõ com eſtes lanços, bem ſe ſabe quaes ſaõ: e porque ſaõ, os que naõ convêm, ſe livrou França delles, com dar por cada Bulla dez cruzados para o pergaminho della, e chumbo do ſello, ſem avaliar o muito, ou pouco, que ſe concede, porque iſſo todas as Bullas dizem, que vem de graça. Caſtella ſe ſuſpeita, que tem a culpa do que Portugal padece neſta parte; porque alargou a maõ para ſeus intentos; ou porque a tinha entaõ mais cheya, que hoje com as

enchen-

enchentes de ouro, e prata, que lhe vinhaõ do mundo Novo; e como Portugal he era ſugeito, e ſempre foy liberal, e grandioſo, foy ſeguindo ſuas pizadas; e vendo-ſe picado, e opprimido com tal cargo, e com o pé Italiano ſobre o peſcoço, tudo toléra a titulo de piedade; como ſe naõ fora impiedade defraudar-ſe a ſi, para encher as unhas de milhafres Banqueiros; cuja fé naõ aſſegura a verdade das letras, que apraza a Deos naõ ſejaõ falſas. Doutores houve já, que conſiderando o muito ouro, que diſpenſaçoens ſó dos matrimonios levavaõ deſte Reyno, reſolveraõ, que podia ElRey noſſo Senhor fazer Ley, que annullaſſe todo o contrario de matrimonio entre parentes: mas mais facil era mandar com pena de confiſcaçaõ de todos os bens, que ninguem paſſe lá dinheiro para taes graças, pois concedem que vem de graça, e atalharſe-hia aſſim de pancada tudo; pois naõ ha razaõ, que nos tolha fazermos o que faz França, quando mais Chriſtianiſſima.

Que venha hum Colleitor a eſte Reyno por tres annos a governarnos as almas, e que puxe tanto pelos corpos, que ponha em Roma perto de hum milhaõ, quando nada, para ſi, e ſeus officiaes, he couza, que naõ entendo, e poriſſo naõ lhe ſey dar remedio: e ſe o entendo, naõ me atrevo a receitar-lhe a mézinha, porque naõ me levantem, que ſinto mal do Eccleſiaſtico. E a verdade he, que ſinto n' alma ver chagas incuraveis, em quem tem por officio curar as noſſas. Chamo-lhe incuraveis; naõ porque naõ tenhaõ remedio, mas porque ſaõ toleradas de tanto tempo,

que

que de velhas naõ tem cura, e poriſſo ninguem ſe cura já dellas. Aqui ſe me poem huma inſtancia: tal qual he, eu a deſtroçarey: dizem os que de nada ſe doem: como póde hum ſó Colleitor com tres Monſenhores Varoens de letras, e virtude, recolher tanta pecunia, ſe elles ſó tratáõ do eſpirito? Reſpondo, que ha neſte Reyno mais de dez mil Frades, e mais de quinze mil Freiras, e mais de trinta mil Clerigos, e mais de cincoenta mil embaraços de conſciencia em leigos; e todos movem demandas de lãa caprina; porque o Frade quer comer na meſa traveſſa; a Freira quer janela ſem grade, e grade ſem eſcuta; o Clerigo quer viver á ley do leigo, e o leigo quer ordens ſem cabeça, em que lhas ponhaõ, e deſcaſar-ſe de duas, ou tres, que o demandaõ; *&c. ſic de reliquis*: e todos para ſahirem com a ſua entraõ com Monſieur Auditor, e com Monſieur Albornós, e com Monſieur Catrapuz; huns daõ ouro, outros prata, e outros pedras, que ſe naõ achaõ na rua; porque de fraſqueiras, capoeiras, canaſtras, coſtaes, &c. já ſe naõ faz caſo, por ſerem drogas de mais volume, que lume: e com eſtas pedradas daõ a batalha, e alcançaõ a vitoria, e alimpaõ o bico, pondo em pés de verdade, que Roma naõ ſe move por peitas, aſſim he, porque tudo ſaõ graças. Naõ ſey, ſe me tenho declarado! Mas ſey que tudo ſe toléra, porque corre tudo por canos inexcrutaveis, e que fora bom haver hum breve de contramina, que annullaſſe tudo o que por taes minas ſe agenciaſſe.

E tornando ao primeiro ponto dos Banqueiros; remato eſta teima com hum caſo, que me paſ-

paſſou pelas mãos ha poucos dias. Com tres tratey huma diſpenſaçaõ, ou abſolviçaõ importante: hum pedio duzentos mil reis, outros cem mil, o terceiro foy mais moderado, e diſſe que por menos de oitenta era impoſſivel impetrar-ſe. Naõ havia nos penitentes cabedal para tanto: fallou-ſe à peſſoa, que tinha intelligencia na Curia Romana, e propoſto o negocio, reſpondeo, que era de qualidade que ſe expedia na Curia ſem gaſtos de hum ceitil, e ſe offereceo para mandar vir o Breve de amor em graça; e aſſim foy, que de graça veyo: contey por graça iſto ao matalote dos duzentos mil reis, reſpondeo marchando os beiços: ſaõ lanços, que naõ tiraõ ſeus direitos aos homens de negocio; e melhor diſſera lançadas de Mouro eſquerdo, que merece gente, que com ſua infernal cobiça infama a ſinceridade da Igreja Catholica, a qual de nenhuma maneira ſofra ſimonias; como actualmente o tem moſtrado a Santidade de Innocencio X. depondo, enforcando, e queimando muitos por falſificarem letras.

Até aqui unhas toleradas neſte Reyno, no qual tambem ha outras ſuas proprias, que toléra, e todas tomára cortadas. Arma hum fronteiro huma facçaõ por ſeu capricho; entra por Caſtella com dous, ou tres mil Portuguezes, gaſta na carruagem, muniçoens, e baſtimentos da cavallaria, e infanteria, oito, ou dez mil cruzados: ſuccede-lhe mal a empreza; e a inda que lhe ſucceda bem, perde em armas, cavallos, e infantes mais de outro tanto, e recolhe-ſe dizendo: bela maré levávamos, ſe naõ ſe virára o barco. E dado que nada

da perca, e que traga huma grande preza, eſtá bem eſmada, e mal baratada: lança ao quinto delRey ao mais arrebentar duzentas cabeças de toda a ſorte, que naõ baſtaõ para recuperar mais de duzentos moſquetes, e outras tantas piſtólas, que deſappareceraõ; piques, que ſe quebraraõ, e gaſtaraõ em aſſar borregos; capacetes, de que fizeraõ panellas, para cozer ovelhas com nabos, e outras mil couzas, que naõ ſe contaõ; com que lançadas as contas, ſempre as perdas excedem os ganhos. Alem de que na giravolta ſe deſtroça o fiado, deſconta o vendido; e perde o comprado, quando o inimigo torna a tomar vingança, e dá nos noſſos lavradores, que o naõ aggravaraõ, deixando-os, ſem boyos, nem gados, para cultivar as terras. Tornaõ lá os noſſos a ſatisfazer eſta perda, e he outro engano; porque com o que trazem, naõ ſe recuperaõ os lavradores; tudo he dos ſoldados, que o malograõ, e dos atraveçadores, que o diſſipaõ. E aſſim ſe vaõ encadeando perdas ſobre perdas, que unhas toleradas vaõ cauſando ſem remedio; porque naõ ſe deu ainda no ſegredo deſta eſponja. Olhaõ para o applauſo da valentia, e as medras, dos que ſe empenhaõ nellas, lançaõ hum véo pelos olhos de bizarria a todos, e outros de lizonja ſobre a ruina da fazenda Real, que paga as cuſtas; e os lavradores choraõ, o de que ſe ficaõ rindo os pilhantes, que neſta agoa envolta ſaõ os que mais peſcaõ.

E que direy das innumeraveis unhas, que ſe toléraõ na grande Cidade de Lisboa! Envergonhala-hemos com Cidades muito mayores, que ha na Chi-

China, nas quaes ha taõ grande vigilancia niſto de unhas de gente vadîa, que de nenhuma maneira eſcapa peſſoa viva, de que ſe naõ ſaiba quem he, o que trata, e de que vive, para evitar roubos, e outras deſordens, de que ſaõ autores os ocioſos, e vagamundos em grandes Republicas. E na noſſa ha deſtes tanta tolerancia, que andaõ as ruas cheyas, ſem haver quem lhes pergunte, ſe ſe ſabem benzer, nem quem ſe benza delles; porque delles naſcem os roubos nocturnos, raptos clandeſtinos, homicidios quotidianos: nelles achareis teſtemunhas para vencer qualquer pleito, e quem vos faça huma eſcritura falſa, e huma proviſaõ, que até ElRey, que a naõ aſſignou, a tenha por verdadeira: tudo ſe toléra, porque naõ ha quem vigie. Sou de parecer, que aſſim como ha Meirinho mór para reſguardo do Paço Real, haja ſegundo Meirinho mór, para guarda de toda a Corte neſta parte dos vadîos, e gente ocioſa; e que prenda todo o homem, que naõ conhecer, ſem lhe formar outra culpa: ſe provar no Limoeiro, que he homem de bem, ſerá ſolta; e ſe for da vida airada, vá para as Conquiſtas, onde terá campo largo para eſprayar ſuas habilidades, e ficaremos livres deſta praga, que tanto á noſſa cuſta ſe toléra.

CA-

CAPITULO XVIII.

Dos que furtaõ com unhas alugadas.

TOleradas saõ tambem estas unhas, pois se alugaõ; mas saõ peores nas correrias, que fazem, como mulas de Alquiler. Os Doutores Theologos tem para si, que naõ ha mayor maldade, que a que se ajuda de forças alheyas, quando as proprias naõ lhe bastaõ, para executar sua paixaõ, e esta em boa razaõ, porque saye de esféra, e limite daquillo que póde: e obrar huma pessoa mais do que póde para o mal, he grandissima maldade; assim como obrar mais do que póde para o bem, he grandissima virtude. Naõ póde hum ladraõ arrombar a porta de hum mercador á meya noite, que remedio para lhes pescar hum par de pessas sem estrondo, nem difficuldades? Aluga hum trado, e com elle como com lima surda, faz hum buraco, quanto caiba huma maõ; mete hum gancho agudo taõ comprido, quanto baste para chegar ás pessoas, que esmou de olho ao meyo dia; fisgalhe huma ponta, e como camisa de cocra as revira, e escôa todas pela talisca. Mas naõ saõ estas as unhas alugadas: que fazem os mayores damnos na Republica. Outras ha, de que Deos nos livre, mais nocivas, estas saõ as serventias de quantos officiaes de justiça ha no mundo; correlos todos he impossivel: direy sómente de varas, e escrevaninhas, o que

vemos

vemos, e choramos, e naõ remediamos, porque naõ ſerem ſeus damnos, a quem pudéra dar-lhe o remedio. Que couza he a vara de hum meirinho, ou de hũ alcaide, no dia de hoje? Se Ariſtoteles fora vivo com todo o ſeu ſaber naõ a havia de definir ao certo; mas eu me atrevo a declarala com a de Moyſés. A vara de Moyſés na ſua maõ vara era; mas fóra da ſua maõ era ſerpente. Tal he qualquer vara deſtas, de que fallamos: na maõ de ſeu dono vara he, ſe he bom Miniſtro; mas fóra da ſua maõ he ſerpente infernal, e ſe anda alugada, he todos os diabos do inferno; porque hum diabo naõ tem poder, para ſe transformar em tantos monſtros, como huma vara de ferventia alugada ſe transforma: e elles meſmos o confeſſaõ, que naõ póde al ſer, para pagarem ao orfaõ, ou á viuva, cuja he, e ficarem com ganho, que os ſuſtente a todos á cuſta das perdas de muitos. Olhay para a vara de hum aguazil damninho, parecevos vaqueta de arcabuz; e ella he eſpingarda de dous cannos; porque vay por eſſes campos de Jeſu Chriſto, a melhor marrãa, que encontra, e o melhor carneiro, aponta nelles, e quando volta para caſa, acha-os eſtirados na ſua loge, ſem gaſtar polvora, nem dar eſtouros. Tambem he canna de peſcar fóra da agua: vay á Ribeira, lança o anzol na melhor peſcada, e no melhor congro, ou ſavel, e ſem cedella, que puxe, dá com elles no ſeu prato. Tambem he béſta de pelouro, que mata galinhas aos pares, e pombas ás duzias; perdizes nenhuma lhe eſcapa, ſe as acha nos açougues, porque no ar erra a pontaria. Tambem he cadéla

de

de fila, e quando a açúla a huma vitéla, mas que seja a huma vaca, berrando a leva aonde quer. Tambem he covado, e vara de medir, e quanto mais comprida, tanto melhor: assim como he, entra em casa do mercador, e mede como quer panno, e seda. Tambem he garavato de colher fruta, e sem se abalar por hortas, nem pomares, colhe, e recolhe canastras cheyas. E vedes aqui irmaõ leitor a vara de Condaõ, com que nos embalavaõ antigamente, que fazia ouro de pedras, e paõ de palhas, e da agua vinho; e esta ainda faz mais, porque faz, e desfaz, quanto quer, quem a alugou.

O mesmo, e muito mais pudera aqui dizer das escrivaninhas alquiladas; mas naõ quero nada com penas mal aparadas, naõ acerte de lhes vir a pello este nosso tratado, que no lo depennem, ou jarretem com alguma sentença grega, ou desalmada. Só direy, que saõ alguns, ou quasi todos, taõ fracos officiaes, que he grande valentia saber-lhes ler, o que o escrevem. Eu sey hum, que o fizeraõ vir de Evora a esta Corte, para que lesse o que tinha escrito em hum feito, que naõ era pequeno, e naõ se achava em toda Lisboa, quem em tal escritura attinasse com boya, como se fora a de ElRey Balthasar. E com estes gregotins alimpaõ as bolças ás partes, e sujaõ quantas demandas ha no Reyno, escrevendo ésta por balhésta, e alhos por bugalhos: e já lho eu perdoara, senaõ succedera muitas vezes tirarem dos feitos as sentenças por tal estylo, que naõ se daõ á execuçaõ, porque naõ ha entendellas. Muito ha

que

que reformar nas officinas, e cartorios deſtes ſenhores, como em todos, quantos officios andaõ no Reyno arrendados.

****

CAPITULO LVIII.

Dos que furtaõ com unhas amorozas.

QUem dizia no Capitulo 39. que naõ ha unhas bentas, porque todas ſaõ malditas, e ſugeitas a mil excõmunhoens, quando furtaõ; tambem dirà agora, que naõ ha unhas amoroſas, porque todas arranhaõ; mais ſernos-ha facil deſenganalo com quantas unhas ha de damas, que eſtafaõ a ſeus amantes. E taes ſaõ tambem as unhas de todos os validos, mimozos, e paniaguados dos grandes, daõ-lhes francas entradas em ſeu ſeyo, ſem verem que abrem com iſſo ſahidas enormes a ſeus theſouros. Ouçame o mundo todo huma Filoſofia certa: he certo, que animaes de differentes eſpecies naõ ſe amançaõ: caens com gatos, aguias com perdizes, eſpadartes com baléas nunca ſuſtentàraõ bom cõmercio: e ſe algum dia houve bruto, que ſe ſugeitaſſe a outro de differente eſeſpecie, foy, naõ porque a natureza o inclinaſſe a iſſo, mas por alguma conveniencia util para a conſervaçaõ da vida. Ha entre os homens eſtados taõ diverſos, que ſe diſtinguem entre ſi mais, que as eſpecies dos brutos. Hum Fidalgo cuida, que ſe diſtingue de hum eſcudeiro, mais que hum leaõ

de hum bugio: e hum eſcudeiro preſume, que ſe differençea de hum mecanico, mais que hum touro de hum cabrito. E que ſerà hum Duque, ou hum Rey, comparado com qualquer deſſes? Será o que he hum elefante com hum cordeiro. Donde ſe infere, que quando ha uniaõ de amor entre taes ſugeitos, naõ he, porque a natureza os incline a iſſo, he a conveniencia do intereſſe; e como eſta vay diante ſempre, ſempre vay fazendo ſeu officio, aproveitando-ſe do amor para ſuas conveniencias.

Entra aqui outra circunſtancia, que dá grande apoyo a eſte diſcurſo; e he, que o mayor ama ao menor, como couza ſua; e o menor olha para o mayor, como para couza, que o domína: e iſto de ſer dominado, nunca cauſa bom ſabor; e poriſſo vicía o amor, que naõ ſofre diſparidades. Donde ſe colhe evidente: e infallivelmente, que póde haver amor verdadeiro do ſuperior para o inferior, e que naõ he certo havello do inferior para o ſuperior; porque leva ſempre a mira no que dahi lhe ha de vir; e eſſa he a pedra de toque, em que aguça as unhas, que chamo amoroſas; porque com achaque de benevolencia, e amor, que ſeu amo lhe moſtra; mete a maõ no que a privança lhe franquéa com tanta ſegurança, como ſe tudo fora ſeu pela regra, que diz: *Amicorum omnia ſunt cõmunia.* O grande nunca ſofre igual, quanto mais ſuperior, e poriſſo naõ ſe humana ſenaõ com o inferior; e eſte porque tem iguaes, com quem faça ſociedade; naõ neceſſita do bafo dos grandes, mais que para engodar; e he quanto

to lhe permitte o careyo, que lhe daõ, e uſaõ delle os valídos com inſolencia; porque o acicate, que os move, eſtriva mais em medras proprias, que em ſerviços, que pertendaõ fazer aos ſeus Mecenas. Reciprocaõ-ſe o amor do grande, e o intereſſe do pequeno: o amor abre a porta, o intereſſe eſtende as unhas; e como na arca aberta o juſto pecca, empolga ſem limite; e como o amor he cego, naõ enxerga a damno; e ſe acerta dar fé delle, porque às vezes he taõ grande, que às apalpadelas ſe ſente, tambem o diſſimúla; e aſſim ſe vem a refundir na affeiçaõ todos os damnos, que padece, e grangeaõ titulo de amadas, e amoroſas as unhas, que lhos cauſaõ.

Naõ ſe condemna com iſto terem ſeus valídos os grandes; porque nem os Summos Pontifices ſe pódem governar bem ſem Nepótes, a quem de todo ſe entregaõ, para deſcançarem nelle o pezo de ſeus negocios, e ſegredos: e os Principes ſeculares neceſſitaõ muito mais deſte auxilio, porque as couzas profanas naõ ſe domeſticaõ tanto como as ſagradas. O que ſe taxa he a demazia, e deſaforo de alguns valídos: dos màos ha duas caſtas, huns que eſcondem as medras, e outros, que as aſſoalhaõ: eſtes duraõ pouco, porque a inveja os derruba armando-lhes precipicios, como a D. Alvaro de Luna; e ſua propria fortuna, e inſolencia os jarreta, como a Beliſario: aquelles mais duraõ, e he em quanto ſe ſuſteèm em ſeus limites; mas por mais, que ſe diſſimulem com trajes humildes, e alfayas pobres, logo ſeus augmentos os manifeſtaõ; porque ſaõ como o fogo,

que ſe deſcobre pelo fumo; e abraza mais, quando mais ſe oculta. Se nós virmos hum deſtes comprar Quintas como Conde, receitar dotes como Duque, e jogar trinta, e quarenta mil cruzados como Principes; e ſoubermos, que entrou na privança ſem humas luvas, como havemos de crèr que cortou as unhas? Creſceraõ-lhe ſem duvida com o favor como planta, que regada medra. Grande louvor merecem neſta parte todos os Miniſtros, que aſſiſtem a ElRey noſſo Senhor, porque vemos, que tudo o que poſſuem, com naõ ſer muito, he mais para o ſervirem, que para o lograrem. Nem ſe póde dizer de Sua Mageſtade, que Deos guarde, que tem valídos mais que dous, que ſe chamaõ, Verdade, e Merecimento. Como pódem, e devem os Principes ter valídos para ſe ſervirem, e ajudarem de ſuas induſtrias, e talentos, já o diſſemos no Capitulo 30. ao titulo dos Conſelheiros §. 1.

****

CAPITULO LIX.

Dos que furtaõ com unhas cortezes.

NAõ ſey, ſe he certa huma murmuraçaõ, ou paga, que corre em todas as Cortes do mundo, que mais ſe ganha no Paço às barretadas, que na campanha ás lançadas. Se ella he certa, he grande roubo, que ſe faz á razaõ, e juſtiça, que eſtá pedindo, e mandando, que ſe dém

dém as couzas, e façaõ as mercés, a quem mais trabalha, e padece. Privilegio he de chocarreiros, que ganhem ſeu paõ com lizonjas; mas a honra guarda outro foro, que ſendo muito cortez, naõ pertende, nem eſpera premio por ſua cortezia, porque lhe he natural; e pelos actos naturaes, dizem os Theologos, que nada ſe merece, nem deſmerece. E daqui vem, que o que ſe leva por eſta via, vem a ſer furto.

Homens ha, e conheço alguns, a quem propriamente podemos chamar eſtafadores. Andaõ no terreiro do Paço, no Rocío, e por eſſas ruas de Lisboa; e como ſaõ ladinos, e verſados, conhecem já de face a todos; e tanto que vém algum de novo, ou que parece eſtrangeiro, chegaõ-ſe a elle raſgando cortezias, envoltas com louvores de v. m. me parece hum Principe, a cuja ſombra ſe proſtra hoje minha pobreza: ſou hum homem nobre, e foraſteiro, ſuſtento aqui pleitos para remediar filhas orfans, que trouxe comigo para vigiar ſua limpeza: ſemanas ſe paſſaõ, em que naõ entra paõ em noſſa caſa; e pondo a maõ na cruz da eſpada, jura que naõ traz camiſa: e por eſta toada diz mil couzas, que traz eſtudadas, como oraçaõ de cego; até que remata com a petiçaõ, a que foy armando todas ſuas arengas, com o chapéo na maõ, o pé atraz, e o joelho quaſi no chaõ. O pobre novato, que he às vezes mais pobre, que elle, movido por huma parte da compaixaõ, e por outra picado das cortezias, abre a bolça, e pedindo perdoens dà-lhe a pataca, ou ao menos o toſtaõ, que o ſupplicante vay

brindar logo na primeira taverna: e ſabida a couza, nem filhas, nem demanda teve nunca, e ſempre foy eſtafador cortezaõ, que he o meſmo que ladraõ cortez.

Tem hum official de vara, ou eſcrivaninha no ſeu regimento dous, ou tres vintens, que ſe lhe taxaõ por eſta, ou por aquella diligencia: acha nos aranzeis de ſua cobiça, que he pouco: teme pedir mais com medo do caſtigo, que naõ falta, quando Sua Mageſtade ſabe as deſordens: pergunta o requerente biſonho o que deve? Reſponde-lhe: de graça dezejara ſervir a v. m. mas vive hum homem alcançado, e ſuſtenta caſa com eſte officio, dé v. m. o que quizer. E ſe o requerente inſta, que lhe diga ao certo o que deve, por que naõ traz ordem para dar mais, nem he bem que dé menos? Torna a reſponder, que em mayores couzas o dezeja ſervir, que ſe naõ quizer dar nada, que o póde fazer; e que taõ ſeu cativo ficará aſſim como de antes. Bem ſe vé, que iſto he eſtafa, pois nunca o vio em ſua vida, ſenaõ aquella vez; e para lhe aguçar a liberalidade, moſtra-lhe hum livro muito grande, e o muito, que nelle ſe rabiſcou, &c. Paſma o ſupplicante, lança-lhe hum par de patacas Mexicanas, onde ſó devia dous vintens: recolhe-as o ſenhor eſcriba, de prata Fariſeo, e deſpacha-o com aquime tem v. m. a ſeu ſerviço taõ certo, como obrigado. E ſe eſtes mancebinhos puzerem no fim de ſeus deſpachos os preços delles, como ſaõ obrigados, ſaberaõ as partes o que devem, e naõ haverá enganos; mas quando o ſalario he pouco, naõ

o eſcre-

o eſcrevem, para ter lugar a tréta; e ſe he muito, galhardamente o explicaõ. Seja ſuſpenſo todo o que o callar: e eiſahi o remedio.

Iſto ſaõ ninherias em comparaçaõ de outras prezas, que a cortezia agarra ſem muitas ceremonias; como na India, em Cóchim, e outras praças ſemelhantes de mayor cõmercio. Quer hum Capitaõ Mór oitenta, ou cem mil cruzados de boa entrada, pede-os empreſtados a bom pagar na ſahida com eſta arte, que o deſobriga para o futuro, e naõ dá moleſtia ao preſente. Haverá em Cóchim, e ſeu diſtricto, mais de cincoenta mil mercadores entre Chriſtãos, e Banianes de bom trato: manda-os viſitar pelos corretores com mil cortezias, de como he chegado para os ſervir, e que lhes faz a ſaber, como vem pobre, e que trata de armar hum empregoſinho para a China, e que por naõ ſer moleſto a ſuas mercés, quando vem para os ajudar a todos, naõ quer de cada hum mais que dous, ou tres xerafins empreſtados em boa cortezia; e que com a meſma os pagará pontualmente até certo tempo. Nenhum repara em empreſtar taõ pouco, e muito menos em o cobrar a ſeu tempo, porque haõ miſter ao Senhor Capitaõ para muito; e aſſim ſe fica com tudo, que vem a paſſar muitas vezes de cem mil cruzados em leve cortezia. E que muito que ſucceda iſto na India, acolà taõ longe; quando vemos cà mais ao perto dentro em Portugal caſos ſemelhantes! Hum Prelado grave, ou para melhor dizer graviſſimo, conheci neſte Reyno, que com achaque de huma jornada á Corte de Madrid pe-

dio empreſtado por boa cortezia a cada Paroco da ſua Dioceſe dous cruzados, com que veyo a fazer monte de mais de quatro mil: e quando veyo à paga, com a meſma cortezia nenhum lhos aceitou, como os Banianes da India. Por eſta arte anda a Politica do mundo cheya de mil trétas, de ſorte, que por mal, ou por bem, naõ ha eſcapar de roubos.

****

CAPITULO LX.

Dos que furtaõ com unhas Politicas.

ANda o mundo atroado com Politicas, de que fazem applauſo os Eſtadiſtas: a huma chamaõ ſagrada, a outra profana; e ambas querem, que tenhaõ immenſos preceitos, com que inſtruem, ou deſtroem os governos do mundo, ſegundo ſeus Pilotos os applicaõ. E he certo, que toda a maquina dos preceitos, aſſim de huma, como da outra ſe encerraõ em dous: os da ſagrada ſaõ, amar a Deos ſobre todas as couzas, e ao proximo, como a ti meſmo. Os da profana ſaõ, o bom para mim, e o máo para ti. Mas he engano craſſo, a que repugna Minerva, cuidar que ha politica ſagrada: iſſo chama-ſe Ley de Deos, que com nada contemporiza, nada affecta, nem diſſimula, lavra direito, e ſem torcicolos contra os axiomas da Politica. Pelo que, iſto que chamamos Politica, ſò no profano ſe acha: e eſta ſò

he

he a que tem as unhas, de que falla eſte Capitulo; e para ſabermos, que taes ellas ſaõ, he neceſſario averiguarmos bem de raiz, que couza he Politica? E apóſto que ſe o perguntamos a mais de vinte, dos que ſe prézaõ de politicos, que nenhum a ſaiba definir pelas regras de Ariſtoteles, aſſim como ella merece?

Todos fallaõ na Politica, muitos compoem livros della; e no cabo nenhum a vio, nem ſabe de que cór he. E atrevo-me a affirmar iſto aſſim, porque com eu ter pouco conhecimento della, ſey que he huma má peſſa, e que a eſtimaõ, e applaudem, como ſe fora boa: o que naõ fariaõ bons entendimentos, ſe a conheceraõ de pays, e avós, taes, que quem lhos ſouber, mal poderá ter por bom o fruto, que naſceo de taõ más plantas: e para que naõ nos detenhamos em couzas trilhadas, he de ſaber, que no anno, em que Herodes matou os Innocentes, deu hum catarro taõ grande no diabo, que o fez vomitar peçonha; e deſta ſe gerou hum monſtro, aſſim como naſcem ratos *ex materia putridi*, ao qual chamaraõ os Criticos Razaõ de Eſtado: e eſta Senhora ſahio taõ preſumida, que tratou de cazas; e ſeu pay a deſpozou com hum mancebo robuſto, e de màs manhas, que havia por nome Amor proprio, filho baſtardo da primeira deſobediencia: de ambos naſceo huma filha, a que chamaraõ Dona Politica: dotaraõ-na de ſagacidade hereditaria, e modeſtia poſtiça. Criou-ſe nas Cortes de grandes Principes, embrulhou-os a todos: teve por ayos o Machavello, Pelagio, Calvino, Luthéro, e outros Doutores;

tores deſta qualidade, com cuja doutrina ſe fez taõ vicioſa; que della naſceraõ todas as Seitas, e hereſias, que hoje abrazaõ o mundo. E eiſaqui, quem he a Senhora Dona Politica.

E para a termos por tal, baſta vermos a variedade, com que fallaõ della ſeus proprios Chroniſtas; que ſe bem advertirmos, cada qual a pinta de maneira, que eſtamos vendo; que leva toda a agua a ſeu moinho. Se he Letrados, todas as regras da Politica vaõ dar, em que ſe favoreçaõ as letras, que tudo o mais he aire: Se profeſſa armas o Autor, lá arruma tudo para Marte, e Belona, e deixa tudo o mais á porta inferi. E ſe he Figalgo, tudo apoya para a nobreza, e que tudo o mais he vulgo inutil, de que ſe naõ deve fazer conta. E he a primeira maxima de toda a Politica do mundo, que todos ſeus preceitos ſe encerraõ em dous, como temos dito, o bom para mim, e o máo para vós. E póſta neſte primeiro principio, entra logo ſua mãy Razaõ de Eſtado, enſinando-lhe, que por tudo córte, ſagrado, e profano, para alcançar eſte fim; e que naõ repare em outras doutrinas, nem em preceitos, mas que ſejaõ do outro mundo, porque ſó do cõmodo deſte deve tratar, e de ſeu augmento, e da ruina alhea; porque naõ ha grandeza, que avulte á viſta de outra grandeza. Minguas de outros ſaõ meus accreſcentamentos; ſou obrigado a me conſervar illeſo; e naõ eſtou ſeguro, tendo junto de mim, quem me faça ſombra: e para nos livrarmos deſte çoçobro, démos-lhe carga, tiremos-lhe a ſubſtancia. E para iſſo eſtende as unhas,

que

que chamaõ Politicas, armadas com guerra, hervadas com ira, e peçonha de inveja, que lhe miniſtrou a cobiça: e nada deixa em pè, que naõ eſcale, e meta a ſaco. Eſte Reyno he meu, e eſta Provincia he o menos, de que ſe trata: Os Imperios mais dilatados, e opulentos, ſaõ pequeno prato para eſtas unhas; e o direito, com que os agarraõ, eſcreve o outro com poucas letras, ſem ſer Bartholo, na boca de huma bombarda; e vem a ſer: *Viva, quem vence.* E vence quem mais pòde, e quem mais pòde, tenha tudo por ſeu; porque tudo ſe lhe rende. E fica a Politica cantando a gala do triunfo, e ſua mãy Razaõ de Eſtado rindo-ſe de tudo, como grande Senhora, e ſeu pay Amor proprio logrando próes, e precalços; e ſeu avó o Diabo recolhendo ganancias, embolçando a todos na caldeira de Pero Botelho; porque fizeraõ do Ceo cebola, e deſte mundo Paraiſo de deleites, ſendo na verdade labyrinto de deſaſocegos, e inferno de miſerias, em que vem dar tudo, o que nelle ha; porque tudo he corruptivel.

Eſte he o ponto, em que a Politica errou o nòrte totalmente, porque tratou ſó do temporal, ſem pór a mira no eterno, aonde ſe vay por outra eſteira, que tem por roteiro dar o ſeu a ſeu dono, e a gloria a Deos, que nos creou para o buſcarmos, e ſervirmos com outra ley muito differente, da que enſina a Politica do mundo. E lá virá o dia do deſengano, em que ſe acharáõ com as mãos vazias, os que hoje as enchem da ſubſtancia alhea.

Teſtemunhas ſejaõ o famoſo Beliſario, terror de Vandalos, aſſolaçaõ de Perſas, eſtragador de

milho-

milhoens, que dos mais altos cornos da Lua o poz sua fortuna sem olhos em huma estrada á sombra de huma choupana, pedindo esmola aos passageiros: *Date obolum Belisario.* E o grande Tarmolaõ, cujo exercito enxugava rios, quando matava a sede; taõ poderosa, que trazia Reys ajoujados como caens debaixo da sua mesa roendo ossos; o qual à hora da morte mandou mostrar a seus soldados a mortalha, com hum pregaõ, e desengano, que de tanto, que adquirio, só aquelle lançol levava para o outro mundo.

****

CAPITULO LXI.

Dos que furtaõ com unhas confidentes.

QUe tenha a minha maõ confiança comigo, para me servir, e coçàr, lisonja he, que bem se permitte; mas que a tenhaõ as minhas unhas, para me darem huma coça, que me esfolem a pelle, naõ se sofre. Pois taes saõ, os que os Reys applicaõ, como mãos proprias, a seu Real serviço, e elles esquecidos da confiança, que a Magestade Real faz delles, estendem as unhas, para applicarem a si, o que lhes mandaõ ter em reserva para o bem cõmum, e de muitos particulares, que esfolaõ. Ha neste Reyno Thesoureiros, Depositarios, e Almoxarifes sem conto; todos arrecadaõ em seus depositos, que chamaõ arças, grandes copias de dinheiro, hum delRey, outro

outro de orfaõs, e muito de outras muitas partes: e ſendo obrigados a tello a ponto para toda a hora, que lho pedirem, aproveitando-ſe da confiança, que ſe faz delles, metem o dito dinheiro em ſeus tratos de compras, e vendas, com que vem a ganhar no cabo do anno muitos mil cruzados. E ſe lho pedem no tempo, em que anda a pecunia nos boléos da fortuna, com riſcos de ſe hir o ruço a traz das canaſtras, fingem auſencias, e que tem a arca tres chaves, que dahi á quinze dias virà da feira das Virtudes Bento Quadrado, que levou huma, que ahi eſtà o dinheiro cheo de bolor na arca: e paſſaõ-ſe quinze mezes, e naõ ha dar-lhe alcance. E por fim de contas vem a reſidencia, e alcança os ſobreditos em muitos contos. E eſtes ſaõ os confidentes da noſſa Republica, que fazendo-ſe proprietarios do alheo, alienaõ o que naõ he ſeu, e daõ atravéz com os theſouros alheyos.

Nas fronteiras ſuccedem caſos admiraveis neſta parte. Eſtà hum deſtes (pouco digno em hum, podendo dizer mais de cento, mas hum exemplo declara mil.) Eſtà hum deſtes a la mira eſpreitando, quando voltaõ as noſſas facçoens de Caſtella com grandes prezas de boys, cavalgaduras, porcos, carneiros, e outros gados: e como os ſoldados vem famintos de dinheiro, mais que de alimarias, que naõ pódem guardar, nem ſuſtentar; e o ſobredito ſe vé Senhor dos depoſitos dos pagamentos, que foy atrazando, para naõ lhe faltar moeda neſta occaſiaõ, atraveſſa tudo, reſgatando-o por pouco mais de nada, ſem haver quem lhe vá á maõ, porque todos dependem delle,

le, e o affagaõ, para o terem da ſua maõ: e dahi a quatro dias, e tambem, logo ao pé da obra, vende a oito, e a dez mil reis a lavradores, e marchantes os boys, que comprou a quinze toſtoens quando muito, e o meſmo computo ſe faz no mais. E vem a ſer o mais rico homem do Reyno, ſem meter no trato vintem, que ganhaſſe, nem herdaſſe de ſeus avós. Melhor fora venderem-ſe os taes gados aos noſſos lavradores pelos preços dos ſoldados, para ſe refazerem de ſemelhantes prezas, que os inimigos nos levaraõ, e naõ ficarem exhauſtos de criaçoens, os que ſuſtentaõ a Republica, e cheyos, os que a deſtroem com as unhas, que chamo confidentes. Cortem-ſe eſtas unhas; e ſe naõ houver puxavante, que as entre, porque a confidencia as faz impenetraveis; tirem-lhe o cabedal, e ponha-ſe, onde haja vergonha, e honra, que ſe péje de comprar para vender.

Na Cidade de Lisboa conheci hum barbeiro, o qual enfadado do pouco, que lhe rendia a ſua arte, ſe deu a ſangrar bolças, e fazer a barba aos mais opulentos eſcritorios: e para o fazer a ſeu ſalvo, e com credito de ſua peſſoa, foy-ſe metendo de gorra com ſeus freguezes, dando-lhes alvitres, de que ſe fazia corretor. Ao principio começou com penhores, pedindo dinheiro empreſtado para taes, e taes empregos, que ſe lhe offereciaõ rendoſos, e que partiriaõ os ganhos dentro de breves dias: e com a pontualidade foy ganhando terra para accreſcentar as partidas: e com o lucro, que dava aos acrédores, os foy cevando, e meten-

metendo na baralha, e cobrando credito, até que os obrigou a invidarem o reſto. Jà ſe naõ curavaõ de fianças, nem penhores, para com elle. E vendo aſſim o campo ſeguro, deu de repente em todos abonando hum lanço, que fingio ſe lhe abria de grandiſſimo intereſſe, e que convinha meter nelle todo o cabedal, para ficarem todos rico. Nenhum reparou em largar quanto dinheiro tinha; e tal houve, que lhe entregou cinco mil cruzados, outros a dous, a tres, e a quatro, ſem ſaberem huns dos outros. Deu com tudo em hum navio eſtrangeiro, que eſtava a pique, e deu á vela pela barra fora: e o mancebinho nunca mais appareceo, nem novas delle, nem raſto do dinheiro, por mais Paulinas, que ſe tiraraõ. E eſta ſaõ as verdadeiras unhas confidentes. E naõ ſaõ menos damninhas as confiadas, de que já digo caſos memoraveis.

****

CAPITULO LXII.

Dos que furtaõ com unhas confiadas.

PAra que naõ pareça eſte Capitulo o meſmo, que o paſſado, contarey huma hiſtoria, que declara bem o muito que ſe diſtinguem. Succedeo em Lisboa, que fazendo huma Confraria em certa Igreja a feſta do ſeu Orago muito ſolemne, ajuntou para iſſo muita prata de caſtiçaes, alampadas, peviteiros, e caçoulas, que pedio por empreſ-

empreſtimo a outras Igrejas, Moſteiros, e Irmandades: e como o theſouro era de muitos, tinhaõ direito todos para virem buſcar, e levar as ſuas peſſas. Entre os que vieraõ, acabada a feſta, foy hum ladraõ cadimo com dous maráos, que alugou na Ribeira por dous vintens cada hum, e duas canaſtras mais grandes, que pequenas: e entrando muito confiado, como ſe fora mordomo mòr de toda a feſta, póz a capa, e o chapéo ſobre hum caixaõ, aſſegurando primeiro a auſencia dos que lhe podiaõ pór embargos: abaixou diante de Deos, e de todo o mundo, as melhores duas alampadas, e tirando dos altares os caſtiçaes, que baſtaraõ para encher as canaſtras, póz tudo às coſtas dos mariolas, e ſacodindo as mãos, tomou a capa, e guiou a dança; e eſcapou por ſua arte dando com a pratra, onde nunca mais appareceo; ficando mil almas, que eſtavaõ na Igreja, perſuadidas, que aquelle homem era o legitimo dono, como manifeſtava a confiança, com que fez o ſalto, que naõ foy em vaõ. E iſto he, o que chamo unhas confiadas, ſem ſerem confidentes: e deſtas ha muitas a cada paſſo, e no ſerviço del-Rey naõ faltaõ; mas falta-me a mim coragem para moſtrar aqui, o que recolhem, como ſe fora ſeu, com tanta confiança, como ſe o cavaraõ, e o roçaraõ, ou o herdaraõ dos ſenhores ſeu avós. E aſſim digo, que naõ me meto com averiguaçoens, de que a pezar da verdade poſſo ſahir deſmentido. Só aos affoutos fizera eu huma pergunta em ſegredo (chamolhe aſſim, por naõ eſpecificar cargos, de donde ſe poſſaõ colligir peſſoas com quem naõ quero

quero pleitos) perguntamos a eſtes, com que authoridade, ou para que fazem tornar a traz os pagamentos da micilia, que Sua Mageſtade deſpacha? Ou com que ordem os repartem ultra do que rezaõ as ordens verdadeiras? Nada reſpondem: metem-ſe no eſcuro das razoens do Eſtado, e he couza clara, que accreſcentaõ ſeu eſtado: e ainda mal que vemos accreſcentados, os que para bem houveraõ de ſer diminuidos. Eſtes ſaõ, os que com grande affoiteza, e confiança, metem a ſaco a Republica, cujos ſacos vaſaõ para encher taleigos, que já medem aos alqueires: e iſſo he o menos, e mais he o volume immenſo de outras drogas, de que enchem ſobrados, que haõ miſter eſpeques para ſuſtentar o pezo, ſem temor da força, que fora melhor fabricaſſe deſſes pontoens. Aponto ſô o damno, naõ trato, de quem leva o proveito; porque a confiança, com que nelle apoyaõ ſuas unhas, as faz impunes. Mas deixando pontos intelligiveis, paſſemos a outra couza.

Ahi naõ póde haver mayor confiança, que a de hum Cabo, a quem daõ cem mil reis para hum pagamento de ſeus ſoldados; e em vez de o fazer logo, para lhes matar a fome, que os traz mórtos, vai-ſe á caſa da tafularia, poem o dinheiro na taboa do jogo, como ſe fora ſeu, ou lhe viera da caſa de ſeu avô torto; e ſem nenhum direito, que para elle tenha, o lança a quatro mãos, e o perde com ambas, ſem lhe ficar nellas, mais que o taleigo vazio, e o focinho cheyo de paixaõ, com que ſatisfaz ás partes; de ſorte que nenhum ſoldado ouza apparecer diante delle: e he

eſtremada traça para naõ lhe puxarem pela divida. Mais confiados que eſtes ſaõ outros, que ha na caſa da India, e nas Alfandegas, que naõ ſey como ſe chama ſeus officiaes, nem o quero ſaber, por naõ ſer obrigado a nomealos por ſeu nome: eſtes tem por obrigaçaõ ver todos os fardos, e examinar todas as fazendas, que vem de fóra, para orçar ao juſto os direitos, que ſe haõ de pagar a Sua Mageſtade; e elles por quatro patacas examinaõ as couzas taõ ſuperficialmente, que deixaõ paſſar por eſtimaçaõ de anil o pacote, que vem cheyo de baſares; e contaõ por caſcaveis o barril, que vem recheado de coraes, e alambres. Que fardos de télas finas, e borcados de tres altos coraõ praças de bocachim, e calhamaço, naõ o crerá, ſenaõ quem o vio. Ballas de meyas de ſeda fazem figura de reſmas de papel. E he facil deslumbrar os olhos de todos os Argos, a quem eſtá encomendada a vigia diſto, com hum par de peſſas reſplandecentes de vidros de Veneza, cryſtaes de Genova. E para que naõ ſe diga, que naõ viraõ tudo, mandaõ abrir coſtaes, que já vem marcados, e preparados para o effeito: os quaes trazem na primeira ſuperficie, o que val menos; mas o ainego he do mais precioſo. Já ſe vio caixaõ, e quartola, que trazia na boca chocalhos, e no fundo peſſas de ouro, e prata. E ſe algum Miniſtro fiel requerer, que ſe examine tudo, reſpondem, que naõ ſeja deſconfiado: e com duas gracetas paſſaõ deſgraças, que naõ conto. Declaro ſobre tudo iſto, que já eſta moeda naõ corre, como em tempo de Caſtella; porque eſtá ſeu Dono em

caſa,

caſa, que a vigia, e faz a todos, que naõ ſejaõ taõ confiados, como o Carvalho.

Naõ ſey, ſe ponha aqui huma confiança admiravel, que naõ podia crer até que a vi. Bem he que ſaiba Sua Mageſtade tudo, para que o emende com ſeu Real zelo, e para iſſo digo. E he que todas as dividas, que ElRey noſſo Senhor manda pagar, ou eſmolas, que manda fazer por via da fazenda, achaõ todos os deſpachos correntes até o theſouro, onde topaõ com ordem ſecreta, que a todos diz, que ſatisfará como tiver dinheiro; e conſta por outras vias, que os tem aos montes para outros preſtimos; mas para iſto de dividas, e eſmolas, naõ ha tirar-lhe hum real das unhas: e occaſionaõ com iſto a ſe cuidar, que a tal ordem baixou de cima: e he ponto, que nem hum Turco o preſumirá de Sua Mageſtade, mas he confiança de Miniſtros, que devem de preſumir, que o naõ virá a ſaber ſua Mageſtade, que deve ſentir muito lanços, que tem mais de aleivezia, que de zelo. Com as palavras vos dizem que ſim, e com as obras que naõ. Doutrina he, que Chriſto reprehendeo muitas vezes ſeveramente aos Fariſeos: e aſſim ſe deve eſtranhar entre Chriſtãos. E eu naõ acabo de dar no alvo, a que tira eſta confiança, quando tira aos pobres, o que ſeu dono lhes manda dar. Dizerem que he zelo da fazenda Real, que naõ querem ſe eſperdice, ainda pecca mais de confiada eſta repoſta; que naõ deve o criado ter mais amor á fazenda, que ſeu Senhor; álem de que ſeria eſtolida confiança tomar ſobre ſi os encargos de tantas reſtituiçoens, de que o Senhor fica livre, ſó

com mandar que ſe paguem. E em concluſaõ levem todos daqui eſta verdade, que naõ empobrece, o que ſe dá por eſmola, nem faz falta, o que ſe paga por divida. Vejaõ lá naõ enriqueçaõ eſtas demoras a outrem: e eſte he o tópe, em que vem esbarrar todo o diſcurſo, que ſe póde formar neſta materia: e nem iſto he bem que ſe creya de gente honrada.

Neſte Capitulo entraõ de molde mulheres, que ha em Lisboa, as quaes vivem de deſpir meninos, aſſim como os acima dito de deſpir pobres: tanto que achaõ alguma criança na rua, ſem que olhe para ella, fazem-lhe quatro affagos, como ſe foraõ ſuas amas, levaõ-na nos braços, recolhem-ſe na primeira logea, e a titulo de lhe darem o peito, ou penſarem, lhe deſpem toda a roupa; em taõ boa hora, que lhe deixem a camiſa. Se acerta alguem de as ver, daõ tudo por bem feito, ajudando-as por domeſticas, como moſtra a lhaneza, e confiança, com que lhe metem a papa na boca: e feita a preza, fazem-ſe na volta do çaragaço a buſcar outra; e tiray lá carta de excommunhaõ, para vo la reſtituirem no dia do Juizo.

Huma mulher houve taõ confiada neſta Corte, que contentando-lhe huma cruz de ouro, e pedraria, que eſtava por ornato de huma feſta no altar de certa Igreja, eſperou que ſeus donos ſe auſentaſſem, e póſta no meyo da Igreja, porque naõ podia chegar perto com o concurſo, levantou a voz dizendo: alcancem-me cá aquella cruz, e venha de maõ em maõ, por me fazerem mercê. Todos julgaraõ que ſeria ſua, pois com tanta confi-

ança

ança a demandava; e de maõ em maõ veyo, até chegar ás da harpîa, que deu ao pé com ella sem ajuda de Simaõ Cyrineo, porque lhe cuſtou menos a achar que a Santa Helêna. Tambem ha muitos, que furtaõ confiados, em que Deos perdoa tudo; mas já Santo Agoſtinho os deſenganou a todos, que naõ ſe perdoa o peccado, ſem ſe reſtituir o mal levado. E neſte mundo, ou no outro haõ de pagar pela bolça, ou pela pelle.

****

CAPITULO LXIII.

Dos que furtaõ com unhas proveitoſas.

GRaças a Deos, que foy ſervido de nos deparar humas unhas boas entre tantas ruins. Mas dirá alguem, que nenhumas ha, que naõ ſejaõ proveitoſas para ſeu dono, no que agarraõ. Naõ fallo deſſas, que aſſaz damnoſas ſaõ até a ſeu Senhor, pois muitas vezes daõ com elle na forca. Trato das que ſaõ proveitoſas para ambas as partes ſem riſco de damnos: e explicalas-hey logo com hum exemplo. No Crato, Villa bem conhecida neſte Reyno pelo ſeu grande Priorado de Malta, houve hum cavallo naõ ha muitos annos, cujas unhas eraõ de tal qualidade, que todos os cravos, que nellas entravaõ, depois de ſahirem tórtos com a ferradura, ſerviaõ de anzóes a ſeu dono, com que peſcava infinito dinheiro, porque fazia delles aneis, que póſtos em qualquer de-

do da maõ, eraõ remedio preſentiſſimo para gota arterica. Toda a virtude lhes vinha das unhas do ginete; e aſſim naõ ſerá couſa nova acharem-ſe unhas proveitoſas para ambas as partes: tiravaõ de ſi dinheiro, os que levavaõ os cravos para remediarem a outrem, e remediavaõ-ſe todos.

Taes ſeraõ, os que no governo de hum Reyno, e no menêo de ſuas fabricas, e emprezas, tirarem de huma parte para remediarem outra, e ſerá o meſmo, que acodir a tudo. Desfalece a India com accidentes mortaes, peores, que de gota coral, e arterica, que mal ſerá acodirlhe o Braſil com alguma ſubſtancia, que a alente, ainda que ſeja por modo de empreſtimo: nem correrá niſſo o ditado, que naõ he bom deſcobrir hum Santo para cobrir outro, pois tudo reſpeita, e ſerve o meſmo corpo debaixo de huma Coroa. Padece o Braſil falta de mantimentos, naõ vejo razaõ, que tolha acudirem-lhe as Alfandegas do Reyno, e de outras Conquiſtas, ſupprindo-lhe os gaſtos, e ſoccorros, até que ſe melhore. O meſmo digo de Angóla, Mina de S. Jorge, Moçambique, e outras praças. Bom ſe pararia o corpo humano, ſe a maõ eſquerda naõ ajudaſſe a direita, e a direita a eſquerda, e hum pé ao outro. A Republica he corpo myſtico, e as ſuas Colonias, e Conquiſtas membros della; e aſſim ſe devem ajudar reſervando, e reparando ſuas fortunas, e conveniencias. Superſtiçaõ he, e naõ axioma politico de Eſtados, negarem-ſe auxilios, os que vivem juntos na meſma communidade: e aqui corre certiſſimo o Proverbio, que huma maõ lava a outra.

Hum

Hum Rey empresta ao outro, e tira de seu cabedal soccorros, com que ajuda o visinho; quanto mais o deve fazer hum Rey a si mesmo, e a seus vassallos, que saõ partes integrantes da sua Coroa. A contribuiçaõ das décimas neste Reyno he muito grande, pois chega a milhaõ e meyo: he verdade, que as daõ os póvos para as fronteiras, e he o mesmo, que para se defenderem dos inimigos, que nos infestaõ por mais de cem leguas de terra, que correm do Algarve até Traz os montes. E o outro lado, que fica descuberto por outro tanto districto de mar, parece que o naõ consideraraõ, e que ha mister muitos mayores gastos de armadas, e muniçoens, que guarneçaõ as costas; e que as forças Reaes acodem a mil soccorros de álem-mar, de donde estaõ outros tantos Portuguezes, como ha no Reyno pouco menos, pedindo continuamente auxilios, e que naõ he bem lhos neguemos. Naõ vêm olhos cegos, o que se gasta em Embaixadas, e conveniencias de pazes com outras Naçoens, que ainda que naõ nos ajudem, he bem que os componhamos, para que naõ nos descomponhaõ. Em que apertos nos veriamos, se França, e Catalunha, naõ divertissem o Castelhano no tempo, em que estavamos menos apercebidos? Estas correspondencias naõ se alcançaõ sem gastos; estes de nós haõ de sahir, como do couro as correas: que mal he logo, que se tomem estas das décimas com unhas taõ proveitosas, quando vemos, que os outros cabedaes naõ bastaõ para seus menëos proprios.

Naõ posso deixar de picar aqui em hum es-

crupulo de alguns zelotes, que tem para ſi, que ſe faz theſouro, e que he já taõ grande, que ha miſter eſpeques: e a graça he, que grunhem ſobre iſſo. Provéra a Deos, que aſſim fora, e que arruinaſſem já com o peſo as caſas, que o recolhem, que devem ſer encantadas, pois as naõ vemos: mas para me conſolar quero crer, que aſſim he, e aſſim o fio da grandiſſima providencia de ElRey noſſo Senhor, que ſabe muito bem, que foy coſtume celebre dos mais acordados Reys terem erarios publicos para as guerras repentinas: e nós naõ eſtamos fóra de as termos mayores, que as que vemos: e para huma occaſiaõ de honra coſtumavaõ os prudentes reſervar cabedal; que lhes tire o pé do lodo, ainda que tirem da boca dos filhos o dinheiro, que intheſouraõ. Tudo vem a ſer unhas proveitoſas.

Neſte paſſo ſe enviaõ a mim, os que tem penſoens de juros, e tenças na Alfandega, na Caſa da India, ou nas ſete Caſas, Almoxarifados, &c. e me fazem o meſmo argumento dizendo: e ſe he bom, e licito tirar de huma parte para remediar outra, como ha de haver no mundo, que naõ ſe nos paguem da caſa da India as tenças, e os juros, aos que os temos na Alfandega, quando neſta faltaõ os rendimentos, para ſatisfazer a todos? Aos meſmos pergunto, quando tem duas herdades, huma dizima a Deos ſem nenhuma penſaõ, e outra carregada de fóros, ou juros; ſe eſta ficou eſtéril hum anno ſem os poder pagar, porque os naõ ſatisfazem da outra, que deu muitos frutos? Reſpondem, que a outra he

livre.

livre. Pois tambem a caſa da India no noſſo caſo eſtá livre dos encargos da Alfandega. Acudo a outra inſtancia, que Donas coſtumaõ pôr, e he: que do meſmo modo, que a herdade, que eſte anno naõ pagou fóros, nem juros, porque naõ deu frutos, fica deſobrigada a pagar os encargos do tal anno no anno ſeguinte, ainda que dê frutos em dobro; aſſim a Alfandega fica deſobrigada para ſempre do anno, que naõ teve rendimentos, ainda que em outro tenha grande copia delles. Mayor duvida póde fazer, quando ElRey toma todos os rendimentos deſte anno para acodir a alguma neceſſidade urgente (chamaõ a iſto tomar os quarteis) ſe ſerá obrigado a reſàzer eſta tomadîa no anno ſeguinte, quando a Alfandega eſtiver mais pingue, e elle mais deſafogado? Reſponde-ſe a iſto, que as unhas proveitoſas ſaõ muito privilegiadas, quando empregaõ no bem commum as prezas que fazem em bens proprios, ainda que obrigados a outras partes da meſma communidade: e niſto ſe diſtingue o dominio alto dos Reys do dominio particular dos vaſſallos; que eſtes ſaõ obrigados a refazer, o que gaſtaraõ de partes em uſos proprios, e os Reys naõ, no caſo, que o gaſtaõ em bem de todos: aſſim o enſinaõ os Doutores Theologos: e iſto baſta.

CAPITULO LXIV.

Dos que furtaõ com unhas de prata.

EM Sevilha, Cabeça de Andaluzia, e Promontorio maximo de todos os commercios de Hespanna, entrou o diabo no corpo de hum Castelhano, e devia de ser muito licenciado, ou pelo menos grande bacharel; porque com todos argumentava, e de tudo dava razaõ: e entre as cousas notaveis, que se deixou dizer, foy huma a mais admiravel de todas, que já elle teria posto de ré a Fé de Christo, embrulhado o genero humano, e se teria feito senhor do mundo absoluto, se Deos lhe naõ prohibira tres couzas: a primeira bulir na Sagrada Escritura: segunda falsificar cartorios: terceira dar dinheiro. Com a primeira dizia, que desfaria nossa Santa Fé pervertendo, e mudando nas impressoens, e em todos seus volumes os sentidos da Escritura Sagrada. Com a segunda, que confundiria os homens variando-lhes as provas de suas demandas, e falsificando-lhes as sentenças. Com a terceira, que levaria o mundo todo a traz de si, dando-lhe dinheiro, prata, e ouro, que elle sabe muito bem aonde está. E naõ ha duvida, que discursou a proposito, e que fallou verdade, com ser pay da mentira; porque se Deos com sua admiravel justiça o naõ aferrolhara da maneira, que nenhuma destas tres couzas póde executar, já teria concluîdo com o genero humano,

no, e com o mundo universo, que Deos por sua infinita misericordia assim conserva. E só a ultima couza de dar dinheiro, que lhe concedera, com ser a menos nociva, ella só bastara, para se fazer o demonio senhor do mundo: porque isto que aqui chamamos unhas de prata, saõ as mais poderosas garras, que ha para arrastar, e levar tudo a traz de si. Naõ podendo Alexandre Magno render huma Cidade por inexpugnavel, e inacessivel, perguntou se poderia lá chegar, ou sobir huma azemola carregada de dinheiro? E tanto que esta bateo á porta, logo se lhe abrio, e deu entrada a todo o exercito de Alexandre, que com taes unhas empolgou nella.

Famoso invento foy o do dinheiro, pois com elle se alcança tudo, e naõ ha couza, que se lhe naõ renda: do mais incorrupto Juiz alcança sentença: da mais arisçada dama tira favores, no mais invencivel gigante obra ruinas, do mais numeroso exercito alcança vitoria, nos mais inexpugnaveis muros rompe brechas, arromba portas de diamantes melhor, que petardos; arraza torres, quebra homenagens, tudo se lhe sugeita, nada lhe resiste! As fabulas antigas dizem, que Plutaõ inventou o dinheiro, e que foy tambem inventor da sepultura, e Deos do inferno: nem podiaõ deixar de dar taes nomeadas, a quem se soube fazer senhor do dinheiro, que tudo rende, como a sepultura, e morte; que tudo violenta, como o inferno. Os Lidios foraõ os primeiros, que fizeraõ moeda de ouro: Jano foy o primeiro, que formou moedas de cobre; e porque foy o inventor

tor das coroas, pontes, e navios, lhe esculpiraõ tudo isto nas suas moedas; porque o dinheiro dá passagem, como ponte, para as mayores coroas; e navega vento em poupa aos mais dilatados Imperios. Hermodice, mulher de Midas Rey dos Phrygos, foy a primeira, que bateo moeda de prata: e estas saõ as unhas de prata, que propoem este Capitulo, que do dinheiro fazem garras para pilharem mais dinheiro; como o pescador, que com hum caramujo, que lança no anzol, apanha grandes barbos. Pescadores ha de anzol, e pescadores ha de redes: até os que pescaõ com redes, usaõ de isca, e cevadouros, com que engodaõ o peixe: e os pescadores, de que aqui tratamos, naõ tem melhor engodo, que o do dinheiro, se souberem usar bem delle, pescaráõ quanto quizerem, e enredaraõ o mundo todo.

Bem usou do dinheiro hum mercador em Africa para pescar cincoenta mil cruzados, que se lhe hiaõ pela agua abaixo. Arribou com tempestade a hum porto de Marrocos, tomaraõ-lhe os Mouros a náo por perdida em ley de contrabando, tratou de a recuperar por justiça; mas naõ achou quem lha fizesse, porque he droga, que naõ se dá bem naquelles paizes. Tinha ainda de seu quatro, ou cinco mil cruzados, que escapou em joyas, e boa moeda: fallou com o Rey, offereceo-lhe tres mil por huma leve merce, que lhe pedio, e elle lhe concedeo facilmente: que déssem hum passeyo ambos a cavallo pelas ruas, e praças da sua Corte, fallando sós amigavelmente. Feita a merce, dado o passeyo, e pagos os tres

mil

mil cruzados, tudo foy o meſmo: mas muito differente o que ſe ſeguio; porque conceberaõ todos os Mouros opiniaõ, que aquelle homem era grande peſſoa, e muito privado, e valîdo do ſeu Rey: todos o viſitaraõ logo por tal; mandavaõ-lhe preſentes, e donativos de grande pórte, imaginando, que por aquella via abriaõ porta a ſuas pertençoens: e elles abriraõ-na para a reſtauraçaõ do mercador, que aſſim ſe hia refazendo; em tanto, que até os Juizes, que tinhaõ condemnado a náo, lha abſolveraõ: e aſſim peſcou com unhas de prata de tres mil cruzados, que ſoube dar, mais de cincoenta mil, que hiaõ perdidos. E por eſta arte peſcaõ muitos ladroens no dia de hoje, até o que naõ he ſeu, com grande deſtreza.

Aportou á Ilha da madeira huma náo de carga, ſaltáraõ em terra os paſſageiros a fazer viniagas, e entre elles hum Clerigo, que eu vî (grande pirata devia de ſer pelo tear, que armou para fazer ſeu negocio melhor, que todos) Viſitou o Biſpo no primeiro lugar, e a quantos pobres achou no páteo, fez eſmola de toſtaõ, e ás mulheres de manto a pataca: e em quanto fallou com o Biſpo, ſahiraõ eſtas campainhas pela Cidade, dando huma alvorada do Clerigo, que baſtava para o canonizarem em Roma: huns lhe chamavaõ o Clerigo Santo, outros o Abbade rico, outros o Peruleiro; em tanto, que creſceo a cobiça nos mercadores da terra, e ſe picaraõ a fazerem negocio com elle. Eſte ſervo de Deos, depois de dar obediencia, e beijar a maõ ao Biſpo, lhe pedia foſſe ſervido de lhe mandar di-

zer

zer duas mil Miſſas, e que daria avantajada eſmolla por ellas, para que Deos lhe déſſe bom ſucceſſo em hum emprego de mais de cem mil cruzados, com que navegava. A ſegunda viſita, que fez depois do Biſpo, foy aos prezos da cadea, dando a cada hum ſeu toſtaõ de eſmola: e quando daqui foy dar volta á Cidade, já a achou diſpoſta para lhe darem ao fiado tudo, quanto ſua boca pedia: embarcou quanto quiz, e que logo mandava vir dous barris de patacas, para dar plenaria ſatisfaçaõ a tudo. Até aos Padres da Companhia mamou trinta cruzados, a titulo de empreſtimo, para levar a bordo os empregos, que fazia, e que havia de dar huma peſſa boa para a Sacriſtia. Armava o mendicante a dar á vela no dia, em que tinha promettido o pagamento das patacas: e ſem duvida ſahira com a preza da groſſa pilhagem, que tinha feita com dez, ou doze mil reis, que diſpendeo á cuſta alheya, ſe o Biſpo naõ preſentira a tramoya por indicios, que teve; e ſe naõ ſe picára o tempo em fórma, que obrigou á náo a dilatar a jornada. Naõ conto o que daqui por diante ſe ſeguio, porque o dito baſta, em fórma, de que entendamos, que ha unhas de prata, que com diſpendios pequenos avançaõ grandes lucros: o ponto eſtá na tempera, e na diſpoſiçoens dos meyos, para aſſegurar os lanços. E vem a ſer iſto hum jogo de ganha perde, perder para ganhar; como os que jogaõ com cartas, e dados falſos, que no principio ſe deixaõ perder lanços de menos invite para engodar o competidor, e enterreirar huma maõ, com que lhe varraõ todo o cabedal.

Vejo

Vejo alguns mandar preſentes, e donativos, a quem lhes naõ pertence; e ſey, que ſaõ de condiçaõ, que nem a ſua mãy daraõ huma vez de vinho, quanto mais fraſqueiras, com que cantaráõ os Anjos, a quem nunca trataraõ! Daõ cargas de fruta, taboleiros de doces, joyas de preço, ſacos de dinheiro: e fico atordoado examinando, de donde lhe vem a Pedro fallar galego? Irmaõ, ſe tu nunca entraſte em barco, nem meteſte o pé em meyo alqueire com eſte homem, como te diſpendes com elle? Iſto tem myſterio: e buſcada a raiz, he ganancia grande, que ſolicita com diſpendios leves: adoça a paſſagem, para haver o que pertende, deſpachos de officios, commendas, Igrejas, titulos, &c. Para os quaes até a propria conſciencia o acha inhabil: mas como dadivas quebraõ penedos; acha que por eſte caminho torcerá a juſtiça, e vem a ſer hum genero de latrocinio de má caſta; porque ás vezes cheira a ſimonia, e he hydropeſia da ambiçaõ. Acabo eſte Capitulo com outras unhas de prata, muito mais cortezes que eſtas.

Na corte de Madrid ſe achou hum tratante de Indias com grande quantidade de eſmeraldas lavradas, ſem lhes achar gaſto, nem ſahida, para ſe desfazer dellas. Poz duas eſcolhidas em hum par de arrecadas, e fez dellas preſente á Rainha Dona Margarida, que as eſtimou muito; porque tudo o dado de graça leva comſigo agrado, e graça natural: e como as Rainhas ſaõ o eſpelho de todas as Senhoras de ſeu Reyno, em eſtas vendo a eſtima, que a Mageſtade fazia das eſmeraldas,

das, creſceo nellas a eſtimaçaõ, e logo o dezejo, que o mercador eſtava eſperando para as levantar de preço; e ſe tivera hum milhaõ dellas, todas as gaſtara talhando-lhes o valor, que em nenhum tempo viraõ. He irmaõ gêmeo deſte ſucceſſo outro ſemelhante, que outro mercador fabricou na meſma Corte, para dar expediente a vinte peſſas de panno fino, que naõ tinha gaſto por razaõ da côr: offereceo a ElRey hum veſtido delle muito bem guarnecido, e obrado ao coſtume, pedindo-lhe por mercê foſſe ſervido trazelo ſe quer oito dias: e naõ eraõ bem quatro andados, quando já o mercador naõ tinha na logea de todo o panno, nem hum ſó retalho, e ſe mil peſſas tivera, tantas gaſtara. E eſtas ſaõ as verdadeiras unhas de prata, que com pouca perda della empolgaõ grandes ganancias, tirando por arte a ſubſtancia do vulgo ignorante, que ſe leva de vans apparencias.

****

CAPITULO LXV.

Dos que furtaõ com unhas de naõ ſey como lhe chamaõ.

OS Rethoricos daõ nomes ás couzas, tirando-lhos de ſuas propriedades, e derivaçoens; e aſſim o temos nós dado a todas as unhas deſta *Arte*: e hindo já no fim della, ſe me offerecem algumas taes, que naõ ſey, que nome lhes ponha: por-

porque ſe lhes ólho para os effeitos, acho-as necias; ſe para a derivaçaõ, acho-as ſem principios, nem fim util. E chamar-lhes parucas, he deſcortezia; chamar-lhes ſem principio, nem fim, he fazellas eternas, contra o que pertendemos, que he extinguillas. Ora em fim a Deos, e á ventura, chamo-lhe tolas, e ſaya o que ſahir. E paſſa aſſim na verdade, que bem conſideradas, achará nellas até hum cego quatro tolices marcadas. Primeira, furtar ſó para fazer mal ao proximo ſem utilidade propria. Segunda, furtar o que haõ de reſtituir. Terceira, furtar para outrem. Quarta, furtar o que lhes haõ de demandar, e fazer pagar, em que lhe pez. Quanto á primeira, furtar ſó para fazer mal ao proximo ſem nenhuma utilidade para ſi, naõ ha duvida, que he tolice grande; como o que bota no mar, ou entrega aos piratas a fazenda alheya, ou poem em fogo a ſeára de ſeu viſinho, ſó por ſe vingar de huma paixaõ, que teve contra elle: e ſe o tal he Chriſtaõ, creſce nelle a tolice, pela obrigaçaõ, que ſabe lhe accreſce de refazer o damno, que deu: donde ſe ſegue, que a ſi fez todo o mal, e naõ ao proximo, pois he obrigado a lho recompenſar por inteiro. E ha homens neſta parte taõ cegos, que por darem hum deſgoſto a ſeu inimigo, naõ reparaõ no que poriſſo ſobre ſi tomaõ. Houve hum Rey antigamente neſte mundo, que ſabendo de dous vaſſallos ſeus, que eraõ grande inimigos entre ſi, mandou chamar ao mais apaixonado, e diſſe-lhe: Quero-vos fazer huma mercê, e hade ſer a que vós me pedires com advertencia, que a hey de fa-

zer dobrada a fulano, de quem sey, sois grande inimigo. Beijou a maõ ao Rey pelo favor, e pedio logo por mercê, que lhe mandassem arrancar hum olho; porque assim seria obrigado a arrancar dous ao outro, para que ficasse cego, ainda que elle ficasse torto. E bem cego estava, quando procurava damno alheyo sem proveito proprio.

Quanto á segunda: furtar o que haõ de restituir. Melhor differa: o que naõ haõ de restituir, porque raro he o ladraõ, que restitua; mas fallamos da obrigaçaõ, que lhes corre, se he que saõ Christãos; e tratаõ de se salvar. E bem devem de saber, o que dizem os Doutores, que naõ se perdoa o peccado, a quem podendo naõ restitue o mal levado. Todos dizem, quando se confessaõ, que haõ de restituir, como tiverem por onde. Pois nosso irmaõ, se vós o haveis de restituir, para que o furtastes? Respondem, que sabe melhor o furtado, que o comprado: e naõ poderáõ, que o amargor da restituiçaõ he mayor, que a doçura do furto; e porisso dissemos, que he grande tolice furtar, o que se hade restituir. Furtaraõ tres officiaes mancomunados nove mil cruzados á fazenda de Sua Magestade: repartiraõ-nos entre si, e navegaraõ com o cabedal, hum para a India, outro para Angóla, e para o Brasil outro; e depois de chatinarem valentemente, tomou os por lá a hora da morte. Tratou cada hum por sua parte de se pôr bem com Deos pelos Sacramentos da Penitencia, que he o ultimo valhacouto dos peccadores; e chegando ao setimo Mandamento, picavaõ a consciencia de cada hum os tres

mil

mil cruzados, que lhe couberaõ, e declaravaõ, como tinhaõ de obrigaçaõ, que o furto ao todo fora de nove mil, repartidos igualmente por tres companheiros, e achavaõ-se todos com cabedaes, que tinhaõ adquirido, baſtantes para reſtituir tudo. Dizia o Confeſſor da India ao ſeu penitente, que era obrigado a reſtituir os nove mil cruzados por inteiro, viſto naõ lhe conſtar, ſe ſeus companheiros tinhaõ dado ſatisfaçaõ á ſua parte. O Confeſſor de Angóla, e do Braſil diziaõ o meſmo aos ſeus moribundos, que ſe achavaõ novos na nova obrigaçaõ, que ſe lhes impunha, e argumentavaõ: ſe eu naõ logrey mais que tres mil, como hey de reſtituir nove mil? Mas a reſpoſta eſtava á maõ, e clara; porque foſtes cauſa do damno por inteiro com a ajuda, que déſtes a voſſos companheiros, conſta-vos do furto, e naõ vos conſta da reſtituiçaõ; e aſſim ſois obrigado a vos deſcarregar do que he certo, e naõ vos póde valer a deſcarga, que he incerta. Eiſaqui outra toliſſe mayor, furtar o que ſe ha de reſtituir dobrado, e treſdobrado, conforme o numero dos companheiros, que entraraõ ao eſcote. Alguns neſte ponto fazem-ſe mancos por naõ remar: dizem que naõ tem poſſes para reſtituir, e que naõ ſaõ obrigados, ſenaõ quando os favorecer fortuna mais pingue; que primeiro eſtá a obrigaçaõ de ſe ſuſtentarem a ſi, e a ſua caſa, para que naõ pereçaõ: e nós vemos, que poderaõ aguarentar mil ſuperfluidades, e eſtraiter os gaſtos, e pouparem para dar o ſeu a ſeu dono. Lá ſe avenhaõ: ſó lhes lembro, que haõ de viver mais no outro

mundo, que neſte, e que tudo cá lhes ha de ficar, teſtemunhando ſer juſta ſua condemnaçaõ.

Quanto á terceira tolice: furtar para outrem, digo que he mayor, que a primeira, e ſegunda; porque naõ ha duvida, que he inſania muito grande empenhar-ſe hum homem, pelo que naõ ha de lograr. Os Reys devem pagar a quem os ſerve, e pagaõ-lhe com ordenados, e mercês; chega o tempo de cobrarem, paſſaõ-lhe os Reys portarias, e alvarás, com que ſe deſcarregaõ: vaõ com eſtes papeis os acrédores aos Veadores, e Theſoureiros, para que entreguem, o que nelles ſe contêm; e fechaõ-ſe á banda como ouriços cacheiros, em que naõ ha mais, que eſpinhos de repoſtas picantes, e bem devem ſaber, que a retençaõ do que ſe deve he verdadeira furto: e tomara perguntar-lhes, para quem furtaõ iſto, que naõ pagaõ? Naõ faltará, quem cuide, que para ſi; e ſe naõ for para ſi, ſerá para o Rey, que já ſe deſobrigou com mandar, que ſe pague; e aſſim vem a ſer ladroens, que furtaõ para outrem, e he o que chamamos grande tolice: e a graça he, que ſe ficaõ rindo com eſtas retençoens, como ſe foraõ chiſtes, e habilidades, em que nem a Caetano, nem Cova-Rubias tem por ſi: e eu ſey, que as marcaõ os meſmos por muito grande ignorancia. Por mayor tive a de certos Cavalheiros em Santarem, que meteraõ na cabeça a hum mancebo vagamundo, que ſe fingiſſe filho de hum homem nobre, e rico, para o herdar. Foy o caſo, que eſte homem teve hum filho unico, que lhe fugio de nove annos, e havia mais de vinte, que naõ ſabia delle: appareceo

receo neſte tempo naquella Villa hum pobretaõ, que repreſentava a meſma idade: amigos, ou inimigos do homem de bem, o enſayaraõ, como havia de dizer, que era ſeu filho, e lhe enſinaraõ hiſtorias, e circunſtancias, para ſe dar a conhecer, e que os allegaſſe por teſtemunhas: o pay ſuppoſto negava-o de filho fortemente, e dava por razaõ, que naõ ſe lhe alvoroçava o ſangue, quando o vio. O mancebo demandava-o diante do Juiz ordinariamente para alimentos em vida, em quanto o naõ herdava por morte: as hiſtorias, que contava, e teſtemunhas, que dava, conteſtaraõ de maneira, que deu o Juiz ſentença pelo mancebo, e condemnou o velho a lhe dar alimentos, declarando-o por ſeu filho. Caſo raro, e nunca viſto, nem imaginado! Que no meſmo dia appareceo em Santarem o filho verdadeiro, que todos conheceraõ logo, e o velho dizia: eſte ſim, que ſe me alvoroçou o ſangue, quando o vi. O outro deſappareceu logo, e eu perguntava aos embaixadores, ſe advertiaõ, que era furto os alimentos, que faziaõ dar com ſeu teſtemunho, a quem os naõ merecia? E que negoceavaõ para outrem, e naõ para ſi o fruto da demanda, que iniquamente venciaõ? Naõ deviaõ de ignoralo, ainda que ſe moſtravaõ niſſo grandes ignorantes, e tolos.

Alguns cuidaõ, que tem diſculpa, quando furtaõ para darem remedio a ſeus filhos; mas crêaõ, que naõ eſcapaõ da meſma nota, porque ſeus filhos naõ os haõ de tirar do inferno, quando lá forem, pelo que para elles mal, e ſujamente

adquiriaõ. Em certo lugar deſte Reyno tinha hum alfayate tres filhas ſem dote para lhes dar eſtado: acordou de as caſar com tres obreiros, e para ajuntar remedio para todos, deu comſigo, e com elles no Algarve: fingindo-ſe Conde vomitado das ondas, que eſcapara com aquelles criados de hum naufragio; tinha preſença, e labia, para perſuadir tudo; que vinha de Indias, e perdêra mais de meyo milhaõ em barras de ouro, e pinhas de prata, que até as panélas da ſua coſinha eraõ do meſmo, e que ſe via como Job poſto de lodo. E com eſtas, e outras impoſturas, perſuadia ás Cameras, e Cabidos, Nobreza, e póvos, por onde paſſava, que o ajudaſſem contra ſua fortuna: todos ſe compadeciaõ, e para os mover mais, moſtrava em pergaminhos ſua grande proſapia, e os famoſos cargos, que ſervira. O menos que lhe davaõ, até nos lugares pequenos, e humildes, eraõ os dez, e os vinte cruzados, que nas Villas grandes, e Cidades ricas, paſſava ſempre o donativo de vinte mil reis, e ás vezes de quarenta. E depois de correrem aſſim o Reyno quaſi todo pela póſta, achou-ſe o ſenhor Conde de Siganos no fim da jornada com mais de tres mil cruzados grangeados por eſta arte, com que armou tres dotes para as tres filhas, como ſe foraõ tres Condeſſas: e elle ficou taõ alfayate como dantes, ſem lograr de tantos furtos, mais que o pezar de os ver mal logrados nas unhas de ſeus genros, que ſe bem o ajudaraõ, mal lho agradeceráõ. E naõ diz mais a hiſtoria.

Quanto á quarta: furtar o que vos haõ de de-

man-

mandar, e fazer pagar, em que vos pez, he a mayor tolice de todas, como se vio no que succedeo ao Carvalho na semana, em que componho este Capitulo. Era guarda da Alfandega de Lisboa, e guardava as fazendas alheyas muito bem; porque as punha em sua casa, como se foraõ suas: foy demandado porisso; e porque naõ deu boa razaõ de si ás partes, o puzeraõ por portas repartido: pertendeo levantar cabeça á custa alheya, e levantaraõ-lha dos hombros á sua custa. Setecentos casos pudéra contar para apoyo desta tolice; livrome com hum deste particular, e de todo este Capitulo. Em Angóla tinha ElRey nosso Senhor naõ ha muitos annos hum Ministro (tomara-lhe muitos semelhantes) que empregava os direitos Reaes em escravos, que mandava ao Brasil com direcçaõ, que se vendessem, e fizessem do procedido caixas de açucar para o Reyno: e assim se augmentasse a fazenda de Sua Magestade tres vezes ao galarim; mas o Ministro, que respondia ao Brasil, fazia seu negocio melhor que os alheyos. Chegava huma partida de trinta, ou quarenta negros, achava serem mórtos dous na viagem, lançava nos livros doze defuntos, e tomava dez para si resuscitados: eraõ os que restavaõ mancebos, e bem dispostos: mandava vir do seu engenho dez, ou doze, que tinha velhos, ou estropeados, punha-os no numero delRey, e tirava outros tantos para si moços, e de bom recibo: e vendida a partida assim como succedia, fazia o emprego da resulta nos açucares tanto a seu modo, que sempre as perdas eraõ Reaes, e os

ganhos proprios. Havia olheiros zelosos, que viaõ isto, mas andavaõ taõ intimidados, que nem boquejar se atreviaõ, até que o tempo descobridor de mayores segredos trazia tudo a luz; e para escurecer esta, tinha o sobredito na Corte outros officiaes, a quem respondia com os ganhos; e poriſſo o defendiaõ, e conservavaõ, fazendo-se as barbas com sabonetes de açucar, a pezar, que ficava tida por mentira, e talvez como tal castigada. Mas como a verdade traz comsigo a luz, por mais que a eclypsem, sempre se manifesta: e provada esta, que será bom que se faça ao tal Ministro? Deixo isso a seu dono, que tem de casa a justiça, e lhe fará pagar pela fazenda, e corpo o novo, e o velho, para que naõ seja taõ tolo, que cuide poderá cobrir o Ceo com huma joeira; e que naõ saiba, o que já fica dito por boca de hum arganáz no Capitulo XXIV. que quem a galinha delRey come magra, gorda a paga.

****

CAPITULO LXVI.

Dos que furtaõ com unhas rediculas.

FUrtar para rir he muito máo modo de zombar; porque ordinariamente se converte o riso em pranto, como aconteceo em Coimbra a huma corja de estudantes, por final que eraõ graves, e bem nascidos. Deraõ no galinheiro de

Santa

Santa Cruz por galhofa, depois de cantarem os galos, e fizeraõ tal deſcante nas galinhas, perús, e ganços ſem compaſſo, que meteraõ tudo a ſaco, ſem deixarem mais, que dous, ou tres galos veſtidos de luto, arraſtrando capuzes de baeta, como viuvos. Queixou-ſe o Procurador do Convento á juſtiça, tirou-ſe devaça; e como tinhaõ contado em banquetes, o que depennaraõ, foy facil apanhalos a todos; e choraraõ as pennas, que mereciaõ, e ſe lhes perdoaraõ por miſericordia, reſpeitando ſua authoridade, e nobreza. Mais ardilofos ſe portaraõ outros taes na meſma praça: ſouberaõ, que vinha do celebre Lorvaõ, por occaſiaõ de Natal, huma valente conſoada para o Biſpo: ſeis mulheres a traziaõ em outros tantos tabuleiros, fraca tropa, ainda que copioſa, para taõ alentados combatentes, que lhe cortaraõ o paſſo, antes de chegarem á Cidade; e aliviando-as da carga, as fizeraõ voltar de vaſio, enchendo-ſe de doces para a feſta, e carregando-ſe de amargozes para a Quareſma; ainda que ſahiraõ em paz deſta batalha, porque naõ deraõ com a lingua nos dentes, contentando-ſe, com darem a ſeu ſalvo com os dentes na conſoada. Chegou a ſemana Santa, moderou-os a conſciencia, como coſtuma; fizeraõ petiçaõ ao Biſpo, que os perdoaſſe, ſem ſe aſſignarem nella: poz-lhes por deſpacho. Appareçaõ os ſupplicantes, e perdoar-lhes-hemos. E foy o meſmo, que deixar-lhes a reſtituiçaõ ás coſtas a cada hum por inteiro, ſe todos juntos a naõ ſatisfizeraõ; e aſſim ganharaõ mayor pena, que o riſo, que lograraõ.

Em

Em Villá Viçoſa conheci hum Fidalgo, ha mais de vinte annos, no ſerviço da Real Caſa de Bragança, o qual tomou por materia de riſo calçar todo o anno, ſem pagar nenhum pár de obra aos çapateiros, que vierão a dar-lhe na trilha, levantando-ſe ás mayores com palavra, que correo entre todos, que nenhum ſe fiaſſe delle, nem lhe déſſe calçado, ſem lho pagar primeiro. Vendo-ſe o Fidalgo poſto em cerco, e que ninguem lhe queria dar çapatos, ſem o dinheiro na mão, mandou ao moço, que pediſſe hum ſó çapato á prova; e que ſe lhe contentaſſe, mandaria buſcar o outro com o dinheiro de ambos. Iſſo ſim, diſſe o official, hum çapato levará voſſê, mas dous não os verá ſeu amo, ſem me pôr neſta banca o dinheiro. Como o Fidalgo teve hum nas unhas, mandou o pagem a outro çapateiro com o meſmo recado, e do meſmo modo ficou hum çapato delle, perſuadindo-ſe, que mandaria buſcar o outro com o dinheiro, ou lhe reſtituiria, não lhe ſervindo. Vendo-ſe aſſim com dous calçou-os, e foy-ſe ao Paço rir ſobre a hiſtoria; e os officiaes ficarão bramindo a nova zombaria, ſobre que ſe fizerão boas Decimas, e Sonetos.

Tambem para bons deſpachos tem boa preſa eſtas unhas; porque huma graceta, e dous chiſtes movem talvez hum Miniſtro, e tambem hum Rey enfadado, mais que diſcurſos ſérios. O ſério do governo vexa, e canſa a natureza, que aceita, e eſtima o deſafogo, que traz comſigo alegria, e riſo; e quem ſabe mover a eſte com boa têmpera, e com boa conjunçaõ, faz bom negocio:

cio: tal o fez huma Dona em Madrid com o Conde de Olivares, e com o Rey para seus despachos, por conselho de hum experimentado, que lhe notou a petiçaõ nesta fórma em tres.

QUARTETOS.

Soy Dona Ana Gavilanes,
La de los hojos hunidos,
Muger fuy de tres maridos,
Y todos tres Capitanes.
Murieron en la milicia,
Sirviendo a Su Magestad,
Quedé yo de poca edad,
Y de muy poca codicia.
Bebo tinto, y como assado,
Por achaques de dolencia,
Suplico a Vuestra Excelencia
Me perdone este pecado.

Deu a mulher a petiçaõ ao Conde Duque, sem saber o que levava nella: festejou-a elle como merecia; e levou-a logo a ElRey, que rio infinito. E mandou que a despachasse com mais do que pedia. Cortes ha, em que médraõ mais bufoens com suas graças, que homens sezudos com grandes serviços.

Acabo este Capitulo, e todo o tratado, com hum gasto notavel, que se faz em Lisboa, para mim digno de lagrimas, e para a prudencia do mundo muito rediculo: e he, que ha nesta Corte huma casa, que chamaõ Collegio dos Catecumenos,

menos, o qual fundaraõ os Reys de Portugal, e o dotaraõ com ſua grande piedade de baſtante renda, para nelle ſe agazalharem, e ſuſtentarem todos os infieis, aſſim Mouros, como Judeos, ou Gentios, que vierem de qualquer parte do mundo pedirem o Santo Bautiſmo, até ſerem induſtriados nos Myſterios da Fé, e aprendem todas as oraçoens da Santa Doutrina: e he certo, que paſſaõ annos, ſem haver neſte Collegio hum ſó Catecumeno; o qual tem ſeu Reytor, e officiaes, como ſe houvera nelle hum grande meneo de ſugeitos. E he certiſſimo outroſim, que o Reytor tem ſeſſenta mil reis de renda, e que naõ paga caſas, ſem fazer mais, que dar-ſe a S. Pedro, quando lhe vem algum Catecumeno, e chorar que naõ tem, que lhe dar a comer, nem cama, em que durma. O Eſcrivaõ deſta fabrica tem ſetenta mil reis de ordenado, e caſas de vinte e quatro mil, ſem tomar a penna na maõ em todo o anno, mais que para paſſar as quitaçoens dos recibos do ſeu eſtipendio. E o Medico tem doze mil reis, ſem tomar o pulſo mais que ao dinheiro, quando o recebe: e o barbeiro tem quatro mil reis, ſem fazer mais que huma ſangria na bolça delRey, quando os arrecada. E eſtas ſaõ as verdadeiras unhas rediculas: e a graça melhor de todas he, que o trabalho de todas eſtas maquinas, que conſiſte em cathequizar, e bautizar os Neophitos, fica todo ás coſtas dos Padres da Companhia de S. Roque, ſem terem poriſſo próes, nem precalços mais, que os do muito que merecem para com Deos, que lho pagará no outro mundo. Saõ porém

rém muito dignas de lagrimas as unhas, que a eſtas ſe ſeguem ; porque em havendo Catecumenos, ſaõ tudo petiçoens a Sua Mageſtade, que lhes mande dar eſmolas para os ſuſtentar, e ſe naõ que pertendem! Valha-me Jeſu Chriſto, naõ fora melhor andar o principal diante do acceſſorio! O principal aqui he a educaçaõ, e enſino dos Catecumentos, e o acceſſorio ſaõ os Miniſtros, que os ſervem. Pois como ha de haver no mundo, que o carro vá diante dos boys! Que os ſervos tenhaõ tudo o neceſſario de ſobejo, e os ſervidos naõ tenhaõ hum baſaruco, ſe lho naõ derem de eſmola! Sou de parecer, que *frangat nucleum, qui vult nucem.* Quem quizer comer, depenne; porque naõ ſe peſcaõ trutas a bragas enxutas. Quero dizer, que ſe extingaõ os taes officios, ſem ficar mais que hum adminiſtrador Eccleſiaſtico com quarenta mil reis, que he baſtante porçaõ, ajudada com ſua Miſſa livre, e caſas de graça, que tem no meſmo Collegio; e o mais, que paſſa de cento e cincoenta mil reis, que o logre ſeu legitimo dono, que ſaõ os Catecumenos. E quando for neceſſario Medico, ou barbeiro, paguem-ſe da meſma porçaõ por aquella ſó vez, que vem a ſer nada, porque paſſaõ annos, ſem ſerem neceſſarios taes Miniſtros. Quanto mais, que bem pódem paſſar, ſem fazerem a barba tanta vezes. E eu a tenho feita baſtantemente, a quantos ladroens ha neſte Reyno; e ſe algum me eſcapou, perdoeme; porque naõ foy minha intençaõ deixallo ſem chriſma: mas de ver, como ardem as barbas de ſeus viſinhos, poderá aprender para botar

tar as ſuas de molho. Reſtava agora cortar as unhas a todos, e tenho para iſſo tres tezouras excellentes de aço fino: a primeira ſe chama *Vigia*: a ſegunda *Milicia*: a terceira *Degredo*. Direy de cada huma duas palavras; e a todas as unhas tres deſenganos: e daremos fim a eſta obra.

****

CAPITULO LXVII.

Tezoura primeira para cortar unhas, chama-ſe Vigia.

BAldado ſeria o trabalho, que tomey em deſcobrir tantos males da noſſa Republica, ſe os deixaſſe ſem remedio: e o melhor, que ha para achaque de unhas, naõ ha duvida que he huma boa tezoura, que as corte: e porque ſaõ muitas, as que aqui ſe nos offerece, offereço tres tezouras, que me parece baſtaráõ para as cortar todas. Digo pois que a primeira tezoura ſe chama *Vigia*; porque he grande remedio para eſcapar de ladroens, vigiallos bem. Ladraõ vigiado he conhecido; e em ſe vendo deſcuberto, encolhe as unhas. Eſta vigia corre por conta dos Reys, que devem mandar ás ſuas Juſtiças, que naõ durmaõ: muito dormem as Juſtiças de Lisboa, e á ſua imitaçaõ as de todo o Reyno. Já naõ ha huma vara, que ronde de noite, nem quem caſſe hum milhafre; e poriſſo as unhas andaõ taõ ſoltas. E porque os Reys ſaõ, os a quem mais neſte mundo ſe furta, porque tem

mais

mais de seu; ou porque naõ se resguardaõ poriſſo tanto como os que tem menos; sejame licito dar aqui huma palavra a ElRey noſſo Senhor.

Senhor, eu offereci esta obra a V. Mageſtade, para ver nella os cannos, por onde se desbarata sua fazenda, e a de seus vaſſallos: façame V. Mageſtade mercê de a ver com ambos os olhos; porque se os naõ tiver ambos abertos, nem a capa lhe escapará nos hombros. Mais de mil olhos tinha Argos, segundo contaõ os Poetas; e nem isſo baſtou, para Mercurio lhe naõ furtar huma peſſa, que trazia nelles, porque os fechou todos. Dous olhos tem V. Mageſtade como duas Eſtrellas; e se tivera dous mil, cada hum como o Sol, todos teriaõ bem que ver, e que vigiar em seu Imperio; taõ grande na extenſaõ, que se mede com a do mundo; e taõ alto, e soberano na grandeza, que se levanta até o Ceo. Das mãos dos Reys, diſſe Naſaõ, que saõ muito compridas; porque abarcaõ seus Reynos, quando bem os governaõ: mais compridas conſidero as de V. Mageſtade; porque chegaõ do Occidente, onde vive, ao Oriente Nórte, e Sul, onde Reyna, e he temido. Taes lhe tomára a V. Mageſtade os olhos, e taes os tem, quando em todas as partes do mundo, que domîna, pôem bons olheiros: e para eſtes serem melhores, deſejavaõ muitos prudentes, que os illuſtraſſe V. Mageſtade com os titulos, e prerogativas, que fazem os homens mais illuſtres; e ficaria V. Mageſtade com isſo mais illuſtrado, e o seu Imperio mais bem viſto, e tudo mais veneredo, mais amado, e temido.

Eſte

Este lustre dos olhos, e olheiros de V. Magestade, naõ sey se o diga; porque temo dizello sem fruto; mas sim direy, porque me assegura; que naõ será de balde, por ser muito facil, e de muito proveito, e nenhum custo. Ponha V. Magestade quatro Vice-Reys da sua maõ nas quatro partes do mundo: grandeza he, a que naõ chegou Alexandre, nem Monarca algum do Universo; porque nenhum teve, nem tem nas quatro partes do Orbe tanto, como V. Magestade possue. Na Asia Vice-Rey temos; e pudéramos ter nella tres: o de Goa, que governa a Persia, Arabia, Ethiopia, prayas de Cambaya, e o Mogor, com a parte da India, que corre até Moçambique. Outro em Ceilaõ do Cabo de Comorim para dentro, que governe o Reyno de Jafanapataõ, ilha de Manar, costa da Pescaria, e Choromandel, com innumeraveis ilhas adjacentes, e Reynos circumvisinhos. Outro em Malaca, ou Macáo, para bengala, Pegú, Arracaõ, Malucas; Japaõ, China, Cochinchina, &c. E todos para muitos outros Reynos, e Imperios, que naõ cabem neste rascunho, e será mais facil velos no Mappa, que pintalos aqui. Na Africa podemos ter outro Vice-Rey em Angóla; na America, outro no Brasil, e outro em Europa no Reyno do Algarve. Para grandes officios buscaõ-se grandes sugeitos, e huma, e outra grandeza os obriga a darem boa conta de si, e do que se lhes entrega. Pasmaõ as Naçoens, quando vêm que o Monarca de Espanha tem quatro, ou cinco Vice-Reys; dous, ou tres na America; e outros tantos em Europa. Mas na Afri-

Africa, e Aſia, naõ lhe he poſſivel; porque naõ tem neſtas duas partes dominio capaz de taõ grandé governo. Só V. Mageſtade o tem em todas as quatro partes capaciſſimo, para ſer o mayor Monarca de todos: e poriſſo aſſombrará; que ſe leva muito deſtas nomeadas; e a cortezia, que ſe deve a eſtes titulos, mete veneraçaõ, terror, e obediencia até nos coraçoens mais rebeldes.

Sempre ouvi dizer, que o medo guarda a vinha; e os homens tanto tem de temidos, quanto de venerados. Venerados ſe fazem os homens, a quem V. Mageſtade entrega o cuidado de ſeus Imperios, com os titulos, e poderes, que lhes communica; e quando eſtes ſaõ mayores, entaõ ſaõ elles mais temidos: e ſendo temidos, e reſpeitados, guardaõ, e vigiaõ melhor a fazenda de V. Mageſtade. Eſtes ſaõ os olhos, com que V. Mageſtade vencerá os Argos, e vencerá aos linces. Onde ha muitos, ſempre ha furto; porque os ladroens ſaõ em toda a parte mais que muitos: e como as couſas por muitas lhes vem á maõ, as unhas naõ lhes perdoaõ; mas onde ha bons olheiros, naõ ſe furta tanto. Seja eſta a primeira tezoura, que aguarentará muitos furtos, ainda que naõ diminua muito os ladroens; porque os que o ſaõ por natureza: *Naturam expellunt furcæ*. Mas para extinguir eſtes, ou moderallos de todo, he de grande importancia a ſegunda tezoura, que ſe chama *Milicia*; de que já digo grandes preſtimos.

CAPITULO LXVIII.

Tezoura ſegunda chamada Milicia.

O Bocalino nas ſuas Cortes do Parnaſo, ou Parabolas de Apollo, diz que ſe amotinaraõ as Republicas do mundo contra Jupiter, por naõ lhes dar inſtrumentos, com que pudeſſem alimpar facilmente a terra, e o mar de ladroens; e que leváraõ por ſeus procuradores eſta queixa a Apollo, para que lha reſolveſſe, e remediaſſe. Achaõ-no dando audiencia geral no monte Pindo; recebe-os benigno, e propuzeraõ-lhe a ſua embaixada deſta maneyra. Senhor como ha de haver no mundo, que eſtejaõ os horteloens de melhor condiçaõ, que nós, no governo das ſuas hortas, e quintas? Deulhes Deos inſtrumentos para as mondarem; deulhes a enxada para arrancar as hortigas, e abrolhos; deulhes a fouce para cortarem os ſylvados, e todas as malêzas; e ás Republicas nenhum inſtrumento deu acõmodado, nem ſe quer hum ancinho, para as podermos mondar, e alimpar de tantos ladroens, que nos deſtroem, e de tantos males, que nos cauſaõ ſem remedio! Indignouſe Apollo chamando-lhes barbaros! Pois naõ viaõ a mayor providencia, que Deos tem das Republicas, que das hortas: porque ſe ás hortas deu a enxada, e a fouce, para as mondarem; ás Republicas deu o pifano, o tambor, e a trombeta, para as alimparem. Tocay caixas, aliſtay todos eſſes,

eſſes, de que vos queixaes, ponde-lhe hum pique ás coſtas, mandai-os á guerra; lá amançaráõ, ou acabaráõ ſervindo a ſeu Rey, e patria, e ficará a voſſa Republica livre deſſa praga. E vedes ahi a melhor fouce que ha, e a melhor enxada, para mondar, e cultivar as Republicas do mundo. Diſſe Apollo, e diſſe bem.

O meſmo digo aos Procuradores, e Governadores da noſſa Republica, que ſe queixaõ de haver nella tantos ladroens, que naõ os pôdem extinguir: toquem caixa, toquem pifano, e trombeta; aliſtem-nos todos para os exercitos das fronteiras, para as armadas das Conquiſtas; empreguem ſuas unhas, e garras em noſſos inimigos, e ficaráõ livres de ſuas invaſoens noſſas fazendas. Eſta he a melhor tezoura, que ha, para cortar todas as unhas. Naõ ſey ſe notaõ os Criticos, o que tenho notado de dez, ou doze annos a eſta parte, que tantos ha, que andamos em guerra viva com noſſos inimigos; aſſim por mar, como por terra. Noto que antes diſto, naõ nos podiamos ver livres de ladroens por eſſas eſtradas de todo o Reyno, nem podiamos dar paſſo, ſem que nos ſalteaſſem pelas charnecas; naõ ſe fazia feira, em que naõ fizeſſem mil aſſaltos; nem havia juſtiça, que baſtaſſe, para nos livrar deſta praga, a qual ceſſou de todo com as guerras; e já naõ vemos no interior do Reyno ladroens em quadrilhas, como andavaõ dantes; e he, porque lhes démos, que fazer nas fronteiras, lá ſe cévaõ nas pilhagens do inimigo, com que nos deixaõ.

Nem me digaõ, que quem más manhas ha,

tarde, ou nunca as perderá, e que ainda fazem das suas, e agora melhor; porque andaõ armados, e a titulo de servirem a ElRey, se fazem izentos, e indomaveis; porque a isto se responde, que naõ haverá tal, se andarem bem disciplinados. Saõ as regras da milicia muito ajustadas com o bem publico; e se os Cabos (que sempre saõ homens escolhidos) as fizerem guardar, como tem de obrigaçaõ, tambem os soldados fazem a sua, de andarem compóstos, ou por medo, ou por primor. Naõ sey, que tem o andarem os homens alistados, e com superiores continuos sobre suas acçoens, que lhes tomaõ cada hora conta dellas, para lhes darem o galardaõ bom, ou máo, segundo o merecem; que nenhum se atreve a lançar o pé álem da maõ, antes lhe serve assim o premio, como o castigo de continuos estimulos, para serem bons, e tratarem da honra, e augmentos louvaveis, que por armas se alcançaõ.

Esta he a segunda tezoura, que offereço, para cortar de todo as unhas aos ladroens, que nos inquietaõ. E se esta ainda naõ bastar para alimpar de todo a nossa Republica, e Reyno, porque ha nelle muitos incapazes da milicia, quaes saõ Siganos, e outros, que se parecem com elles nas obras, e se livraõ da guerra por varios principios, que se deixaõ conhecer, e naõ aponto; temos outra tezoura muito efficaz para os extinguir no Reyno, sem que escapem, assim haja quem a menêe. Esta se chama *Degredo*, do qual se contaõ, e escrevem grandes excellencias; e eu direy só, as que fazem para o nosso intento no Capitulo que se segue: e

neste

neſte naõ digo mais da *Milicia*; porque tudo, õ que della ſe póde diſputar, fica apontado nos Capitulos 20. 21. e 22. das unhas militares.

****

CAPITULO LXIX.

Tezoura terceira chama Degredo.

DUas couzas ha, que facilitaraõ muito os ladroens a furtar; huma he, o que ſobeja nelles, e a outra, o que falta em nós: e parece que havia de ſer ás aveças; porque na verdade o que falta nelles, e ſobeja em nós, he o que os move a ſerem ladroens, para proverem as ſuas faltas com os noſſos ſobejos. Com tudo iſſo naõ he aſſim, ſe naõ que ſobeja nelles cobiça para nos roubarem, e falta em nós juſtiças para os emendarem: bem eſtá, aſſim he; mas tomara ſaber, de donde vem ſobejar nelles a cobiça, e faltar em nós a juſtiça? Eu o direy, a quem eſtiver attento á hiſtoria, ou parabola, que ſe ſegue.

Duas Donas principaes, e ſenhoras muito conhecidas neſta Corte, vieraõ ás gadelhas ſobre pouco mais de nada, e fizeraõ huma briga muito arriſcada no terreiro do Paço; huma ſe chamava Dona Juſtiça, e a outra Dona Cobiça. A ſenhora Dona Cobiça, naõ ſey ſe por mais moça, ſe por menos ſofrida, deu huma punhada em hum olho á Juſtiça, taõ grande, que lho lançou fóra; e dando-a por morta, tratou de ſe pôr em cobro.

Acolheo-se para o Paço, que lhe ficava perto; mas logo lhes diſſeraõ ſeus amigos (que lá naõ lhe faltaõ) que viſſe onde ſe metia, que naõ lhe havia de valer o couto; porque qualquer das Peſſoas Reaes, qoe a encontraſſe, a havia de mandar pôr na forca, aſſim por ſer homicidia, e ladra, como por ſer Cobiça, que naõ ſe permitte no Paço. Deu comſigo no Corpo Santo, cuidando de achar guarida na companhia geral da Bolça; mas logo a aviſaraõ, que ſe arriſcava a fazerem eſtanque della para o Braſil; álem de que poderia cahir nas unhas dos Parlamentarios, ou Hollandezes, ſe para lá foſſe, que lhe dariaõ máo trato, como daõ a tudo. Deu comſigo na rua Nova, para ſe eſconder por eſſas loges dos mercadores, que todas ſaõ eſcuras, e ſem janellas, para naõ vermos o que nos vendem. Mas temendo que a vendeſſem por baeta, deſſa que compraõ a ſeis vintens, para a encaixarem a ſeis toſtoens, paſſou de corrida para a rua dos Ourives; e naõ fez ahi muita detença, porque vio que mal ſe podia encobrir, onde tudo ſe poem á porta. Acolhamonos a ſagrado, diſſe ella por ultimo remedio; mas em nenhuma Igreja a quizeraõ recolher, por ſer vedado nos Sagrados Canonos aos Eccleſiaſticos todo o trato de cobiça. Tratou de ſe homiziar em algum Moſteiro, mas todos lhes fecharaõ as portas; os Religioſos, porque naõ lhes inquietaſſe as communidades com ambiçoens; e as Freiras, porque naõ podia profeſſar entre ellas, por ſer cazada com hum mulato, que ſe chama intereſſe. Por fim de contas ſe recolheo no Caſtello, onde aturou pouco; porque naõ ſe dá

lá

lá meſa, nem cama aos hoſpedes; e fez poriſſo taes revoltas, que a degradaraõ para as fronteiras, onde naõ podendo aturar o paõ de muniçaõ, porque he muito mimozo, deu em ladra com tanto deſaforo, que roubava a olhos viſtos até os pagamentos. dos ſoldados, e deſtruia a fazenda del-Rey por mil modos, que naõ ſe pódem contar:- e temendo, que a enforcaſſem os Generaes poriſſo, porque he ponto, que ſe naõ deve perdoar, paſſ ouſe para Caſtella, caſtigando-ſe a ſi meſma com degredo voluntario: e porque fugio ſem paſſa porte, naõ ſe atreveo a voltar; e lá ſe fez natural com tanta audacia, e exceſſo, que em breve tempo aſſolou toda Eſpanha com tributos para engordar, porque hia muito magra deſte Reyno. Enxergaraõ-ſe em Caſtella os damnos da cobiça, naõ ſó nos vaſſallos deſtruîdos com as fazendas quintadas, e fintas, que lhes poz até no fumo, que ſe vay por eſſes ares; mas tambem na cabeça do Rey tirando-lhe della Coroas; e quebrando-lhe Sceptros á ſua viſta. Para ſe repararem de taõ grandes damnos, deraõ com a cauſa delles no mundo Novo, onde fez tal eſtrago, que ſó na Ilha de Cuba, que tem quinhentas legoas de comprido, e duzentas de largo, matou mais de doze milhões de Indios, para ſe encher de ouro. O que fez no Perú, no Mexico, e Flórida, naõ he para ſe referir: dos braços das mãys tirava as crianças, e feitas em quartos as dava a caens, com que audava á caça. Queimava vivos os Cacizes mais opulentos, eſfolava Reys, degolava Emperadores, para mais a ſeu ſalvo devorar ſerras de prata, e

montes de ouro, que mandava a Eſpanha, para fazer guerra a toda Europa, Africa, e Aſia. Revolto aſſim o mundo todo, e poſto em riſcos de ſe perder por eſta fera, tratou-ſe do remedio; e reſolveo-ſe com maduro conſelho, que ſó a juſtiça direita lho podia dar; mas eſta eſtava torta com hum olho menos, que lhe tirou a Cobiça. Puzeraõ-lhe hum olho de prata, para a fazerem direita; e dahi lhe veyo trazer ſempre a prata nos olhos, e o olho na prata, com que ficou mais torta: ſó no Ceo ſe achava neſte tempo juſtiça direita: tem-ſe pedido a Deos por muitas vias, que a mande á terra, e eſpera-ſe que venha cedo, e há diſſo já grandes pernuncios: e como ella vier, e degradar a Cobiça para o inferno, ficará tudo quieto.

Naõ ſey ſe me tenho declarado? Quero dizer, que a Cobiça he mãy de todos os ladroens, e que a juſtiça ſe lhe acanha, quando naõ he direita. Haja, quem caſtigue tudo com o ultimo degredo, e ficaremos livres de taõ más peſtes. E eſta ſerá a melhor tezoura, que cortará de todo as unhas a tantas harpîas, como por todas as partes nos cercaõ. Dirá alguem, que a melhor tezoura de todas he a forca. Naõ a tenho por tal; porque aqui tratamos de emendar, e naõ de extinguir o mundo; álem de que naõ haverá forcas, que baſtem para taõ grande pendura. Por mais capaz de tanta gente tenho o degredo, comaõ-ſe lá embora huns aos outros, iſſo meſmo lhe ſervirá de caſtigo, e ficaremos livres delles, até que ſe melhorem, que he o que ſe pertende; e os que ſe melhorarem, tornem a

nos

nos ajudar com seu exemplo. As razoens, que me movem para naõ admittir, que se dem facilmente castigos de morte, ficaõ apontados no Cap. 49. das unhas apressadas, do meyo por diante §. *Em Roma havia.*

****

CAPITULO LXX.

Desengano geral a todas as unhas.

MAis unhas ha; mas as que temos visto neste Tratado, bastaõ para as conhecermos todas, e para entendermos, quaõ perniciozas, e desarresoadas saõ. *Ab unguibus leo*, diz o proverbio, pelas unhas se conhece o leaõ, e pelas mesmas se conhece o ladraõ. Conhecidos assim bem todos os ladroens, suas unhas, e artes, boas tres tezouras vos dey, para lhas cortardes todas. E se essas naõ bastarem por poucas para tantas unhas, ou naõ vos contentarem por asperas, porque nem toda aspereza serve para medicamento, tenho tres desenganos efficacissimos para as emendar suavemente, fazendo-lhes entender, e abraçar a verdade, que he o melhor modo, que ha de correiçaõ. Assim he: e he impossivel naõ repudiar a vontade, o que o entendimento lhe mostra novicio. Peço a todos, os que virem este Tratado, que leaõ com attençaõ estes tres pontos.

DE-

DESENGANO PRIMEIRO.

A Cobiça de riquezas he como o fogo, que nunca diz, *baſta*. Quanto mais paſto damos ao fogo, tanto mais ſe acende, e mais fome moſtra de mais paſto, accreſcentando a com aquillo, que a pudéra fartar, e extinguir. Tal he a cobiça, e fome, que os homens tem de riquezas: *Creſcit amor nummi, quantum ipſa pecunia creſcit.* Diſſe lá o outro, que creſce a cobiça ao compaſſo das riquezas, augmentando a fome dellas com a poſſe, que ſó a poderá ſatisfazer. E he o primeiro deſengano, que damos a todas as unhas; que furtaõ para fartar ſua cobiça, e fome, que tem de riquezas, deſenganem-ſe, que trabalhaõ debalde; porque mayor a haõ de ter, quando mais ſe encherem, e mayores montes ajuntarem; porque he hydropeſia, que quanto mais bebe, tanto mayor ſede tem.

Eſquadrinhando eu a cauſa deſte appetite inſaciavel, acho que naõ procede de fome, mas que naſce de faſtio, cauſado do enjoo, que a todas as couzas do mundo he natural cauſallo, pela corrupçaõ, que tem de caſa. E dahi vem, que enfaſtiados do que poſſuîmos, ſuſpiramos por mais, cuidando, que no que de novo vier, acharemos alguma ſatisfaçaõ: e naõ he aſſim, quando lá vou; porque tudo he do meſmo lote, e jaez, e em nada ha a ſatisfaçaõ, que buſcamos: e por iſſo digo, que ſe deſenganem todas as unhas, que cançaõ, e trabalhaõ debalde, andando á caça do que nunca lhes ha de ſatisfazer a ſede, que as

pica,

pica. Ora demos-lhe, que naõ seja assim; o que assim he, que naõ achastes fastio em nada; mas que lograstes muita doçura em tudo, quanto vossas unhas adquiriaõ, e que a vosso bello prazer com muito agrado fostes gostando de tudo, e saboreando vos em cada couza: dayme licença, para discorrermos por todas, e vereis mais claro ainda o desengano.

DESENGANO SEGUNDO.

VEnhaõ aqui todos os ladroens do mundo, tenha cada hum tantas mãos como o Briareo Centimano, e em cada maõ outras tantas unhas: naõ fique unha, que aqui naõ venha a este exame: pesquem, cacem, empolguem, e pilhem tudo quanto quizerem, ouro, prata, perolas, joyas de pedraria mais preciosa, officios, beneficios, Cõmendas, mórgados, titulos, honras, grandezas até naõ mais, e vamos por ordem discutindo tudo. Nascestes neste mundo nú (que assim nascem todos) abristes os olhos, e vistes, que com as riquezas medraõ os poderosos; desejastes logo ser hum delles, e tratastes de ajuntar as riquezas, com que os poderosos inchaõ. Esperay: naõ furtareis para as haverdes, eu vo-las dou todas; porque só tratamos aqui por hora fazer a experiencia, que vou discursando, para cahirdes no desengano, que trato de vos intimar: e se as tendes já, porque as adquiristes servindo, chatinando, e roubando, que tudo vem a ser o mesmo: Dizeime agora, se vos falta mais alguma couza, depois

pois de vos verdes com grande cabedal, que he o que pertendeis? Pertendo, reſponde muito ſezudo, huma gineta de Capitaõ mór, para ter que mandar, e ſer temido, e reſpeitado de todos, e merecer ſervindo a Sua Mageſtade, que me faça mayores mercês. Se o naõ haveis mais, que por huma gineta, dou-vos hum baſtaõ; e dou-vos, que ſerviſtes já com gîneta, e baſtaõ, até vos enfadardes, e praza a Deos naõ vos enfadeis mais cedo do que convêm. Ao depois deſſa Capitânia, e Generalato, tomára ſaber, o que ſe vos ſegue para appetecer? Segue-ſe huma Cõmenda famoſa, para ter renda, que gaſtar, e com que viver na Corte, livre dos perigos da guerra, e das baixas da chatinaria. Se o naõ haveis por mais, dou-vos duas Cõmendas, e que ſejaõ embora as mais groſſas do Méſtrado de Chriſto; e faço-vos Fidalgo nos livros delRey, para que com honra, e proveito fiqueis mais ſatisfeito. Ao depois de tanta cõmenda, e fidalguia, tomára ſaber, que he o que reſta a v. m. Hum titulo de Conde para mayor credito meu, e luſtre de minha geraçaõ. Titulo de Conde? Com pouco ſe contenta v. m. ſenhor Commendador, eu lho dou logo de Marquez: e diga-me por vida ſua, ſenhor Marquez, diga-me Voſſa Senhoria, ou Voſſa Excellencia (que já ſe naõ contentaõ com Senhoria) ao depois deſte titulo, que he o que ſe lhe ſegue? Segue-ſe paſſar huma velhice muito deſcançada, e luſtroſa. Embora, ſeja aſſim, ainda que lho puděra negar; porque neſte mundo naõ ha velhice deſcançada, nem luſtroſa: *Senectus ipſa eſt morbus.*

bus: A meſma velhice em ſi he doença cheya de mil deſalinhos. Eſſa velhice ha de ter o fim: e ao depois delle tomára ſaber, que he o que ſe ſegue a V. Excellencia, meu ſenhor Marquez? Seguirſeme-ha huma morte muito bem aſſombrada; porque farey hum teſtamento cheyo de mandas para meus parentes, e que me façaõ humas Exequias, em que ſe gaſtem duzentos mil reis, e dous trîntarios de Miſſas pela minha alma: *Et requieſcat in pace*; que repreſentey meu dito. Bem eſtá; mas ainda naõ tem dito tudo Voſſa Excellencia. Demaneira meu ſenhor, que deixa quinhentos cruzados para Exequias, e trinta toſtoens para Miſſas! Pois eu tomara-lhe antes os quinhentos em Miſſas, e os trinta em Exequias. E as mandas, que deixa a ſeus parentes, quem lhe diſſe, que naõ ſeriaõ demandas? E a morte bem aſſombrada, que ſe promette, quem lhe paſſou carta de ſeguro para ella? Naõ ſabe que os velhos; quaſi todos, morrem tontos, e que toda a morte no mundo ſempre foy muito feya, e mal aſſombrada? Mas dou-lhe que a teve aſſim como a pinta, muito formoſa, contra o que nos moſtraõ ſeus retratos; e dou-lhes, que lhe fizeraõ ſeus parentes as Exequias, ainda mais mageſtoſas. Ao depois de tudo iſſo, que he o que ſe lhe ſegue? Que he o que reſta? Naõ me reſponde? Encolhe os hombros? Diz que naõ ſabe? Pois eſte ponto, e eſte ao depois tomára eu, que o trouxera eſtudado deſde o primeiro deſpacho da gineta, e deſde o primeiro dia, em que entrou nú neſte mundo, para prova, de que aſſim havia de ſahir delle, ſem

levar

levar nada de quanto ajuntou na vida: e se o naõ sabe, porque nunca cuidou nisso, eu lho direy, esteja-me attento.

Ao depois da morte, e das Exequias, segue-se hir para baixo, ou para cima; voar para o Ceo, ou descer para o Inferno. Quem servio o mundo, e se carregou do alheyo, esse pezo mesmo o leva para o profundo: Quem fugio do mundo, e desprezou tudo isso, fica ligeiro para voar ao Ceo. E este he o ponto mais essencial, e a maxima do nosso ser, que devemos trazer sempre diante dos olhos, para desengano, de que tudo dispara em nada: e desse nada resulta hum muito, que saõ eternas penas, as quaes cambiadas com o gosto, que lograstes, ou compraste, necessariamente vos haveis de achar enganado, em muito mais da ametade do justo preço. E para que naõ duvideis disto, ouvi a S. Paulo: *Raptores Regnum Dei non possidebunt*. Que a ladroens naõ se deve gloria, senaõ penas. Mas direis, o que já disse hum Grande de Castella em Madrid: *Esto del Infierno parece-me patranha; y lo del Limbo ninheria; que lo de Purgatorio nò ay duda, que es invencion de Clerigos, y Frayles, para sacar dinero por Missas*. Naõ sey, como naõ disse tambem, que naõ havia gloria, nem Ceo! Mas temeo, que lho mostrassem com o dedo até os cegos: e naõ diria mais hum orate, nem Machavelo, nem Mafoma. E já que vos pondes em termos taõ alcantilados, que vem a ser, que naõ ha mais que este mundo, estendey os olhos por todo elle, e achareis que tudo he corruptivel. Consideray, os que

mayo-

mayores bens, e glorias lograraõ, Salamoens, Alexandres, Creſſos, Midas, Ceſares, Pompeos; nem delles, nem de ſuas riquezas, e mandos, achareis raſto, mais que alguns raſcunhos de memorias confuſas, que foraõ, que acabaraõ, que differaõ ſeu dito no theatro deſte mundo. E ſe ſois taõ Atheo, que nada diſto vos move para crer, que ha outro mundo melhor, e que ſe naõ deve fazer caſo deſte, confeſſo que eſte deſengano para Chriſtãos o dava, que o devem crer: mas para Atheos ſerá o deſengano ultimo, que ſe ſegue.

DESENGANO TERCEIRO.

SUpponho que naõ fallo com animaes brutos, mas com homens racionaes, que ſe entendem; mas que ſejaõ Atheos, que naõ crem, que ha Deos, nem outra vida. Tratando ſó deſta: dou-vos, que vos fez voſſa fortuna; aſſim como vós quiſeſtes, nobre, ſaõ, valente, gentilhomem; o que adquiriſtes por voſſas artes, e induſtria tudo, quanto o mundo ama, e eſtima, e em que poem ſua gloria. Tudo vem a ſer riquezas, honras, e goſtos; e nada mais ha neſte mundo, nem elle tem mais que lhe poſſaes roubar. Senhor eſtaes de tudo: Dizei-me agora, quaes ſaõ as voſſas riquezas? Saõ theſouros de ouro, prata, joyas, peſſas, enxovaes, propriedades, rendas, &c. Se daes, ou gaſtaes iſto, como mundano, ſois pródigo: ſe o guardaes como eſcaſſo, ſois avarento; e ambas as couzas ſaõ vicio. E ſe tendes entendimento, como ſuppomos, ſois obrigado a crer,

que

que em vicios naõ póde haver gloria, nem deſcanço; aſſim o alcançaraõ, e eſcreveraõ até os mayores idolatras do mundo. Pelo meyo da prodigalidade, e avareza, corre a liberalidade, que diſpende, e guarda com a moderaçaõ devida, e poriſſo he virtude; e porque o he, naõ atina com ella, quem ſerve o mundo, que traz apregoada guerras com as virtudes. E vedes aqui, como nas riquezas naõ póde haver para vós a bemaventurança, que nos fingis.

Quaes ſaõ as voſſas honras? Saõ titulos, que vos fazem reſpeitado; apparatos de creados, e veſtidos, que vos fazem venerado; ſaõ officios, que vos daõ poder para ſopear, e ficar ſuperior a todos: e ſe bem conſiderardes tudo, nada diſto tendes de vós; tudo vos vem dos outros, que volo pódem tirar com vos negar huma cortezia. Bem fraca he a honra, que depende de huma barretada; de pouca eſtima deve ſer o titulo, que ſe perde com hum delicto; os apparatos, que ſe desfazem com huma auſencia; e as ſuperioridades, que ſe malograõ com huma deſobediencia dos ſubditos: e tudo, o que chamaes honra, vem a ſer hum vidro, que com a liviandade de huma mulher ſe quebra, e como o deſconcerto de qualquer de voſſa familia ſe tolda, com o eſpelho com hum bafo. E ſe bem apertardes a honra buſcando-a em vós meſmo, naõ a haveis de achar, porque toda he de quem a dá, e ſe vola negar, ficaes ſem ella: e até a que chamaes de ſangue, naõ conſiſte no voſſo, ſenaõ em voſſos antepaſſados, e em ſeus brazoens, que vem a ſer pergaminhos

velhos

velhos roîdos de ratos, folhagens, e fingimentos mal averiguados. E vedes ahi como naõ póde haver bemaventurança em honras; porque a bemaventurança verdadeira deve ſer eſtavel, e as honras ſaõ mais mudaveis, que as grimpas.

Os deleites neſta vida nos cinco ſentidos ſe cifraõ todos: e os da viſta com ſer dos ſentidos o mais nobre, ſaõ de qualidade, que a noite os rouba; e niſſo quo vemos de dia, ainda que nos alegre, vemos, que ha mais defeitos para aborrecer, que perfeiçoens para eſtimar; e até nas meſmas perfeiçoens vemos, que naõ ſaõ de dura, que ſe murchaõ como roſas, que ſe extinguem como luzes, e que fogem como auroras: e vem a ſer tudo hum cryſtal de furta cores, que a hum virar de olhos deſapparece tudo. Os goſtos do ouvido ſaõ muſicas, e liſonjas: liſonjas, que mentem, e enganaõ; muſicas, que ſe compoem de vozes; as vozes do ar, o ar ſugeito aos ventos, porque tudo neſta vida vem a diſparar em vento. Os do cheiro naſcem de fumos, e vapores, que em ſi meſmos ſe exhalaõ, e extenûaõ, até ſe conſumirem: que couza mais corruptivel, que o fumo; que couza menos duravel, que o vapor ténue? Os do goſto ſaõ doçuras, e ſabores de manjares, e licores? ſe os tomaes com demazia, mataõ-vos; ſe vos abſtendes delles, já os naõ logràes, e ſe os uſaes com moderaçaõ, continuados enfaſtiaõ, dilatados cauſaõ fome, e deixados ſaõ como ſe naõ foſſem para deſengano, que por todas as vias naõ ſe acha goſto nos meſmos goſtos deſta vida. Os do tacto, que conſiſtem na brandura, no

carêo, e afago, com que a ſenſualidade liſongêa a natureza, quem os logra confeſſa, que ſaõ momentaneos; e ainda que ſucceſſivos, de tal maneira ſe alternaõ, que ſaõ mais as dores, que as ſuavidades, que de ſeu trato, quando he immoderado, reſultaõ. E em concluſaõ todos os deleites dos ſentidos rendem vaſſalagem ao ſomno, que os ſepulta. O ſomno imagem da morte he ſenhor de todos os goſtos, para os ter cativos, e ſepultados: e quem a tal ſenhor ſe ſugeita, bem certo he, que nada tem de bemaventurança, nem de dita.

Iſto he, o que paſſa neſta Babylonia do mundo, onde tudo ſaõ confuſſoens, e labyrintos. Deſtas ſaco ao mundo, para viverdes nelle abaſtado, e ſatisfeito, e em nada achaſtes a ſatisfaçaõ plenaria, que buſcaveis: ſeguiſtes ſuas leys, que vos enſináraõ a pertender, buſcar, e eſtimar, o que elle eſtima; e achaſtes em tudo vaidades ſem firmeza, amargóres ſem doçura, inferno ſem bemaventurança. Que reſta logo? Cuidarmos, que toda a gloria he como eſta, e que naõ ha outra, ſerá engano, que até ao lume natural repugna; porque a grandeza, conſtancia, e formoſura do Ceo nos teſtemunha, e aſſegura, que ha outra couza melhor, que iſto que cá vemos, e que ha bemaventurança ſolida, e verdadeira. A eſta naõ he poſſivel, que ſe vá pelo caminho, que ſegue o mundo, pois vemos, que nos leva ao contrario. Outra ley, e regra ha de haver neceſſariamente, que nos guie com verdade, e leve ao deſcanço firme, e que nos ponha na gloria, que naõ padece eclyp-

eclypſes. Eſta he a Ley Divina, que ſe reduz a dous preceitos, que ſaõ, amar a Deos ſobre todas as couzas, e ao proximo, como a ti meſmo. Quem ama a Deos, naõ trata do mundo, porque lhe he oppoſto; quem ama ao proximo, naõ o offende: dar a cada hum o que he ſeu, he hum ponto, em que tudo ſe cifra; a Deos a gloria, e ao proximo o que lhe pertence. E quem chegar a eſta felicidade, logrará a mayor bemaventurança, ainda neſta vida, e livrarſe-ha dos infernos deſte mundo; que infernos vem a ſer todas ſuas couzas nas penas, moleſtias, e tribulaçoens, que cauſaõ, até quando ſe gozaõ; e poriſſo com muita propriedade, e razaõ lhes chamou Chriſto eſpinhos. Quem quizer viver ſem eſtes, viva ſem o alheyo, trata ſó do que lhe pertence, e converterſelhe-ha eſta vida em gloria, e achará no mundo o Paraiſo: e bem ſe prova; porque ſe o naõ ha, em quem ſegue as leys do mundo, havello-ha neceſſariamente, em quem ſeguir a ley contraria, que he a de Chriſto, a qual ſe reſolve naquella ſentença ſua: *Reddite ergo, quæ ſunt Cæſaris Cæſari, & quæ ſunt Dei Deo.* Que demos a cada hum o que he ſeu; a Deos a honra, e ao proximo o que lhe convẽm. Donde ſe ſegue, que quem naõ tomar o alheyo ſerá bemaventurado.

CONCLUSAM FINAL,
e remate do deſengano verdadeiro.

TEve hum Religioſo ſanto huma viſaõ, em que lhe appareceo huma matrona muito formoſa

mosa com huma tocha acéza em huma maõ, e huma quarta de agua na outra. Perguntou-lhe o servo de Deos, quem era? Respondeu: Sou a Ley de Christo. E que tem que ver com a Ley de Christo esses dous elementos fogo, e agua, que trazeis nas mãos? Com este fogo trato de abrazar o Ceo até o desfazer; e com esta agua quero apagar o inferno até o aniquilar: e depois de naõ haver Ceo, que espere, nem Inferno, que tema, ainda hey de guardar a Ley de Christo; porque só com a guardar acho, que terey gloria, e ficarey livre de penas. Assim passa, que até neste mundo tem gloria, e descanso, e se livra de penas, e afflições, quem guarda a Ley de Christo, que dá o seu a seu dono; e quem o nega, quem o defrauda, quem o rouba, naõ achará o que busca, se he que busca descanso; mas achará affliçaõ de espirito, cansaço de corpo, tormento para a alma, e vivirá em inferno.

Que fazes homens á vista de verdades taõ claras? Abre os olhos, vê em que te occupas, trata do eterno, e celestial, deixa o temporal, e terreno; porque te affirmo, o que he certo, que hum milhaõ de arrobas de glorias temporaes naõ faz meya onça de bemaventurança eterna: esta custa muito pouco a haver, porque se alcança vivendo no descanço da Ley de Christo; e aquellas custaõ muito a achar, porque se buscaõ com o suor, e trabalhos, que comsigo trazem as leys do mundo. Deixa de ser ladraõ, e terás o que has mister; porque terás a Deos, que para si te creou, e naõ para servires o mundo falso, e enganador,

que

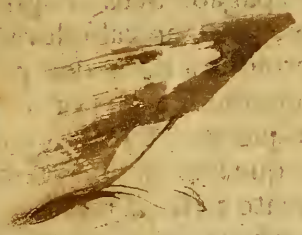
que naõ tem que te dar mais, que dores disfarçadas com apparencias de mimos; ſuas glorias ſaõ relampagos, que ſe por huma parte luzem, por outra diſparaõ rayos. Suas luzes ſaõ de candea, que com hum aſſopro ſe apagaõ. Seus affagos ſaõ rapozas de Sanſaõ aſtutas, que no cabo levaõ fogo, que abraza. Sua formoſura he a dos pomos de Pentapoli, por fóra dourados, e por dentro corrupçaõ, e fumo, em que poem ſeu termo todas as couzas do mundo, que naõ tem outro fim.

E eu ponho aqui remate a eſte Tratado, que intituley *Arte de furtar*; porque deſcobre todas as traças dos ladroens, para vos acautelar dellas: aqui vos ponho patente eſte eſpelho, que chamo de enganos, para que nelle vejaes os voſſos, e vos emendeis conhecendo ſua deformidade: Eſte he o theatro das verdades; ſe as conhecerdes, e ſeguires, repreſentareis melhor figura no deſte mundo. Moſtrador he de horas minguadas, para que fugindo as acheis huma boa, em que vos ſalveis. Tambem he gaſúa geral, que ſe bem ſe occupou até aqui em abrir, melhor ſaberá fechar: chave he que fecha, e abre; ſe uſardes bem della, fechareis para naõ perder, e abrireis para ganhar. Verdadeiramente he chave meſtra, que vos enſinará a verdadeira arte, com que ſe abrem os theſouros do Ceo, os quaes lograreis, quando menos uſurpardes os da terra. Em quanto eſtudaes eſta *Arte*, vos fico compondo outra mais liberal, que ſe intitula: *Arte de adquirir gloria verdadeira.*

FIM.

Dom. Jose Cabral da Fon. Maldonado

71-118
R.B. Rosenthal
Sept. 70



C 744
A 786 d2